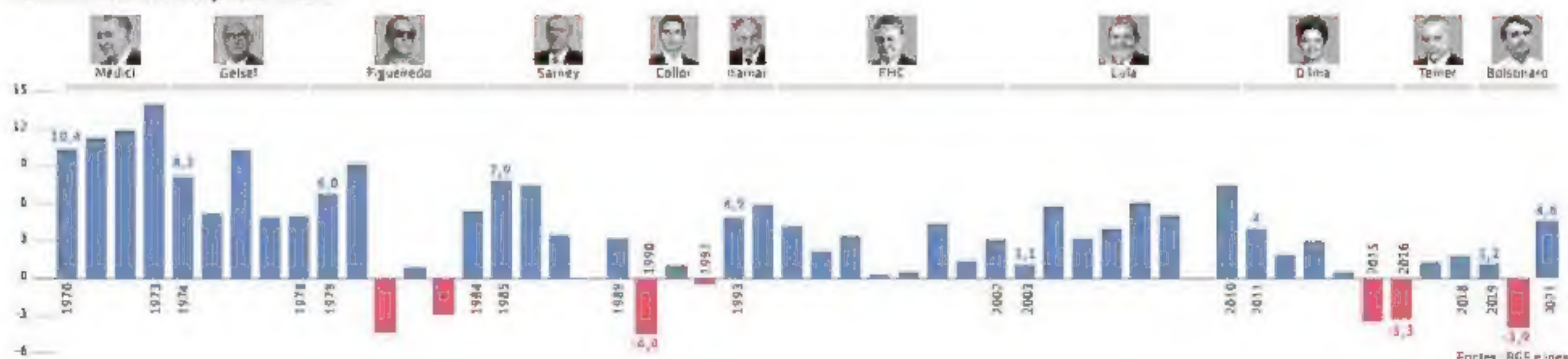
FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.939 | SÁBADO, 5 DE MARÇO DE 2022 | R$ 5,00

PIB do Brasil cresce 4,6% em 2021

Após tombo, PIB sobe 4,6% em 2021

Retomada do patamar econômico anterior à pandemia ocorre de forma desigual entre setores e tem fôlego curto

A economia brasileira cresceu 4,6% ao longo de 2021 e, depois de um tombo histórico com a pandemia, retomou o patamar do Produto Interno Bruto anterior à chegada do coronavírus ao país, em 2020, informou o IBGE.

A reação se mostra desigual entre os setores. A indústria de transformação encolheu 3% no período. Também têm desempenho aquém daquele do fim de 2019 a gestão pública e outras atividades de serviços.

Na rubrica estão setores que dependem de contato social, como o turismo e os restaurantes, especialmente prejudicados. As indústrias extrativas e de eletricidade, água e esgoto tampouco compensaram as perdas.

Economistas alertam que o consumo das famílias, maior motor da economia, não se recuperou ainda. A isso se somam o cenário de renda baixa com juros e inflação altos previsto para 2022 e as incertezas geopolíticas.

"Ainda é complicado falar dos efeitos da guerra [entre Rússia e Ucrânia], mas um dos possíveis reflexos é a diminuição do crescimento global", disse o economista Luca Mercadante, da Rio Bravo Investimentos.

O salto de 4,6% é o maior desde os 7,5% de 2010 e sucede queda de 3,9%, a pior nos 26 anos da série. Mercado A17

Análise **V. Torres Freire**
Renda por cabeça ainda é 8% menor que a de 2013 A26

Mulher se afasta de uma casa em chamas, atingida por um bombardeio em Irpin, perto de Kiev; capital ucraniana e seu entorno têm sido alvo constante de ataques russos Aris Messinis/AFP

PT gasta R$ 6 mi para defender Lula e outros alvos da Lava Jato

O PT deu, ao longo de 5 anos, R$ 6 milhões a firmas de advocacia que defenderam o ex-presidente e os ex-tesoureiros João Vaccari, Delúbio Soares e Paulo Ferreira. Um dos escritórios foi pago com fundo partidário. Política A8

Doria prepara fim da obrigação do uso de máscaras em SP Saúde B6

Demétrio Magnoli
Ultradireita e petistas por Putin

Se Lula já ocupasse a cadeira de Bolsonaro, o Brasil da esquerda também daria amparo às mentiras de Moscou. No lugar do respeito à soberania e à autodeterminação, ultradireita e esquerda petista subordinam relações internacionais à ideologia. Política A5

Embaixador chinês lamenta vítimas, mas critica Ocidente

De saída do Brasil, o embaixador chinês, Yang Wanming, lamenta a perda de civis na Ucrânia, mas diz à **Folha** que os países "devem fazer uma reflexão" sobre as causas do conflito, em crítica à expansão da Otan e em apoio à Rússia. Mundo A15

Putin liga escalada da guerra a sanções; Otan nega zona de exclusão

A Otan (aliança militar ocidental) rejeitou um pedido da Ucrânia de estabelecer uma zona de exclusão aérea sobre o território de seu país, invadido pela Rússia.

O presidente Volodimir Zelenski fez duro ataque à decisão. "Pessoas vão morrer por causa da fraqueza da Otan. Ela deu sinal verde para a Rússia nos bombardear." Segundo ele, a ajuda ocidental é insuficiente.

Para a aliança, estabelecer uma zona de exclusão significaria declarar guerra a Moscou, pois colocaria sistemas de defesa antiaérea e pilotos de ambos os lados frente a frente.

Do lado russo, o presidente Vladimir Putin pela primeira vez associou as sanções a que seu país tem sido submetido a uma "escalada da situação" do conflito com o vizinho. Mundo A12

EDITORIAIS A2

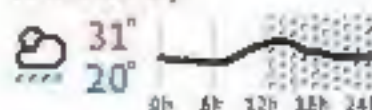
Sem retomada
Acerca do PIB de 2021 e perspectivas para este ano.

Perdido na Esplanada
Sobre a passagem de Marcos Pontes pelo governo.

Moro indica romper com Arthur do Val por áudios sexistas
Política A9

Maior usina nuclear ucraniana está sob controle inimigo
Mundo A12

Ataque a instalação atômica derruba mercados globais
Mercado A25

ATMOSFERA
São Paulo hoje
31° 20°
0h 6h 12h 18h 24h
Fonte: www.climatempo.com.br

Ilustrada C1 e C2
Russos viram párias nas artes, e punições acendem alerta sobre 'macarthismo'

Folhinha C10
Só se fala da guerra, e ler 'Os Meninos da Rua Paulo' ajuda a entender conflitos

Moscou pede a fabricantes que parem de exportar fertilizantes

Medida deve afetar agricultura brasileira, grande compradora do insumo russo, e constrange governo Bolsonaro. A24

ISSN 1414-5723
9 771414 572070 33939

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Sem retomada

PIB brasileiro recupera patamar pré-Covid, mas deve voltar ao padrão de quase estagnação

Com o avanço de 0,5% no quarto trimestre, a economia brasileira terminou o ano passado com crescimento de 4,6%, o suficiente para superar o nível de atividade de antes da pandemia. O resultado não altera a perspectiva pouco animadora para este 2022, que se tornou mais nebulosa com a eclosão da guerra na Ucrânia.

O desempenho melhor do final de 2021 se deveu à agropecuária e aos serviços, que já respondem à menor preocupação com a crise sanitária. Atividades mais dependentes do contato pessoal têm espaço para expansão nos próximos meses, mas há novos obstáculos.

O principal deles é o novo choque de inflação, concentrada em itens essenciais como alimentos e combustíveis, que retirará poder de compra da população. A retomada até aqui, ademais, se deu num contexto de piora de salários.

O rendimento médio do trabalho medido pelo IBGE permanece 9,4% abaixo do patamar de antes da Covid-19, em valores corrigidos.

Com maiores pressões nos preços, já se cogita que o aperto monetário do Banco Central vá mais longe. O mercado futuro sugere que as expectativas para a taxa Selic podem subir a até 13,5% anuais, um ponto percentual acima do que se antevia há algumas semanas.

O encarecimento do dinheiro terá impacto negativo na demanda por crédito, que dá sinais de enfraquecimento nos segmentos ligados a bens duráveis. A inadimplência é outra preocupação, dado o endividamento recorde das famílias.

A guerra na Europa adiciona mais complexidade ao cenário. Já está claro que o novo repique nos preços das matérias-primas aumentou o risco de uma recessão global. Com a inflação já elevada nos Estados Unidos e na Europa, os bancos centrais estão em processo de aperto da política monetária, o que se reforça agora.

As consequências para o Brasil podem conter ambiguidades. Tipicamente, a economia do país responde negativamente a uma retração da atividade mundial, mas é impulsionada pela alta das cotações de artigos de exportação, principalmente produtos agrícolas, petróleo e minério de ferro.

Há outros fatores favoráveis, como o esperado aumento dos investimentos dos governos estaduais e em infraestrutura. Tudo somado, a expectativa para o ano permanece de modesto crescimento, de 0,5%, o que dá continuidade ao quadro de quase estagnação que vigora após a recessão de 2014-16.

Qualquer prognóstico mais positivo a médio e longo prazos depende da restauração de condições que permitam maior expansão da produtividade —e nessa seara será também preciso consertar os estragos institucionais patrocinados pelo governo Jair Bolsonaro (PL).

Perdido na Esplanada

Ao deixar governo, astronauta abre mão da chance de executar orçamento expandido para ciência

De saída do governo, Marcos Pontes se deu melhor na curta e única viagem ao espaço, em 2006, do que nos três anos em que orbitou o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Sua gestão não desceu da estratosfera de políticas fantasiosas para deixar marcas visíveis no chão duro da Esplanada.

A não ser, evidente, pelo rastro de desarticulação na pesquisa científica e tecnológica após a eleição de Jair Bolsonaro (PL). Os recursos da pasta caíram até 2021, quando somaram R$ 3,3 bilhões para custeio e investimentos.

Para este ano, há promessa de expansão vigorosa dessas rubricas, para R$ 6,9 bilhões previstos na lei orçamentária —mas resta o risco de contingenciamento.

Mais importante que as cifras se mostra a derivação do tipo de financiamento preferido no governo Bolsonaro. Definham os valores para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e cresce a participação relativa do fundo nacional de denominação similar (FNDCT).

O CNPq, com bolsas de pós-graduação e para pesquisadores, mantém o funcionamento normal da massa de instituições acadêmicas do país. O FNDCT viria garantir verbas adicionais, em particular para financiar infraestrutura em áreas de inovação prioritárias.

No entanto os fundos do FNDCT encorpado se destinam cada vez menos a fomento não reembolsável (instituições científicas) e mais a recursos reembolsáveis (empréstimos a empresas). Nada contra apoiar inovação no setor empresarial, mas há que pensar na sobrevivência de instituições de pesquisa.

O caso do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) fornece exemplo doloroso desse ímpeto desarticulador. Por capricho ideológico do presidente agastado com cifras de desmatamento da Amazônia registradas pelo órgão, Pontes entregou a cabeça do diretor Ricardo Galvão numa bandeja.

Em pasta importante para o enfrentamento da pandemia, o hoje aspirante a deputado federal patrocinou propostas mirabolantes contra o coronavírus, como vermífugos e sprays de nióbio.

Em outubro, tomou as dores da comunidade científica ao protestar contra um corte de verbas em seu ministério. Cogitou deixar o governo, segundo se divulgou, sem chegar às vias de fato.

O ministro da Economia, Paulo Guedes, reagiu ao queixume no estilo típico de um governo disfuncional —chamou Pontes de burro.

Aborto, eutanásia e drogas

Hélio Schwartsman

A Suprema Corte da Colômbia determinou que o aborto não pode ser considerado crime quando realizado até a 24ª semana de gestação. A legalidade de questões como aborto, eutanásia e uso de drogas deve ser decidida por legisladores ou juízes?

Idealmente, em regimes que observam a repartição dos Poderes, cabe a legisladores, não a magistrados, definir o que é ou não crime. Não me parece absurdo, porém, que, em casos como os mencionados, tribunais assumam a tarefa. Está entre as atribuições de uma corte constitucional, afinal, reconhecer a extensão dos direitos individuais derivados diretamente da Carta e anular leis que os violem.

Assim como você não consulta seu vizinho para saber o que pode cozinhar para o jantar, não penso que deva consultar a sociedade para saber se vai dar sequência a uma gravidez, se vai consumir cocaína, ou se vai abreviar sua passagem por esta Terra. Essas são questões tão indevassavelmente íntimas que nem o Estado tem legitimidade para regulá-las.

É claro que quem não concorda com essa minha tese vai objetar. Dirá que a decisão sobre interromper a gravidez afeta o embrião, que também tem direitos. De modo análogo, afirmará que a decisão sobre consumir drogas ou o pedido de ajuda para morrer tem efeitos sobre toda a sociedade. É claro que, num sentido meio metafísico, o movimento de um único átomo afeta todo o Universo. Mas esse é um campo onde devemos ser pragmáticos, não metafísicos.

Manter uma gravidez, usar drogas e encurtar a própria vida são condutas cujas repercussões recaem primordialmente, ainda que não exclusivamente, sobre quem as pratica. E, de qualquer forma, parece estranho sustentar que pessoas, grávidas inclusive, podem se acabar com álcool, mas não com outra droga, que podem cometer suicídio, mas não solicitar apoio médico se não tiverem mais condições de tirar a própria vida.

Deveria haver limites para a hipocrisia social.

helio@uol.com.br

A Ucrânia e o PL anti-indígena

Cristina Serra

Governistas estão usando a guerra na Ucrânia e o possível desabastecimento de fertilizantes no Brasil como chantagem para acelerar a votação do projeto de lei 191/2020. Como se sabe, o projeto viola a Constituição ao permitir a mineração e o garimpo (entre outras atividades) em territórios indígenas.

A eventual escassez é mero pretexto para passar o rolo compressor sobre os direitos dos indígenas. Mesmo que o projeto seja aprovado na Câmara em regime de urgência, provavelmente a guerra já terá terminado quando a tramitação for concluída.

Uma importante contribuição para entender o que está em jogo é o relatório "Quem é quem no debate da mineração em terras indígenas", organizado pela historiadora Ana Carolina Reginatto e pelo geógrafo Luiz Jardim Wanderley.

Recém-divulgado pela ONG Comitê Nacional em Defesa dos Territórios frente à Mineração, o trabalho esmiúça os lobbies, as entidades poderosas do setor e as forças políticas e econômicas articuladas para avançar sobre novas áreas de extração mineral num cenário em que grandes jazidas são cada vez mais raras.

O PL trata as terras dos povos originários como a última fronteira a ser derrubada para permitir a entrada avassaladora das engrenagens que produzem devastação ambiental, conflitos, violência, doença e morte na floresta. Os indígenas não foram ouvidos e são tratados como seres invisíveis, sem poder de veto contra os grandes empreendimentos.

A proposta estabelece consultas de faz de conta e uma vaga forma de remuneração pela exploração econômica dos territórios, além de estimular disputas entre os indígenas pelos recursos.

A análise dos dois pesquisadores mostra ainda que o projeto pode criar condições semelhantes à da "corrida do ouro", nos anos 1980, na Amazônia, quando invasões e massacres quase levaram ao extermínio de povos como os yanomamis e os cintas-largas. Se aprovado, será um golpe fatal contra os indígenas, comandado por Bolsonaro, seu maior algoz.

Burro na cabeça

Alvaro Costa e Silva

Um de meus personagens inesquecíveis é o Pinguim. Não o arqui-inimigo do Batman, mas o bicheiro da Glória. Calçava sapatos de duas cores e bico fino, locomovia-se com dificuldade, equilibrando-se num gingado de pernas curtas. Falava de coisas que então não faziam sentido: uma escola de samba chamada Beija-Flor, que chegara para acabar com o domínio da Portela. Bebia Caracu com dois ovos no bar do Reis, ao lado de onde se anotava a aposta nos talões que ele depois rubricava caprichosamente. Gerente da banca, no fim do dia recebia pacos de dinheiro, esperava na esquina um carro preto e ia embora. Parecia, mas não andava armado.

Um tipo como o Pinguim, com suas unhas manicuradas, ficou no passado. Mudou o mundo, mudou o jogo do bicho, contravenção penal que existe desde o fim do século 19 e que o Congresso agora pretende legalizar no mesmo pacote que inclui bingos e cassinos.

De olho na arrecadação de impostos —R$ 4,5 bilhões por ano—, deputados federais e senadores deveriam antes fazer um curso intensivo sobre o bicho. Saber que o barão de Drummond não tinha dinheiro para manter seu zoológico e foi socorrido pelo mexicano Manuel Zevada, que propôs explorar o jogo, em 1892. Que um filósofo de método confuso notou que a bicharada em pouco tempo tinha se transformado em instituição nacional sob a guarda das autoridades satisfeitas com a propina.

Que nos anos 60 e 70 havia estreita relação dos capos do bicho com a ditadura militar, cujas ações não só protegeram como fortaleceram a jogatina organizada, hoje ligada ao tráfico de drogas e às milícias. Que se vive um momento delicado, com disputas familiares pelo poder, guerra pelos territórios e a transição para a modernidade —quando o escrito não vale mais e o pagamento é na chave Pix.

Um projeto de lei que altere esse contexto é mais difícil do que acertar uma milhar do avestruz ou do burro na cabeça.

As que mudam o mundo

Txai Suruí

Coordenadora da Associação de Defesa Etnoambiental - Kanindé e do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia

Chega 8 de março e mais um dia de declarar nossa incansável luta por direitos. Minha mãe me disse que "todo dia é dia da mulher!". Ela, que foi a primeira pessoa a me ensinar sobre amor e cuidado, e me ensina até hoje sobre força e coragem. Herdeira das guerreiras que vieram antes dela.

Venho ecoar o grito das mulheres indígenas na 2ª Marcha das Mulheres Indígenas, que aconteceu em 2021, sobre "reflorestar mentes para a cura da Terra". Acredito que a revolução passa essencialmente pelas mulheres.

Hoje a nossa mãe terra chora o ataque que vem sofrendo e a ameaça à vida dos seus filhos. É queimada, desmatamento, garimpo, fome, invasão aos territórios indígenas e catástrofes climáticas não vistas antes.

Cantamos e balançamos nossos maracás para dizer que não aceitaremos o genocídio dos nossos povos e a destruição das nossas florestas. Através do nosso canto conseguiremos levar toda força e o amor das mulheres indígenas reflorestando mentes e corações.

As mulheres vêm transformando o mundo. Basta ver o que fazem e fizeram as guerreiras Neidinha Suruí (minha mãe), Sonia Guajajara, Joenia Wapichana, Comandanta Ramona, Tejubi Uru-eu-wau-wau, Leonice Tupari, O-é Kaiapó, Tuíra Kayapó, Rosa Luxemburgo, Pagu, Leila Diniz, Marie Curie, Rosa Parks, Simone de Beauvoir, Rita Lee, Dandara, Roberta Close, Zuzu Angel, Elza Soares, Nísia Floresta, Célia Xakriabá, Nara Baré, Tsitsina Xavante, Shirlei Arara, Linn da Quebrada, Alessandra Munduruku, Pi Suruí, Walela Soeiltgh Suruí, Rigoberta Menchú, Leila Gonzales, Bell Hooks, Thelma Taurepang, Debora Diniz, Alice Pataxó, Barbara Gittings e tantas outras que vieram e que virão.

Deixo claro que buscamos e lutamos por um mundo onde nossas mulheres possam andar em paz nas ruas, onde não precisemos lutar pelo mínimo de dignidade que é poder ter absorvente, onde nossos filhos não sejam envenenados pelo garimpo e nossos maridos não sejam assassinados por lutar por nosso território, com igualdade salarial, sem violência obstétrica, com segurança alimentar, educação de qualidade e justiça para nossa mãe Terra.

Estamos vivendo guerras na Ucrânia, Iêmen, Síria, Somália e também dentro dos territórios indígenas, como a TI Yanomami, onde há 20 mil garimpeiros. Quem está preocupado em tirá-los de lá? Vivemos uma guerra por direitos humanos, emancipação e liberdade, contra o machismo, o racismo, e as desigualdades sociais, cada vez mais crescentes, e contra esse sistema que todo dia explora nossos corpos e territórios.

A luta das mulheres é a luta por um mundo melhor. Que neste 8 de março iniciemos uma revolução para construir esse mundo.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

A Justiça deve proibir o Telegram no Brasil?

Não *Inconstitucional e incoerente*

Ato afetaria milhões sem relação direta com a propagação da desinformação

Paulo Rená da Silva Santarém

Professor de responsabilidade civil e direito, inovação e tecnologia no Centro Universitário de Brasília (Ceub); foi gestor do processo de elaboração do Marco Civil da Internet no Ministério da Justiça

Proibir judicialmente o Telegram no Brasil seria uma medida abusiva e desproporcional, contrária à jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, e com repercussão severa para milhões de pessoas sem relação direta com a propagação de desinformação. A tarefa de reprimir ilícitos não dá salvo conduto ao Poder Judiciário. O Estado democrático de Direito se funda na soberania e na dignidade da pessoa humana, bem como na cidadania, no par trabalho e livre iniciativa, e na pluralidade política, tendo por princípios o devido processo legal, a legalidade e a proporcionalidade.

Empresas devem seguir nossa legislação tanto quanto o Estado. A lei brasileira não prevê expressamente bloquear o acesso a serviço online como pena pelo descumprimento de ordem judicial ou de qualquer obrigação. No Marco Civil da Internet e na Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), proibir o exercício de atividades é sanção própria para infrações à proteção de dados pessoais e comunicações privadas. As autoridades não acusam o Telegram de "desproteger" os dados em seu sistema. E ambas leis são gradativas: advertir, depois multar e, em último caso, suspender ou proibir.

Analisando os bloqueios do WhatsApp, os ministros do STF Edson Fachin e Rosa Weber votaram contra ordens judiciais de quebra da criptografia de ponta a ponta. O julgamento está parado desde que Alexandre de Moraes pediu vistas, em maio de 2020, mas já amparou decisões do STJ. E, em 2009, ao reputar a Lei de Imprensa incompatível com a Constituição, o STF rechaçou toda censura prévia estatal: a imposição judicial de responsabilidades civis e penais deve mirar quem extrapola a livre expressão, não cabendo atuação premonitória com interrupção total de outras comunicações.

Sim, há usos ilegais dos grupos com até 200 mil integrantes e dos famigerados canais com vagas ilimitadas. Mas há também muitos usos lícitos: os mais divertidos se dedicam ao Big Brother Brasil; órgãos públicos prestam informações e recebem denúncias; pequenos negócios fazem comércio eletrônico; e grandes empresas fortalecem suas marcas, oferecendo suporte, promoções e até notícias, como no t.me/folha. Bloquear o Telegram inteiro é jogar fora o bebê com a água suja do banho.

[...]

Sim, há usos ilegais dos grupos com até 200 mil integrantes e dos famigerados canais com vagas ilimitadas. Mas há também muitos usos lícitos: os mais divertidos se dedicam ao Big Brother Brasil; órgãos públicos prestam informações e recebem denúncias; pequenos negócios fazem comércio eletrônico; e grandes empresas fortalecem suas marcas

O preço de ainda não ter sido cumprida a ordem de prender Allan dos Santos recairia sobre gente demais: são 60% dos telefones no Brasil. Não lhes bastaria recorrer a outros serviços similares: não oferecem os mesmos recursos nem a mesma rede de contatos, o grande valor social de um sistema de mensagens instantâneas e que não se estabelece de uma hora para outra.

Os servidores e o protocolo de criptografia do Telegram foram pensados contra possíveis bloqueios. Por isso, quem defende a medida deveria demonstrar como realizá-la, por exemplo, sem atrapalhar o acesso a serviços online de países vizinhos, como ocorreu nos casos do YouTube (2006) e do WhatsApp (2015-2016).

Um novo bloqueio geraria prejuízo certo para quem faz uso legal do aplicativo —e seria ineficaz para quem conseguisse burlar a obstrução. Uma decisão inócua em sua pretensão, servindo de chacota e dando mais popularidade ao sujeito foragido. Um altíssimo custo social e jurídico de afetar a credibilidade do Judiciário e ofender princípios constitucionais: um tiro de canhão pela culatra.

Reavivar a memória coletiva com a repetição dos transtornos vividos no Brasil e em outros países não garantiria nem valor pedagógico. Prefiro crer que já aprendemos com nossos erros anteriores.

Sim *Soberania sob risco*

É inadmissível que aplicativo decida quando e quais ordens judiciais cumprirá

Flávia Lefèvre Guimarães

Advogada, mestre pela PUC-SP e integrante do Intervozes - Coletivo Brasil de Comunicação Social

Às vésperas das eleições, desafios e riscos para nossas instituições democráticas se apresentam: temos uma empresa prestando serviços de comunicação na internet para mais de 50 milhões de brasileiros, com papel determinante no palco de debates políticos e eleitorais, que ignora iniciativas de enfrentamento à desinformação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e do Ministério Público e se nega a manter interlocução com as autoridades.

O problema é maior, pois se trata de empresa estrangeira sem responsável ou representação no Brasil para viabilizar o cumprimento de direitos, obrigações e ordens judiciais em geral. Falo do Telegram, provedor de aplicação de mensagens ao qual milhões de brasileiros vêm aderindo —entre eles grupos financiados por forças fascistas, difusores de discursos de ódio e criminosos— desde que o WhatsApp adotou restrições para conter o uso abusivo de sua plataforma.

O TSE e os principais provedores de aplicações assinaram em fevereiro memorandos de entendimento com vistas a conter a desinformação, garantir a higidez do processo eleitoral e evitar o que ocorreu em 2018, com resultados artificiais e danos severos para o cenário político.

O Telegram ficou fora dessa iniciativa, ignorando as tentativas de contato do TSE. Além disso, vem dificultando o recebimento de ordens do Supremo Tribunal Federal. Depois de muito esforço e da descoberta de advogados da empresa no Brasil, o STF fez chegar ao Telegram decisão determinando a suspensão de contas do bolsonarista Allan dos Santos, difusor de desinformação em massa, sob pena de bloqueio da plataforma. Só assim a ordem foi cumprida.

Mas o problema não está superado: o Telegram tem afirmado que cumpre ordens judiciais quando elas digam respeito a terrorismo ou a violações de direitos autorais, mas que resistirá quando se tratar de "restrições locais sobre liberdade de expressão". Ou seja, coloca-se na posição de decidir quando e quais ordens judiciais cumprirá, de acordo com seus critérios, o que é inadmissível pelo aspecto da nossa soberania.

[...]

O Marco Civil da Internet é taxativo quanto à submissão de empresas às leis brasileiras quando exploram qualquer operação de tratamento de dados ou de comunicações, como é o caso do Telegram. O MCI também estabelece a obrigação aos provedores de guarda de registros de acesso a aplicações e a disponibilização desses dados para as autoridades

Essa situação tem levado a controvérsias sobre a possibilidade de se impor ao Telegram a abertura de canais oficiais de interlocução com as autoridades.

Entretanto, o Marco Civil da Internet (MCI) é taxativo quanto à submissão de empresas às leis brasileiras quando exploram qualquer operação de tratamento de dados ou de comunicações, como é o caso do Telegram. O MCI também estabelece a obrigação aos provedores de guarda de registros de acesso a aplicações e a disponibilização desses dados para as autoridades. É incontestável então que, para a efetividade da lei, a empresa tenha representação no país. A interpretação diversa e recuada do MCI, para além de ser questionável, nos expõe à extrema vulnerabilidade.

Temos, portanto, amparo legal, justificável e legítimo para que, diante da resistência do Telegram em atender os apelos institucionais, respeitado o devido processo legal, com base no poder geral de cautela do juiz, o bloqueio se imponha, ainda que em caráter excepcional e como "ultima ratio" ("último recurso"), de modo a preservar o Estado de Direito, de acordo com o qual todos estão submetidos à lei.

E nem se diga que o bloqueio representaria desrespeito à liberdade de expressão dos usuários do Telegram, pois este não é o único canal de comunicação disponível —e mais, num juízo de proporcionalidade, não deve se sobrepor à proteção das instituições democráticas e ao sistema eleitoral brasileiro.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Prédio residencial atacado pela Rússia em Chernihiv, no norte da Ucrânia; 47 civis morreram em ataques à cidade Dimitar Dilkoff/AFP

Faltam parafusos

Podem parar o mundo que o homem vai descer. De que adianta tanta tecnologia se nos faltam parafusos básicos na cabeça? Primeiro é preciso consertar o homem. É preciso um grande concerto mundial para refletirmos sobre isso. Estamos profundamente doentes (espiritualmente) e loucos (mentalmente). Sem isso não iremos muito longe. E olha que acabamos de chegar ao planeta Terra.
Jaime Pereira da Silva (São Paulo, SP)

Jornalismo

O jornalismo de Reinaldo Azevedo ("Putin é um criminoso indesculpável, mas expõe a nudez da verdade", Política, 3/3) desintoxica o leitor do maniqueísmo entre o bem e o mal que prevalece nas manipulações da grande imprensa. Grande imprensa que parece nada ter aprendido com o descrédito de seu jornalismo lava-jatista tão desmoralizado pelos fatos.
Antônio Beethoven Cunha de Melo (São Paulo, SP)

*

Tratar o Putin como o lobo mau eu entendo e concordo. Mas tratar os EUA como a pobrezinha da Chapeuzinho Vermelho é o suprassumo da ignorância.
Joaquim Salomão (Curitiba, PR)

Fertilizantes

"País importa 85% dos fertilizantes que utiliza e Rússia responde por 23% das importações", dizem analistas. "Para nós, a questão do fertilizante é sagrada", afirmou Bolsonaro. Mas qual é de fato nosso grau de dependência dos fertilizantes importados? Somos o país da criatividade. O país que, por exemplo, transformou o álcool numa opção viável de combustível. Será que não conseguimos suprir as necessidades de fertilizantes sem depender tanto das importações?
João Manuel Maio (São José dos Campos, SP)

E nós?

Os efeitos das sanções aplicadas à Rússia vão reverberar mundo afora e recairão com força maior em países da periferia. A Rússia tem reservas, talvez suficientes para aguentar o tranco, segundo dizem, e haverá de contar, também, com a possível ajuda da China. E nós? Com 14 milhões de desempregados, 100 milhões vivendo em situação de insegurança alimentar, comunidades sob fogo cruzado, inflação batendo dois dígitos, enchentes devastando cidades, incêndios consumindo florestas, fora a pandemia, ainda não totalmente debelada, nós vamos bater na porta de quem? Do Deus brasileiro?
Patrícia Porto da Silva (Rio de Janeiro, RJ)

Inquéritos

Mais um inquérito é aberto contra bolsonaro (com b minúsculo mesmo). Desta vez pela "insuspeita" PF. "Nesta porcaria de país" —como disse João Mucci no Painel do Leitor de 4/3—, abrem-se muitos e muitos inquéritos, mas não se vê nenhum ser concluído. Nesse ritmo de tartaruga, a partir de agora e até as eleições, qualquer conclusão da Justiça sobre Bolsonaro será dada como oportunista ou casuística. A "Justiça" brasileira, assim como o Legislativo, já perderam o bonde da história para livrar o país do descalabro diário.
Nicola Granato (Santos, SP)

Explique melhor

Lula disse: "Quando deixei o meu governo, imaginei que o Brasil, hoje, ia estar mais rico que a França e a Inglaterra. Jamais imaginei o retrocesso que está tendo hoje". Daria para explicar melhor? O país ficou a cargo de uma presidenta incapaz e as estatais brasileiras foram saqueadas depois que os brasileiros colocaram no poder um dos maiores embusteiros de todos os tempos. Insisto: explique-nos melhor a causa desta situação.
Antonio Maurílio Villas Bôas (São Carlos, SP)

Lula

"Livre de processos, Lula voltará aos tribunais para acusar desafetos; primeiro julgamento é de Dallagnol" (Mônica Bergamo, 3/3). Fico impressionado como esse bando de pobres (pobres como eu) apoia as armações da hipercorrupta elite escravocrata brasileira. Como se essa gente (os ricos) desse a mínima para a corrupção. Tiraram a Dilma para botar Temer e, por fim, Bolsonaro e seus milicianos e o seu centrão. Tudo em nome da "honestidade".
Carlos Fernando de Souza Braga (São Paulo, SP)

*

É natural e esperado que depois de restabelecida a verdade, aqueles que protagonizaram o que ficou conhecido como o "maior escândalo jurídico da história" sejam processados e paguem por seus crimes.
Maria Denizete Felizzaro (Atibaia, SP)

SulAmérica

Em relação à reportagem "Rede D'Or e SulAmérica vão trocar informações sobre usuários, mas há limites éticos" (Mercado, 25/2), a SulAmérica esclarece que, uma vez aprovada a operação com a Rede D'Or, a gestão e operação da SulAmérica deve seguir independente, garantindo os compromissos com clientes, corretores e com sua a rede de prestadores de saúde referenciados. As empresas estarem em um mesmo grupo econômico e um novo ecossistema não representa restrição, e sim mais um passo para que SulAmérica e Rede D'Or sigam avançando em inovação, gestão eficiente, criação de novos produtos, benefícios e acessos à saúde para os brasileiros.
Ricardo Bottas, CEO da SulAmérica

Resposta da jornalista Daniele Madureira A reportagem da Folha solicitou entrevista com um porta-voz da SulAmérica sobre detalhes da operação, mas não foi atendida. O texto informa que as estruturas de SulAmérica e Rede D'Or seguem separadas, embora isso não impeça a troca de informações sobre usuários.

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

COTIDIANO (19.FEV., PÁG. B4) A reportagem "Gestão da 'taxa do príncipe' divide a família imperial" afirmou incorretamente que a Marinha cobra laudêmio. O valor, na verdade, é cobrado pela União, pela Superintendência de Patrimônio da União, em terrenos de marinha, próximos à orla.

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Mamãe, me isolei

A divulgação dos áudios atribuídos ao deputado Arthur do Val (Podemos) com teor sexista gerou um raro movimento de união entre esquerda e direita na Assembleia de SP. Deputados petistas, psolistas e bolsonaristas anunciaram que irão representar no Conselho de Ética contra o colega, pedindo sua cassação. Considerado impertinente e com pouca paciência para os protocolos da Casa, Do Val colecionou desafetos nos últimos anos, o que tende a agravar sua situação.

OUTRO DIA Um dos principais desafetos de Do Val, o padre Júlio Lancellotti disse ao Painel que o conteúdo é ofensivo não só para as ucranianas, mas para todas as mulheres. No que hoje soa como ironia, ele foi chamado pelo deputado de "cafetão da miséria" pela ação junto a moradores de rua.

DAR UM TEMPO No momento em que o governador João Doria (PSDB) tem alta rejeição, membros da equipe do vice, Rodrigo Garcia (PSDB), definiram que ele deve reduzir o vínculo com a imagem do presidenciável. O tucano praticamente não tem aparecido nas redes sociais de Garcia.

DESCURTIU No Facebook e no Instagram, Garcia, que disputará o governo, publica fotos e vídeos de eventos e da família. Até um ano atrás, ainda longe da eleição e quando a rejeição de Doria não era tão evidente, havia posts com o governador, acompanhados de mensagens exaltando sua gestão.

PESSOAL Em nota, Garcia afirmou que as redes "são pessoais para apresentar minha história e minha família".

PALANQUE 1 Entidade que representa os municípios do Vale do Paraíba enviou ofício a Tarcísio Gomes criticando a nova concessão da Dutra. Segundo ela, o trecho paulista terá menor redução no valor de pedágios e menos investimentos.

PALANQUE 2 Assinado por dois prefeitos tucanos, o documento critica o ministro por não ser de SP. Tarcísio disputará o governo com apoio de Jair Bolsonaro. Sua assessoria diz que os critérios do contrato são técnicos.

GELO 1 O presidente Jair Bolsonaro (PL) ainda não conversou com seu vice, Hamilton Mourão, desde que o desautorizou publicamente durante uma live, em 24 de fevereiro — há oito dias, portanto. Mourão disse não concordar com o ataque feito pela Rússia.

GELO 2 A última vez que os dois se falaram foi dias antes, quando Mourão decidiu filiar-se ao Republicanos para disputar o Senado pelo Rio Grande do Sul. Na ocasião, o vice-presidente anunciou a escolha e afirmou a Bolsonaro que estará do seu lado nas eleições.

REBANHO 1 Fiel escudeira do presidente Jair Bolsonaro (PL), a deputada Carla Zambelli (União-SP) apresentou projeto para criminalizar a invasão de estabelecimentos religiosos.

REBANHO 2 Um dos fatos que a motivaram foi a invasão de uma igreja em Curitiba (PR) no mês passado, por um grupo liderado por um vereador do PT. O evento gerou forte reação nas redes bolsonaristas.

FILA O TRF-2 revogou nesta sexta (4) um segundo mandado de prisão preventiva contra o ex-governador Sérgio Cabral, convertendo-a em domiciliar com tornozeleira eletrônica. Mas ele permanece preso em razão de outras três ordens ainda vigentes.

RECORDISTA O mandado revogado se refere a decisão do juiz Marcelo Bretas na Operação Calicute, a primeira que motivou a detenção do ex-governador, em novembro de 2016. Cabral é o único político ainda preso em regime fechado em razão de desdobramentos da Operação Lava Jato.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
363.733 exemplares (janeiro de 2022)

Justiça Federal em SP manda intimar Telegram em ação de cooperação internacional

Plataforma é alvo de preocupação nas eleições, e persistência do silêncio da empresa pode abrir caminho para ações mais drásticas

Marcelo Rocha

BRASÍLIA A Justiça Federal em São Paulo mandou intimar o Telegram para que a plataforma se manifeste sobre uma série de informações solicitadas pelo MPF (Ministério Público Federal). A ordem é desdobramento de uma ação de cooperação internacional movida pela Procuradoria na 24ª Vara Cível Federal da capital paulista e foi dada no último dia 25 de fevereiro.

O uso do Telegram na disseminação de fake news é alvo de preocupação para as eleições deste ano, após a plataforma ter escapado de algumas ordens e pedidos de autoridades brasileiras.

Mais do que um pedido de informações, frisou o MPF, a recente iniciativa é uma tentativa de obtenção de "provas documentais" no âmbito de um inquérito civil em andamento naquele órgão que "visa uma melhor regulação da esfera pública digital brasileira".

Um eventual silêncio da empresa frente à intimação será considerado um fato jurídico relevante e pode abrir caminho para ações mais drásticas.

As notificações devem ser enviadas à sede do Telegram em Dubai, nos Emirados Árabes, e a um escritório da empresa em Londres.

O MPF deverá fornecer a tradução juramentada dos documentos necessários à instrução das cartas rogatórias, indicar o modelo de documento adequado para cada destino e apontar as autoridades das centrais da Justiça dos dois países que devem ser acionadas.

O Telegram conta com um representante no Brasil há sete anos, conforme revelou a **Folha**, com o propósito exclusivo de representá-lo em processo de registro da marca junto ao INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), órgão do governo federal.

No pedido de cooperação internacional, a Procuradoria argumentou que a intimação judicial dos responsáveis se mostra importante pois permitirá que seja avaliada a possibilidade de resolução do caso pela via extrajudicial ou se outras providências serão necessárias. "A intervenção desse juízo mostra-se medida indispensável para que se tente obter provas documentais sobre a regulação do Telegram em face de práticas de desinformação", afirmou.

Para a Justiça Federal, o pedido do MPF deve ser atendido porque a entrega da solicitação de informações ao aplicativo, a depender do grau de colaboração do destinatário, permitirá que se defina qual medida deverá ser adotada, seja o arquivamento do inquérito civil, a propositura de celebração de Termo de Ajustamento de Conduta ou o ajuizamento de uma outra ação.

"O fato de o destinatário Telegram FZ LLC não possuir representação estabelecida no Brasil, a despeito de oferecer seus serviços ao público brasileiro, demanda esta utilização da cooperação judicial internacional para formalização da notificação, sob pena de infração à jurisdição e à soberania do Estado em que sediado o destinatário", afirmou o juiz federal Victorio Giuzio Neto, da 24ª Vara Federal.

O juiz salientou, porém, que não cabe nesta ação que busca a produção antecipada de provas entrar no mérito quanto aos deveres e obrigações a que devem estar sujeitas as plataformas digitais ou quanto às consequências jurídicas de eventual silêncio do destinatário, "dado que tais fatos hão de ser solucionados, se for o caso, oportunamente em demanda ajuizada com finalidade específica".

Em decisão do mês passado, o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou que a plataforma bloqueasse três canais do influenciador bolsonarista Allan do Santos. No último dia 26, em atitude inédita, o serviço de mensagens cumpriu a ordem.

Para os investigadores, ministros do Judiciário e parlamentares envolvidos no debate do projeto de lei das Fake News, porém, cumprir medidas pontuais, não basta. O Allan dos Santos segue com um outro canal na plataforma, com quase 30 mil inscritos.

A **Folha** mostrou que o Telegram descumpre há mais de seis meses decisão do ministro para que fosse apagada publicação de agosto de 2021 do canal do presidente Jair Bolsonaro (PL) com informações falsas sobre a violabilidade das urnas eletrônicas. A mensagem continua no ar.

A Procuradoria toca uma ampla investigação sobre a postura das principais plataformas que operam no Brasil diante de práticas organizadas de desinformação e discurso de ódio. São cobradas informações dos responsáveis por Twitter, Instagram, Facebook/Meta, YouTube, WhatsApp e Telegram. Dentre as plataformas investigadas, o Telegram é o único que ainda não respondeu.

O aplicativo vem escapando de ordens e pedidos também do STF e do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), com demandas envolvendo publicações na rede social, o que, segundo a decisão da Justiça Federal de São Paulo, na ação de cooperação internacional, "não afasta seu dever de observar a legislação brasileira, notadamente o Marco Civil da Internet, no que tange aos serviços que oferece ao público brasileiro".

O aceno ao cumprir a decisão de Moraes não deve arrefecer também a pressão do TSE sobre o aplicativo. Ao assumir a presidência da corte eleitoral, o ministro Edson Fachin afirmou que o Judiciário pode ser acionado para garantir a "paridade de armas" nas eleições. Seu antecessor, Luís Roberto Barroso, chegou a defender o banimento da plataforma.

A dificuldade de alcançar o Telegram está inserida em um debate sobre os desafios de tornar legislações nacionais efetivas em um mercado de serviços na internet cada vez mais globalizado.

Nesse cenário, as opções seriam: aceitar o crescimento desenfreado de uma plataforma que não atende aos contatos do Judiciário brasileiro ou bloquear o aplicativo até que a empresa passe a dialogar.

Nas últimas semanas, a corte eleitoral subiu o tom nas críticas ao serviço de comunicação e não descarta a medida mais drástica, que é o bloqueio.

A possibilidade do bloqueio do Telegram, como mostrou a **Folha**, gera preocupação de parte dos especialistas na área, dadas as possíveis consequências da medida, que está inserida em um complexo debate não só da perspectiva legal como técnica.

Leia mais na pág. A6

+ Entenda o que está em jogo

O QUE É O TELEGRAM?
É um aplicativo de mensagens com funcionamento parecido com o do WhatsApp. Além de ter alta capacidade de viralização, com grupos que podem comportar até 200 mil membros, o Telegram possui uma dinâmica que se assemelha muito mais a redes sociais. Apesar disso, não modera conteúdo — a não ser em casos como de terrorismo

QUAL É A PREOCUPAÇÃO DO TSE?
Como a empresa não tem postura de cooperação nem sede no Brasil, o tribunal tem dificuldade de fazer a legislação nacional ser efetiva. Grupos bolsonaristas têm migrado para plataformas que possuam regras menos restritivas, como o Telegram

QUAIS MEDIDAS SÃO ESTUDADAS NO BRASIL?
Há dois cenários sob avaliação: aceitar o crescimento desenfreado de uma plataforma que não atende aos contatos do Judiciário brasileiro ou impor restrições, que podem chegar ao bloqueio do Telegram, até que a empresa passe a dialogar. Essa segunda opção gera preocupação em especialistas na área, dadas as possíveis consequências legais e técnicas da medida

QUAL É O CENÁRIO MAIS RECENTE?
Como mostrou a **Folha**, embora não tenha sede no país e fuja das autoridades, o Telegram conta com um representante no Brasil há sete anos com o propósito exclusivo de representá-la em processo de registro da marca junto ao INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial). No último dia 26, em atitude inédita, o Telegram cumpriu uma ordem do ministro Alexandre de Moraes, do STF, para bloquear três canais do influenciador bolsonarista Allan do Santos

O QUE BOLSONARO DIZ SOBRE RESTRIÇÕES AO TELEGRAM?
O Telegram é atualmente um dos canais de comunicação prediletos de Bolsonaro, usado para divulgar ações de sua administração. Conta hoje com mais de 1 milhão de seguidores. Em janeiro, o presidente chamou de covardia a investida do TSE contra o Telegram e indicou que estuda medidas sobre o tema

O QUE DIZ A LEI ATUAL?
O fato de uma empresa não ter sede no país não significa que ela não tenha que obedecer à legislação brasileira. No Congresso, o projeto de lei das fake news pretende tornar obrigatório que redes sociais e aplicativos de mensagens tenham representantes legais no país

Na longa mesa de Putin

Ultradireita e esquerda petista subordinam relações internacionais à ideologia

Demétrio Magnoli

Sociólogo, autor de "Uma Gota de Sangue: História do Pensamento racial". É doutor em geografia humana pela USP

Bolsonaro sentou-se à longa mesa de Putin para expressar "solidariedade" à Rússia, às vésperas da invasão da Ucrânia. Depois, quando as cidades ucranianas enfrentavam bombardeios, o Itamaraty conferiu substância à palavra do presidente. Simultaneamente, a bancada de senadores do PT reproduziu as cínicas justificativas do Kremlin para a guerra de agressão. Só ingênuos incorrigíveis ficaram surpresos.

A ultradireita brasileira cindiu-se em duas facções. Uma, autenticamente "olavista", posicionou-se contra a Rússia, devido à aliança entre o Kremlin e os odiados chineses. A outra, com a qual se perfilou Bolsonaro, escolheu o lado de Putin, curvando-se às simpatias de Trump e às estreitas ligações do líder russo com partidos da extrema direita europeia.

O PT não se dividiu, mas exercitou os esportes da simulação e da ofuscação. A nota putinista dos senadores foi apagada e revertida após um pito da direção nacional. Os gênios que a escreveram, operando em modo automático, esqueceram de considerar seus previsíveis efeitos sobre a campanha eleitoral de Lula. Mas ela expressava a posição genuína do partido —e, não por acaso, Lula alinhou-se a Bolsonaro na negativa de condenar a invasão de uma nação soberana.

O Brasil oficial cobre-se de vergonha. Há quase duas décadas, na hora da invasão americana do Iraque, a representação brasileira na ONU juntou-se à França e à Alemanha na justa condenação da guerra de escolha —e isso quando a nação agredida vivia sob a ditadura sanguinária de Saddam Hussein. Agora, porém, o governo brasileiro optou pela solidariedade com o agressor.

A China absteve-se na votação das Nações Unidas. O Brasil votou pela resolução condenatória, mas apenas para inglês (digo, americano) ver. Na prática, o Itamaraty criticou as sanções à Rússia e a entrega de armas à Ucrânia, pedindo um cessar-fogo. A ilusória "neutralidade" bolsonarista forma o roteiro dos sonhos de Putin: sem sanções dissuasórias e enfrentando um país carente de armas, a Rússia completaria mais facilmente o assalto militar e imporia um cessar-fogo baseado numa capitulação versalhesa da Ucrânia.

A nota dos senadores e os artigos assinados por quadros do PT indicam que, se Lula já ocupasse a cadeira de Bolsonaro, a postura brasileira seria essencialmente a mesma. Por meio das acrobacias retóricas habituais, o Brasil da esquerda também ofereceria amparo às mentiras emanadas de Moscou. No lugar da Constituição, que define o respeito à soberania e autodeterminação das nações como pilares da política externa nacional, a ultradireita e a esquerda petista subordinam nossas relações internacionais a preferências de natureza ideológica.

João Pereira Coutinho, perspicaz, atribuiu a confraternização entre esquerda e direita à "doença" da "nostalgia" (Folha, 28/2). Contudo, no caso brasileiro, há mais que a utopia de restaurar o passado perdido da URSS ou do Império Russo. A política externa do governo Bolsonaro não é formulada em Brasília, mas na Flórida, em Mar-a-Lago, base de Trump. Já a política externa do PT é delineada lá perto, mas em Havana, o que também explica o apoio inarredável a Maduro e Ortega.

As narrativas de guerra fabricadas no Kremlin seguem ecoando, bem além da Rússia. A Folha publicou diversos artigos dos papagaios de Putin —e sem nenhum protesto do comitê de jornalistas pela Censura Virtuosa, o Jocevir, que só ergue sua caneta vermelha para vetar as opiniões de críticos antirracistas das políticas identitárias.

Tudo que é de interesse público e não viola as leis brasileiras deve ser impresso. Os textos dos escribas putinicos são de interesse público pois descortinam a extensão da miséria política nacional.

Funcionam como provas documentais do encontro, na mesa imperial de um anti-imperialismo de araque, da ultradireita bolsonarista com a esquerda petista.

[...]

A política externa do governo Bolsonaro não é formulada em Brasília, mas na Flórida, em Mar-a-Lago, base de Trump. Já a política externa do PT é delineada lá perto, em Havana, o que também explica o apoio inarredável a Maduro e Ortega

| **DOM.** Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG.** Celso R. de Barros | **TER.** Joel P. da Fonseca | **QUA.** Elio Gaspari, Conrado H. Mendes | **SEX.** Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | **SÁB.** Demétrio Magnoli

COMO CHEGAMOS AQUI?

Com exceção dos casos em que há ordem judicial, a decisão sobre a retirada ou não de conteúdos e suspensão ou banimento de contas em mídias sociais é tomada pelas próprias plataformas. À medida que o fenômeno de desinformação nas redes foi se intensificando, também aumentou a pressão sobre elas, tanto para que melhorassem a moderação quanto para que fossem mais transparentes em relação a suas regras e como são aplicadas. Entenda abaixo os pontos básicos da moderação de conteúdo e as diferenças entre as plataformas

FOLHA EXPLICA

Fake news sobre eleições podem ser removidas pelas redes sociais

Entenda regras de Facebook, Instagram, YouTube, Twitter e TikTok sobre desinformação

Renata Galf

SÃO PAULO

Qual a base para retirada de conteúdos e contas?
Mídias sociais e plataformas possuem seus próprios termos de uso, com os quais os usuários precisam concordar.

Além dos termos de serviço, é comum que existam também políticas de comunidade, onde são especificadas condutas e conteúdos vetados.

Com base nessas regras, as empresas podem remover conteúdos de caráter proibido, como costuma ser o caso de postagens com discurso de ódio e incitação à violência.

Para um usuário comum, contudo, pode ser complicado estar a par das regras de políticas ou diretrizes para moderação. Além de as regras públicas serem, na maior parte das vezes, divididas em diversas páginas, nem sempre fica claro qual foi a última vez que foram atualizadas.

Apenas parte das empresas informa a data da última atualização das regras e, ainda assim, por vezes não se evidencia quais os pontos alterados.

As plataformas retiram apenas conteúdo ilegal?
Não. Há conteúdos que não são ilegais, mas cuja retirada é prevista por parte das plataformas, como em caso de postagens com nudez.

Por outro lado, há conteúdos que podem ser considerados crimes e que não estão entre as possibilidades de moderação realizada pela plataforma, como os crimes contra a honra. Nesses casos, é preciso acionar o Judiciário.

Vale ressaltar que, ao passo que cada país tem suas leis e diferentes limitações à liberdade de expressão, as plataformas possuem regras globais. Entre os conteúdos vetados, costumam figurar, por exemplo, discurso de ódio e incitação à violência.

Não há uma definição na legislação brasileira do que seja discurso de ódio. Do ponto de vista legal, o conceito no país vem sendo construído mais com base na jurisprudência dos tribunais.

No caso das plataformas, a maioria delas define em suas políticas o que consideram discurso de ódio e quais as punições aplicáveis.

A única possibilidade é a retirada?
Não. Em alguns casos, em vez da retirada, as punições podem ser diminuição do alcance do material, rotulagem com informações adicionais ou alertas aos demais usuários sobre aquele conteúdo, desmonetização do canal ou perfil, ou, no extremo, a suspensão ou banimento da conta considerada infratora.

Também o comportamento de contas, como no caso de perfis considerados falsos, de spam ou com comportamento inautêntico, figura entre as justificativas para remoção nas plataformas.

Aplicativo do Facebook, que tem regras sobre desinformação Gabriel Cabral/Folhapress

Como ocorre a moderação?
Em geral, além da análise de moderadores, há também análise automatizada com uso de inteligência artificial. Ela pode ocorrer tanto por iniciativa da própria empresa quanto a partir de denúncias de usuários ou parceiros.

Existem regras na lei?
Não, a legislação brasileira não obriga tampouco impede as plataformas de moderar conteúdo ou contas. O tema é debatido no Congresso no projeto de lei das fake news, que está tramitando na Câmara.

Quais críticas existem quanto à aplicação das regras?
De um lado, as plataformas são criticadas por não retirarem conteúdos questionados, o que se intensificou em meio à pandemia e a postagens sobre fraude eleitoral.

De outro, há reclamações de usuários que consideram a moderação abusiva, eventualmente sem direito a apelação ou sem dados concretos sobre o porquê da punição.

Também há críticas sobre uma falta de consistência na aplicação das regras, diante da percepção de que conteúdos semelhantes podem receber tratamentos distintos.

E quais são as críticas às regras em si?
O fato de as políticas das plataformas serem globais também é apontado por especialistas como um complicador.

Entre as consequências, está tanto a existência de regras que não fazem sentido para um determinado país quanto a falta de regras que seriam necessárias a outro.

Outra crítica se refere ao grau de clareza, já que formulações demasiadamente genéricas acabam dando maior margem de interpretação às plataformas e dificultando o entendimento dos usuários.

Plataformas têm regras sobre desinformação eleitoral?
Entre as principais plataformas mundiais, as regras sobre alegações infundadas de fraudes foi impulsionada pelo comportamento do ex-presidente dos EUA Donald Trump.

Há, no entanto, muitas questões em aberto. Desde regras que não necessariamente se aplicam ao Brasil até casos em que não há menção explícita quanto ao procedimento em relação a postagens sobre fraude ou questionamento do resultado.

No caso do YouTube, por exemplo, foi criada uma regra que prevê remoção de vídeos com alegações falsas de que fraudes, erros ou problemas técnicos mudaram o resultado de eleições anteriores.

Contudo, até o primeiro semestre de 2021, ela era restrita aos Estados Unidos e, até o momento, foi ampliada apenas para a Alemanha.

Já entre as políticas do Facebook sobre o tema, que é parte do rebatizado Meta (que inclui Facebook, Instagram e WhatsApp), não há uma previsão clara do que seria feito em caso de postagens questionando o desfecho do pleito ou alegando fraude.

A maioria das possibilidades de remoção se refere a episódios que envolvam incitação ou intenção de violência.

Nas regras do Twitter, há um capítulo que trata de desinformação eleitoral com episódios relacionados a fraude. Entre os casos que passariam por moderação estão informações não verificadas sobre fraude, adulteração de votos, contagem de votos ou certificação dos resultados da eleição. Não está definido, contudo, critérios de análise da gravidade para definir se o conteúdo seria marcado ou removido.

Como mostrou reportagem da Folha, os acordos divulgados pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e pelas plataformas de internet para as eleições de 2022 ficam aquém das políticas eleitorais adotadas pelas empresas nos EUA.

Regras de moderação de conteúdo sobre eleição das principais plataformas

A Folha reuniu algumas das principais regras de moderação de conteúdo de cada uma das plataformas com ligação direta a temas eleitorais. Parte delas possui tais regras.

Os dados estão atualizados conforme versões publicadas nos sites das empresas no dia 24 de fevereiro de 2022.

FACEBOOK E INSTAGRAM

Não há regras claras envolvendo postagens que aleguem fraudes sem comprovação ou que se recusem a aceitar o resultado eleitoral. Muitas das regras envolvem situações envolvendo defesa de violência em diferentes graus. As mesmas regras também se aplicam ao Instagram, segundo assessoria da plataforma (que junto com Facebook e WhatsApp compõe a Meta). Os sites das plataformas, porém, não deixam claro que as regras são compartilhadas

Remoção
- Falsificação de informações, como datas, locais e horários, bem como de métodos de votação
- Declaração falsa sobre quem pode votar e contabilização dos votos
- Declarações de intenção, incitações, declarações condicionais ou intencionais, ou defendendo a violência devido à votação ou o resultado de uma eleição
- Declarações de intenção ou apoio, incitações ou declarações condicionais incitando a levar armas a zonas eleitorais ou locais usados para contar votos

Remoção, após análise de informações adicionais
- Ameaças contra autoridades eleitorais;
- Declarações implícitas de intenção ou apoio sobre levar armamentos a zonas eleitorais

Redução de alcance
- Com exceção dos casos especificados nas regras, notícias falsas em geral não são removidas pelo Facebook, mas têm seu alcance reduzido. Postagens realizadas por políticos e candidatos, contudo, não estão no rol de conteúdos analisados pelas agências de checagem parceiras

Restrição de conta de figuras públicas
- O Facebook possui uma página que trata de restrição de conta de figuras públicas, caso publiquem conteúdo durante atos de violência ou agitações civis em andamento;
- A plataforma elenca alguns fatores que levará em conta para determinar o período de restrição por incitar ou celebrar eventos violentos ou agitações civis. Entre eles, a gravidade da violação e histórico na plataforma.

Fonte: Regras sobre violência e incitação; Coordenação de danos e divulgação de crime, política de notícias falsas

YOUTUBE

A empresa criou uma página, em 2021, em que reúne exemplos de conteúdos sobre eleições que podem ser removidos. A lista não é completa, deixando ampla margem para análise da empresa. A aplicação do item sobre alegações falsas de fraudes é restrito, até o momento, aos Estados Unidos e à Alemanha.

Remoção
- Vídeo postado após a certificação dos resultados oficiais para promover alegações falsas de que fraudes, erros ou problemas técnicos mudaram o resultado de eleições anteriores (se aplica a qualquer eleições dos EUA e eleições da Alemanha de 2021)
- Vídeo que encoraja pessoas a interferir em processos democráticos como obstruir ou interromper procedimentos de votação
- Vídeo com informações incorretas sobre o horário ou local da votação. Ou conteúdo com alegações falsas que podem desestimular a participação
- Vídeo com informações roubadas, que, caso divulgadas, podem interferir nos processos democráticos

Redução de recomendação
- Afirma reduzir a recomendação de conteúdos que chegam perto de violar as políticas da plataforma, conteúdo duvidoso ou que possa desinformar os usuários

Informações adicionais na busca
- Possui painel com checagem de fatos, que pode aparecer no topo da busca, a depender dos termos buscados pelo usuário, mostrando se a pesquisa se refere a algo verdadeiro, falso ou parcialmente verdadeiro, segundo checagem de veículo terceiros

Suspensão de conta
- Após violações seguidas, que resultem em três avisos em um prazo de 90 dias, o canal é removido permanentemente. Um único caso de abuso grave também pode resultar na rescisão do canal

Fonte: Políticas contra desinformação em eleições

TWITTER

Nas políticas do Twitter sobre eleições, a empresa afirma que as listas de casos não são restritivas, ou seja, outras situações também podem ser punidas. A plataforma não detalha critérios para remoção ou marcação

Remoção ou marcação
- Alegações enganosas que causem confusão a respeito de procedimentos e métodos das eleições já estabelecidos. Ou sobre as ações de autoridades ou entidades que viabilizam as eleições
- Informações não verificadas sobre fraude eleitoral, adulteração de votos, contagem de votos ou certificação dos resultados da eleição
- Alegações enganosas sobre os resultados ou desfechos de um ato cívico que exigem ou poderiam causar uma interferência na implementação dos resultados de tal ato, como celebrar vitória antes de os resultados da eleição terem sido certificados e incitar condutas ilegais
- Alegações que induzem ao erro sobre longas filas, problemas com equipamentos ou outros contratempos na votação
- Informações enganosas relacionadas a votos que não estão sendo contados

Gradação das medidas
- Em caso de violações graves, ocorre a exclusão de conteúdo e impedimento temporário de postar. A exclusão de tuíte acontece após duas transgressões
- Com cinco ou mais transgressões, ocorre a exclusão da conta e suspensão permanente
- Quando o conteúdo viola as regras, mas não é removido, a empresa pode adotar diferentes medidas como aviso no tuíte, desativação de retuítes e curtidas, e redução da visibilidade

Fonte: Política de integridade cívica

TIK TOK

Prevê que é vetado conteúdo que engane os usuários sobre eleições. Em sua página de integridade eleitoral, a empresa elenca as diferentes punições possíveis e dá exemplos de aplicação

Remoção
- Alegações de fraude eleitoral ou alegações de que seu voto não será contado
- Conteúdo com data falsa para as eleições;
- Tentativas de intimidar
- Supressão de voto

Redução da viralização
- Usuários que fizerem pesquisas associados a desinformação sobre fraude eleitoral são redirecionados para as políticas da plataforma
- Reduz a recomendação de conteúdos com alegações não verificadas sobre declaração de vitória
- Alegações relacionadas a locais de votação no dia das eleições que ainda não tenham sido verificadas

Remoção de conta
- Contas dedicadas à desinformação relacionada a eleições

Fonte: Página sobre integridade eleitoral

Flávio leva oito meses para oficializar venda de imóvel ligada a nova mansão

Filho do presidente diz que transação esteve coberta temporariamente por contrato de gaveta

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) demorou mais de oito meses para oficializar a venda do apartamento no Rio de Janeiro cujo dinheiro foi usado, segundo ele, para a compra de uma mansão em Brasília.

A escritura de venda do imóvel na orla da Barra da Tijuca, na zona oeste da cidade, foi assinada entre o filho do presidente Jair Bolsonaro e a empresa TWMV Empreendimentos e Participações, ligada ao empresário Gervásio Meneses de Oliveira, em outubro do ano passado.

O documento indica que o apartamento foi vendido por R$ 2,6 milhões — o pagamento, segundo as duas partes, foi feito por meio de oito transferências, efetuadas entre os dias 19 de novembro de 2020 e 9 de fevereiro de 2021.

De acordo com o senador, até o dia 7 de outubro do ano passado a transação estava coberta por um contrato de gaveta que havia sido assinado pelas duas partes.

Não há ilegalidade na medida, embora negociações desse tipo tenham maior insegurança jurídica. A escritura, contudo, não faz qualquer referência a esse documento, como costuma acontecer em casos semelhantes a esses.

À época da divulgação das transações, no último mês de março, o senador disse que a escritura de venda do apartamento seria feita em breve.

"Daqui a pouco vai ter uma escritura pública também. Está na fase de elaboração das certidões para que possam instruir essa escritura pública", disse Flávio Bolsonaro, à época, em um vídeo publicado em suas redes sociais.

Em nota, ele afirmou que o registro da transação "foi normal, regular e cumpriu todos os requisitos legais".

"Tanto não há nada a esconder que os registros são públicos e podem ser acessados por qualquer cidadão, exatamente como fez a reportagem", afirmou o senador.

Gervásio Oliveira disse, por meio de sua assessoria, que a transação se deu de forma normal, como qualquer outra compra de imóvel.

A venda do apartamento foi apontada pelo senador como uma das origens de recursos para a compra da mansão de R$ 6 milhões em Brasília, realizada em 29 de janeiro. Ele também apontou a venda da franquia de sua loja de chocolates com fonte do dinheiro.

Segundo a escritura do imóvel na capital federal, Flávio e a mulher, a dentista Fernanda Bolsonaro, pagaram R$ 2,9 milhões à vista e financiaram o restante do valor por meio do BRB (Banco de Brasília).

O documento do apartamento no Rio de Janeiro indica que, até a compra da mansão em Brasília, o casal havia recebido R$ 2,3 milhões.

Além de custear o pagamento à vista da mansão, Flávio e Fernanda também quitaram, em fevereiro do ano passado, o financiamento com o banco Itaú feito sobre parte do imóvel na Barra da Tijuca.

Não se sabe o valor pago para encerrar a dívida antes da venda. O empréstimo foi feito em 2014, e o valor de R$ 1,07 milhão poderia ser pago em parcelas mensais por 30 anos.

O apartamento na Barra, adquirido por R$ 2,5 milhões (sendo R$ 1,07 milhão financiados), foi indicado pelo MP-RJ (Ministério Público do Rio de Janeiro) como o principal bem a ser perdido pelo senador em caso de condenação no caso da "rachadinha".

Os investigadores afirmam que ele foi adquirido com recursos do esquema — parte das prestações foram pagas após depósitos em espécie na conta do senador sem origem identificada. Não houve, porém, bloqueio do imóvel, sendo legal a transação relatada.

A primeira parcela paga por Gervásio, de R$ 300 mil, foi paga 16 dias depois de o MP-RJ divulgar a denúncia contra o senador. A acusação foi fragilizada em razão da anulação pelo STJ (Superior Tribunal de Justiça) de todos os atos praticados na investigação com autorização do juiz Flávio Itabaiana. Os ministros da corte superior entenderam que Flávio tinha direito a foro especial no período da apuração, o que não foi respeitado.

O MP-RJ ainda avalia como refazer a investigação após os reveses judiciais.

Em nota, o senador disse que "a venda do imóvel não tem qualquer relação com a perseguição promovida por parte de uns poucos integrantes do Ministério Público".

"Perseguição essa que já foi alvo de decisão da Justiça, teve relatórios ilegais invalidados e que, por tanto, não cabe dizer mais nada", afirmou.

Após a juntada da escritura, porém, o apartamento foi tornado indisponível por decisão da Justiça do Trabalho da Bahia e bloqueado para pagamento de dívidas do Grupo FTC, de Gervásio Oliveira.

O empresário já foi denunciado por supostamente ter pago propina a magistrado do Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região para suspender o pagamento de passivo trabalhista de sua faculdade. Também foi acusado de fraude a licitações na Bahia.

A assessoria de Gervásio afirmou que ele "teve problemas judiciais no passado que foram esclarecidos".

política

PT gasta R$ 6 milhões para defender Lula e alvos da Operação Lava Jato

Um dos escritórios beneficiados recebeu recursos do fundo partidário; sigla afirma seguir a lei

Felipe Bächtold

SÃO PAULO O PT tem feito pagamentos milionários a escritórios de advocacia que atuam na defesa de seus filiados na Operação Lava Jato.

As despesas somaram ao menos R$ 6 milhões ao longo de cinco anos —em valores nominais, sem correção pela inflação, já que os desembolsos não são de períodos fixos.

Elas incluem gastos com defensores do ex-presidente Lula e de três ex-tesoureiros que foram condenados na operação. No caso de um dos escritórios, que recebeu R$ 911 mil entre 2017 e 2018, consta na Justiça Eleitoral que a fonte dos recursos é o fundo partidário, financiado com dinheiro público e destinado à manutenção dos partidos.

A direção petista foi advertida pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) em 2021 por gastos desse teor e teve contas do ano de 2015 desaprovadas. Mas recorre da decisão ao Supremo Tribunal Federal.

Entre as maiores despesas com honorários nos últimos anos estão as feitas com o escritório D'Urso e Borges, que defende o ex-tesoureiro João Vaccari na Lava Jato.

A banca, do ex-presidente da OAB-SP Luiz Flávio Borges D'Urso, recebeu, desde 2017, R$ 2,9 milhões do partido, em valores não corrigidos.

O ex-tesoureiro permaneceu preso, por ordem do ex-juiz Sergio Moro, de 2015 a 2019. Hoje ele aguarda em liberdade a tramitação de recursos nas instâncias superiores.

As despesas são incluídas nas contas do partido como "serviços de consultoria jurídica". Os dados das contas partidárias na Justiça Eleitoral apontam que a fonte das despesas foram "outros recursos", e não o fundo partidário.

O PT tem cerca de 90% de suas receitas com origem no fundo partidário. Dos valores restantes, há quantia expressiva advinda de contribuição paga por congressistas do partido, com percentual definido sobre o salário recebido.

Em 2021, o partido teve direito a cerca de R$ 100 milhões do fundo público, que é repartido conforme os tamanhos das bancadas na Câmara.

O escritório Teixeira Zanin Martins, que comanda a defesa de Lula nos casos da Lava Jato, recebeu pagamentos que somam R$ 1,2 milhão desde 2019. Também nesse caso, a despesa consta como financiada com "outros recursos".

Na campanha eleitoral de 2018, na qual Lula tentou se lançar candidato e foi barrado pela Lei da Ficha Limpa, o partido chegou a declarar pagamento de R$ 1,5 milhão ao escritório com recursos do fundo eleitoral, também de origem pública. Os advogados posteriormente afirmaram que se tratou de um erro e o lançamento foi revisto.

Neste ano, Lula novamente será candidato à Presidência e lidera as pesquisas de intenção de voto. Ele recuperou seus direitos políticos após a anulação de sentenças pelo Supremo e a declaração de parcialidade do ex-juiz Moro.

O ex-tesoureiro Delúbio Soares, condenado no mensalão e na Lava Jato, é defendido no Paraná por um escritório de Goiás, seu estado natal. Desde 2018, o advogado Pedro Paulo Medeiros foi remunerado pelo trabalho com R$ 661 mil.

Outro advogado de ex-tesoureiro que recebeu pagamentos da direção petista foi Elias Mattar Assad, que defendeu Paulo Ferreira, responsável pelas finanças do partido de 2005 a 2010. Ferreira passou sete meses preso preventivamente entre 2016 e 2017. Condenado por Moro em primeira instância, foi absolvido em segundo grau. Foram pagos ao advogado R$ 42 mil em 2017.

O PT também arcou com as defesas de suspeitos fora do primeiro escalão do partido.

O escritório Bueno de Aguiar, Wendel e Associados, que também representou Paulo Ferreira, defendeu Juscelino Dourado, ex-assessor do ex-ministro Antonio Palocci.

Dourado foi preso junto com Palocci em 2016, sob suspeita de operacionalizar pagamentos ilegais, mas acabou nunca sendo denunciado na operação. Foram pagos pelo trabalho dos advogados R$ 911 mil em 2017 e 2018. Nesse caso, a fonte das despesas nos dados da Justiça Eleitoral é o fundo partidário.

Em 2017, o partido desembolsou outros R$ 177 mil ao advogado José Roberto Batochio. À reportagem, disse que o pagamento se referia à defesa de Paulo Ferreira.

Batochio na época também advogou para Lula, Palocci e para outro ex-assessor do ex-ministro, Branislav Kontic. Palocci posteriormente trocou de advogados e decidiu fazer acordo de colaboração.

Outros repasses do PT ao escritório Bueno de Aguiar estiveram no centro de questionamento da Justiça Eleitoral às contas partidárias de 2015.

A assessoria técnica do TSE apontou como irregulares pagamentos que somaram R$ 455 mil (valores também não corrigidos) pagos à banca de advocacia que citavam como serviços prestados as defesas de Paulo Ferreira, de Juscelino Dourado e de uma funcionária denunciada em desdobramento da Lava Jato em São Paulo, Marta Coerin. O escritório também atuou em uma ação de improbidade na Justiça paulista.

Em voto no ano passado, o ministro Alexandre de Moraes afirmou que a irregularidade era grave, "na medida em que recursos públicos estão sendo utilizados ao amparo de causas individuais".

A maioria dos colegas da corte concordou. Somados com outros problemas na prestação, a decisão foi por desaprovar as contas, com suspensão de cotas do fundo partidário por um mês e restituição de valores.

Procurado pela **Folha**, o PT disse que os serviços jurídicos são adquiridos dentro da lei e que presta contas à Justiça Eleitoral dos recursos utilizados, "sejam próprios ou dos fundos eleitoral e partidário".

Diz ainda que os casos citados pela reportagem se enquadram na Lei dos Partidos Políticos, que prevê a contratação de advogados em processos de interesse partidário.

Sobre a contratação em casos da Lava Jato, a direção petista afirmou que houve ações "movidas por motivação política e não jurídica", citando a anulação das sentenças contra o ex-presidente Lula.

O partido também disse que o questionamento envolvendo as contas de 2015 está sendo discutido em recurso ainda não julgado no Supremo.

A **Folha** tentou contato com o escritório Bueno de Aguiar, mas não houve resposta. O Teixeira Zanin Martins respondeu à reportagem: "O escritório foi contratado em 2019 pelo Partido dos Trabalhadores para prestar serviços jurídicos e foi remunerado por recursos privados".

José Roberto Batochio disse que, no trabalho para o PT, havia cláusula estabelecendo que os recursos não viriam de fontes públicas. "Há declaração do partido de que não se trata de recursos públicos."

O advogado Elias Mattar Assad, de Curitiba, afirmou que foi subcontratado para atuar também na defesa de Paulo Ferreira por outro escritório, o Bueno de Aguiar, que pôs em contrato a previsão de que o pagamento não seria feito com fundo partidário.

O advogado Pedro Paulo Medeiros disse que é remunerado pelo partido pelo trabalho na defesa de Delúbio Soares e que presta contas das atividades desenvolvidas à legenda, conforme é solicitado.

O D'Urso e Borges diz que não se manifesta sobre o assunto por envolver acordo de confidencialidade.

MDB desiste de federação, mas busca união entre Tebet e Doria

Danielle Brant

BRASÍLIA O presidente nacional do MDB, deputado Baleia Rossi (SP), anunciou nesta quinta-feira (3) que o partido não fará federação para as eleições de outubro.

Ele, porém, não descartou conversar com legendas de centro e de direita para construir uma candidatura única à Presidência —apesar de ter defendido a viabilidade da senadora Simone Tebet como nome da "terceira via".

As declarações foram dadas em uma rede social. "Na condição de presidente nacional do MDB, comuniquei aos diretórios estaduais, senadores e deputados que o nosso partido não fará nenhuma federação para as eleições de 2022", escreveu o deputado.

"Manteremos as conversas com os partidos do centro democrático para a construção de uma candidatura única à Presidência da República. Respeitando os demais pré-candidatos, o MDB seguirá na defesa da capacidade e viabilidade do nome de Simone Tebet", prosseguiu.

Baleia Rossi disse ainda que Tebet será a porta-voz do MDB nas inserções do partido na TV na semana que vem.

"Segue aberto, portanto, o diálogo com os presidentes do União Brasil, Luciano Bivar, e do PSDB, Bruno Araújo, como também com todos que queiram construir uma alternativa à polarização."

O MDB vinha conversando com as duas legendas sobre a possibilidade de federação, mas entraves dentro da União Brasil, fusão do DEM e do PSL, atrapalharam as conversas. Já o PSDB se uniu em federação com o Cidadania no último dia 19, após deliberação da cúpula do partido presidido por Roberto Freire.

O PSDB tem o governador de São Paulo, João Doria, como pré-candidato ao Executivo federal. A União Brasil debate a possibilidade de lançar um nome para a disputa.

Os partidos não descartam se unir em torno de um nome para torná-lo mais competitivo contra Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Tanto Tebet como Doria ainda patinam nas pesquisas. A emedebista tem 1% das intenções, segundo pesquisa Datafolha de dezembro. Já Doria tinha 3% nesse cenário.

Na esquerda, PT e PSB também negociam uma federação, mas a disputa ao Governo de São Paulo trava as conversas. O partido de Lula quer lançar Fernando Haddad na disputa. Já o ex-governador Márcio França não abre mão de se candidatar pelo PSB.

Moro indica ruptura com Arthur do Val após áudio

Ex-juiz sinaliza afastamento após falas atribuídas ao deputado com conteúdo sexista sobre mulheres na Ucrânia

SÃO PAULO Áudios de teor sexista com referência às mulheres da Ucrânia e atribuídos ao deputado estadual Arthur do Val, pré-candidato do Podemos ao governo paulista, provocaram nesta sexta-feira (4) uma crise com desdobramentos também para a campanha do ex-juiz Sergio Moro, até então defensor de sua candidatura em São Paulo.

Moro indicou rompimento com Arthur do Val ao dizer que lamentava "profundamente as graves declarações" atribuídas ao deputado, youtuber também conhecido pelo apelido de Mamãe Falei e ligado ao MBL (Movimento Brasil Livre).

"O tratamento dispensado às mulheres ucranianas refugiadas e às policiais do país é inaceitável em qualquer contexto. As declarações são incompatíveis com qualquer homem público." O ex-juiz acrescentou que as falas podem ser consideradas criminosas.

Outros integrantes do Podemos, incluindo a presidente do partido, Renata Abreu, e o ex-procurador Deltan Dallagnol também divulgaram nota com críticas às falas atribuídas a Arthur do Val, que viajou à Ucrânia nesta semana com a justificativa de conversar com a população local diante da guerra, contrapondo-se ao presidente Jair Bolsonaro (PL), que declarou neutralidade no conflito com a Rússia.

Arthur do Val chegou a fazer uma vaquinha para custear a viagem ao lado de outro líder do MBL, Renan Santos.

Os áudios dizem que as ucranianas são "fáceis" de pegar por serem pobres — e que a fila de refugiados tem mais mulheres bonitas do que a "melhor balada do Brasil".

O deputado não se manifestou até a publicação desta reportagem. Segundo o MBL, ele estaria em um voo ao Brasil.

A voz dos áudios é idêntica à do deputado, mas integrantes da organização disseram não terem recebido as mensagens. A namorada de Arthur do Val, Giulia Blagitz, encerrou seu relacionamento com ele após o suposto vazamento.

Um deputado da Assembleia Legislativa de São Paulo disse ter falado com Arthur do Val e disse que ele teria se mostrado preocupado com as consequências de sua fala.

O youtuber foi o segundo deputado estadual mais votado de São Paulo em 2018, com 478.280 votos. Em 2020, foi candidato a prefeito e ficou em quinto lugar, com 9,8%.

Eleito deputado pelo DEM, Arthur do Val foi expulso do partido, depois, filiou-se ao Patriota e agora ao Podemos.

O ex-procurador da Lava Jato Deltan Dallagnol (Podemos-PR) disse que são "inacreditáveis e inaceitáveis as falas desrespeitosas divulgadas".

A deputada estadual Janaina Paschoal (PSL-SP), afirmou que não tem "palavras para expressar a indignação com o desrespeito". O governador de São Paulo e presidenciável, João Doria (PSDB), considerou o caso "repudiante".

A deputada estadual Isa Penna (PSOL-SP) disse que irá entrar com uma representação contra o parlamentar. Pré-candidato ao Governo de São Paulo, Guilherme Boulos (PSOL) afirmou que a Assembleia Legislativa de São Paulo deveria "cassar o mandato do deputado Mamãe Falei".

Bianka Vieira, Fábio Zanini, Guilherme Seto, Juliana Braga e Tayguara Ribeiro

Bolsonaro exalta Tarcísio de Freitas, pré-candidato ao governo de SP, em evento

Artur Rodrigues

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP) O presidente Jair Bolsonaro (PL) usou evento de concessão de rodovia em São Paulo para enaltecer seu pré-candidato ao governo paulista, o ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas. "Hoje aqui no Vale do Paraíba, mais uma entrega do Ministério da Infraestrutura, deste meu amigo, capitão Tarcísio de Freitas, um homem mais do que competente, um homem que tem um compromisso com o bem-estar de todos vocês", disse.

A declaração foi feita durante evento em São José dos Campos, no interior paulista, na manhã desta sexta (4), em tom de campanha eleitoral, com direito a motociata e uma bandeira erguida com a imagem do presidente.

Bolsonaro participou de uma cerimônia relativa à assinatura do contrato de concessão das rodovias Presidente Dutra e Rio-Santos.

O presidente citou apenas de passagem a guerra entre Rússia e Ucrânia. "Hoje temos um problema a 10 mil km daqui e a nossa responsabilidade é com o bem-estar do nosso povo", disse. "O Brasil não mergulhará em uma aventura, o Brasil tem o seu caminho, respeita a liberdade de todos, faz tudo pela paz".

A cerimônia foi antecedida por uma motociata — o presidente chegou de moto ao local. Os motociclistas são uma das bases de apoio de Bolsonaro e, em aceno a esse grupo, eles não pagarão mais pedágio na Dutra, principal ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro.

Bolsonaro e Tarcísio, à beira da rodovia, pararam para cumprimentar os motociclistas e motoristas. A estrada registrou congestionamento na hora do evento.

Apesar do apoio a Bolsonaro, a cerimônia pareceu ser moldada para que Tarcísio fosse o protagonista. Apenas o ministro permaneceu para entrevista com os jornalistas.

Tarcísio é pré-candidato ao Governo de São Paulo e aposta na inauguração de obras como plataforma de campanha.

Durante o evento, Tarcísio admitiu estar de saída do ministério. "Eu estou indo embora, o time não. E o time é muito bom, é um time de ponta", disse, para assegurar que os projetos importantes serão entregues sem a sua presença.

A concessão da Dutra é vista como uma das principais bandeiras de Tarcísio. Segundo a pasta, ela proporcionará R$ 14,8 bilhões em investimentos e faz parte de um pacote de 81 ativos concedidos na atual gestão.

No caso da Dutra, o leilão de operação foi vencido pela CCR, que continuará responsável pela rodovia pelos próximos 30 anos.

Sobre a rodovia, Tarcísio citou que ela seria a mais moderna do Brasil. "A gente tem no governo Bolsonaro se acostumado a grandes entregas, entregas que emocionam."

O ministro citou a opção pela nova concessão, em vez de prorrogar a antiga, como a razão da diminuição do gasto dos usuários. "Se tivéssemos prorrogado o contrato e simplesmente atualizado a tarifa pelo IPCA, o deslocamento Rio-São Paulo seria R$ 70. Ele vai ser ser feito por R$ 50".

Tarcísio também rebateu queixa que a entidade que representa 39 municípios do Vale do Paraíba e Litoral Norte de São Paulo faz sobre a nova concessão da rodovia Dutra. A carta foi revelada pela coluna Painel, da Folha.

"Enquanto os tributos cobrados nas praças de Arujá e de Guararema receberão redução de 3% e em Pindamonhangaba, de 8,4%, na carioca Itatiaia o pedágio vai ficar 21% mais barato", diz a carta.

"A turma aí que faz a crítica é do partido que aqui em São Paulo fez a prorrogação do contrato e manteve os pedágios altos sem investimento", afirmou o ministro.

Nas redes sociais, o presidente tem exaltado com frequência o trabalho da pasta de Tarcísio. Na manhã desta sexta, afirmou que houve ao menos dez entregas em 2022.

A aposta de Bolsonaro é quebrar a hegemonia tucana no estado, hoje comandando pelo rival João Doria (PSDB), e ter um palanque forte para sua reeleição. Tratado inicialmente apenas como um nome para dar palanque, Tarcísio passou a ter sua candidatura ao Governo de São Paulo comemorada por integrantes do governo e acendeu alerta em campanhas de adversários.

Também estiveram presentes Eduardo Bolsonaro (PL) e outros apoiadores do presidente, como o ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, e o ministro do Gabinete de Segurança Institucional, general Augusto Heleno.

> Hoje temos um problema a 10 mil km daqui, e a nossa responsabilidade é com o bem-estar do nosso povo. O Brasil não mergulhará em uma aventura, o Brasil tem o seu caminho, respeita a liberdade de todos, faz tudo pela paz
>
> **Jair Bolsonaro**
> presidente, sobre a guerra na Ucrânia

Bolsonaro (dir.) ao lado de Tarcísio de Freitas, pré-candidato ao governo de SP, em evento em São José dos Campos (SP) Danilo Verpa/Folhapress

Pedro Ladeira - 28.mar.2018/Folhapress

Giuseppe Janino, 61
Formado em matemática, ingressou no TSE em 1996 como analista de sistemas. Integrou a equipe responsável pelo desenvolvimento da urna eletrônica e ocupou por 15 anos o cargo de secretário de Tecnologia do TSE. É autor do livro 'Quinto Ninja', em que narra sua participação na concepção e evolução do sistema eleitoral eletrônico

Giuseppe Janino

Hackers podem atacar, mas jamais vão conseguir acessar a urna eletrônica

Ex-secretário do TSE descarta risco de fraude nas eleições e afirma não lembrar de tamanho interesse de militares no tema como agora

ENTREVISTA

Fabio Serapião e Marcelo Rocha

BRASÍLIA Secretário de Tecnologia do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) por 15 anos, o gaúcho Giuseppe Janino, 61, refuta a possibilidade de manipulação dos resultados das eleições e diz garantir que a urna eletrônica é imune a ataques cibernéticos.

"O hacker pode fazer qualquer ataque, por mais violento que seja, conseguir quebrar os firewalls [soluções de segurança] e entrar na rede da Justiça Eleitoral, por exemplo, mas ele nunca vai conseguir entrar na urna eletrônica", afirmou ele.

Janino deixou o cargo no ano passado, em meio a ataques ferozes ao sistema eleitoral desferidos pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) e por seus seguidores.

Em entrevista à **Folha**, ele disse que teorias que inundam as redes sociais quanto à vulnerabilidade do equipamento, incluindo aquelas levantadas pelo próprio Bolsonaro, são suspeitas infundadas, sem comprovação fática e já superadas.

Janino participou do processo de criação e de toda a evolução tecnológica das urnas eletrônicas, o que lhe rendeu nos corredores de TSE o apelido de "pai da urna".

Autor do livro "Quinto Ninja", que faz referência ao grupo do qual participou ao lado de militares na concepção do equipamento, Janino disse que não se recorda de um interesse tão acentuado das Forças Armadas no tema como agora.

O que motivou a urna eletrônica? Há 30 anos, nós vivíamos um processo eleitoral convencional, onde se votava ainda em cédulas de papel. Elas eram acondicionadas em urnas de lonas. No final da votação, essas urnas eram abertas. As cédulas eram colocadas sobre mesas. Ali se fazia o escrutínio e eram lançadas as informações em mapas. Ou seja, havia muita intervenção humana.

E onde há intervenção humana há pelo menos três atributos inerentes: lentidão, erro e fraude. Então, nós tínhamos, portanto, um processo lento, repleto de erros e com muitas fraudes inseridas.

Como a sociedade reagiu na época? Houve desconfiança? Vários desafios foram enfrentados. Lembro que se investiu forte em campanhas. Leva-se urnas para as praças, centros comerciais, igrejas, programas de televisão.

A preocupação era a de que as pessoas não conseguissem transitar para esse novo processo, mas houve adaptação rápida e segmentos da sociedade que estavam à margem no sistema convencional começaram a votar.

Após todo esse processo de aceitação, 25 anos depois ela está sob ataques na questão da segurança. O que mudou para ela ser questionada? Vejo algumas possibilidades. A primeira é de pessoas desinformadas que não viveram o processo convencional. Não conseguem perceber as vantagens dessa mudança. Por outro lado, elas são muito facilmente convencidas do fetiche do papel, que acham que o papel é o que tem de mais seguro. Sendo que é justamente o contrário.

Há outros segmentos com outras intenções. Quando nós mudamos do modelo convencional para o digital, a urna eletrônica incomodou a muitos que se beneficiavam do caos que era. Quanto mais vulnerável, mais lento, mais havia intervenção manual, mais interessava a muitos. Daí, houve uma resistência muito grande.

Entre os questionadores está o presidente Jair Bolsonaro. Há algo que o presidente fala que é preciso se preocupar? Há sempre uma preocupação na questão evolutiva do processo. Não é pelo fato de que a urna entrou no ar em 1996 que a equipe agora está tranquila, segura.

O que foi mostrado ali foram simplesmente casos de 2006 e 2008 totalmente esclarecidos, suspeições infundadas, sem comprovações fáticas, sem evidências, que foram já ultrapassadas, desqualificadas na questão de sua veracidade.

É possível inserir nas urnas algo que as faça ter um padrão? Esses programas são abertos para verificação um ano antes das eleições, para que instituições como os partidos políticos, a OAB, a Polícia Federal, o Ministério Público, são 16 instituições, incluindo universidades, que estão credenciadas a ir ao TSE e fazer análises de todos esses programas.

No final desse período [de um ano], é feito o que se chama de lacração dos sistemas. Esses programas que já foram avaliados passam por um processo matemático. Tudo que tem ali gera, no final, uma espécie de dígito verificador. Se alterar um ponto ou uma vírgula nesse texto, aquele dígito verificador não bate mais.

Como o sr. viu o convite do ministro Luís Roberto Barroso às Forças Armadas para compor a Comissão de Transparência Eleitoral? Acho muito positivo, é uma possibilidade de se verificar o quanto o sistema está robusto, preparado e resistente a qualquer tipo de ataque.

Em algum outro momento integrantes das Forças Armadas apresentaram questionamentos anteriores nos moldes do que foi feito agora? Dessa forma bastante aprofundada eu não me recordo. Evidentemente, nessa história, recebemos muitas visitas, várias comitivas das Forças Armadas.

É uma oportunidade muito interessante que deve ser utilizada efetivamente para o bem, para que seja compartilhada e que todos possam entender e questionar se algumas das respostas ali não estiverem ao nível de esclarecimento adequado.

O sistema eleitoral é auditável? O que falar para as pessoas que acham que o sistema não é auditável, caso não seja mesmo? Tem um capítulo do meu livro que fala sobre mitos e verdades. Um dos mitos é esse, o de que a urna não é auditável porque não tem voto impresso. Existe uma espécie de fetiche brasileiro em relação ao papel, só é confiável se estiver no papel.

O movimento que nós fizemos há 30 anos foi tirar a informação do papel e da mão do ser humano. Porque onde há a mão do homem estão lá erros, lentidão, fraudes.

Você começa a ter, então, aquela mesma informação totalmente protegida, com firewalls, assinatura digital, criptografias, rastreabilidade, elementos que só existem no paradigma digital. Se você pegar esse voto protegido com esses requisitos e colocar no papel, ele perde tudo isso.

Como explicar essa auditoria para o cidadão que está sendo bombardeado com declarações de que o voto não é auditável? Não existe apenas uma forma de se auditar. Existem outras formas, como a verificação dos programas. Estão abertos, podem ser vistos antes, durante e tabém depois das eleições.

Se o cidadão falar que o voto está errado, como ele pode ter a prova de que ele votou e que foi registrada a opção que ele fez? Não existe uma forma direta para identificar no meio dos votos qual foi o meu. Existe o preceito constitucional da garantia do sigilo. Eu não posso ter vinculação do eleitor com o seu voto. Eu sei que meu voto está ali, mas não posso identificá-lo.

Há que se preocupar com ataques cibernéticos ao sistema eleitoral? Tem o momento de votação que é desligado da internet, mas tem uma hora em que as informações vão para a internet na hora da totalização. Há de se temer esses ataques cibernéticos, alguma possibilidade de influírem no sistema eletrônico de votação? A preocupação com ataques cibernéticos é cotidiana, principalmente no TSE com relação à visibilidade que ele tem no mundo. Nós realizamos a maior eleição digital do planeta. Existem mecanismos robustos que minimizam a possibilidade de intervenção externa.

Se o hacker invade a Nasa, o Pentágono, o FBI, por que não invade a urna eletrônica? Simples: a urna foi projetada para ser um sistema isolado. Não tem nenhum dispositivo de conexão com nenhuma rede externa. É blindada, fechada. Lacrada, inclusive.

O hacker pode fazer qualquer ataque, por mais violento que seja, e conseguir quebrar os firewalls e entrar na rede da Justiça Eleitoral, mas ele nunca vai conseguir entrar na urna eletrônica.

Vamos dizer que houve um bombardeio cibernético, acabam com o centro de dados do TSE e com a rede da Justiça Eleitoral, por exemplo, o voto está preservado dentro da urna eletrônica.

O TSE foi alvo de ataque, motivo de um inquérito da PF, o mesmo vazado pelo presidente. Ali se falava que o invasor teria tido acesso a código-fonte, a um programa. Como explicar que, mesmo com esse acesso, isso não representou um risco de fraude? O hacker entrou na rede da Justiça Eleitoral, deu uma passeada, ficou lá por alguns meses e teve acesso a programas. Esse programa [acessado] não é a urna eletrônica, é o programa que junta programas e os prepara para serem inseridos nela. Ele copiou trechos e publicou na internet dizendo que tinha acesso aos programas. Mesmo que fossem [da urna], esses programas já são abertos, são abertos durante um ano para que todas aquelas entidades tenham acesso a esses dados.

O fato de ele ter tido acesso a esses códigos não quer dizer nada. Ele, inclusive, poderia ter entrado pela porta da frente. Se apresentar ao TSE e dizer que gostaria de fazer a análise dos dados.

Em que ambiente ele chegou para acessar esses dado? Ele chegou na fase de desenvolvimento. Teve acesso ao computador de um determinado desenvolvedor. Ali ele pegou parte do código e fez toda aquela publicidade para ganhar notoriedade. Um computador que estava na rede da Justiça Eleitoral.

Mas, evidentemente, ele não faria nada com aquele pedaço [de programação]. Aquele pedaço não tem nada de oficial, não está lacrado e, mesmo que estivesse lacrado, seria perceptível em qualquer mecanismo de auditoria.

Se tivesse sido inserido algo para criar o suposto padrão mencionado pelo presidente Bolsonaro, isso seria percebido? Poderia ser descoberto já na fase de desenvolvimento. Se houvesse modificação, onde esses programas ficam guardados, existe um controle. Tudo que é modificado, a pessoa que está alterando tem que se identificar. Então, iria aparecer lá uma modificação sem dono e isso não passaria nas outras etapas, seria automaticamente bloqueado pelo sistema que guarda os programas na fase de desenvolvimento.

O que o sr. diria, como um dos pais da urna eletrônica, para políticos, ativistas e para a população em geral que duvidam da segurança das urnas? O antídoto para a suspeição é a informação. É olhar o fato, a história, a realidade. A realidade é que nós temos 25 anos de um processo digital e que até hoje não há um caso de fraude comprovada.

Várias suspeições foram levantadas, todas essas suspeições uma vez levantadas são investigadas por instituições independentes e competentes como o Ministério Público e a Polícia Federal.

> "Um dos mitos é o de que a urna não é auditável porque não tem voto impresso. Existe um certo fetiche brasileiro em relação ao papel, só é confiável se estiver no papel. O movimento que fizemos foi tirar a informação do papel e da mão do ser humano. Porque onde há a mão do homem, há erros e fraudes

Zelenski faz crítica dura à Otan, e Putin associa sanções à escalada da guerra

Presidente ucraniano teve negada zona de exclusão aérea sobre seu país pela aliança ocidental

Igor Gielow

são paulo O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, fez um duro ataque à de[illegible] estabelecer uma zona de exclusão aérea sobre o território de seu país, invadido pela Rússia no último dia 24.

"Pessoas vão morrer por causa da fraqueza da Otan. Ela deu sinal verde para a Rússia nos bombardear", afirmou, em um discurso inflamado em Kiev. Ele agradeceu o apoio que vem recebendo do clube de 30 países liderados pelos Estados Unidos, mas disse que é insuficiente.

O problema para a Otan, que já havia sido dito tanto pelo presidente Joe Biden quanto pelo secretário-geral da entidade, Jens Stoltenberg, se chama Terceira Guerra Mundial.

Estabelecer uma zona de exclusão significaria declarar guerra à Rússia, pois colocaria sistemas de defesa antiaérea e pilotos de ambos os lados frente a frente. A ideia desses instrumentos é negar a agressores acesso aos céus sobre um país adversário, protegendo militares e civis.

Ao falar da decisão da aliança, tomada horas antes das críticas do ucraniano, Stoltenberg afirmou que era prioritário evitar uma "guerra total" na Europa. Um conflito, aliás, entre as duas potências que concentram 90% das armas nucleares do mundo, mais duas (França e Reino Unido) que detêm outros 4%.

No mais, o norueguês repetiu a condenação à agressão russa e ao ataque que tomou a usina nuclear de Zaporíjia e provocou um incêndio. Também afirmou que os russos estão usando bombas de fragmentação, proibidas por tratado a que nem Moscou nem Kiev são aderentes.

Homem se despede de criança dentro de trem que leva refugiados para fora de Kiev Sergei Chuzavkov/AFP

São armas terríveis, pois um projétil espalha várias bombinhas por uma grande área, e muitas não explodem, ficando expostas para incautos — muitas vezes crianças — detoná-las sem querer.

Stoltenberg ainda disse novamente que os reforços de tropas, 22 mil até agora, em países no Leste Europeu pertencentes à aliança visam a defender cada pedaço do território da aliança militar.

É a dissuasão possível, mas também o limite do Ocidente nessa disputa. Há discussões inclusive sobre até qual ponto a entrega de mísseis antiaéreos portáteis e antitanque por cerca de 20 países europeus será ignorada pela Rússia.

A aposta mais sombria é até eles começarem a fazer alguma diferença clara em campo, impedindo o avanço da ofensiva de Moscou de forma aferível e mais incisiva.

Neste caso, um hipotético ataque do Kremlin a um comboio vindo da Polônia com armamentos, por exemplo, poderia gerar animosidade na fronteira caso houvesse cidadãos do país membro da Otan entre as vítimas.

Do lado russo, o presidente Vladimir Putin pela primeira vez associou as duras sanções econômicas e políticas a que seu país tem sido submetido desde que invadiu a Ucrânia a uma "escalada da situação" do conflito com o vizinho.

Durante reunião ministerial no Kremlin que foi parcialmente televisada, o longevo líder disse: "Não temos más intenções acerca dos nossos vizinhos. Eu gostaria também de aconselhá-los a não escalar a situação, a não introduzir nenhuma restrição".

"Nós vamos cumprir nossas obrigações e vamos continuar a cumpri-las", emendou.

Ele se referia provavelmente ao fornecimento russo de gás e petróleo a europeus, uma preocupação econômica mundial, já que o continente consome 40% do primeiro produto e cerca de 1/3 do segundo. Só que essa lógica já não parece se sustentar no mundo das supersanções.

> Pessoas vão morrer por causa da fraqueza da Otan [ao rejeitar o seu pedido de implantação de uma zona de exclusão aérea sobre o seu país]. Ela deu sinal verde para a Rússia nos bombardear
>
> **Volodimir Zelenski**
> presidente da Ucrânia

A questão é que diversos países já estão cortando seus negócios futuros com hidrocarbonetos de Moscou devido à guerra, como Suécia e Finlândia, que não vão mais refinar óleo de origem russa.

As condições de compra e transporte estão em caos, devido às ameaças dos EUA de vetar negócios do tipo com a Rússia, algo em discussão.

Putin foi cuidadoso em não fazer uma ameaça militar, mas esse é um perigoso corolário do isolamento a que ele está sendo submetido. "Todas as nossas ações, se elas [illegible] veis contra a Rússia", disse.

Até aqui, o líder falava por meio do porta-voz, Dmitri Peskov, que buscava criticar as sanções e dizer que o país se viraria mesmo com elas. Mas ninguém antecipava que as ações incluiriam atacar as reservas internacionais geridas pelo Banco Central russo, em US$ 640 bilhões, as quartas maiores do mundo.

Isso está tornando a defesa do rublo quase impossível, fora a pressão sobre membros da elite que mantêm uma relação de mutualismo com a presença de Putin no Kremlin e a vida real no país.

Não se usa mais meios eletrônicos de pagamento com facilidade, cartões estão limitados e o país está "cancelado".

A novidade aqui é a associação que Putin faz. O temor crescente de que o conflito na Ucrânia transborde as fronteiras e envolva a Otan, a aliança militar ocidental, colocou o tema de uma Terceira Guerra Mundial de volta à ordem do dia. Só que há consenso, até aqui, de que isso só envolve a dimensão militar.

Assim, há risco de incidentes no fornecimento de armas que a Europa está promovendo pela fronteira polonesa a Kiev, mas em nenhum momento há a previsão de uso direto de forças da Otan na guerra, assim como a questão da zona de exclusão provou.

Até para sublinhar isso, Putin tem balançado seu arsenal nuclear, o maior do mundo ao lado do dos Estados Unidos.

No último domingo (27), colocou em alerta de combate suas forças estratégicas, gerando protestos no Ocidente.

Tropas russas tomam usina nuclear e pressionam Kiev

Patrícia Pamplona

são paulo Militares da Rússia tomaram a usina de Zaporíjia, a maior da Europa, alvo de ataque que gerou um incêndio no local, na madrugada desta sexta (4). O Ministério da Defesa russo disse controlar a planta, segundo a Interfax, o que a agência de inspeção nuclear da Ucrânia admitiu.

Já Kiev, após um dia de relativa calma, voltou a ter posições de seu entorno bombardeadas por forças russas. Segundo a polícia da Ucrânia, pelo menos sete pessoas foram mortas, incluindo duas crianças, em uma área residencial na região rural da cidade.

A ação aumenta a expectativa de que a cidade seja atacada pelo comboio blindado que permanece a cerca de 25 km de distância de sua periferia.

Em uma rede social, a administração da usina de Zaporíjia disse que a equipe operacional — ainda formada apenas por ucranianos, que têm trabalhado sob a mira de armas, segundo a agência nuclear do país — monitora as condições da unidade e que esforços buscam garantir que as operações sigam os requisitos de segurança.

Por volta de 1h30 (horário de Brasília), o incêndio foi controlado e, na manhã desta sexta na Ucrânia, um dos seis reatores estava em funcionamento. A IAEA acrescentou ainda que as chamas não atingiram equipamentos essenciais e que não houve mudança nos níveis de radiação.

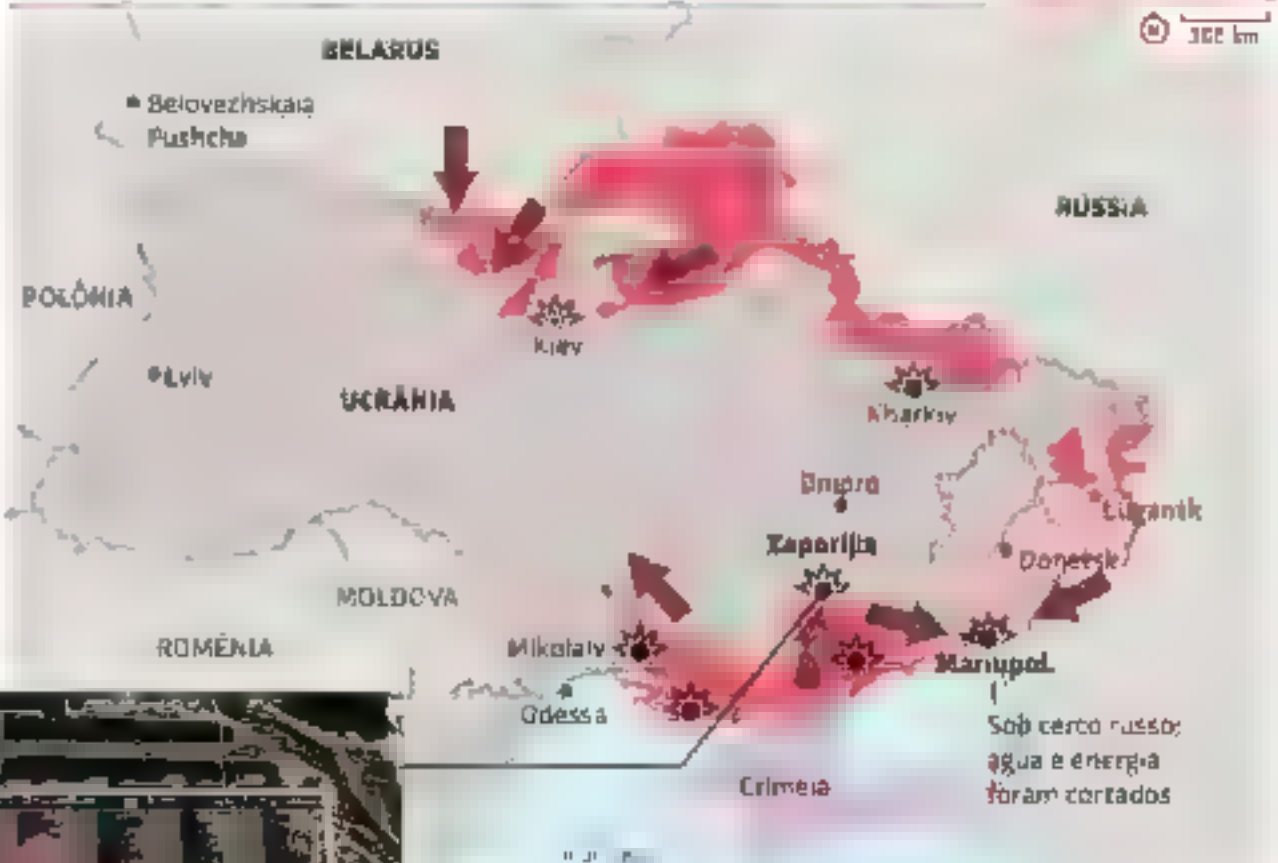
O receio era o de que o incêndio gerasse uma explosão, algo que, segundo o chanceler ucraniano, Dmitro Kuleba, teria impacto potencialmente dez vezes maior do que o do acidente na usina nuclear de Tchernóbil, ocorrido na Ucrânia ainda soviética em 1986. O presidente Volodimir Zelenski alertou que uma eventual explosão na usina de Zaporíjia significaria o "fim de tudo, o fim da Europa".

Os ucranianos culpam Moscou pelo ataque, e Zelenski, em pronunciamento na TV nesta sexta, convocou os russos a protestar contra a tomada da usina. "Povo russo, quero frisar: como isso é possível? Depois que todos lutamos juntos em 1986 contra a catástrofe de Tchernóbil."

Apesar de analistas dizerem que a planta atingida é mais segura, o mandatário usou a memória de Tchernóbil para tentar sensibilizar os russos.

Ataques russos na Ucrânia

Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano
Sob domínio dos separatistas russos étnicos e agora reconhecidas por Moscou
Ocupado por tropas russas
Ataques relatados
Incursões militares russas relatadas

BELARUS
Belovezhskaia Pushcha
RÚSSIA
POLÔNIA
Kiev
Lviv
UCRÂNIA
Kharkiv
Dnipro
Lugansk
Zaporíjia
Donetsk
MOLDOVA
ROMÊNIA
Mikolaiv
Mariupol
Odessa
Sob cerco russo: água e energia foram cortados
Crimeia
300 km

Usina nuclear de Zaporíjia
A maior da Europa, atingida por incêndio e tomada pelos russos

1 Reatores
2 Depósito de lixo radioativo
3 Local do ataque russo
4 Torres de eletricidade
5 Local de armazenamento de combustível usado

Fontes: BBC, Graphic News, The New York Times e Google Earth

"Vocês têm que tomar as ruas e dizer que querem viver, querem viver na terra sem contaminação radioativa. A radiação não sabe onde a Rússia está, não sabe onde estão as fronteiras do seu país."

Moscou, por sua vez, responsabiliza o país vizinho. "O objetivo da provocação encenada por Kiev na usina nuclear é acusar a Rússia de criar uma área de contaminação radioativa", disse o porta-voz do Ministério da Defesa, Igor Konashenkov, nesta sexta.

Zaporíjia, construída entre 1985 e 1989, é o maior complexo do tipo na Europa e tem papel importante no fornecimento energético da Ucrânia. A planta em Energodar é responsável por cerca de 25% da energia ucraniana, o que também a torna um ativo central para qualquer força invasora.

Ao longo da sexta-feira, o governo da cidade de Mikolaiv disse que estava sob uma invasão russa, sem maiores detalhes. A cidade fica a oeste de Kherson, centro regional que fora conquistado por Moscou na antevéspera. Dali, são 130 km até Odessa. Se essa área toda cair, o plano russo de "fechar" a costa ucraniana começará a ganhar corpo.

A ONU informou nesta sexta que subiu para 331 o número de mortes confirmadas de civis na Ucrânia desde o início da invasão. Outras 675 pessoas foram feridas no conflito. O governo ucraniano fala em ao menos 2.000 civis mortos.

Com Reuters e AFP

Leia mais das págs. A13 a A15

Conheça armas usadas por Rússia e Ucrânia

Origem soviética comum faz exércitos usarem vários equipamentos semelhantes, mas há diferenças importantes

Igor Gielow

SÃO PAULO Entrando em sua segunda semana, a invasão russa da Ucrânia tem um cardápio de itens a serem observados por quem é interessado em minúcias militares.

Elas podem ser resumidas no fato de que ucranianos têm usado fitas amarelas ou azuis, suas cores nacionais, nos braços, enquanto alguns russos vão com o adereço vermelho.

Os veículos blindados de Vladimir Putin são marcados com letras na carroceria.

As onipresentes Z e V não só vão ganhando significados diários nas mãos das redes sociais do Ministério da Defesa russo. Mas o que importa é que elas, assim como as fitas coloridas, evitem o fogo amigo da tropa.

Aqui se chega ao ponto central. Ambos os países eram a linha de frente da União Soviética e herdaram equipamento militar comum. Até mísseis nucleares Kiev tinha quando se tornou independente em 1991, mas os devolveu a Moscou três anos depois.

Assim, muitos dos tanques e blindados que se veem em imagens de lado a lado são iguais. Ao menos por fora, claro: com um orçamento militar dez vezes maior, a Rússia tem forças mais modernas. Opera lá uma versão atualizada do antigo tanque T-72, enquanto as tropas ucranianas estão um pouco atrás.

Até aqui, contudo, essa diferença não impediu que os russos tenham enfrentado dificuldades, em especial ao não ter suprimido completamente as defesas aéreas de Kiev.

Análise de desempenho à parte, os ucranianos têm a seu favor alguns equipamentos estrangeiros próprios para a resistência que apresentam, como mísseis antitanque Javelin e antiaéreos portáteis Stinger, ambos americanos.

E drones de ataque turcos Bayraktar-TB2, que já ganharam fama destruindo colunas blindadas russas no conflito.

A Rússia tem uma capacidade aérea muito superior à do vizinho, com versões mais avançadas dos caças Su-27 ou do avião de ataque Su-24.

Mas, até aqui, não tem feito uso intensivo, talvez pela ideia de evitar a derrubada e captura de pilotos, o que seria péssimo para a moral em casa.

Sua guerra se baseia nos mísseis superiores que tem, como o balístico Iskander e o de cruzeiro Kalibr, e na velha artilharia soviética em versões modernizadas.

Aqui, a linha vermelha do conflito parece ser a presença do TOS-1, que lança temidos foguetes termobáricos, armas que destroem tudo com uma forte onda de pressão e fogo.

São as armas mais poderosas do cardápio russo fora do capítulo de ogivas nucleares, que se espera que sigam tabu.

Mas o serviço pesado por ora está sendo feito com modelos soviéticos mais antigos, como o Grad, usado em dezenas de guerras mundo afora, e Smerch. Ambos podem usar as perigosas bombas de fragmentação, itens proibidos na maioria dos países, mas não na Rússia e na Ucrânia, embora ambos neguem o emprego.

Nesta página, a **Folha** reúne algumas dessas armas.

Veja algumas das armas da guerra na Ucrânia

■ Rússia ■ Ucrânia ■ Rússia e Ucrânia

Mísseis

Kalibr
Míssil de cruzeiro para ataques de precisão lançado de navios, submarinos e aviões
Alcance de tiro [illegible] (dependendo da versão)

Iskander
Míssil balístico terrestre, pode levar ogiva nuclear
Alcance de tiro [illegible] km

Kripton
Míssil antirradiação (para atingir radares) lançado por caças distantes
Alcance de tiro [illegible] km

Javelin
Míssil antitanque portátil americano fornecido a Kiev desde o ano passado. Precisa de dois operadores, um para seu sistema de guiagem

[illegible]
Míssil antitanque portátil fornecido pelos britânicos. Só precisa de um soldado, sem guiagem de precisão

Tanques e blindados

T-72
Versão mais modernizada do clássico tanque T-72 soviético, a B3, com novos sistemas ópticos e proteção do casco e é usada pelos russos. Kiev emprega uma mais antiga. Canhão de 125 mm, com velocidade máxima de 70 km/h

T-80BVM
Versão mais moderna do tanque T-80, modelo posterior ao T-72. Especificações semelhantes, mas melhor desempenho. Não foram vistos em ação seus sucessores, versões do T-90

BMP-3
Principal blindado de apoio à infantaria, pode levar 7 soldados, além de 3 operadores. Com velocidade de 10 km/h na água, 45 km/h off-road e 70 km/h em asfalto

BTR-80
Blindado anfíbio de transporte de tropas, pode atingir 90 km/h no asfalto e transporta 10 militares, 3 deles operadores. A Ucrânia opera mais versões anteriores, a 60 e a 80

BRDM-2
Blindado de reconhecimento leve, com até 750 km de alcance operacional a até 100 km/h, armado com metralhadoras

GAZ Tigr
Utilitário 4x4 de uso múltiplo, armado com metralhadoras, com velocidade máxima de 140 km/h

Artilharia

[illegible]
Criado em 1963, é um dos lançadores múltiplos de foguetes mais usados no mundo. Lança barragens de mísseis de 122 mm, numa razão de dois tiros por segundo, até a 45 km
Alcance de tiro 45 km

Smerch
Lançador móvel múltiplo de foguetes pesado, calibre 300 mm
Alcance de tiro [illegible]

Uragan
Lançador múltiplo de foguetes. Pode rodar 500 km
Alcance de tiro [illegible] km

Msta
Obuseiro autopropulsado, é um grande canhão de 152 mm montado sobre o casco de um tanque T-80. Dispara até dez vezes por minuto
Alcance de tiro [illegible] km (... a munição propelida com foguete)

TOS-1
Lança foguetes termobáricos, as armas não nucleares mais destrutivas conhecidas. Dispara 30 projéteis por vez, atingindo alvos de 3,5 km a 6 km, dependendo da versão
Alcance de tiro [illegible] (dependendo da versão)

Sistemas antiaéreos

Osa
Sistema antiaéreo móvel com radar incorporado, para uso de baixa altitude (5 km), a depender do míssil empregado
Alcance de tiro [illegible] km

Strela-2M
Lançador de míssil antiaéreo infravermelho de baixa altitude portátil, pesa 15 kg carregado
Alcance de tiro [illegible] km

Tor-M
Sistema de defesa de média altitude (10 km), ainda não foi visto em ação dos dois lados. A Ucrânia tinha apenas [illegible] antes da guerra
Alcance de tiro [illegible] km

Stinger
Lançador de míssil portátil semelhante ao Strela, mas americano. Foi amplamente usado pelos mujahedin afegãos contra os soviéticos nos anos 1980

S-300
Sistema de defesa de longo alcance, a depender da versão pode atingir alvos a 200 km. Antes da guerra, Kiev tinha apenas alguns operacionais. Os russos também podem estar empregando os S-400, com alcance de até 400 km
Alcance de tiro De 200 a 400 km (dependendo da versão)

Aviões e drones

Su-27
Caça pesado russo. Não foi visto do lado de Moscou, e não se sabe quantos dos 34 que Kiev operava antes da guerra estão intactos ou em condições de voo

MiG-29
Caça leve russo. Assim como o Su-27, não foi visto na invasão, e o destino dos 37 que a Ucrânia tinha é incerto

Su-25
Avião de ataque ao solo, foi visto em algumas ações russas. Kiev tinha 31 deles antes do conflito

Su-34
Mais avançado caça-bombardeiro tático russo, amplamente testado na guerra civil síria. Foi visto em ações isoladas. Dispara armas inteligentes ou de queda livre

Bayraktar-TB2
Drone turco que opera usualmente a 5,5 km de altitude por até 27 horas e pode disparar mísseis guiados a laser ou bombas. A Ucrânia tinha encomendado 54 deles, não se sabe quantos estão operando

Mi-8
Helicóptero de transporte de tropas, usado por 67 operadores mundo afora. Leva até 24 pessoas e pode ser armado com mísseis e metralhadoras

Ka-52
Helicóptero de ataque russo. Foi usado nas operações no norte e no oeste do país, em apoio a missões de aerotransporte. Tem velocidade máxima de 315 km/h

Navios de guerra

Fragatas da classe Almirante Grigorovitch
A Frota do Mar Negro russa opera três desses navios, capazes de lançar mísseis Kalibr e até hipersônicos Tsirkon, não usados nesse conflito

Submarinos Kilo
Versão mais atualizada do famoso submarino de ataque diesel-elétrico. São usados no mar Negro para lançar mísseis Kalibr e torpedos

---

TODA MÍDIA

Nelson de Sá
nelson.sa@grupofolha.com.br

Big Tech 'toma partido' e agora aguarda o fim das ações antitruste

Muito antes de "fact-checking" se tornar uma estratégia de imagem do Facebook, já existia o Snopes, site americano criado nos primórdios da internet para derrubar lendas urbanas.

Duas semanas atrás, o Snopes resolveu questionar o "Fantasma de Kiev", a história de um aviador ucraniano que se espalhava em mídia social por vídeo, com centenas de milhões de visualizações no próprio Facebook, no YouTube, no Twitter e até mesmo no TikTok.

Mostrou que o vídeo era tirado de um game de simulação de combate. Mas as cenas continuaram viralizando, indo parar numa postagem do próprio governo ucraniano, no Twitter, e então aconteceu o mais revelador.

O Twitter se recusou a derrubá-las ou sequer acrescentar um alerta à publicação governamental.

Alex Stamos, que foi diretor no Facebook e hoje é acadêmico em Stanford, procurado pelo New York Times, disse que as empresas de mídia social "tomaram partido simplesmente". Citando outros exemplos, o jornal alertou então, de maneira geral:

"Isso deixa bastante evasiva a verdade por trás de algumas narrativas de guerra, mesmo que as contas oficiais e os meios de comunicação compartilhem."

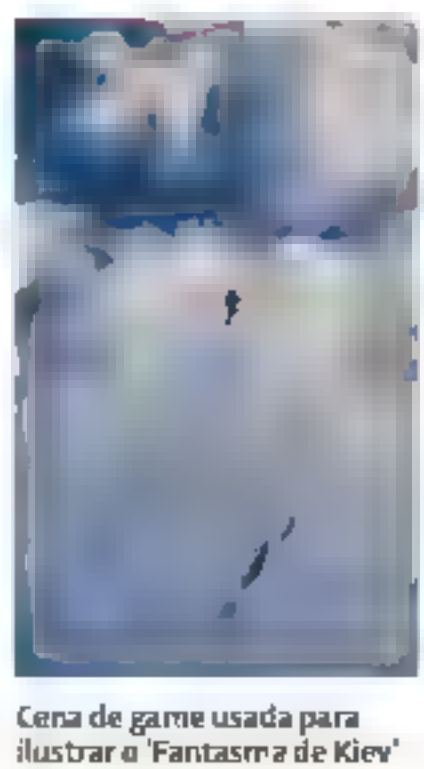
Em alguns casos, como as "dezenas de vídeos" de soldados russos capturados, eles "levantam perguntas sobre se a Ucrânia está violando as convenções de Genebra" com sustentação pelas plataformas mundo afora.

O extenso relato explica a cautela recente do próprio NYT com notícias e declarações saídas de Kiev, como o incêndio num prédio próximo à usina nuclear. Mas é o engajamento das plataformas que chama a atenção, pelo que projeta para o futuro — e não apenas das guerras.

Até chegar à censura do Facebook pelo governo russo na sexta (4), a escalada de censura de veículos russos pelo Facebook incluiu outros movimentos, como a liberação do neonazista batalhão Azov, que a própria plataforma havia banido em sua lista tornada pública.

Começando por Alphabet e Apple, cada uma das gigantes americanas fez sua parte no esforço de guerra. Agora, como publicou o Protocol, site de tecnologia do Politico, estão a um passo de derrubar um problema que enfrentavam com o governo.

"A guerra mudou o cálculo político em torno das ações antitruste." Big Tech e seus lobistas pressionavam contra, alegando que os Estados Unidos precisam de grandes e poderosas empresas de tecnologia para defender a segurança nacional".

Agora, mostraram que se dispõem a fazê-lo, quando instadas. E os dois projetos de lei, mais as esperadas intervenções da agência de telecomunicações, vão deixando de "ocupar o topo das agendas em Washington". Não que as ameaças jamais tenham sido levadas a sério.

Cena de game usada para ilustrar o 'Fantasma de Kiev'

Rússia censura cobertura da guerra e bloqueia redes sociais

Lei dá 15 anos de prisão por fake news na visão do governo; empresas param operação

Igor Gielow

SÃO PAULO A Rússia instaurou a censura militar na prática à imprensa operando no país. A Duma, Câmara baixa do Parlamento, aprovou nesta sexta-feira (4) uma lei que prevê até 15 anos de prisão a jornalistas que divulgarem o que o governo considerar fake news sobre a guerra na Ucrânia. Em seguida, foi sancionada pelo presidente Vladimir Putin.

Além disso, Facebook e Twitter foram bloqueados de vez no país, após dias de limitação de acesso por veicularem conteúdo antiguerra.

A rede britânica BBC, que teve o acesso a seu site restrito pelo governo russo devido à cobertura crítica do conflito, anunciou a suspensão de sua operação na Rússia. "A segurança do pessoal está acima de tudo, e não estamos preparados para expô-los ao risco de ação criminal só por fazerem o seu trabalho", disse o diretor-geral da rede, Tim Davie, em um comunicado.

A agência de notícias americana Bloomberg seguiu o mesmo caminho, e a emissora CNN Internacional disse que parou a transmissão no país. As redes ABC News, dos EUA, e CBC, do Canadá, suspenderam os trabalhos na Rússia.

Já o jornal independente Novaia Gazeta (novo jornal), editado pelo coganhador do Nobel da Paz de 2021 Dmitri Muratov, publicou nas redes que iria retirar todo o conteúdo relacionado à ação de Putin.

"A censura militar na Rússia evoluiu para a ameaça de processo criminal contra jornalistas e cidadãos que divulgam informações sobre as hostilidades que difiram dos comunicados de imprensa do Ministério da Defesa. Portanto, removeremos materiais sobre este tópico", afirma o texto.

Trata-se de uma situação inédita na era das notícias instantâneas e interconectadas em que vivemos, mas nem de longe incomum para um país em guerra. Todos os conflitos desde que a imprensa passou a cobri-los, a partir da Guerra da Crimeia perdida pelos russos em 1856, foram objeto de censura de governos.

Isso independentemente da coloração dos regimes que a aplicam. Com o estouro da Primeira Guerra Mundial, em 1914, alguém que por exemplo espalhasse as fake news da época poderia pegar até prisão perpétua no mais democrático Reino Unido, entre outras sanções, quanto na autocrática Alemanha imperial.

Na Segunda Guerra, uma das primeiras medidas após o ataque japonês a Pearl Harbor jogar os EUA no conflito em 1941, foi o estabelecimento do Escritório de Censura. Neste caso, contudo, a imprensa, de forma geral, regulou-se sozinha e em consonância com o governo, sem atritos que vemos agora na Rússia.

Os exemplos se espalham pelo mundo. A novidade em questão é que existe um resto de mídia crítica ao Kremlin na Rússia e que estamos em 2022, com uma geração de consumidores acostumados ao acesso ilimitado ao que desejam, seja de boa ou má qualidade, em seus celulares.

> A partir de amanhã [sábado], a lei vai forçar uma punição muito dura sobre aqueles que mentem e fazem declarações que desacreditam nossas Forças Armadas
>
> **Viacheslav Volodin**
> presidente da Duma (equivalente russa da Câmara dos Deputados)

Debate acadêmico à parte, a vida dos jornalistas russos está bastante complicada. A Folha voltou a falar com Ivan (nome fictício, a pedido), que trabalhou para veículos como a Novaia Gazeta. Há dois dias, ele dizia estar apavorado com a perspectiva de a lei ser aprovada. Agora afirma que vai deixar o país.

O torniquete vem sendo apertado ao longo das duas décadas de Putin. Em seu primeiro mandato (2000-04), tratou de controlar as poucas TVs abertas, maior fonte de informação do russo médio.

Dali em diante, foi restringindo o trabalho dos jornais, que foram abandonando linhas editoriais independentes ao longo dos anos. Mesmo a Novaia Gazeta só garantia a autonomia graças aos contatos de Muratov na elite putinista, que o tinham como verniz de liberdade intelectual.

A partir de 2012, após as primeiras grandes manifestações contra mais uma eleição de Putin, uma lei criou a figura do agente estrangeiro para identificar veículos, ONGs e pessoas com financiamento externo. Eles passaram a ser sujeitos a um regime draconiano de fiscalização que impediu muitos de trabalhar.

A guerra finalizou esse processo. Primeiro, o Kremlin determinou que a guerra deveria ser chamada apenas de "operação militar especial".

Nada de usar o seu nome, guerra, ou por variantes como invasão ou agressão, o que tirou do ar a tradicional rádio Eco de Moscou, que fechou depois as suas portas, e a TV Chuva, que suspendeu operações nesta semana.

Todos deverão voltar em encarnações virtuais fora da Rússia. Mas a degradação do acesso parece garantir que fiquem fora do "mainstream" do país ao menos durante o conflito.

"A partir de amanhã, a lei vai forçar uma punição muito dura sobre aqueles que mentem e fazem declarações que desacreditam nossas Forças Armadas", disse o presidente da Duma, Viacheslav Volodin. Além das fake news oficiais, também são proibidos comentários pedindo mais sanções à Rússia devido ao ataque iniciado no dia 24.

Ainda é incerto o impacto da decisão no movimento que se formava contra a guerra na Ucrânia, unindo celebridades e intelectuais russos.

Nas ruas, o ritmo segue o mesmo: os poucos que desafiam a proibição de atos sem autorização prévia acabam detidos, por algumas horas, pela polícia. Já foram, desde o começo do conflito, 8.237 pessoas, segundo a ONG OVD-Info, ela mesma já classificada como uma agente estrangeira na visão do Kremlin.

Cachorro em meio a blindados destruídos em Bucha, perto de Kiev Aris Messinis/AFP

Bombardeios deixam corpos nas ruas e casas queimando

GUARULHOS Itai Anghel, 53, já esteve em muitas zonas de guerra desde os anos 1990: das guerras civis da Croácia e da Bósnia, durante a desintegração da Iugoslávia, aos combates no Iraque e na Síria. Ele está agora em Kiev, capital da Ucrânia, alvo de uma invasão russa há mais de uma semana.

Jornalista israelense, diz que encontrou respeito à sua nacionalidade — experiência oposta à que teve em outros conflitos. Afirma, portanto, não ver qualquer sustentação para o argumento de Vladimir Putin de que o governo do país do Leste Europeu é neonazista.

Mas a boa experiência nesse aspecto não anula as cenas de sofrimento e violência que tem registrado colhendo material para o Canal 12 de Israel, um dos mais populares do país, e para um futuro documentário. A Folha, do hotel onde está hospedado, conta o que tem visto, em especial o cotidiano da pequena cidade de Irpin, perto de Kiev, ponto estratégico para chegar à capital.

Conta ainda como foi uma recente entrevista com o presidente Volodimir Zelenski, as críticas do líder ucraniano à falta de ajuda militar de Israel e a conversa que teve, por videochamada, com um ex-conselheiro de Putin.

Nunca acreditei que Putin faria isso. Até cogitei, em momentos, que poderia acontecer. Mas cheguei em Kiev há 12 dias, e todos estavam otimistas. Apostaria que Putin nunca invadiria, afinal, essa era uma tensão que acompanhávamos desde 2014.

No segundo dia aqui, pensei: "Não vai acontecer mais nada, talvez seja hora de pegar um voo de volta para casa". É incrível, porque normalmente tenho uma boa noção do que está por vir, mas meio que falhei desta vez. Tivemos dias iniciais muito bons em Kiev, e de repente tudo começou.

Há uma cidade, nos arredores de Kiev, chamada Irpin, que está em constante disputa. Tem uma ponte que serve de artéria para Kiev — se os russos a tomarem, terão caminho aberto para a capital. Então, os ucranianos explodiram a ponte. Pessoas cruzam esse trecho passando pela água gelada com a ajuda dos soldados.

Houve um bombardeio muito pesado ali, o dia mais perigoso que vimos. Vimos casas queimando, corpos nas ruas, casas destruídas. As pessoas ali ainda talvez não estejam vivas nas próximas horas. Vimos cachorros rodeando as casas procurando por seus donos.

Ainda não há invasão russa em Kiev, mas existem pequenos grupos de espiões russos que penetram na cidade. Então há muita desconfiança quando chega um estrangeiro. Consigo entender a população.

Um dia tentava usar minha câmera e fui ameaçado; chegaram a apontar uma Kalashnikov (ou AK-47, da época soviética) a um amigo brasileiro que estava comigo. Já estivemos no Iraque, em território do Estado Islâmico, enfrentamos situações muito perigosas, e ele talvez disse: "Foi a primeira vez que eu pensei que ia morrer".

A guerra se tornou real, ganhou escala, e a maioria dos jornalistas israelenses foi embora. Agora, as pessoas nos conhecem, abrem portas para nós.

Conheci um fotógrafo local e perguntei se tinha amigos preparando-se para defender a cidade. Fomos a um local onde os voluntários, só naquele dia, prepararam 500 coquetéis molotov. Na semana, milhares.

E não os entregam somente para os soldados, mas também para os vizinhos, que os guardam em casa, e também nos que estão em carros, para o caso de passarem por um tanque russo. Ontem, um soldado nos disse: "Vocês têm de ir ao palácio do governo em duas horas". Perguntamos o motivo, e ele disse que não poderia nos dizer, apenas que deveríamos estar lá. Nos colocaram num carro com vidros escuros e desembarcamos em um verdadeiro labirinto, com tudo muito escuro. E, então, uma porta se abre e há uma mensagem da parede: sala do presidente.

> Apostaria que Putin nunca invadiria, afinal essa era uma tensão que acompanhávamos desde 2014 [...] A guerra se tornou real, ganhou escala
>
> **Itai Anghel**
> jornalista israelense em Kiev

Com uma camiseta simples, Zelenski ria de si mesmo: "Estamos todos muito mal apresentados, não é? Parecendo que dormimos apenas três horas nas últimas semanas".

Perguntei de Israel, que tem as melhores tecnologias contra mísseis, se tentava obter ajuda, tecnologia militar. Ele agradeceu ao povo de Israel, por pessoas com a bandeira ucraniana rezando no Muro das Lamentações. Mas criticou o Estado, dizendo: "Israel e Ucrânia têm relacionamento muito bom, mas amizades, em tempos como este, são testadas, e Israel está falhando, não está nos ajudando em nada".

Conversei com um antigo conselheiro de Putin, que disse tê-lo aconselhado a invadir a Crimeia em 2014 e a seguir em frente na invasão. "Putin esperou oito anos, é um homem muito paciente", comentou. Muitos riram do que ele disse.

Depoimento a Mayara Paixão

UCRANOTAS

A premiê alemão, Putin nega bombardeio a cidades ucranianas
O presidente russo, Vladimir Putin, conversou por telefone com o premiê alemão, Olaf Scholz, nesta sexta-feira (4) e negou que o país esteja bombardeando cidades ucranianas, o que chamou de "propaganda grosseira". Ao contrário do que Putin diz, no entanto, uma série de áreas residenciais já foi bombardeada pelas tropas russas desde o início da guerra, na semana passada. Scholz pediu a Moscou que suspenda as ações militares imediatamente, disse um porta-voz do governo alemão, e que Putin permita o acesso à ajuda humanitária em áreas de combate.

Jornalista suspeito de espionagem para Rússia é preso na Polônia
Um espanhol identificado como jornalista foi preso na Polônia, perto da fronteira com a Ucrânia, suspeito de espionagem em nome dos serviços de inteligência militar russos, informou nesta sexta-feira (4) a agência de segurança polonesa ABW. O homem foi preso na madrugada de 28 de fevereiro e pode pegar dez anos de prisão na Polônia. De acordo com autoridades locais, ele exerceu suas atividades em Przemysl, na fronteira, e em Varsóvia, mas também em outros países. Ele tinha dois passaportes e dois cartões bancários russos, com dois nomes diferentes.

Marinha da Ucrânia afunda principal navio para impedir captura
A Marinha da Ucrânia afundou o seu principal navio de guerra nesta sexta-feira (4) para impedir a captura da embarcação pelas tropas russas em Mikolaiv. De acordo com o jornal Pravda da Ucrânia, a fragata Hetman Sahaidachni passava por consertos e não foi restaurada a tempo dos combates. Sua captura seria uma importante peça de propaganda para Moscou.

As incertezas dos 'regimes fortes'

Desafios domésticos contrastam com força de China e Rússia no cenário global

Jaime Spitzcovsky
Jornalista, foi correspondente da Folha em Moscou e Pequim

A trágica guerra da Ucrânia, segundo várias análises geopolíticas, evidencia um momento histórico da era pós-Guerra Fria modelado por perda relativa de poder dos EUA, enquanto se fortalecem Rússia e China. O diagnóstico, porém, precisa embutir um paradoxo: a assertividade crescente de Pequim e de Moscou no cenário global contrasta com avanço de desafios domésticos para os reinados de Vladimir Putin e de Xi Jinping.

São os dois lados de uma moeda: reformas e expansão econômicas permitiram à China e à Rússia, com mais intensidade no caso asiático, a ampliação de seus pesos no mapa internacional, processos acompanhados por transformações domésticas profundas, capazes de alimentar dúvidas sobre a longevidade dos projetos de poder instalados no Kremlin e em Zhongnanhai, sede do governo chinês.

Tais mudanças se evidenciam, por exemplo, no avanço da urbanização e na expansão de classes médias. Os antecessores de Vladimir Putin e de Xi Jinping, na União Soviética e na China maoísta, reinaram sobre cenários sociais distintos, nos quais se instalavam com mais facilidade regimes de mão pesada.

China e Rússia, em meio às mudanças impostas pela condição de "países emergentes", rótulo usado para descrevê-las no começo do século 21, recorreram ao nacionalismo como combustível ideológico para justificar novos rumos e para abandonar dogmas esmaecidos. Máquinas de propaganda pequinesa e moscovita passaram a despejar a retórica de missões históricas de seus regimes voltadas à "recuperação de glórias do passado".

Acompanhe a alteração no cardápio das ideologias, com o resgate de motes nacionalistas, o recrudescimento do autoritarismo dentro das fronteiras russa e chinesa. Enquanto o Kremlin sufoca organizações pró-direitos humanos, como a Memorial, cujo fechamento foi ordenado em dezembro passado, Zhongnanhai aperta o cerco contra ativistas pró-democracia em Hong Kong e reforça controles sobre a internet.

No caso de Xi, o regime é assombrado pelo binômio "mais tecnologia, mais classe média", reconhecido pelo governo como fórmula para a manutenção do crescimento. Mas, a essa equação, somam-se resultados de uma transformação gigantesca, evidenciados, por exemplo, nas cifras de urbanização.

Em meados dos anos 1980, cerca de 20% dos chineses viviam em cidades, índice, em 2020, a atingir 64%. Nos tempos iniciais da revolução iniciada em 1949, o PC do maoismo tinha mais desembaraço para implantar férreos mecanismos de controle social.

Putin, há mais de vinte anos no poder, também já verifica sinais de desafios no horizonte doméstico. Por exemplo, o Rússia Unida, partido de sustentação do regime, obteve 50% dos votos no ano passado em eleições parlamentares, contra 54% em 2016.

Pode parecer uma margem pequena, mas basta lembrar a desconfiança com que são recebidos os números divulgados pelo Kremlin. E, nas contas oficiais, uma participação de apenas 52% dos eleitores, evidente demonstração de indisposição de chancelar o processo de votação modelado pelo governo.

Apoiados na cartilha nacionalista, os regimes russo e chinês projetam cada vez mais assertividade no cenário internacional, mas, junto às demonstrações de autoconfiança, já brotam, atrás das muralhas do Kremlin e de Zhongnanhai, preocupações sobre como enfrentar mudanças domésticas e se manter no poder, em Moscou ou em Pequim.

SEG. Mathias Alencastro | QUI. Lucia Guimarães | SEX. Tatiana Prazeres | SAB. Jaime Spitzcovsky

Adriano Machado - 5.abr.19/Reuters

Yang Wanming, 58

Embaixador da China no Brasil desde o fim de 2018, já foi também embaixador na Argentina (2014-2018) e no Chile (2012-2014). Nascido em Pequim, tem mestrado em economia e doutorado em direito

Yang Wanming

China se preocupa com civis na Ucrânia, mas Otan contribui para crise

De saída do Brasil, embaixador que teve rixas com governo Bolsonaro diz que relação baseada no respeito corresponde ao interesse comum

ENTREVISTA

Patrícia Campos Mello

NOVA YORK O embaixador da China no Brasil, Yang Wanming, lamenta os danos causados a civis na Ucrânia e defende o respeito à soberania dos países, mas mantém a posição de Pequim de criticar a expansão da Otan e de apoiar a Rússia, que invadiu a Ucrânia e desencadeou a mais grave crise militar na Europa em décadas.

"A conjuntura de segurança no Leste Europeu foi alterada [com a expansão da Otan, a aliança militar ocidental]. Os países devem fazer uma reflexão sobre as causas da situação atual", disse à Folha por email o diplomata, que está deixando o país para assumir novas tarefas na China.

Após cinco rodadas consecutivas de expansão rumo ao leste pela Otan, a conjuntura de segurança no Leste Europeu foi alterada, e a situação está extremamente instável. Os países devem fazer uma reflexão sobre as causas da situação atual

Pequim se absteve em votações de resoluções condenando a invasão da Ucrânia no Conselho de Segurança e na Assembleia-Geral da ONU.

Durante três anos à frente da representação em Brasília, o embaixador viu as relações sino-brasileiras passarem por turbulências. O presidente Jair Bolsonaro (PL) e aliados desferiram ataques contra a China, e Yang entrou em mais de um bate-boca virtual com o deputado federal Eduardo Bolsonaro (União Brasil-SP).

O então chanceler Ernesto Araújo chegou a pedir a cabeça do diplomata — e foi ignorado. Com a troca de chefia no Itamaraty e a eleição de Joe Biden nos EUA, o esquadrão anti-China do governo federal se tornou mais discreto. Yang afirma: "O tempo e os fatos vão comprovando que uma relação sino-brasileira baseada no respeito mútuo corresponde ao interesse comum".

A guerra na Ucrânia já causou centenas de mortes de civis e militares. O sr. acha que a oposição da Rússia à ampliação da Otan justifica a invasão? A China está profundamente triste ao ver o conflito entre Ucrânia e Rússia e extremamente preocupada com os danos causados a civis. A China sempre defende o respeito à soberania e à integridade territorial de todos os países.

Ao mesmo tempo, a questão evoluiu num contexto histórico complexo. Após cinco rodadas consecutivas de expansão rumo ao leste pela Otan, a conjuntura de segurança no Leste Europeu foi alterada, e a situação está extremamente instável. Os países devem fazer uma reflexão sobre as causas da situação atual.

A China acredita que a segurança de um país não deve ser alcançada às custas de segurança de outros e que a segurança regional não pode ser alcançada pela expansão de blocos militares. A mentalidade da Guerra Fria deve ser descartada. A China pede que as partes mantenham a contenção necessária para evitar que a situação saia do controle. Em particular, devem ser evitadas as crises humanitárias em larga escala. A China apoia e encoraja todos os esforços diplomáticos que levem a uma resolução pacífica.

As relações entre Brasil e China estão melhores hoje do que três anos atrás? O Brasil, como potência em ascensão, merece respeito do mundo inteiro. Servir nesse país é motivo de orgulho para mim. Foram três anos de mudanças na conjuntura internacional. Uma pandemia inesperada pôs o mundo em um período de inquietação e transformações.

Nesse contexto, é gratificante ver que as relações sino-brasileiras se mostraram ainda mais maduras. Xi Jinping e Jair Bolsonaro trocaram visitas, diálogos bilaterais aconteceram em todas as esferas. Ficamos muito gratos com a preciosa solidariedade nos primeiros surtos da Covid-19.

Em retribuição, a China fez todo o possível para assegurar o fornecimento de vacinas e IFA [insumo farmacêutico ativo] quando o Brasil vivia os piores momentos da crise.

Tenho a convicção de que o tempo e os fatos vão comprovando que uma relação sino-brasileira baseada no respeito mútuo, na igualdade e na cooperação corresponde ao interesse comum de ambos os países e seus povos — e certamente renderá frutos ainda mais profícuos.

Em entrevista à Folha, o ex-chanceler Celso Amorim afirmou que, em um eventual novo governo Lula, a aproximação com a China seria "inevitável". Como vê essa declaração? O Brasil é independente e soberano. Os 48 anos de relações diplomáticas comprovam que China e Brasil são capazes de deixar de lado as diferenças ideológicas ou de sistema político para alcançar um progresso comum. A China sempre vê seu relacionamento com o Brasil a partir de uma perspectiva estratégica e de longo prazo. A política não muda por força de circunstâncias ou incidentes pontuais.

No leilão do 5G no Brasil, não houve restrições a operadoras que usam componentes da Huawei, apesar das pressões dos EUA. Mas faz parte do negócio uma construção de rede privada para o governo, sem uso de componentes da empresa. A China respeita a escolha soberana de parceiros 5G de todos os países. No entanto, opõe-se firmemente à supressão das empresas chinesas sem base factual imposta pelos EUA e à interferência grosseira dos EUA com o objetivo de servir seu interesse de conter o desenvolvimento da China às custas do interesse dos outros.

Autoridades anunciaram que a China vai aumentar em 40% sua produção doméstica de soja, com o objetivo de se tornar, eventualmente, autossuficiente. O Brasil exportou US$ 27,2 bilhões em soja e derivados para a China em 2021, quase 30% do total de exportações para o país. Com a meta chinesa, como fica o comércio bilateral? A China é o maior consumidor e importador de soja no mundo. Em 2021, a produção chinesa foi de 16,4 milhões de toneladas, mas o consumo estava acima da ordem de 100 milhões. Se considerarmos as terras aráveis, a demanda e a produção real, é impossível que os produtos nacionais supram todo o consumo. Pelo contrário, a importação tende a crescer continuamente, não haverá mudança significativa no quadro atual.

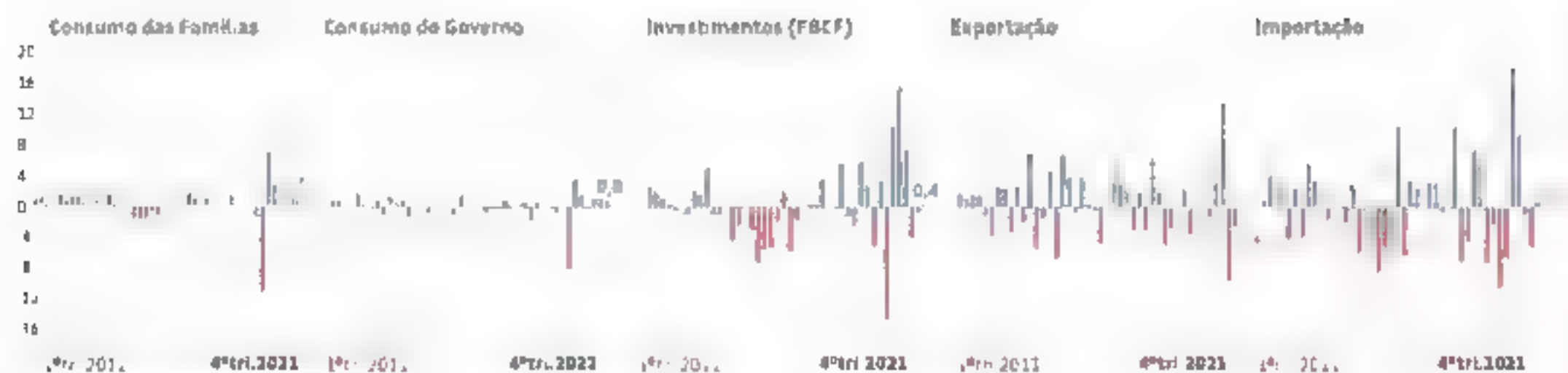
Como a China vê o aumento recorde do desmatamento no Brasil? Isso pode afetar o comércio? Notamos que o Brasil apresentou metas ambiciosas de redução de emissões e um plano de crescimento verde de acordo com suas condições nacionais. O governo chinês cumpre a obrigação legal de verificar se os produtos importados atendem aos padrões de segurança, higiene, saúde e proteção ambiental. Ao mesmo tempo, rejeita o abuso das chamadas barreiras verdes para medidas protecionistas.

Vários países fizeram um boicote diplomático das Olimpíadas de Inverno de Pequim em protesto contra violações de direitos humanos dos uigures. A nação não foi convidada para a Cúpula da Democracia realizada por Biden em 2021, que contou com mais de cem convidados, entre os quais Taiwan. A China é um regime democrático? Na China, é praticada uma democracia popular para todo o processo, por meio de eleições, consultas políticas, tomada de decisões, governança e supervisão, de maneira que a vontade da população seja refletida em todos os aspectos.

O mundo é multifacetado e ricamente matizado. No entanto, em narrativas de alguns países ocidentais, um partido que permanece no poder por muito tempo é considerado autoritário ou despótico mesmo que tenha levado o país a alcançar o milagre da estabilidade social duradoura e o crescimento econômico acelerado e que tenha conquistado amplo apoio da população.

Tal preconceito decorre ou de uma compreensão míope e distorcida da democracia e dos direitos humanos. A China respeita a soberania de cada nação em abrir sua própria via de desenvolvimento e democracia.

Comportamento do consumo e do investimento no 4º trimestre de 2021

Variação em relação ao trimestre anterior, em %

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

PIB volta ao nível pré-pandemia, mas reação é desigual e deve perder força

Economia cresce 4,6% em 2021; indústria e consumo se mantêm abaixo do patamar de 2019

Leonardo Vieceli e Eduardo Cucolo

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO Depois de amargar tombo histórico com a chegada da pandemia em 2020, o PIB brasileiro teve alta de 4,6% em 2021, retomando o patamar pré-coronavírus, apontam dados divulgados nesta sexta-feira (4) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A reação, contudo, ainda é desigual: nem todos os componentes do indicador completaram essa recuperação.

Pela ótica da oferta, nos quase dois anos de pandemia, destacaram-se os subsetores de serviços de informação e comunicação, quase 18% acima do quarto trimestre de 2019, antes da Covid, além da indústria de construção (8,4%) e os serviços de transportes (5,6%).

No cômputo geral, o PIB ficou em nível 0,5% superior ao do fim de 2019. À época, o indicador ainda tentava se desfazer das perdas geradas pela recessão de 2015 e 2016.

Na outra ponta dos segmentos, a dos que ficaram abaixo do patamar pré-pandemia, está a indústria de transformação, com contração de 3%.

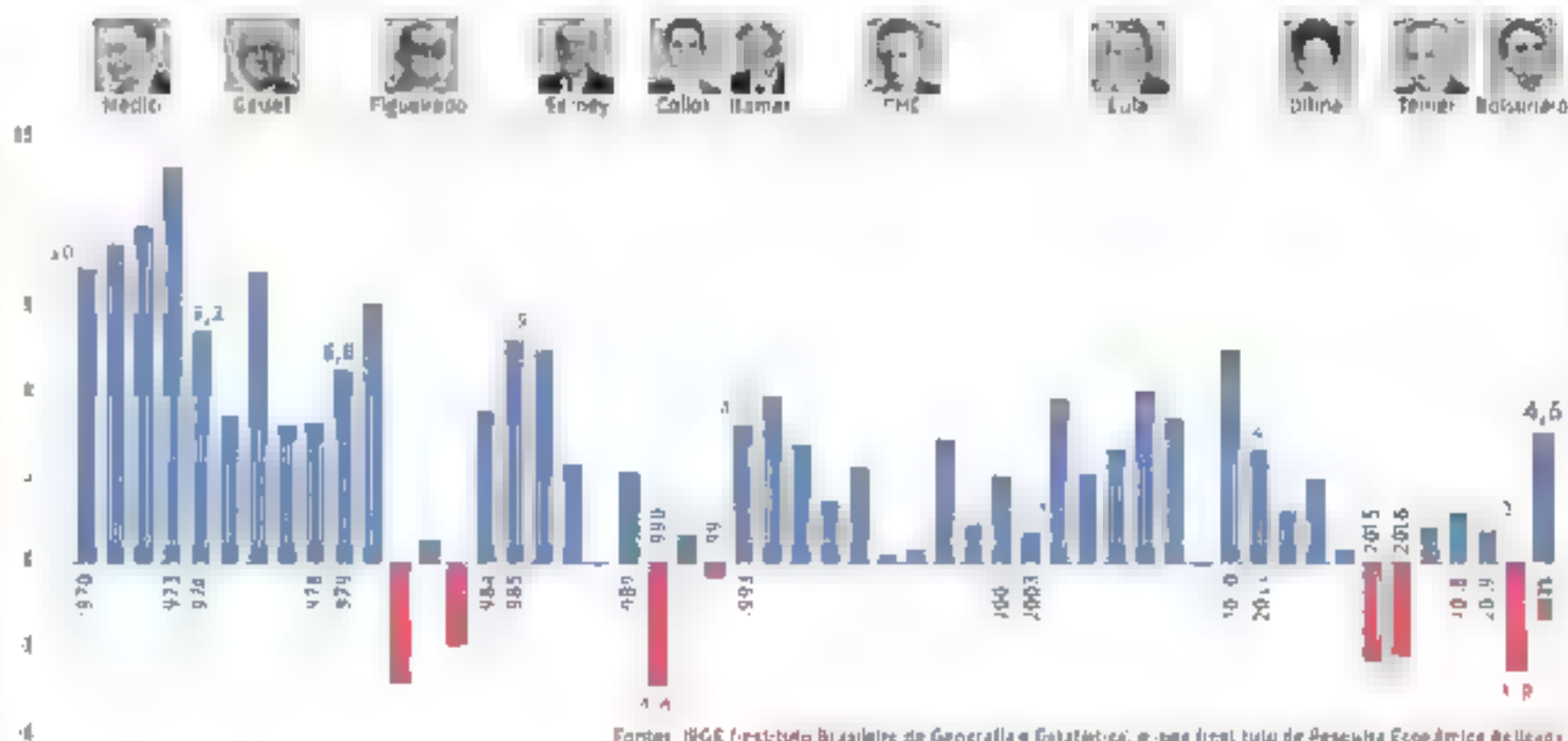
Estão 1,5% abaixo do nível pré-crise a administração pública, as indústrias extrativas e de eletricidade, água e esgoto, e as outras atividades de serviços, que reúnem aquelas que dependem de aglomerações e contato social (restaurantes e turismo, por exemplo).

Pelos componentes da demanda, o consumo das famílias, motor da economia, também não voltou ainda ao patamar de 2019.

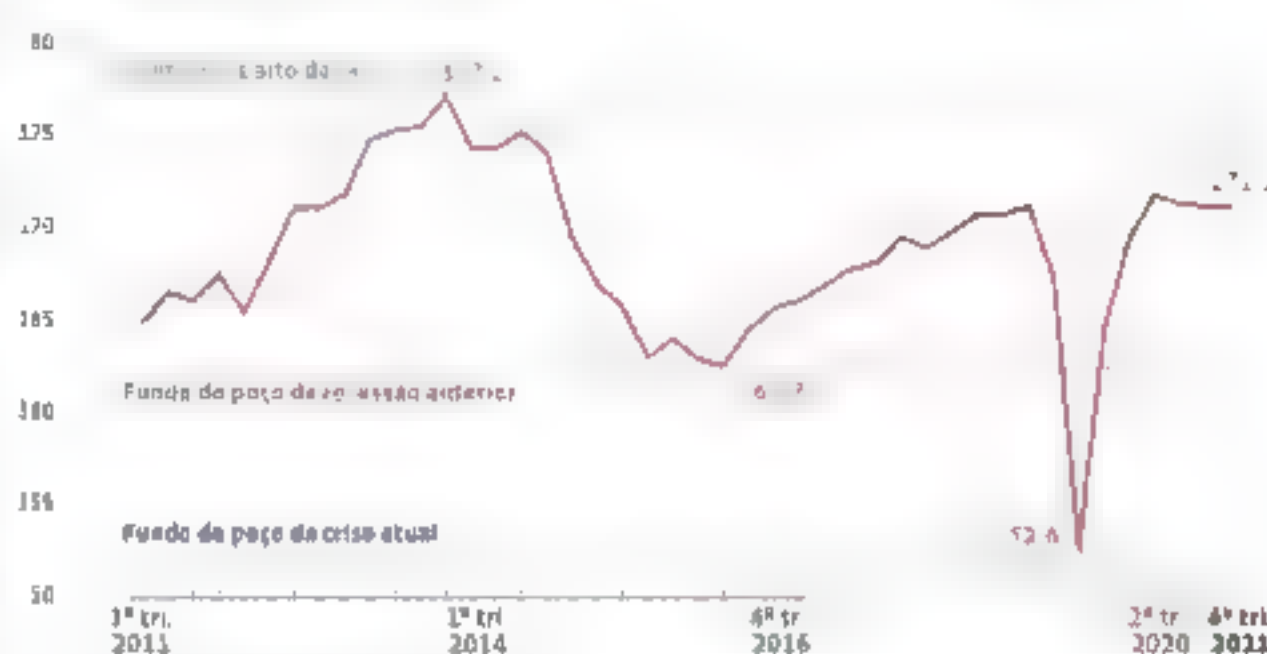
"Há uma recuperação heterogênea. Isso está relacionado com a pandemia, que provocou mudanças de hábitos", diz o economista Bruno Imaizumi, da LCA Consultores.

Entre os grandes setores pesquisados pelo lado da oferta, a alta de 4,6% do PIB foi acompanhada pelos avanços de 4,7% em serviços e de 4,5% na indústria, após as perdas de 4,3% e 3,4% em 2020, respectivamente.

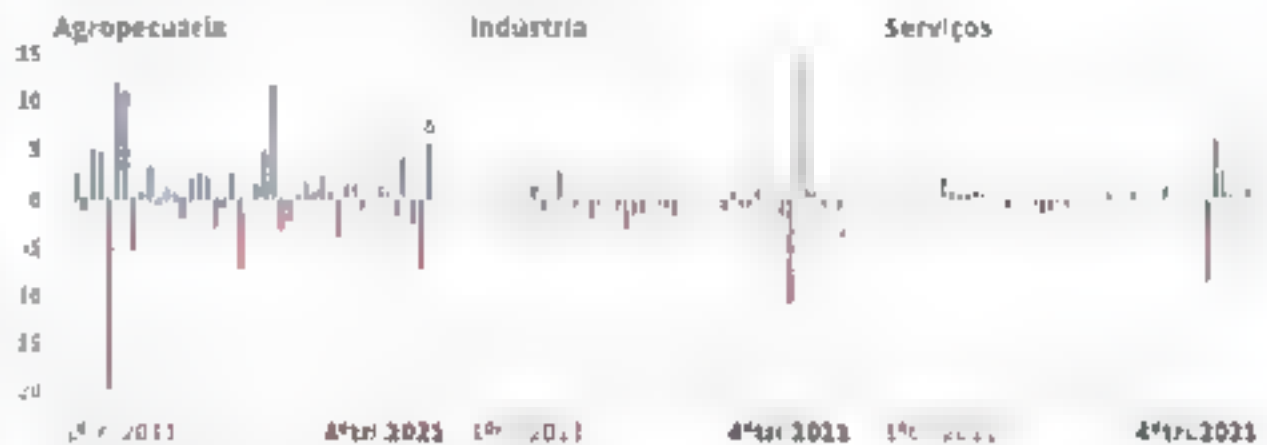
A agropecuária, que crescera 3,8% em 2020, recuou 0,2%, sob influência do clima adverso.

PIB do Brasil cresce 4,6% em 2021

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)

PIB ainda não completou recuperação após recessão de 2014-2016

Em número índice. Média de 1995 = 100

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Desempenho do PIB dos três setores no 4º trimestre de 2021

Variação em relação ao trimestre anterior, em %

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Pelo lado da demanda, houve crescimento de 17,2% nos investimentos produtivos na economia, medidos pela FBCF (Formação Bruta de Capital Fixo), após baixa de 0,5% no ano anterior. Já o consumo das famílias avançou 3,6% em 2021 após queda de 5,4% em 2020.

Em 2022, as previsões indicam perda de fôlego para o PIB, em um contexto de juros elevados, inflação persistente e possíveis impactos da guerra entre Rússia e Ucrânia.

Segundo economistas, a tendência é de estagnação no ano. Em outras palavras, a previsão é de PIB próximo de 0% no acumulado até dezembro.

A mediana das projeções do mercado sinaliza avanço de 0,30% em 2022, conforme a edição mais recente do boletim Focus, divulgada na quarta (2) pelo BC (Banco Central).

"O cenário para 2022 é de estagnação, com inflação ainda alta e renda baixa. A política monetária também deve pesar, desacelerando a atividade", diz o economista Luca Mercadante, da Rio Bravo Investimentos.

"Ainda é complicado falar dos efeitos da guerra, mas um dos possíveis reflexos é a redução do crescimento global."

O economista Lucas Maynard, do banco Santander, avalia que os serviços presenciais ainda têm espaço para crescer no Brasil ao longo do primeiro semestre, na esteira da reabertura de atividades.

"Os efeitos da reabertura não se encerraram em 2021."

Contudo, a partir da segunda metade deste ano, o quadro tende a ficar mais complicado para o PIB, em razão do impacto mais forte dos juros elevados, aponta Maynard. "A política monetária contracionista deve impactar, especialmente no segundo semestre."

Em boa medida, a alta de 4,6% do PIB em 2021 foi associada à base fragilizada de comparação com o ano inicial da pandemia e aos efeitos da reabertura da economia.

O resultado ficou próximo das expectativas do mercado financeiro. Analistas consultados pela agência Bloomberg projetavam alta de 4,5%.

"Boa parte do crescimento em 2021 se deve ao carrego estatístico. Além disso, houve impacto da reabertura. Esses foram os dois fatores principais", diz o economista-chefe do C6 Bank, Felipe Salles.

"Tivemos ainda o efeito positivo do forte crescimento da economia global", acrescenta.

A XP diz que dados de alta frequência para o PIB do primeiro trimestre de 2022 apontam para elevação de 0,4%, mas a avaliação é que a economia deverá perder força nos próximos trimestres, refletindo fatores como aperto da política monetária, níveis de renda deprimidos e elevação das incertezas no ambiente econômico global. Por isso, a projeção para o resultado do ano ainda é de estabilidade.

O crescimento de 4,6% é o maior desde 2010 (7,5%). O dado veio após queda de 3,9% em 2020, a mais intensa da série histórica do IBGE, com dados desde 1996.

"A distribuição desse crescimento foi desigual entre os setores e seus principais eixos consistiram em ramos de serviços, notadamente de informação e comunicação e de transporte, e na indústria de construção", comentou o Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial) em relatório.

O IBGE também informou que, no quarto trimestre do ano passado, o PIB avançou 0,5% ante os três meses imediatamente anteriores.

Nesse recorte, o resultado surpreendeu analistas, já que a mediana do mercado sinalizava elevação de 0,1%.

No quarto trimestre, entre os grandes setores, o destaque veio de serviços, com alta de 0,5%, segundo o IBGE. A agropecuária, com menos peso no PIB, subiu 5,8%. Já a indústria encolheu 1,2%.

Mesmo com o resultado positivo, o PIB ainda ficou 2,8% abaixo do pico da série histórica, registrado no primeiro trimestre de 2014.

Já o PIB per capita alcançou R$ 40.688 no ano passado, um avanço de 3,9%. O indicador, contudo, segue abaixo do pré-pandemia, segundo o IBGE.

O PIB per capita considera o valor da produção ou da renda dividido pela população.

"O bolo cresceu, mas a população cresceu também. Ele deveria ter sido um pouco maior para a distribuição ficar igual [ao que era em 2019]", disse a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

Leia mais sobre o PIB nas págs. A20 e A21

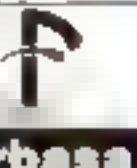
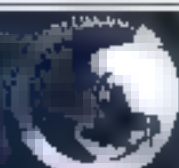
Variação de 4,6% é a média de um ano de extremos

ANÁLISE

Vivian Almeida
Economista e professora do Ibmec

Numa sinergia ocasional entre o "dito" início do ano brasileiro e o resultado do PIB divulgado nesta sexta (4) pelo IBGE, o aumento de 4,6% consolida uma variação positiva aos patamares pré-pandêmicos com esperanças de uma tempestade que passa, ao menos por aqui. A alta foi carregada pelos setores de serviços (4,7%) e indústria (4,5%). E à agropecuária coube o recuo de -0,2%.

A variação positiva carrega, por um lado, o otimismo da retomada a partir da expansão da cobertura vacinal, sobretudo no segundo semestre, mas se contrapõe com a trajetória errática dos primeiros meses de 2021. A piora do quadro epidemiológico no início do ano, a crise hídrica, as consequências da forçada desaceleração em 2020 e instabilidades internas colocam os 4,6% como resultado de uma média de extremos, em que os resultados positivos se acumulam no último trimestre, à exceção da indústria, que apresentou recuo de 1,2% nesse período, enquanto PIB, agropecuária e serviços aumentaram 0,5%, 5,8% e 0,5%, respectivamente, no quarto trimestre de 2021.

Preocupam, nesse sentido, a retomada pouco acelerada da indústria e os patamares ainda baixos de investimento se comparados há uma década, confirmando as preocupantes análises de produtividade que se associam a uma taxa ainda relativamente alta de desemprego. Impactando a renda dos brasileiros, já castigada pela alta da inflação que se mantém.

A permanência dos resultados positivos em 2022, ao mesmo tempo que traz a ideia de tempos menos turbulentos, é afetada pelas possíveis consequências do conflito entre Rússia e Ucrânia. Se a alta inflacionária já impacta o resultado econômico brasileiro desde 2020, a tensão entre os países afeta a distribuição de energia, o preço das commodities e, no limite, tem potencial de reduzir o PIB global, o que pode afetar assimetricamente países em desenvolvimento. Carro-chefe nas contas públicas brasileiras, é o setor externo o mais rápido e intensamente afetado pela reconfiguração econômica global.

Por outro lado, pela ótica fiscal, o preço do petróleo subindo e a inflação em alta acabam impactando positivamente as contas públicas, conferindo uma espécie de alívio. Como o "Carnaval não Carnaval" dos últimos dias, a sensação de alívio é entre insustentável e prejudicial a longo prazo, já que reconhecidos os efeitos deletérios da inflação à trajetória de crescimento e desenvolvimento.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Cenário de guerra

Até abril, a CNI deve revisar para baixo sua previsão de crescimento para o PIB por causa dos reflexos da guerra na Ucrânia sobre a inflação e a taxa de juros no Brasil em 2022. O foco de preocupação está no aumento dos preços de petróleo, energia e insumos. Mário Sérgio Telles, gerente-executivo da CNI, diz que o setor está atento ao desenrolar do conflito. "Até o fim de março e início de abril, nós vamos poder sentir os efeitos nos preços e medir a inflação", afirma Telles.

TRINCHEIRA Por ora, o avanço de 0,5% do PIB no quarto trimestre do ano passado em relação ao período anterior, divulgado pelo IBGE nesta sexta-feira (4), não altera a previsão da CNI para 2022, atualmente em 1,2%. Analistas calculam que o fôlego de reação do PIB tende a ser curto. Após a alta em 2021, o indicador deve desacelerar.

VITRINE A ACSP (associação comercial) prevê que em breve o reflexo da guerra na Ucrânia começará a impactar o comércio e pesar no bolso do consumidor brasileiro. Os gargalos no comércio internacional devem chegar à ponta do consumo com repasse no preço de peças de vestuário, calçados e cosméticos, pelo aumento dos custos logísticos.

SACOLA A expectativa da ACSP para o crescimento do comércio neste ano, que é de 1,6% na comparação com 2021, está mantida. Porém, a entidade já vislumbra desaceleração das vendas no varejo. A associação comercial afirma que o prolongamento do conflito pode levar à revisão das projeções de crescimento, que já são tímidas.

PAZ E AMOR O Procon-SP vai começar a trabalhar com a ajuda de conciliadores voluntários que vão atuar na composição de acordos entre consumidores e fornecedores realizando as audiências remotas ou presenciais. O órgão sorteou 60 pessoas dentre mais de 700 interessados que se candidataram para as vagas.

CARTÃO Segundo o Procon, eles terão uma ajuda de custo diária de R$ 190 para atuar até quatro dias por mês em oito audiências por jornada. Fernando Capez, diretor-executivo do Procon-SP, afirma que o órgão pretende melhorar as condições de remuneração.

AGENDA Os conciliadores receberão os documentos e devem começar a atuar nos trabalhos até o fim deste mês. A chegada dos voluntários deve permitir a realização de quase mil audiências por mês ante cerca de 200 atualmente. A conciliação tem potencial para reduzir a consequência de multas e conflitos entre consumidores e fornecedores.

CÂMBIO A Ford afirma que vai repassar integralmente para todos os veículos da marca no Brasil a redução de 25% no IPI determinada pelo governo na semana passada. O gesto é esperado das demais montadoras e de outros setores, que usaram o argumento do alívio na inflação para pressionar o governo pelo benefício.

MOTOR Mas a indústria, de modo geral, tem se queixado da dificuldade de recuperar no preço o aumento dos custos das commodities. Ainda não está claro qual será a capacidade e a disposição dos diferentes setores em se comprometer com o repasse do corte.

GARAGEM No setor automotivo, a expectativa é a de que o reflexo do corte no IPI tenha um impacto maior nos modelos mais caros, enquanto no segmento de entrada, os descontos devem ficar, em geral, abaixo de R$ 1.000, segundo analistas da área.

ENERGIA O conselho da Volkswagen aprovou nesta sexta (4) um investimento de 2 bilhões de euros na nova fábrica de carros elétricos que ficará perto de sua sede em Wolfsburg, na Alemanha. O início da construção está previsto para o primeiro semestre de 2023.

CORRENTE Segundo a montadora, a partir de 2026, a produção de seu modelo elétrico Trinity será neutra em carbono, com novos padrões em autonomia de condução. A Volkswagen projeta a nova fábrica para se tornar modelo para a unidade principal existente e todas as demais da empresa.

CAIXA ELETRÔNICO O C6 Bank planeja avançar neste ano na disputa por uma fatia no segmento de atacado para atender empresas com faturamento anual acima de R$ 50 milhões. Com 12 meses de operação, sua carteira ultrapassou R$ 1 bilhão, segundo o banco, que pretende dobrar o montante em 2022.

CALCULADORA O plano do C6 é crescer por meio da oferta de produtos demandados pelas empresas, como o câmbio. Outra frente para a expansão serão as linhas de crédito para exportação, que o banco lançou no fim do ano.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

A HORA DO CAFÉ Fabiane Langona

Eu não sou eles

CIFRAS & TECNOLOGIA

Criada para a Petrobras, linguagem de programação brasileira é febre mundial

Lua, desenvolvida pela PUC-RJ, foi usada na Nasa e em carros da Volvo antes de ser descoberta por jogos eletrônicos

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO Na tela, uma avó de longos cabelos grisalhos, shorts jeans e andador recebe as duas netas em casa. É uma senhora ranzinza e pouco convencional, que dança É o Tchan na sala, dirige um trailer e leva as crianças para a balada. O vídeo, recheado de efeitos sonoros que lembram programas de televisão vespertinos, tem mais de 1,4 milhão de visualizações no YouTube.

A peça foi feita em uma plataforma de jogos online chamada Roblox, um fenômeno de entretenimento e de mercado. Em 2021, protagonizou uma das maiores estreias na Bolsa do ano, quando foi avaliada em US$ 45 bilhões (R$ 230 bilhões). Os jogos da empresa fundada por um canadense e um americano são especialmente famosos entre crianças e, de alguma forma, se cruzam com a Petrobras e a PUC-Rio.

Parte da plataforma é feita em Lua, linguagem de programação de maior êxito desenvolvida fora do norte global. Ela foi criada no instituto de computação gráfica Tecgraf, da universidade carioca, pelos pesquisadores Roberto Ierusalimschy, Waldemar Celes e Luiz Henrique de Figueiredo. Sua primeira versão é de 1993.

No centro da colagem, Waldemar Celes, Roberto Ierusalimschy e Luiz Henrique de Figueiredo, criadores da linguagem Lua, que foi usada pela Nasa, pelo 'Angry Birds' e pela plataforma Roblox Carolina Daffara

Na época, eles desenvolviam um programa para a Petrobras traçar perfis de poços de petróleo, o que foi bem-sucedido. "Uma das aplicações foi usada por mais de dez anos", relembra Roberto. Parte do sucesso está relacionada a uma característica: ser de fácil compreensão ao usuário final.

"A ideia é que as pessoas possam resolver sozinhas os seus problemas e não precisem contatar os programadores, pedir a resolução e esperar duas semanas pela resposta", diz o pesquisador.

Em uma comparação, é como se Lua estivesse mais próxima do usuário, enquanto a C, por exemplo, complexa linguagem criada em 1972, estivesse mais próxima do hardware. Mesmo quando colocada ao lado da linguagem Python, conhecida pela simplicidade, Lua se destaca. A brasileira sustenta 21 palavras-chave —aquelas reservadas para formar os comandos no código—, e a Python tem 33.

Essas características limitam a sua atuação, mas a tornam a alternativa ideal para quem quer autonomia, objetivo dos pesquisadores. Até hoje há produtos feitos com a Lua para a Petrobras, mas não só para ela.

"Angry Birds", jogo de pássaros contra porcos que foi febre nos celulares no início da década passada, também usa Lua, assim como o jogo de estratégia "World of Warcraft". Até a Nasa já a utilizou.

"Ser leve, portátil e de fácil integração com outras linguagens era desde o início a nossa intenção. Agora, que isso seria exatamente o que o pessoal de jogos precisava foi mirar em uma coisa e acertar em outra. Eles nos descobriram", diz Roberto.

> Ser leve, portátil e de fácil integração com outras linguagens era desde o início a nossa intenção. Agora, que isso seria exatamente o que o pessoal de jogos precisava foi mirar em uma coisa e acertar em outra. Eles nos descobriram
>
> **Roberto Ierusalimschy**
> desenvolvedor da linguagem Lua, usada na plataforma Roblox e nos jogos 'Angry Birds' e 'World of Warcraft'

Roblox é um dos exemplos mais famosos atualmente. Segundo dados do balanço da empresa do final do ano passado, foram 45,5 milhões de usuários ativos por dia em 2021 —aumento de 40% em relação a 2020. Eles passaram 41,4 bilhões de horas na plataforma, o que resultou em uma receita de quase US$ 1,9 bilhão.

Nicolly Martins Ferreira, 12, é responsável por algumas dessas horas. É dela e de suas primas a autoria do vídeo com mais de 1 milhão de views descrito no início do texto.

Os jogos do Roblox foram os primeiros mais elaborados com que ela teve contato —antes, passava o tempo com o Pou, bichinho virtual atualizado para a era da internet.

Ainda assim, era pouco complexo para seu pai, Leonardo Ferreira. "Quando ela começou a jogar Roblox eu até brincava: 'Nick, pelo amor de Deus, se você quiser jogar no meu PlayStation 3 ali, você pode jogar'", diz. "Eu achava um joguinho muito estranho, quadradinho."

Ele se refere aos desenhos do jogo, que podem ser chamados de rudimentares quando comparados com os realistas gráficos dos atuais games. As árvores são quadradas e para entrar em um carro, por exemplo, as portas não são abertas —o avatar simplesmente passa pelo que seria a lataria, como um fantasma.

Nicolly, ou Nick, como consta no seu canal no YouTube de 460 mil inscritos, não se importa. "Não pesa tanto e dá para jogar no celular", diz.

Para ela, o jogo do momento na plataforma é o "Brookhaven", que simula a vida de um personagem e é parecido com o The Sims. "Tem que trabalhar, tomar banho, pagar conta", explica. "É como se fosse a vida real, se você não trabalha, você não tem dinheiro."

Nele é possível tirar fotos, guardar itens em uma mochila, jogar em um tablet e dirigir, por exemplo. Também dá para fazer coisas fantásticas, como estourar bombas sem destruir nada e criar uma piscina em segundos, como ela e suas duas primas fizeram no vídeo.

A plataforma foi finalizada em Lua para dar liberdade aos usuários que quiserem criar os seus próprios jogos ou manipular os existentes.

"O Roblox ensina as crianças a programar", diz Waldemar, um dos criadores da linguagem. Quem entendeu isso foi a startup indiana Byju's Future School, que chegou ao Brasil no meio de 2021. Ela ensina crianças e adolescentes de 6 a 15 anos a programar com a plataforma de games.

"É muito bom saber que crianças de 10, 11 anos aprendem a programar em Lua. É naquele universo do jogo deles, mas elas aprendem a essência da programação", diz ele.

Além de tornar a linguagem palatável para crianças e iniciantes, a simplicidade da Lua é um trunfo para esse mundo em que há pequenos computadores em nossas cortinas, pulsos e geladeiras.

"A gente brinca, mas é real. Ela roda dentro de forno de micro-ondas, TVs, impressoras, teclados. Existem exemplos comerciais de todos esses produtos", diz Roberto.

A Volvo Cars, por exemplo, usou a linguagem durante anos em seu computador de bordo. "Não é pesquisa por pesquisa, é pesquisa transformada em um produto tecnológico mundialmente usado", diz Luiz Henrique.

Na internet das coisas, ou IOT, nome dado à tendência de interconexão de objetos cotidianos, a Lua tem competidores. O programador Vinicius Zein, por exemplo, esperava que a linguagem fosse mais rodada em sistemas de baixa capacidade. Ele é especialista em sistemas embarcados e já usou a Lua para programar em um telefone corporativo. "Se fosse para a Lua ocupar o lugar de protagonista, acho que já deveria ter ocupado."

RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO RESUMIDO

Renda per capita e consumo das famílias ficam para trás na retomada

Ao levar em conta o tamanho da população, ainda há retrocesso ante o ano anterior à pandemia

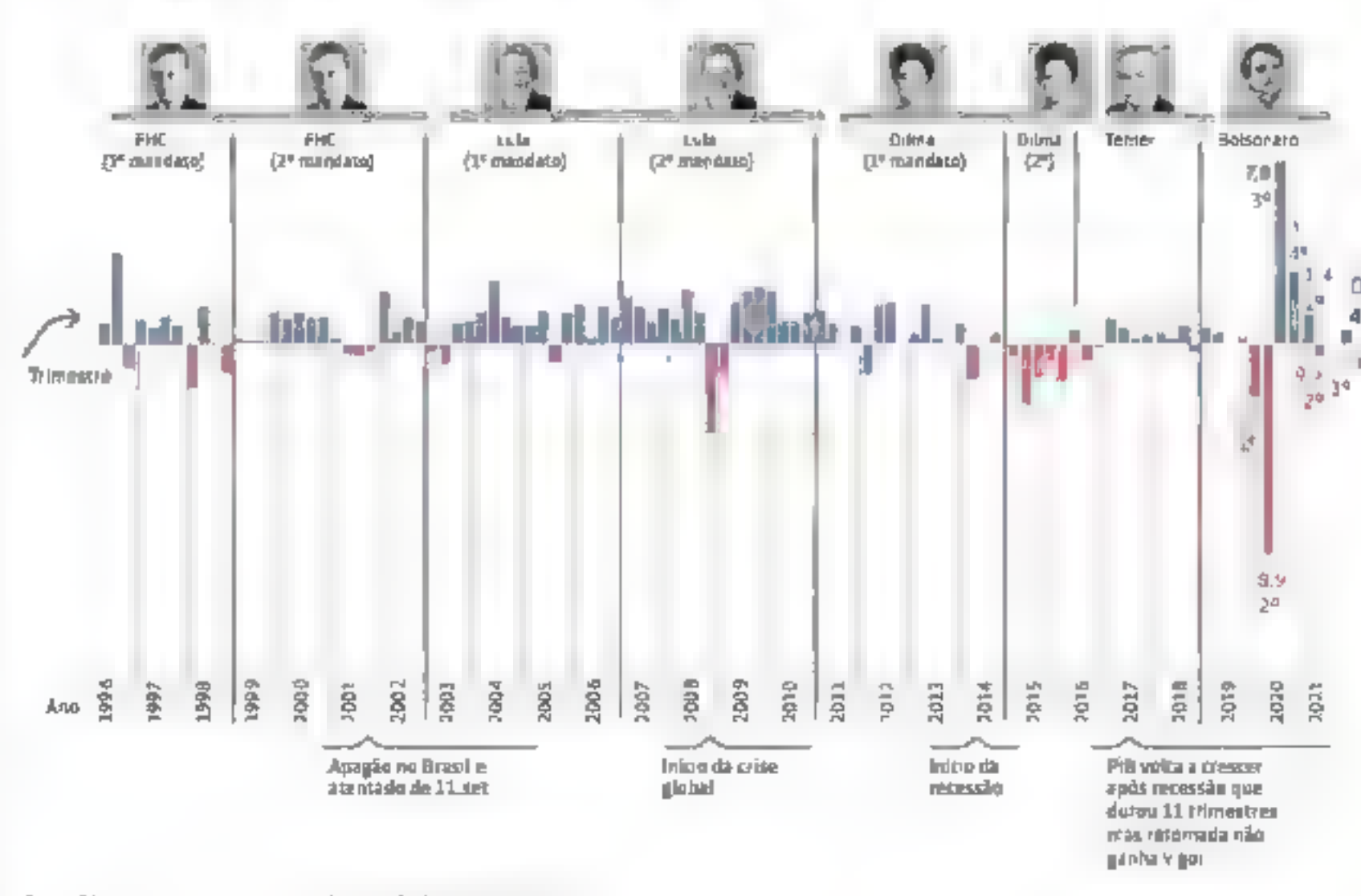
ANÁLISE

Vinicius Torres Freire

SÃO PAULO A economia brasileira recuperou o que perdeu em 2020, ano da recessão da epidemia. Quer dizer, o tamanho da produção ou da renda, do PIB (Produto Interno Bruto), é um pouco maior do que em 2019, 0,56%, para ser preciso. Mas, quando se leva em consideração o tamanho da população, que aumentou, ainda há retrocesso em relação ao ano anterior ao da explosão da Covid.

Isso quer dizer que a renda (PIB) per capita é menor do que em 2019. Pior ainda, o nível de consumo das famílias retrocedeu bem mais — ainda está em um nível similar ao de 2018, que já era ruim. É um dos motivos do mal-estar social piorado — ou melhor, uma explicação em números desse mal-estar.

Desempenho do PIB no 4º trimestre de 2021

Variação do PIB em relação ao trimestre anterior, em %

Fonte: Série histórica com nova metodologia do IBGE, iniciada em 1996

Essa tristeza já era sentida na carne pela maioria dos brasileiros e já estava insinuado nas estatísticas de salários. A massa de rendimentos do trabalho caiu de 2020 para 2021. Os trabalhos que aparecem são na maioria ruins, inseguros, precários e pagam pouco. A alta da inflação fez o resto do serviço, comendo poder de compra.

As projeções para este ano não são melhores. Segundo os economistas do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco, a massa salarial deve cair mais 1%. A taxa de inflação será ainda muito alta até meados do ano (de 9% ao ano). o número de pessoas empregadas vai crescer pouco, e os salários, na média, devem cair mais de 1%.

O crescimento do PIB deve ser lento por causa da alta forte das taxas de juros, incertezas por causa da eleição e, agora, por causa dos efeitos da guerra na Ucrânia.

Nesse ambiente de insegurança, de falta de perspectiva, de juros altos, as empresas devem jogar na retranca, suspendendo investimentos, que foram a fonte de crescimento de 2021.

De positivo, o preço das mercadorias que o Brasil exporta, commodities (cerca de 70% das vendas), está em alta: governos dos estados vão gastar mais (com mais investimento e reajuste de salários de funcionários); o governo cortou imposto sobre a indústria, talvez faça mais algum favor fiscal (subsídio para combustíveis ou outro, com aumento de dívida.

O pessoal do Bradesco, até otimista, na média, prevê alta de 0,5% do PIB neste 2022. Na média das previsões privadas compiladas pelo Banco Central (no Focus), a previsão é de alta de 0,3% do PIB. É praticamente nada, em termos per capita, outro retrocesso. O PIB per capita em 2021 ainda era cerca de 7,7% menor que o de 2013, último ano antes da série de desastres.

Se o consumo das famílias não acompanhou o PIB, de onde veio esse crescimento de 2021?

De investimento, a despesa em novas instalações produtivas, casas, máquinas, equipamentos, softwares. A taxa de investimento em 2021 foi a maior desde 2014, antes do desastre recessivo (taxa de investimento: quanto do PIB foi destinado a aumentar a capacidade produtiva). No entanto, esse número parece um pouco inflado por tecnicalidades estatísticas. Ainda assim, não foi fraco.

O PIB cresceu 4,6% em 2021 (caíra 3,9% em 2020). No último trimestre do ano passado, aumentou 0,5% em relação ao trimestre anterior (julho a setembro). Foi até melhor que o esperado e interrompeu dois trimestres seguidos de queda. Mas não é, obviamente, grande coisa (é uma coisinha).

Se, até o final de 2022, a economia continuar produzindo no mesmo ritmo do final de 2021, o PIB será uns 0,3% maior (isto é, o crescimento de 2022 será de 0,3% se não houver crescimento de um trimestre para outro em 2022). Levando em consideração um crescimento de 0,7% da população, quer dizer que por cabeça, na média, vamos empobrecer de novo ou, na prática, ficar mais ou menos na mesma.

É preciso também lembrar que a economia, o PIB, recuperou só o que perdeu em 2020 e mais um tico. Não recuperou o que deixou de crescer no biênio 2020-21. Isto é, o que teria crescido nestes dois anos se mantida a tendência recente.

Como saber "o que teria crescido"? É uma espécie de chute razoável, um chute informado. Depois da grande recessão de 2015-2016, a economia crescia cerca de 1,5% ao ano até a epidemia. Era pouco, mas bem melhor do que mais uma recessão horrível. Em suma, o saldo da queda de 2020 e da recuperação de 2021 ainda é negativo — o PIB poderia estar pelo menos 2,5% maior do que era em 2019.

Caso o PIB passe a crescer 2,5% ao ano a partir de 2023, apenas em 2027 a renda per capita voltaria ao nível de 2013. É um desastre inédito na história da República. Para que seja atenuado, seria preciso haver mudanças muito profundas e rápidas na economia brasileira. A disposição para tal revolução não parece à vista.

Projeções foram de 3% a 5,3% ao longo do ano, sob reflexo da Covid

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO As projeções para o crescimento da economia brasileira no segundo ano da pandemia variaram de 3% a 5,3% ao longo de 2021. O PIB avançou 4,6%.

Os números do mercado não são muito diferentes das projeções do Ministério da Economia, que foram de 3,2% a 5,3%. As do Banco Central, de 3,8% a 4,7%.

O mais recente relatório Focus, do BC, apontou crescimento de 4,5%.

No início do ano passado, economistas consultados no Focus projetavam crescimento de 3,5% para 2021.

Esse número foi sendo reduzido até abril, quando chegou ao patamar mais baixo do ano diante de uma piora na crise sanitária que provocou novas restrições de circulação.

A chamada segunda onda, no entanto, teve impacto maior do ponto de vista da saúde, mas menor na economia. Com isso, as previsões para o PIB do ano começaram a melhorar e chegaram ao ponto mais alto em agosto.

Quando ficou claro que a economia havia parado de crescer e que a inflação em alta demandaria mais aumentos de juros, elas voltaram a piorar.

Além disso, o governo federal e o Congresso decidiram romper o teto de gastos para aumentar despesas.

Para 2022, as projeções no começo do ano passado estavam em 2,5% de crescimento. Desde março estão sendo reduzidas e se encontram atualmente em 0,3%.

Erros de projeção se tornaram mais frequentes durante a pandemia. A crise sanitária provocou gargalos de fornecimento, alterações de preços de insumos e mudanças nas cestas e nos padrões de consumo. Essas mudanças colocam em xeque os modelos de projeções utilizados por economistas e autoridades públicas. **Eduardo Cucolo e Leonardo Vieceli**

Projeção para 2022 tem leve melhora, sob ameaça da guerra

Analistas revisam estimativas após dados do 4º tri, mas cenário é de estagnação

Eduardo Cucolo e Leonardo Vieceli

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO A economia brasileira voltou aos níveis pré-pandemia depois de avançar 4,6% em 2021. O desempenho desde o início da crise sanitária mostra, no entanto, um país que praticamente não saiu do lugar e continua crescendo abaixo da média mundial.

A expectativa para 2022 é de um resultado para o PIB (Produto Interno Bruto) ainda fraco, com a maioria das projeções variando de -0,5% a +0,5%, embora o dado mais positivo no final do ano passado tenha levado a uma revisão para cima nos números.

Esse cenário pode se agravar a depender da duração e dos impactos econômicos da guerra na Ucrânia. Uma solução rápida para o conflito, no entanto, ainda é o cenário da maioria dos analistas.

Rafaela Vitoria, economista-chefe do banco Inter, afirma que a sua projeção de crescimento de 0,2% para 2022 pode ser revisada para algo mais próximo de 0,5%, considerando que o resultado de 2021 veio melhor que o esperado e deixa uma herança estatística positiva de 0,3% para este ano.

Ela diz que o investimento pode ser novamente a surpresa positiva do PIB neste ano, depois do crescimento de 17,2% em 2021, mesmo em um cenário de aperto monetário, eleições e outras incertezas. O consumo, no entanto, deve se retrair.

"A gente vai ter um crescimento baixo neste ano. A inflação e os juros altos ainda vão prejudicar o consumo. Pelo lado das famílias, a sensação térmica vai ser de um PIB fraco, mesmo que a gente tenha um número positivo", afirmou a economista.

Vitoria afirma que a recuperação dos serviços também deixa uma perspectiva um pouco melhor para este ano, destacando que no segundo semestre de 2020 o PIB voltou a crescer, mas o emprego não reagiu. E que em boa parte de 2021 ocorreu o contrário, contração da economia no segundo e terceiro trimestres, mas com recuperação do emprego.

"Esses setores têm capacidade para crescer neste ano, então a gente ainda pode ver geração de emprego, mas a inflação vem reduzindo o poder de compra das famílias. Por isso, a gente não vai ver um estímulo muito positivo para o consumo. Se tiver alguma surpresa positiva, vai vir de novo do investimento e do setor externo. O consumo tende a ter queda."

O economista do Itaú Luka Barbosa afirma que o dado do quarto trimestre veio acima da projeção de crescimento de 0,1% do banco, com uma surpresa positiva espalhada por todos os setores, principalmente na agropecuária.

O banco deve rever a projeção de queda de 0,5% do PIB neste ano, pois tinha uma expectativa de carrego estatístico de -0,1% para 2022, o que acabou ficando em +0,3%.

Ele diz que a economia brasileira responde, principalmente, a três fundamentos: preços de commodities, medidas fiscais e juros.

"A política monetária é claramente contracionista, e isso prejudica a atividade neste ano, mas os outros dois fundamentos trazem algum efeito expansionista para o PIB do Brasil."

O Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da FGV), que projetava exatamente crescimento de 4,6% no ano e 0,5% no trimestre, espera uma expansão de 0,6% em 2022.

Armando Castelar, pesquisador associado do instituto, destaca o crescimento acima de 17% do investimento no ano passado, também antecipado pelo Ibre, com uma expansão de quase 30% no segmento de máquinas e equipamentos.

Ele lembra que os números ainda não voltaram ao patamar recorde de 2013 e vê desafios para que haja uma nova expansão em 2022 diante dos juros mais elevados. Pondera, no entanto, que os estados têm caixa para aumentar investimentos no ano eleitoral, dada a boa arrecadação do ano passado. Os impostos sobre produtos cresceram 6,4% no ano passado, com peso de 50% do ICMS estadual.

Gustavo Cruz, estrategista da RB Investimentos, afirma que a retomada dos segmentos de serviços mais afetados pela pandemia deve continuar em 2022 e que isso, com um bom desempenho da agropecuária, pode puxar o PIB para um resultado positivo.

"A gente tem um cenário de 0,5% de crescimento, mas esse PIB, embora traga um carrego estatístico pequeno, dá alguns sinais de possibilidade de um crescimento mais próximo de 1%."

Até a semana passada, a mediana das projeções de mercado para o PIB de 2022 eram de um crescimento de 0,3%, em um ambiente de inflação ainda acima da meta e de juros elevados.

Reportagem da Folha de dezembro mostrou que a economia brasileira deve completar pelo menos 16 anos de crescimento abaixo da média mundial, período que teve início no governo Dilma Rousseff, em 2011, e pode se estender até o final do próximo mandato presidencial, em 2026.

PIB de vários países em 2021

Variação do PIB em relação ao ano anterior, em %

Fonte: OCDE Data

PIB de vários países durante a pandemia

Crescimento do PIB desde o 4º trimestre de 2019, em %

Fonte: OCDE Data

Brasil cresce menos que a média mundial

Levantamento com 29 países que já divulgaram dados para o PIB (Produto Interno Bruto) de 2021 mostra que o crescimento médio dessas economias foi de 5,4%, segundo dados disponibilizados pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Considerando esse grupo, a alta de 4,6% do PIB do Brasil coloca o país abaixo da média e em 18º lugar, empatado com Canadá e Portugal. Turquia, Colômbia e China encabeçam a lista, enquanto Alemanha e Japão estão nas últimas posições. O PIB do Brasil está 0,5% acima do quarto trimestre de 2019, período pré-pandemia, mas continua 2,8% abaixo do ponto mais alto da atividade econômica na série histórica, alcançado no primeiro trimestre de 2014. O número reflete a forte recuperação verificada no segundo ano da pandemia, depois da queda registrada em 2020. A projeção mais recente do FMI (Fundo Monetário Internacional) aponta crescimento de 5,9% da economia mundial no ano passado, depois da queda de 3,1% registrada um ano antes. Olhando os anos de 2020 e 2021 em conjunto, 23 de 33 economias com dados disponíveis no sistema da OCDE voltaram ao patamar anterior à pandemia no último trimestre de 2019. Na média, todos esses países avançaram cerca de 2% nesses dois anos. Ou seja, fizeram pouco mais do que zerar as perdas. Outro levantamento, da agência de classificação de risco Austin Rating, aponta que o Brasil perdeu uma posição no ranking das maiores economias do mundo, caindo do 12º para o 13º lugar. O estudo leva em conta o PIB dos países medido em valores correntes, em dólares. No ano passado, o indicador brasileiro foi estimado em US$ 1,608 trilhão. Segundo o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, a desvalorização pesou para a perda de posição.

No conflito, investidor vê Brasil como porto seguro, afirma assessor de Guedes

Fábio Pupo

BRASÍLIA O Ministério da Economia afirmou nesta sexta-feira (4) que a guerra na Ucrânia fará recursos globais migrarem de determinadas regiões para onde há mais proteção. Por isso, a pasta defende que esse é o momento de o Brasil se mostrar um porto seguro para investimentos internacionais.

Adolfo Sachsida, chefe da Assessoria Especial de Assuntos Estratégicos do Ministério da Economia, afirmou que o Brasil deve apresentar aos detentores de capital neste momento fatores de atração como o avanço na agenda de reformas, privatizações e concessões.

"Conflitos e guerras não são benéficos a ninguém, mas há fatores que podemos controlar e outros que não podemos", disse. "O que está no controle do governo brasileiro é, dado o cenário internacional, mostrar que o Brasil é um porto seguro para investimentos", afirmou.

O ministério considera que, para esse objetivo ser alcançado, é fundamental aprovar o PL (projeto de lei) do Novo Marco de Garantias, a MP (medida provisória) de registros públicos e o PL de debêntures incentivadas. Além disso, obter a aprovação legislativa para a privatização dos Correios e privatizar a Eletrobras ainda no primeiro semestre.

Sachsida diz que o posicionamento do Brasil, contrário à guerra e alinhado a países democráticos, também é uma medida que favorece.

"Por exemplo, alguns países se abstiveram de votar na ONU. O Brasil não se absteve. Por três vezes votamos com democracias ocidentais. Isso mostra que a diplomacia brasileira está alinhada com as democracias", disse.

O movimento nos fluxos globais de investimento está sendo monitorado também pelo mercado. A empresa provedora de índices globais de ações MSCI anunciou na quarta (2) que o mercado russo deixará de fazer parte dos índices de referência dedicados aos emergentes e, segundo o Itaú BBA, a decisão pode resultar em e R$ 7 bilhões de recursos externos para o Brasil.

Os comentários de Sachsida foram feitos durante entrevista sobre o resultado do PIB de 2021. O Ministério da Economia comemorou o crescimento de 4,6% do ano passado, mas afirmou ser necessário monitorar agora o que chamou de cenário internacional adverso.

"Os dados confirmam a recuperação em V tal como constantemente alertado pelo ministro Paulo Guedes [Economia]. Isso mostra, uma vez mais, o acerto da nossa política econômica nesse período", afirmou Sachsida.

Um dos principais efeitos da guerra é o aumento do preço do petróleo e uma pressão ainda maior sobre a inflação. Isso tem acelerado a busca da classe política brasileira por medidas para conter preços sobre combustíveis.

Conforme mostrou a **Folha** na semana passada, a equipe econômica teme que a guerra gere pressão por "medidas heroicas" para segurar os preços — mas que na prática não funcionam. Nesta semana, a coluna Mônica Bergamo informou que ministros aumentaram a pressão para que Guedes acelere medidas que possam conter os valores nas bombas.

Sachsida afirmou que a Economia é contrária a medidas para combustíveis que gerem instabilidade ou receio sobre o equilíbrio das contas públicas porque elas geram temores entre investidores. Em sua visão, isso faria o risco Brasil aumentar e o real se desvalorizar — o que elevaria os preços.

"O Ministério da Economia trabalha em prol do Brasil. A nossa posição não é ideológica. Ela é ancorada em sólida teoria econômica", afirmou. "Quando nos posicionamos de forma contrária a determinada medida, não é porque somos contrários a quem está propondo ou por ideologia", disse.

"O que acontece é que determinadas propostas geram efeitos macroeconômicos adversos. E com esses efeitos macroeconômicos adversos, em vez de elas gerarem resultado positivo, geram resultado negativo", disse.

"Você começa com uma medida para diminuir o preço do combustível, só que gera aumento no preço do combustível. Então medidas desse tipo nos parecem equivocadas porque elas vão ter resultado oposto ao que elas queriam", disse.

> Os dados confirmam a recuperação em V tal como constantemente alertado pelo ministro Paulo Guedes [Economia]. Isso mostra, uma vez mais, o acerto da nossa política econômica nesse período
>
> **Adolfo Sachsida**
> chefe da Assessoria Especial de Assuntos Estratégicos do Ministério da Economia

Rússia pede suspensão da exportação de fertilizantes

Bolsonaro havia viajado a Moscou para tentar garantir abastecimento

Igor Gielow

SÃO PAULO O governo da Rússia recomendou aos fabricantes de fertilizantes que suspendam suas exportações.

A medida pode afetar diretamente o Brasil, grande importador desses insumos do país que invadiu a Ucrânia no dia 24. E é mais um embaraço diplomático para o governo do presidente Jair Bolsonaro, que foi à Rússia uma semana antes da guerra com a justificativa de garantir o fluxo de fertilizante ao país.

O motivo da decisão, segundo nota do Ministério da Indústria e Comércio, é a desorganização da cadeia logística de exportação.

Com as draconianas sanções impostas a diversos setores da economia da Rússia, como punição pela guerra, transportadoras ocidentais suspenderam seus negócios com o país. Assim, navios de contêineres, caminhões e outras partes da engrenagem que leva o produto ao destino não operam mais em portos russos.

"Falhas no embarque de fertilizantes podem afetar diretamente a segurança nacional de vários países e causar graves consequências na forma de escassez de alimentos para centenas de milhões de pessoas já a médio prazo", diz a nota do ministério.

Agricultor entre fertilizantes no DF; Brasil depende de importações Adriano Machado - 15.fev.22/Reuters

No Brasil, o governo dá como certa a inflação ainda maior de alimentos.

"Recomendamos a suspensão temporária do embarque de fertilizantes russos para exportação até que os transportadores retomem o trabalho rítmico e forneçam garantias para a implementação de entregas", completou.

O impacto para o Brasil ainda precisa ser mensurado. Segundo a Folha ouviu de um empresário do setor em Moscou, ainda não houve uma norma técnica editada para explicar como será feita a implementação da suspensão.

Assim, pode haver algumas alternativas de exportação direta, sem passar pelos canais ocidentais, e talvez até por meio de países neutros —embora certamente isso irá desorganizar e encarecer as entregas.

O Ministério da Agricultura disse que a medida, "a princípio, não está afetando ainda o comércio" dos insumos. A pasta disse que um navio da empresa russa Acron partiu nesta sexta (4) para o Brasil —como a decisão de Moscou só ocorreu no fim da tarde (fim da manhã em Brasília), é improvável que tal remessa fosse afetada.

O Brasil importa 23% dos seus fertilizantes fosfatados e nitrogenados da Rússia, e 3%, da ditadura da Belarus, também sob sanções devido ao seu envolvimento na guerra da Ucrânia ao lado da aliada Moscou.

O agronegócio brasileiro é o quarto maior consumidor do produto no mundo, atrás de China, Índia e Estados Unidos. Ele é o produto mais importante da corrente comercial Brasil-Rússia, respondendo por cerca de 60% dos US$ 5,9 bilhões importados dos russos em 2021.

A decisão é um tapa na cara de Bolsonaro, que passou sua viagem a Moscou nos dias 15 e 16 de fevereiro justificando a necessidade de estabelecer contratos mais sólidos e de longo prazo com os russos. Acabou ficando famoso por prestar "solidariedade" a Vladimir Putin uma semana antes do ataque à Ucrânia, e na prática não viu nada ser assinado no campo.

Pressupondo o problema com a guerra, agora Bolsonaro aproveitou a crise para sugerir uma de suas obsessões, remover óbices legais à exploração mineral de áreas indígenas para tentar mitigar o problema da falta dos insumos.

Houve tratativas, que já haviam sido adiantadas em uma visita da ministra Tereza Cristina (Agricultura) e do chanceler Carlos França no fim de 2021, para que uma empresa russa adquirisse uma fábrica de fertilizantes desativada da Petrobras, mas nem isso foi formalizado.

A pujança do setor de agro no Brasil passa pelos fertilizantes, dada a pobreza intrínseca do solo no país. Assim, 85% do que o país consome é importado. A Associação Nacional para a Difusão de Adubos acredita que haja estoques para três meses.

Colaborou a Sucursal de Brasília

Moscou cria leis contra efeitos de sanções e queda do rublo

MOSCOU | AFP O Parlamento russo adotou nesta sexta-feira (4) um pacote de leis destinadas a contra-atacar os efeitos das sanções ocidentais sobre a economia do país após a invasão da Ucrânia.

O texto, acessível no portal da Duma na internet, pretende "aumentar a estabilidade da economia russa e proteger os cidadãos contra sanções".

Os países ocidentais tomaram medidas sem precedentes contra a Rússia, causando uma queda vertiginosa do rublo e uma fuga massiva de empresas estrangeiras com negócios na Rússia, entre outros efeitos.

A lei dá ao governo a capacidade de aumentar as aposentadorias e o salário mínimo "se necessário".

Também inclui a possibilidade de moratória nas inspeções de pequenas e médias empresas em 2022 e até 2024 para empresas de TI.

O texto também incorpora um sistema simplificado de compra de determinados medicamentos, cuja lista foi ampliada.

Outra medida é um procedimento simplificado de "buy-back", ou seja, a compra de suas próprias ações por uma empresa.

Como o preço das ações das empresas russas caiu acentuadamente nos últimos dias, isso permitiria às empresas comprá-las por um valor baixo.

A lei suspende o pagamento de dívidas a cidadãos e pequenas e médias empresas em 2022, medida que já havia sido aplicada no início da pandemia do coronavírus.

Por fim, planeja prolongar uma anistia para capital que já está em vigor há vários anos e que permite que os russos repatriem bens e capitais do exterior sem estarem sujeitos a multas ou processos judiciais.

Quando lhe foi perguntado sobre o assunto na coletiva diária, o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, declarou que a economia russa "está em um ambiente agressivo".

"A economia diz respeito a todos nós, diz respeito ao bem-estar de todos os cidadãos. Há golpes contra nossa economia que devem ser amortecidos e minimizados. E é nisso que o governo e o presidente estão se concentrando agora", explicou.

O rublo encerrou a semana com queda superior a 20% em relação ao dólar —cotado a 115, ante 83 uma semana antes— e ao euro —119, ante 93.

Com a Reuters

Putin não é um gênio

Ele é só um vilão de quadrinhos e agora criminoso de guerra, que pode explodir a todos

Rodrigo Zeidan

Professor da New York University Shanghai (China) e da Fundação Dom Cabral. É doutor em economia pela UFRJ

Putin não é um gênio estrategista, não esperava a forte resistência da Ucrânia e não tinha noção do tamanho das sanções que vão jogar a Rússia em uma gigantesca crise econômica. Essa ideia de que os grandes homens da história (e são sempre homens, nesse tipo de mitologia) são gênios é o resultado de os vencedores contarem e distorcerem a história.

Todas as decisões que importam são tomadas sob condições de informação incompleta e imperfeita. E, infelizmente, a racionalidade acaba sendo deixada de lado quando se está cercado de sicofantas e quando se distorce a realidade para justificar qualquer ação.

Putin pode ser uma pessoa inteligente, mas é um líder incompetente. Como muitos ditadores, seus maiores esforços são gastos em tramas para se manter no poder. Gênios estrategistas não empobrecem seu país enquanto se metem em aventuras militares que acabam em desastre.

Pior, existe na história soviética/russa um ataque militar tão sem sentido como o atual: a tentativa de tomada da Finlândia pela União Soviética de Stalin, em 1939. O governo russo também achava que ia conquistar um território sem muita resistência, com o Exército sendo recebido como heróis para instalar um governo de marionetes no país.

O que se seguiu foi uma das mais sangrentas batalhas da Segunda Guerra, que durou três meses e meio e deixou dezenas de milhares de russos mortos nas florestas finlandesas. A Liga das Nações, uma proto-ONU, expulsou a União Soviética por esse ataque.

Depois de 82 anos, a Rússia comete falhas similares. Putin errou e errou feio. Não havia como saber que Europa e EUA se uniriam em sanções internacionais que chegassem a isolar o banco central russo. Um governo que soubesse que haveria tantas sanções teria se preparado para isso; em vez disso, teve que decretar feriado bancário, a Bolsa continua fechada, com o banco central anunciando dia a dia se vai reabri-la, e as empresas de energia têm dificuldade de vender seu petróleo e gás.

O PIB per capita russo é hoje menor do que era quando Putin reassumiu o poder, em 2012, e isso antes da crise por vir.

Em parte, essa guerra é uma resposta ao fracasso do seu governo em melhorar a economia. Não houve reformas, o limite de gastos públicos foi abandonado, o desemprego parou de cair (saiu de 8,3% em 2009 para 5,4% em 2012 e hoje é de 5,5%, e a inflação disparou, de 5% em 2012 para 8,4% hoje).

A economia anda de lado, mesmo com o país se tornando um dos maiores produtores de óleo e gás do mundo, responsável por 10% da produção mundial.

A preparação russa realmente contava com uma fraca resistência ucraniana. O país também não previu que a Alemanha mudaria uma política de décadas de proibir o envio de armas a países em conflito. A Rússia continua podendo ganhar a guerra quando quiser, mas só se resolver matar centenas de milhares de civis, explodindo os centros urbanos.

Os erros de Putin estão em todas as frentes de campanha. Como estrategista, Putin é somente um megalomaníaco que vive numa bolha, ouvindo dos outros só o que quer ouvir. Putin é um ditador latino-americano em espírito, só que com armas nucleares e bajuladores a seu redor que falam russo, em vez de espanhol ou português.

Poucos são realmente os grandes homens da história. Putin não é um deles; é só um vilão de quadrinhos e agora criminoso de guerra. E que pode explodir a todos.

dom. Samuel Pessôa **seg.** Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | **ter.** Michael França, Cecilia Machado | **qua.** Helio Beltrão | **qui.** Cida Bento, Solange Srour | **sex.** Nelson Barbosa | **sáb.** Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Operador na Bolsa de NY, cujo índice Dow Jones caiu 0,5% nesta sexta Spencer Platt/Getty Images/AFP

Ataque russo a usina nuclear na Ucrânia derruba mercados

Na Europa, Bolsas caem mais de 4%; no Brasil, dólar sobe com busca por proteção, mas ainda recua 9,2% no ano

Clayton Castelani

Variação do dólar no governo Bolsonaro

Ingresso de estrangeiros levou moeda americana para perto de R$ 5

Em R$

6,4 / 5,4 / 4,8 / 4,2 / 3,6 / 3,0

3,811 — 5,078

2.jan.19 — 4.mar.22

Fonte: CMA

SÃO PAULO Bolsas de todo o mundo caíram nesta sexta-feira (4) após uma madrugada de tensão criada pela possibilidade de uma catástrofe nuclear, em novo episódio de agravamento da guerra na Ucrânia.

As forças militares da Rússia tomaram a usina de Zaporijia, a maior da Europa. O ataque gerou um incêndio no local. Antes de o fogo ser controlado, houve temor de uma explosão com impacto potencialmente dez vezes maior do que o do acidente na usina nuclear de Tchernóbil, também na Ucrânia, em 1986.

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, declarou que uma eventual explosão na usina de Zaporijia significaria o "fim de tudo, o fim da Europa".

Refletindo as preocupações de investidores com a crise, o Ibovespa caiu 0,60%, a 114.473 pontos. No fechamento semanal, porém, houve ganho de 1,18%. A valorização desde o início do ano alcançou 9,21%.

O dólar comercial avançou 0,99% e terminou o dia valendo R$ 5,0780. Apesar do ganho diário, a moeda americana fechou a semana em queda de 1,49%. No acumulado de 2022, a desvalorização ante o real é de 8,93%.

Bolsa e câmbio expressam a manutenção do interesse dos estrangeiros pelo Brasil e em outros mercados emergentes com potencial de crescimento, enquanto as principais Bolsas globais devolvem ganhos acumulados durante a pandemia, quando foram largamente favorecidas por políticas de estímulo adotadas pelos bancos centrais de suas respectivas regiões.

No primeiro bimestre de 2022, o saldo de aplicações de instituições internacionais no mercado de ações brasileiro cresceu 130% na comparação com o mesmo período de 2021.

Os mercados de ações da Europa desabaram nesta sexta. O índice que acompanha as 50 principais empresas da região que têm o euro como moeda mergulhou 4,96%. A Bolsa de Londres despencou 3,48%. Em Paris, o tombo foi de 4,97%. Frankfurt afundou 4,41%.

Nos Estados Unidos, os principais indicadores também fecharam no vermelho. O S&P 500, referência para as ações negociadas em Nova York, perdeu 0,79%. Os índices Dow Jones e Nasdaq recuaram 0,53% e 1,66%, nessa ordem.

Além das preocupações com a guerra, investidores foram impactados por dados do governo que revelaram nesta sexta uma geração de empregos acima do esperado nos Estados Unidos. O aquecimento econômico reforça a expectativa de que o Fed (Federal Reserve, o banco central americano) poderá subir de forma agressiva os juros de referência no país.

Elevações de juros tendem a tirar capital do mercado de ações e direcioná-lo para os títulos do Tesouro dos Estados Unidos. Essa categoria de ativo, apesar de entregar rendimentos modestos, é extremamente segura. Esse movimento de investidores, caso ocorra de forma intensa, também favorece a valorização global do dólar em relação a outras moedas.

Um dos principais efeitos da escalada da crise na Ucrânia nesta sexta foi a disparada do petróleo. O barril do Brent, referência mundial, saltava 6,74% no início da noite, cotado a US$ 117,97 (R$ 598,76). Era o maior valor desde 8 de fevereiro de 2013, quando a commodity subiu a US$ 118,90.

Na Ásia, as Bolsas de Tóquio, Hong Kong e Xangai fecharam com quedas de 2,23%, 2,50% e 1,21%, respectivamente.

A aversão ao risco provocada pela tomada da usina ucraniana pressionou a alta diária global do dólar, que apresentou valorização na comparação com 20 moedas emergentes em uma lista de 24 divisas acompanhadas pela agência Bloomberg.

Com isso, a divulgação do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro de 2021, também nesta sexta, ficou em segundo plano e teve pouco efeito sobre o mercado doméstico nesta sessão, segundo Fernanda Consorte, economista-chefe do Banco Ourinvest.

Na avaliação de Nicolas Borsoi, economista-chefe da Nova Futura, a chegada do final de semana aumentou a pressão sobre os ativos de risco, conduzindo assim o Ibovespa para um fechamento negativo, uma vez que, em um cenário de guerra, os acontecimentos dos próximos dias são imprevisíveis.

"A piora no sentimento de risco, após o incêndio na usina nuclear de Zaporijia, leva a uma postura de maior cautela nos mercados", disse.

Preço do combustível de navegação dispara e deve pressionar frete

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO Enquanto a Petrobras segura repasses da disparada da cotação do petróleo ao preço da gasolina e do diesel, o transporte de cargas já começa a sentir os efeitos da guerra em seus custos, com o aumento dos combustíveis de navegação.

Segundo a S&P Global Platts, esses produtos atingiram recordes históricos na América Latina após o início do conflito no Leste Europeu. No porto de Santos, o principal do país, já se aproximam dos US$ 1.000 (R$ 5.000) por tonelada, de acordo com o setor.

Companhias de navegação dizem que essa é hoje a principal preocupação do setor, que já convive com fretes elevados desde que a paralisação da atividade industrial no início da pandemia desequilibrou a logística global.

"No momento a mais evidente preocupação é o rápido aumento dos custos de combustíveis", diz, em nota, o CentroNave (Centro Nacional de Navegação Transatlântica), entidade que reúne as 19 maiores empresas de navegação de longo curso atuando no Brasil.

A entidade diz que os impactos da guerra no transporte mundial de contêineres ainda são pequenos e localizados na região do conflito. "Contudo é preciso ponderar que se trata de um cenário volátil e que a situação pode mudar rapidamente."

Diferentemente da gasolina e do diesel, em que os reajustes são definidos por um comitê interno da Petrobras de acordo com a evolução das condições de mercado, os preços dos combustíveis para navegação são alterados diariamente.

Na terça (1º), de acordo com a S&P Global Platts, o bunker com 0,5% de enxofre, mais usado nos motores de grandes embarcações, bateu US$ 798 (cerca de R$ 4.000) por tonelada em Santos.

Segundo a Abac (Associação Brasileira de Armadores de Cabotagem), a cotação chegou a bater US$ 900 (R$ 4.500) na quinta-feira (2). No início de 2020, o preço do produto oscilava em torno de US$ 680 por tonelada.

O gasóleo marítimo, conhecido como MGO e usado principalmente para geração de energia nos navios, chegou a US$ 893 por tonelada na terça, também o maior preço já registrado desde que a consultoria começou a acompanhar o porto, em 2016.

O presidente da Abac, Luiz Resano, diz que os navios de grande porte costumam ter grandes estoques de combustível, mas em breve começarão a comprar produtos com os preços mais altos.

Os contratos de frete, afirma, geralmente têm cláusulas que permitem o repasse imediato de grandes oscilações no preço do combustível. "Se o preço não cair a curto prazo, vai haver impacto tanto na cabotagem quanto no longo curso", diz. "E o frete certamente vai aumentar."

O presidente da AEB (Associação de Comércio Exterior do Brasil), José Augusto de Castro, diz que ainda não há impacto da crise atual no custo do frete, mas a expectativa é que os preços fiquem ainda mais pressionados.

"Por enquanto, está todo o mundo paralisado para ver o que vai acontecer", afirma. "Mas, se o frete aumentar ainda mais, vai acabar inviabilizando algumas operações."

Procurada, a Petrobras afirmou que "mantém seu compromisso com a prática de preços competitivos e em equilíbrio com o mercado internacional". A empresa disse ainda que os preços do bunker nos principais portos do mundo "seguem a dinâmica do petróleo, que já vinha de um momento de volatilidade alta, agravada pelos últimos eventos".

A Petrobras vem repetindo que está observando o cenário antes de decidir por repasses aos preços da gasolina e do diesel, decisão que conta com apoio de representantes dos acionistas privados no conselho de administração da companhia, segundo a **Folha** apurou.

No próprio mercado financeiro, há dúvidas sobre a viabilidade de reajustes neste momento. Analistas do banco UBS BB, por exemplo, acreditam que a estatal não mexerá nos preços agora.

> No momento a mais evidente preocupação é o rápido aumento dos custos de combustíveis
>
> **CentroNave (Centro Nacional de Navegação Transatlântica)** entidade que reúne as 19 maiores empresas de navegação de longo curso atuando no Brasil, em nota

Impasse sobre Campo de Marte deixa prefeitura inadimplente com a União

Capital paulista esperava acerto em fevereiro, o que extinguiria dívida; parcela devida é de R$ 280 mi

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O município de São Paulo ficou inadimplente com a União devido a um impasse no acordo que encerrara a disputa judicial bilionária envolvendo o Campo de Marte.

A prefeitura esperava concluir o acerto a tempo de extinguir sua dívida com a União sem necessidade de quitar a prestação de fevereiro, no valor de R$ 280 milhões. No entanto, a conciliação não foi finalizada porque o Ministério da Economia ainda analisa detalhes operacionais do acordo.

A Procuradoria-Geral do município acionou o STF (Supremo Tribunal Federal) para pedir a suspensão da cobrança da dívida com a União e chegou a fazer um depósito judicial no mesmo valor para demonstrar capacidade de pagamento. Mas o ministro Nunes Marques não acatou a solicitação.

Acesso ao Campo de Marte, na zona norte de São Paulo; cidade ficou devendo parcela à União

Agora, o governo federal poderá bloquear o montante nas contas do município para assegurar a quitação da parcela. O não pagamento também fica formalmente registrado no histórico do município. Técnicos afirmaram à **Folha** que o depósito judicial não é aceito como pagamento da prestação.

O acordo sobre o Campo de Marte foi costurado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) e pelo prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), para pôr fim a uma disputa que começou em 1958.

A gestão municipal tem defendido o direito à indenização por 88 anos de uso indevido do local pela União — a área foi ocupada pelo governo federal após a derrota do estado de São Paulo na Revolução Constitucionalista — e já teve vitórias no STJ e no STF, em decisão de Celso de Mello.

Pelo acerto, a União abre mão de cobrar R$ 24 bilhões em dívidas do município com o governo federal, em troca da extinção da indenização pelo Campo de Marte, que era estimada entre R$ 26 bilhões e R$ 49 bilhões.

A AGU (Advocacia-Geral da União) já deu parecer favorável à conciliação. Por isso, a prefeitura não vê sentido em continuar pagando uma dívida que será extinta em pouco tempo, em consequência do acordo.

"A pretensão do município era apenas estabilizar os valores em discussão", disse a prefeitura em nota. O Tesouro Nacional não quis comentar.

Na prática, cada mês de atraso na conclusão do acerto significa um prejuízo de R$ 280 milhões para a prefeitura, uma vez que técnicos do governo federal consideram difíceis as chances de o município reaver os valores quitados.

Já a homologação do acerto, com a extinção da dívida, renderá um fluxo de caixa adicional de quase R$ 3 bilhões em 2022 à Prefeitura de São Paulo.

A avaliação na Economia, porém, é que o acordo envolve detalhes operacionais delicados. Esse será o primeiro acerto firmado sob as novas regras aprovadas na PEC (proposta de emenda à Constituição) dos Precatórios, que permitem à União realizar conciliações para antecipar e até mitigar riscos fiscais envolvendo passivos na Justiça.

Como a emenda é recente, os técnicos precisaram formular uma série de consultas à PGFN (Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional), órgão jurídico da Economia, e ao Tesouro Nacional sobre como fazer a contabilidade do acordo.

De um lado, o governo federal abre mão de receitas financeiras de R$ 24 bilhões. De outro, a União precisará registrar uma despesa primária, no valor da indenização ao município de São Paulo.

O entendimento majoritário até agora é o de que esse gasto, embora seja contábil e não um desembolso efetivo, vai afetar o rombo nas contas públicas, aprofundando o déficit federal no ano.

Embora haja espaço na meta fiscal, que permite um resultado negativo de até R$ 170,5 bilhões em 2022, para acomodar esse impacto, há necessidade de se criar uma dotação orçamentária específica para a despesa.

Segundo um integrante da equipe econômica, é preciso tempo para implementar as medidas necessárias. Os técnicos querem assegurar que todos os procedimentos estejam de acordo com a lei. Quem assina as autorizações pode responder pessoalmente por qualquer eventual irregularidade.

> "É preciso que haja pleno acordo entre as partes para que se concretize o fim almejado
>
> **Kassio Nunes Marques**, ministro do STF

Em relação ao teto de gastos, regra que limita o crescimento das despesas à variação da inflação, a própria PEC dos precatórios previu a possibilidade de os gastos relacionados a esses acordos judiciais ficarem de fora do limite.

Há um desconforto na equipe econômica porque o processo foi submetido formalmente para análise do Ministério da Economia apenas em 23 de fevereiro, uma semana antes do vencimento da parcela devida pelo município de São Paulo, embora a pasta já estivesse acompanhando as negociações.

Nos bastidores, há relatos de pressão para que a análise fosse acelerada, viabilizando a conclusão do acordo e a extinção da dívida. Os participantes da negociação, porém, foram alertados de que a avaliação técnica não poderia ser finalizada no prazo de uma semana — daí a decisão de São Paulo de recorrer ao STF.

Em sua decisão, o ministro Nunes Marques disse que, apesar da sinalização de uma conciliação entre a prefeitura e a União, "é preciso que haja pleno acordo entre as partes para que se concretize o fim almejado". O magistrado informou ainda que, até a conclusão da negociação extrajudicial, não caberia interferência da Justiça.

"Reputo carecer competência jurisdicional ao conhecimento do pedido", disse Nunes Marques em trecho da decisão.

A postura do ministro surpreendeu integrantes do governo federal, uma vez que o STF costuma ser sensível aos pedidos de estados e municípios para suspensão de dívidas com a União — Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais foram alguns dos beneficiados.

Em nota, a Prefeitura de São Paulo informou que, diante do entendimento do ministro relator, está estudando outras alternativas em mesas de negociação com a União. "As tratativas seguem seu curso regular", afirmou.

CPTM tem uma queda no vão entre o trem e a plataforma por dia em média

Número de casos despencou de 2019 para 2020; em 2021, foram 363 registros em São Paulo

Cleberson Santos e Renan Omura

Vão entre trem e plataforma é responsável por um acidente por dia, em média, na capital paulista Renan Omura/Agência Mural

SÃO PAULO E SUZANO | AGÊNCIA MURAL No último dia 9 de fevereiro, uma passageira de 38 anos sofreu um grave acidente na estação Guaianases, da linha 11-coral da CPTM, na zona leste de São Paulo. Ela caiu no vão que separa o trem da plataforma e foi atingida pela composição. Sua perna direita foi amputada, e ela ainda está internada no Hospital das Clínicas.

Esse tipo de ocorrência não é incomum nesse trajeto. A linha coral, que liga a estação da Luz, no centro da capital, à estação Estudantes, em Mogi das Cruzes, na região metropolitana, é a campeã nesse tipo de ocorrência desde ao menos 2020.

Segundo dados da CPTM obtidos pela Agência Mural via Lei de Acesso à Informação (LAI), a linha 11 foi a única com mais de cem quedas nos trilhos no ano passado, situação que já havia acontecido em 2020.

As sete linhas da CPTM somaram durante 2021 um total de 363 acidentes, uma média de quase uma ocorrência por dia. No entanto, o número vem caindo desde 2017, quando o serviço teve 1.033 acidentes, quase metade deles na linha coral (503).

Naquele mesmo ano, a Agência Mural revelou, em reportagem na Folha, que havia estações da companhia com vãos acima de 40 centímetros, quatro vezes mais que o recomendado pelas normas da ABNT (Agência Brasileira de Normas Técnicas).

O levantamento sobre a distância entre o trem e a plataforma foi feito nas 91 estações que a CPTM tinha na época.

A companhia passou a instalar borrachões nas estações que tinham maior número de ocorrências. Além da distância, a lotação no horário de pico costuma ser um dos fatores que causam ocorrências.

Após a medida, os números de quedas caíram de 2017 para cá. Os anos de 2018 e 2019 igualaram a marca de 783 quedas, o que representou uma redução de 24% em relação a 2017. Esse total caiu pela metade em 2020, para 368, talvez impactado pela redução de passageiros por conta da pandemia de Covid-19. Em 2021, o número voltou a cair mais um pouco, para 363.

A aposentada Sônia Maria de César, 71, moradora de Cidade Tiradentes, na zona leste, utiliza a linha coral ao menos três vezes por semana para ir ao hospital. Ela embarca na estação Guaianases e desce na Jabaquara, da linha 1-azul do metrô, na zona sul.

"Quando o trem chega, as pessoas se empurram muito. Tenho medo de cair no vão e evito os horários de pico, mas, às vezes, as consultas terminam às 18h e não tem jeito. Tenho que ir no meio da multidão", afirma.

Para a aposentada, faltam agentes de segurança nas estações para organizar o embarque e o desembarque dos passageiros. "Em Guaianases, é bastante complicado. Durante a semana que a mulher caiu no vão, tinha muitos guardas, mas depois de alguns dias foram embora", relata.

O auxiliar administrativo Matheus Almeida, 23, estava na estação Guaianases quando a passageira foi socorrida no último dia 9. "Até pensei que a moça tivesse morrido, mas, graças a Deus, não. Quando eu me deparei com a cena, fiquei surpreendido, pelo menos ali naquela estação de Guaianases eu nunca vi acontecer isso", conta.

Matheus, que mora em Guaianases e usa os trens diariamente para se deslocar ao trabalho na região central de São Paulo, relata ter presenciado outro episódio, este na estação da Luz, quando uma senhora ficou com a perna presa no vão.

"Não foi nada grave e eles conseguiram tirar ela dali de forma rápida. Quando isso aconteceu, não tinha uma 'plataforma' para preencher o vão. Eles fizeram isso, mas ainda acho que não é suficiente", conta Matheus, citando os borrachões adotados pela CPTM para diminuir a distância.

> Quando o trem chega, as pessoas se empurram muito. Tenho medo de cair no vão e evito os horários de pico, mas, às vezes, as consultas terminam às 18h e não tem jeito. Tenho que ir no meio da multidão
>
> **Sônia Maria de César, 71**
> aposentada

> Quando o trem chegou, começou aquele empurra e eu ouvi um grito. Era uma mulher que tinha caído no vão. Logo tiraram ela, mas foi um baita susto
>
> **Ivete da Silva, 65**
> aposentada

Quem também já presenciou um acidente foi a aposentada Ivete da Silva, 65. Ela conta que viu uma pessoa cair na estação Brás, em 2018.

"Quando o trem chegou, começou aquele empurra e eu ouvi um grito. Era uma mulher que tinha caído no vão. Logo tiraram ela, mas foi um baita susto", conta. Ivete mora em Calmon Viana, em Poá, e atualmente utiliza o trem para visitar os familiares em Suzano.

Segundo a CPTM, em nota enviada à reportagem, os borrachões citados por Matheus foram instalados nas estações de maior movimento (Brás, Luz, Tatuapé, Palmeiras-Barra Funda, Santo André e São Miguel Paulista).

"A companhia está fazendo um levantamento para definir novas estações que também irão receber o equipamento de segurança. Assim que o estudo for concluído, o processo licitatório para a implantação será iniciado", informa a nota.

A companhia afirma ainda que entre as medidas usadas para evitar acidentes estão as campanhas de orientação, para que os usuários esperem os trens atrás da faixa amarela.

"Em casos pontuais de aumento de demanda, a companhia faz o controle de fluxo na catraca, para evitar acúmulo de passageiros nas plataformas. As equipes de estações e segurança são treinadas para auxiliar o embarque e desembarque e prestar qualquer ajuda aos passageiros."

Questionada a respeito das causas dessas ocorrências e sobre o estado de saúde da passageira que perdeu a perna, a CPTM não respondeu.

Enquanto a linha coral concentrou um quarto dessas ocorrências no ano passado, as linhas 9-esmeralda, 10-turquesa e 13-jade viram os números diminuírem em relação a 2020. No caso da linha jade, que se conecta ao Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos, foram apenas sete ocorrências em 2021.

A única linha que viu um aumento expressivo dos casos nos últimos dois anos foi a 8-diamante, que liga a estação Júlio Prestes, no centro paulistano, a Itapevi, na região metropolitana. Foram 26 quedas em 2020 e 54 em 2021. Desde o começo deste ano, esta linha e a 9-esmeralda passaram a ser administradas pela empresa ViaMobilidade.

Alunos da rede municipal de São Paulo estão sem uniforme e material escolar

Carlos Petrocilo e Isabela Palhares

SÃO PAULO Quase um mês depois do início do ano letivo, boa parte dos alunos matriculados na rede municipal de São Paulo não recebeu uniformes e material escolar.

A última promessa feita pela gestão Ricardo Nunes (MDB) é que o aplicativo Duepay seja restabelecido a partir de segunda (7). Somente por meio desta ferramenta os responsáveis pelos alunos conseguem crédito para compra dos produtos em lojas credenciadas.

A verba disponível para compra de uniforme é fixada em R$ 453,79, com direito a um par de tênis, agasalho, calça, bermuda e camisetas.

Para o kit de material escolar, o valor varia de acordo com a classe do aluno. O crédito parte de R$ 39,72 para as crianças que frequentam o berçário, e o máximo é de R$ 200,38 para os estudantes do 4º ao 6º ano.

O aplicativo, feito pela empresa Personal Net Tecnologia de Informação LTDA e adquirido pela administração municipal, apresenta instabilidade desde os primeiros dias de aula, segundo relatos dos pais dos estudantes.

O ano letivo na rede municipal teve início em 7 de fevereiro. A princípio, o crédito estaria disponível a partir de 15 de fevereiro. Dois dias depois, o Duepay chegou a ser retirado do ar. O próprio Nunes diz que fez esse pedido e notificou a Personal Net.

Em nota enviada à reportagem, a Secretaria Municipal de Educação (SME) diz que notificou a Personal Net "após as falhas apresentadas e determinou a retirada do ar até que os problemas sejam corrigidos. A empresa apresentou o prazo de funcionamento do aplicativo para o dia 7 de março", diz trecho da nota.

"A SME já está adotando as punições cabíveis, previstas em contrato."

Para este ano, a nova contratação foi realizada para facilitar o acesso dos responsáveis pelos estudantes aos créditos para aquisição por meio de um único aplicativo, além de contar com soluções alternativas para os pais que não possuem aparelho celular.

A **Folha** não conseguiu contato com representantes da empresa, nem por telefone e nem por meio do email informado em seu portal.

A central de atendimento, cujo número é informado pela prefeitura, também não atendeu às ligações.

O aposentado Gerson Dias Oliveira, 76, avô de Fabiano, 11, aluno do 3º ano da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Alexandre de Gusmão, no Jardim Guaianazes na zona leste, está entre os que não conseguiram sequer instalar o aplicativo. Até esta sexta-feira (4), ele e demais membros da família tentaram por meio do celular e do próprio tablet, fornecido pela prefeitura.

"É uma política muito ruim, tiram a responsabilidade do município e transferem ao cidadão", reclamou Oliveira. "Compramos alguns materiais e o meu neto tem utilizado as poucas peças [entregues no ano anterior] que lhe servem", diz Oliveira.

A Prefeitura de São Paulo decidiu em janeiro de 2020 que passaria a distribuir vales para a compra do uniforme em vez de fornecer o vestuário para as crianças.

Por diversos anos, a administração municipal atrasou a entrega ou fornecia roupas de baixa qualidade. Em 2020, ano em que foi definida a distribuição dos cartões às famílias, a prefeitura desclassificou as 20 empresas que participaram da licitação para a compra dos uniformes.

À época em que foi aprovada a lei para a entrega dos cartões, o então prefeito Bruno Covas (PSDB) disse que a medida iria evitar atrasos. Mas o modelo não funcionou.

Eva Brito de Carvalho, 51, que conseguiu utilizar o aplicativo para retirada do material escolar do filho. "Quando fui até a loja de uniformes, escolhi as peças e, na hora do pagamento, a vendedora não conseguiu validar o crédito de jeito nenhum", diz ela.

Morre pai que foi baleado na frente da escola do filho em SP

Alfredo Henrique

SÃO PAULO O autônomo Valdemir de Jesus Mota, 46 anos, morreu nesta quinta-feira (3), 14 dias após levar dois tiros de ladrões. O crime ocorreu na região do Morumbi, zona oeste de São Paulo, na frente da escola onde a vítima havia acabado de deixar o filho.

A SSP (Secretaria Estadual da Segurança Pública) afirmou que o 89º DP (Portal do Morumbi), que investiga o caso, ainda não identificou nem prendeu a dupla envolvida no crime que, com a morte da vítima, passa a ser investigado como latrocínio (roubo com morte).

Mota foi socorrido, passou por cirurgia e estava na UTI do Hospital Municipal do Campo Limpo, em estado grave. A morte foi constatada às 0h08, segundo a Polícia Civil de São Paulo.

A Escola Mais lamentou a morte do autônomo nesta quinta, por meio de nota, afirmando ter oferecido apoio e suporte à família.

"Também aproveitamos a oportunidade para levar nossas condolências aos estudantes e à equipe, reforçando do nosso intuito de garantir suporte à comunidade escolar, com apoio psicológico a todos que sentirem-se atingidos por essa tragédia que se abateu sobre nossa escola", diz trecho da nota.

No dia do crime, policiais militares relataram ao 89º DP que dois criminosos em uma moto abordaram uma comerciante, de 46 anos, quando ela estava em seu carro com a filha, em frente à Escola Mais. A dupla pegou da vítima uma aliança e a chave do veículo.

Em seguida, os criminosos abordaram o autônomo, no momento em que ele se dirigia para seu carro. De acordo com a polícia, o homem reagiu. Um dos criminosos atirou ao menos três vezes.

A vítima foi atingida do lado direito do tórax e do lado esquerdo do abdômen, segundo a polícia. O terceiro tiro atingiu a carteira, no bolso de trás da calça.

Matar civis e destruir tudo

Os exércitos são a reserva imoral dos povos

Luís Francisco Carvalho Filho

Advogado criminal, presidiu a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos (2001-2004)

Em janeiro de 1945, dois soldados da Força Expedicionária Brasileira, em campanha militar na Itália contra tropas de Mussolini e Hitler, estupram uma jovem de 15 anos de idade no vilarejo de Madognana, em Bolonha. E assassinam seu tio, por chegar ao local do crime.

Condenados à morte pela Justiça Militar, instalada em Pistoia, no teatro das operações, os réus não são executados. O Conselho Penitenciário recomendaria, depois, perdão. Parecer do jurista Roberto Lyra sustentava que os "fatos" (estupro e homicídio) só se explicam pela "brutalidade e pela licença da guerra".

Em uma madrugada de 1976 (a ditadura reprimia os oponentes), jovens brasileiros dispensados do serviço militar dirigem-se ao estádio do Pacaembu, em São Paulo, para cumprir uma formalidade legal estúpida, porém burocraticamente imprescindível para o futuro estudantil e profissional: jurar a bandeira.

Soldados encarregados da recepção dos reservistas, evidentemente armados, aproveitam-se do clima de intimidação generalizada e, na entrada do estádio, pilham alguns meninos, obrigados a entregar o que tinham nos bolsos — maço de cigarro, isqueiro, passe de ônibus e dinheiro.

Em abril de 2019, o músico Evaldo Rosa e o catador de material reciclável Luciano Macedo são fuzilados "por engano" por patrulha irregular do Exército, no Rio de Janeiro. Oitenta disparos. A Justiça Militar condenou oito soldados à prisão, mas nada fez contra comandantes e ideólogos de patrulhamentos irregulares.

Os três episódios parecem insignificantes se observados isoladamente, como desvios de conduta de maus soldados, sobretudo diante da ameaça de desastre nuclear provocado pela guerra de Vladimir Putin.

Mas na guerra e na paz, com todo respeito aos bons soldados, os exércitos são a reserva imoral dos povos.

Drenam recursos que poderiam ser aplicados no bem-estar das populações. Alimentam relações corruptas com a indústria de armas. Legitimam a tortura. Apoiam governantes tiranos. Desprezam a democracia. Tratam a própria podridão como segredo de Estado essencial à segurança nacional.

A Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, força (eufemística) de paz criada pela ONU em 2004, sob o comando do general Augusto Heleno (hoje ministro golpista de Bolsonaro), é acusada de violência contra civis e abusos sexuais.

O Exército norte-americano bombardeia em outubro de 2015, no Afeganistão, hospital da organização Médicos sem Fronteiras, provocando a morte de funcionários e pacientes. Porta-voz da Otan assegura que os "danos colaterais" (terminologia militar para designar com doce naturalidade a morte de civis) seriam investigados.

Daniel Hale, analista militar, é condenado pela Justiça dos EUA, em 2021, por vazar documentos secretos comprovando a morte de inocentes decorrente de ataques de drones (aviões não tripulados), até então artefatos de destruição precisos e úteis para guerras cirúrgicas.

A Ucrânia tem mais de um milhão de refugiados. Os tanques avançam.

Matar civis, destruir tudo, maltratar, estuprar, saquear fazem parte da anatomia das guerras e da formação de soldados e oficiais. Por isso, Rússia e EUA não se submetem ao Tribunal Penal Internacional, criado para julgar crimes contra a humanidade.

A guerra de Putin mostra que é ingênuo imaginar a Terra sem exércitos. Mostra também que a livre determinação dos povos e o Direito Internacional são obras de ficção.

DOM. Antonio Prata SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques QUI. Sergio Rodrigues SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Mulher é eletrocutada após encostar em poste

Caso ocorreu no canteiro central da avenida Marquês de São Vicente, em São Paulo, próximo de um ponto de ônibus

Mariana Zylberkan e Priscila Camazano

Poste de luz onde Fernanda Guimarães encostou e morreu Zanone Fraissat/Folhapress

SÃO PAULO Uma mulher de 46 anos morreu eletrocutada após encostar em um poste de iluminação pública próximo a um ponto de ônibus na tarde desta quinta-feira (3) na zona oeste de São Paulo.

Fernanda Guimarães estava na parada de ônibus do canteiro central da avenida Marquês de São Vicente, em frente ao Centro de Treinamento do São Paulo, na Barra Funda, por volta das 18h30. Segundo familiares, ela encostou em um poste de iluminação e sofreu a descarga elétrica.

De acordo com o boletim de ocorrência, policiais militares passavam pela via quando viram uma mulher agarrada ao gradil e um poste metálico de iluminação. Ao se aproximarem, já constataram que Fernanda estava morta.

Ela voltava para casa para comemorar seu aniversário com a família, após ter passado a tarde com amigas que moram na região. Segundo o marido, Carlos Eduardo dos Santos, Fernanda sempre costumava pegar ônibus na avenida. "Ela saiu e nunca mais voltou", afirmou.

Fernanda morava com a família perto do pico do Jaraguá, na zona oeste, e vivia de reciclagem. Além do marido, deixou três filhos e cinco netos.

O caso está sendo investigado pelo 7º DP, na Lapa. O poste foi isolado com fitas e grades.

A Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, por meio da Ilume (Coordenadoria da Rede de Iluminação Pública), disse que lamenta o ocorrido e esteve no local ainda na noite desta quinta, após o acidente.

> Ao chegar ao local, a equipe de vistoria responsável pela rede de iluminação pública municipal encontrou a área já isolada pelo Corpo de Bombeiros e a existência de dois postes próximos a uma parada de ônibus
>
> **Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento da Prefeitura de São Paulo**

"Ao chegar ao local, a equipe de vistoria responsável pela rede de iluminação pública municipal encontrou a área já isolada pelo Corpo de Bombeiros e a existência de dois postes próximos a uma parada de ônibus. Um dos postes pertence à rede de iluminação pública e o outro à concessionária Enel", afirma.

Segundo a secretaria, o poste de iluminação pública foi "submetido imediatamente ainda durante a noite, à medição dos técnicos e foi constatado não haver situação de energização ou descarga elétrica no mesmo. Importante destacar que toda a fiação de iluminação pública no local é subterrânea", afirma.

O poste do canteiro da avenida Marquês de São Vicente foi inspecionado, diz a secretaria, no início de fevereiro.

Em nota, a Enel afirmou que esteve no local do acidente e que "a rede de distribuição de energia da Enel no local está distante do poste onde ocorreu o acidente fatal". "Os postes mostrados pela reportagem pertencem ao Município de São Paulo e são geridos pelo Consórcio Ilumina, responsável pela gestão da Iluminação Pública na cidade de São Paulo", afirmou a empresa.

Dez morreram após choque em poste metálico em 2021

William Cardoso

SÃO PAULO Mortes em decorrência de choque elétrico por contato com postes têm ocorrido com frequência nos últimos anos em todo o país. Somente no ano passado, dez pessoas foram eletrocutadas no Brasil depois de encostarem nesses equipamentos, segundo dados exclusivos da Abracopel (Associação Brasileira de Conscientização para os Perigos da Eletricidade).

Os números da associação fazem parte de um anuário que será lançado no próximo dia 30, na sede da Fiesp, na capital paulista. No ano passado, 674 acidentes de todo tipo, não apenas em relação a postes, levaram à morte por choque elétrico no Brasil.

Até 2019, a Abracopel somava as mortes por choque elétrico envolvendo contato com postes e também grades metálicas. Mantendo-se esse método, foram 195 mortos entre 2015 e 2021. Veja os dados na planilha abaixo.

Nos últimos dois anos, a associação separou as mortes ocorridas exclusivamente por contato com postes. Foram 27, em 2020, mais os 10 do ano passado. Um dos casos mais emblemáticos ocorridos na última década aconteceu na capital paulista, durante o Carnaval de 2018.

O universitário Lucas Antonio Lacerda da Silva, 22, morreu em fevereiro de 2018 ao encostar em um poste de sinalização de pedestres na esquina das ruas da Consolação e Matias Aires, na região central de São Paulo, durante a passagem do bloco Acadêmicos do Baixo Augusta.

Na ocasião, segundo amigos, o universitário caiu na calçada logo após uma primeira descarga elétrica, encostou o pescoço no equipamento e foi eletrocutado. Em abril daquele ano, um laudo do IC (Instituto de Criminalística), divulgado pela Polícia Civil, apontou que a ligação irregular em uma das câmeras de monitoramento levou à energização do poste e de uma grade de segurança.

Em 2013, uma grávida de 32 anos também foi eletrocutada e morta no largo do Machado, no Rio de Janeiro, ao encostar em um poste de iluminação pública.

Mais recentemente, em fevereiro de 2020, uma mulher de 25 anos apoiou-se em um poste e em uma cerca, ao urinar, e acabou eletrocutada no Distrito Federal.

Em outubro do ano passado, a queda de um poste fez com que duas mulheres tivessem contato com a fiação em Águas Lindas de Goiás, também nas proximidades do DF. Ambos morreram eletrocutadas.

O engenheiro eletricista Edson Martinho, diretor da Abracopel, afirma que as 674 mortes por acidentes envolvendo choques elétricos dão uma dimensão do perigo. "Se considerar que são situações do dia a dia. Você está na rua, encosta em uma grade e em um poste e toma um choque. Isso não pode acontecer", diz. Apenas no estado de São Paulo, foram 59 mortes, sendo 10 na região metropolitana.

Segundo Martinho, há um tipo de problema comum em grandes centros urbanos que acaba levando a isso. "Foi o que percebi em um acidente na avenida Rio Branco [região central de São Paulo], anos atrás. O pessoal tenta furtar os fios e, ao puxar, acaba rompendo o isolamento", explica.

Paredão em Capitólio (MG) despencou devido a causas naturais, diz investigação da polícia

Leonardo Augusto

BELO HORIZONTE A Polícia Civil de Minas Gerais encerrou a investigação sobre a queda do paredão que matou dez pessoas numa lancha no lago de Furnas, em Capitólio, em 8 de janeiro deste ano, e concluiu que a tragédia ocorreu devido a causas naturais, sem influência humana.

A investigação determinou ainda que não havia indícios aparentes que pudessem apontar para o desprendimento do paredão.

Ao mesmo tempo, verificou que outros pontos próximos ao local do acidente apresentam problemas semelhantes, visíveis, e que quedas semelhantes poderão ocorrer.

Os passeios de lancha pela região estão proibidos desde o dia do acidente.

Conforme perícia geológica realizada pela corporação, a queda do paredão ocorreu por dois motivos.

Na parte inferior, por correnteza provocada por cachoeira que desemboca no lago e fica próxima à rocha, e, em sua parte superior, pela ação do vento e da chuva no próprio bloco que se desprendeu, cuja constituição física, de muitas fendas horizontais e verticais, chamadas fraturas, ajuda na influência de agentes naturais.

O paredão que se desprendeu e caiu sobre a embarcação tinha 900 toneladas, conforme cálculos da Polícia Civil. No momento do acidente havia no local oito lanchas e uma moto aquática.

A embarcação em que estavam as vítimas se chamava Jesus e tinha, além do piloto, nove turistas.

As investigações apontaram que os pilotos que navegavam com turistas pela região no dia do acidente, e conseguiram escapar do local, não tinham conhecimento de alerta emitido pela Defesa Civil de Minas Gerais na manhã do dia 8. O acidente ocorreu no início da tarde.

Segundo o delegado regional de Passos, Marcos Pimenta, responsável pelas investigações, é possível que os pilotos já tivessem saído para o lago no momento do alerta.

O aviso, segundo o delegado, não falava especificamente da possibilidade de queda de paredões às margens de Furnas, mas sobre a incidência de chuvas na região.

Pimenta disse ainda que uma investigação sobre a tragédia posta em curso pela Marinha poderá apontar se os pilotos das embarcações poderiam ser responsabilizados por não terem tomado conhecimento do alerta.

A reportagem entrou em contato com a Marinha e aguarda retorno.

O perito em geologia da Polícia Civil que emitiu laudo sobre o que ocasionou a queda do paredão, Otávio Guerra, afirmou não ser possível dizer exatamente há quanto tempo o paredão vinha sendo desgastado pela correnteza provocada pela cachoeira e pela chuva e vento.

"Não foi um único evento. Foi uma sequência de ocorrências que vêm existindo há centenas, talvez milhares de anos", analisou.

O inquérito será enviado para o Ministério Público de Minas Gerais, que poderá pedir novas investigações ou concordar com a conclusão.

Temporal danifica teto do aeroporto de Congonhas

Houve chuva de granizo, alagamento e queda de árvores na capital paulista

SÃO PAULO Um temporal com rajadas de vento, granizo, queda de árvores, alagamento e desabamento causou transtorno aos moradores da capital paulista na tarde desta sexta-feira (4). A intensidade da chuva foi tanta que provocou vazamento no teto do aeroporto de Congonhas, na zona sul de São Paulo.

A Infraero disse que houve o extravasamento do limite de escoamento das calhas do teto do aeroporto, causando pontos de vazamento no terminal. "As equipes de manutenção e limpeza foram acionadas, imediatamente, para atuarem na situação", afirmou, em nota.

Também em Congonhas, o temporal trouxe consigo muita ventania. Segundo o CGE (Centro de Gerenciamento de Emergências), as rajadas chegaram a 81,5 km/h.

Vazamento no teto da sala de embarque do aeroporto de Congonhas, em São Paulo Reprodução

Segundo a Infraero, o terminal de passageiros não foi interditado, e as operações de embarque e desembarque continuaram ocorrendo.

Por volta das 16h, os bombeiros tinham registrado chamados para o atendimento de 25 enchentes, 3 desabamentos e 73 quedas de árvores.

Segundo o CGE, houve queda de granizo em ao menos seis bairros da capital, entre 14h e 15h. Foram registradas pedras de gelo em Congonhas, Butantã, Parque Novo Mundo, Sé, Jabaquara e Vila Prudente.

O CGE apontou também Santo Amaro (zona sul) com a maior concentração de chuva na capital. Até as 15h50, foram 79 mm. Na sequência, a Vila Prudente (zona leste) registrou 61,2 mm.

Pouco antes das 15h, o córrego Ipiranga entrou em estado de alerta para transbordamento, na altura da praça Leonor Kaupa, o que acabou não acontecendo. Às 15h50, o centro de gerenciamento determinou o término do estado de atenção para alagamentos em todas as regiões da capital.

Segundo o CGE, a tendência para os próximos dias é de tempo típico de verão, com sol, calor e pancadas de chuva no fim das tardes. A previsão para o sábado (5) é de temperatura máxima de até 30°C. No domingo (6), esquenta ainda um pouco mais, chegando aos 31°C.

Morre músico ferido em resort durante incêndio

SÃO PAULO O músico Antone Roberto Camargo, que se apresentava com a banda Arquivo no momento do incêndio em um bar dentro do Mavsa Resort, em Cesário Lange (SP), morreu na manhã desta sexta-feira (4). A informação foi divulgada pela assessoria hotel.

Camargo estava internado em hospital de Sorocaba desde o incidente, em 21 de fevereiro. Procurada, a Unimed Sorocaba informou que não tinha autorização dos familiares para compartilhar informações sobre o paciente.

O incêndio atingiu um espaço conhecido como Dragon Bar, deixando 16 pessoas feridas, algumas em estado grave. Segundo relatos de testemunhas à Polícia Civil, o fogo teve início após o uso de fogos de artifício. "[Os bailarinos] informaram que o fogo começou logo após o acionamento da pirotecnia", disse o delegado Silvan Benosto, titular de Cesário Lange.

O Mavsa Resort lamentou a morte do músico por meio de nota divulgada nesta sexta-feira (4) e afirmou prestar todo apoio necessário aos familiares.

Em outro comunicado, o empreendimento afirmou que as investigações e depoimentos das testemunhas seguem em andamento.

Paulo Eduardo Dias

PREFEITURA MUNICIPAL DE MORRO AGUDO

[illegible]

[illegible]

CONCORRÊNCIA N.º 1/2022

[illegible]

[illegible]

---

enel

ELETROPAULO METROPOLITANA ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S.A.

Companhia Aberta

CNPJ/MF nº 61.695.227/0001-93 NIRE 35.300.050.274

LICENÇA

A Eletropaulo Metropolitana Eletricidade de São Paulo S/A (Enel Distribuição SP) torna público que requereu junto à Secretaria do Verde e do Meio Ambiente do Município de São Paulo, mediante processo SEI [illegible] a Licença Ambiental de Instalação, referente à ampliação de capacidade da Estação Transformadora de Distribuição [illegible], Pinheiros, situada na Avenida Arruda, [illegible] Mooca, São Paulo/SP.

MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES

COMUNICADO

[illegible]

Mogi das Cruzes, em 04 de março de 2022

[illegible] - Presidente da CMPL

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DE PARNAÍBA

COMUNICADO DE FRACASSO DE LICITAÇÃO E AVISO DE LICITAÇÃO - REPUBLICAÇÃO

Pregão Eletrônico n.º 022/2022 Proc. Adm. n.º 078/2022

Objeto: Contratação de empresa para prestação de serviços de **MANUTENÇÃO PREVENTIVA E CORRETIVA, INCLUINDO O FORNECIMENTO DE PEÇAS DAS BICICLETAS QUE COMPÕEM O PELOTÃO DO CICLOPATRULHAMENTO DA GUARDA CIVIL MUNICIPAL – GCM** de Santana de Parnaíba/SP pelo período de 12 (doze) meses. O Município de Santana de Parnaíba faz saber que, restou **FRACASSADA** a licitação supra, considerando a desclassificação da única empresa interessada na participação do certame, conforme consignado em ata de sessão pública acostada ao processo. Diante do exposto, **REPUBLICA-SE** o presente edital nos termos abaixo: **Do Edital:** O edital de publicação completo poderá ser consultado e/ou obtido a partir do dia [illegible]/03/22 no endereço eletrônico [illegible] bem como por meio do site [illegible] na aba serviços para sua empresa, licitações. Início da sessão de disputa de lances: Dia 16/03/2022 às 10h00min.

Santana de Parnaíba, 25 de fevereiro de 2022

ORDENADOR DE PREGÃO

AVISO DE LICITAÇÃO

PG SABESP NL [illegible]/22 - Fornecimento de Aparelhos de Ar Condicionado [illegible]. Edital completo disponível para "download" no site www.sabesp.com.br/fornecedores, mediante obtenção de senha no acesso "cadastre sua empresa". Informações tel.: (11) [illegible] ou problemas c/ site tel.: (11) [illegible]. Envio das propostas a partir da 0h00 de 21/03/22 até as [illegible]h de 22/03/22 no site acima. Abertura das Propostas: 22/03/22 às 10h. SP 05/03/22 - [illegible].

Água. Sabendo usar, não vai faltar.

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

Sindicato dos Empregados em Escritórios de Empresas de Transportes Rodoviários de Cargas Secas e Molhadas, Cargas Pesadas e Logísticas em Transportes de São Paulo e Itapecerica da Serra - SINDLOG

Edital de Convocação Assembleia Geral Extraordinária

O SINDLOG - Sindicato dos Empregados em Escritórios de Empresas de Transportes Rodoviários de Cargas Secas e Molhadas, Cargas Pesadas e Logísticas em Transportes de São Paulo e Itapecerica da Serra, [illegible]

[illegible]

[illegible]

EDITAL DE CONVOCAÇÃO [illegible]

---

enel

ELETROPAULO METROPOLITANA ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S.A.

Companhia Aberta

CNPJ/MF nº 61.695.227/0001-93 NIRE 35.300.050.274

LICENÇA

A Eletropaulo Metropolitana Eletricidade de São Paulo S/A (Enel Distribuição SP) torna público que requereu junto à Secretaria do Verde e do Meio Ambiente do Município de São Paulo, mediante processo SEI [illegible] a Licença Ambiental de Instalação [illegible] para a ampliação de capacidade da ETD [illegible]

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

CAMPANHA SALARIAL 2021

[illegible]

São Paulo, 4 de março de 2022

CLAUDIA MARIA DE JESUS - Presidente do SINSESP

Edital de Convocação de Assembleia Geral Extraordinária [illegible]

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE [illegible] - Edital de Convocação - Assembleia Geral Ordinária [illegible]

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DE PARNAÍBA

AVISO DE LICITAÇÃO

Pregão Eletrônico n.º 029/2022 Proc. Adm. nº 122/2022

Objeto: Contratação de empresa para prestação de serviços de **LOCAÇÃO, MONTAGEM E DESMONTAGEM DE ESTRUTURAS METÁLICAS TUBULARES**, para a infraestrutura de montagem de cenários e arquibancada para o espetáculo "**DRAMA DA PAIXÃO 2022**" que será apresentado ao público nos dias [illegible] e 16 de abril de 2022, na barragem Edgard de Souza, localizada à Estrada dos Romeiros Km 40,5 - Portão 02 - Santana de Parnaíba - SP, em atendimento à solicitação da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. **Do Edital:** O edital completo poderá ser consultado e/ou obtido a partir do dia [illegible]/03/2022 no endereço eletrônico www.portaldecompraspublicas.com.br bem como por meio do site www.santanadeparnaiba.sp.gov.br na aba serviços empresas, licitações. Início da sessão de disputa de lances: Dia 18/03/2022 às 10h00min.

Santana de Parnaíba, 04 de março de 2022

ORDENADOR DE PREGÃO

saúde

Peter Doshi e David Robertson

Número mágico da Covid para voltar ao normal é para Hollywood

Para pesquisadores, declaração do fim da pandemia caberá às sociedades e não às métricas epidemiológicas

Cláudia Collucci

SÃO PAULO A história demonstra que não há critérios objetivos para definir o fim da pandemia de Covid-19 e, assim como ocorreu em outras epidemias do passado, caberá às sociedades a determinação de quando voltar ao normal, já que o coronavírus continuará circulando, sofrendo mutações e reinfectando as pessoas.

A opinião é dos pesquisadores Peter Doshi, 41, editor sênior da revista científica BMJ (British Medical Journal) e professor associado da Universidade de Maryland (EUA), e David Robertson, 34, historiador da ciência e doutorando da Universidade de Princeton (EUA). Eles publicaram recentemente artigos no BMJ e no jornal americano The Washington Post sobre o tema.

David Robertson, 34
historiador da ciência e doutorando da Universidade de Princeton (EUA)

Peter Doshi, 41
editor sênior da revista científica BMJ (British Medical Journal) e professor associado da Universidade de Maryland (EUA)

Segundo eles, mais de um século após a gripe espanhola, ainda não há um acordo sobre qual foi a última onda daquela pandemia. "Essa ideia de atingirmos algum número mágico e depois declarar o fim da pandemia e voltar ao normal é mais coisa de Hollywood do que de história", afirma Robertson em entrevista que ele e Doshi concederam à **Folha** por email.

Para os pesquisadores, a ampla variedade de respostas que os países têm dado à pandemia, alguns ainda com medidas rígidas, como fechamento de escolas, e outros já abertos desde o segundo semestre de 2020, mostra que essas decisões não foram tomadas com base em critérios objetivos, em métricas epidemiológicas, mas, sim, em diferentes avaliações sobre os impactos do vírus.

Eles afirmam que, embora muitas coisas na Covid ainda sejam incertas, há uma certeza de que o Sars-CoV-2 não desaparecerá. Mas isso não significa que o vírus continuará provocando o sofrimento que já causou nos últimos dois anos, pois os níveis de imunidade estão maiores, seja pelas exposições anteriores ao coronavírus ou pela vacinação.

"A principal lição da história é que as sociedades seguem em frente, aceitando a circulação contínua do novo vírus. Podemos e devemos continuar a desenvolver formas de proteger os mais vulneráveis da Covid-19, mas isso não envolverá a sua erradicação", dizem.

Existe um critério objetivo para declarar o fim da pandemia de Covid-19?

David Robertson A história demonstra que não há critérios objetivos para o fim de uma pandemia respiratória como a Covid-19 porque a pandemia é antes de tudo um evento social, não biológico. Podemos ver isso na ampla variedade de respostas governamentais ao vírus.

Mesmo nos EUA, os estados têm variado muito [as respostas], com alguns continuando a decretar medidas rígidas, como fechamento de escolas e passaportes de vacinas, e outros, em sua maioria, "abertos" desde o segundo semestre de 2020.

Não houve uma métrica epidemiológica que determinasse essas diferentes respostas. Elas refletiram diferentes avaliações do impacto do vírus na sociedade, bem como o impacto das medidas de saúde pública, como o fechamento prolongado de escolas.

Os senhores dizem que, historicamente, a retomada da vida normal orienta o fim de uma pandemia. Essa já é uma realidade em vários países. Acreditam que é mesmo a hora de as principais restrições serem abandonadas?

DR As coisas parecem estar indo nessa direção. Mas é notavelmente desigual. Por exemplo, moro em um país europeu que, recentemente, suspendeu todas as medidas [de proteção] ao coronavírus. Mais e mais países europeus anunciaram a necessidade de voltar ao normal e começar a viver com o vírus.

No entanto, minha universidade nos Estados Unidos recentemente ordenou [doses de] reforço para alunos e funcionários e continua a exigir máscaras, testes semanais e ainda realiza muitas reuniões virtualmente.

É difícil ver como chegarão ao "fim" porque eles parecem que esperam a eliminação do vírus, e isso não vai acontecer. Em algum momento eles terão que aceitar que temos que conviver com a Covid, as coisas vão voltar ao normal, e a pandemia vai acabar para eles também. Mas no momento não está claro quando isso vai acontecer.

Peter Doshi Se há um desejo de retorno à normalidade, então sim [as principais restrições devem ser abandonadas].

Nem todos concordam com a afirmação dos senhores de que não existem métricas para identificar o fim da pandemia. Citam, por exemplo, as taxas de internação ou a proporção de testes positivos. Essas métricas não são válidas? Por quê?

DR Tentar estabelecer uma métrica epidemiológica que possa nos dizer quando a pandemia acabou sugere que o fim de um evento social, como uma pandemia, deve ser determinado puramente por um único grupo de especialistas. Mas mesmo esses especialistas não concordam sobre qual deve ser essa métrica!

> Não há critérios objetivos para o fim de uma pandemia respiratória como a Covid-19 porque a pandemia é antes de tudo um evento social não biológico
>
> **David Robertson**

> O jornalismo precisa se afastar dessa noção de que o mundo é tão simples quanto a verdade versus desinformação e negação. Tem muito mais cinza. Há nuances
>
> **Peter Doshi**

Alguns ainda acreditam que a pandemia não deve terminar até que eliminemos o vírus. Também vemos esse problema historicamente, com diferentes pandemias recebendo diferentes datas de "fim".

Mesmo mais de um século após a gripe espanhola [iniciada em 1918], há um desacordo considerável sobre qual "onda" foi a última da pandemia. Em nosso artigo, queríamos ressaltar que essa ideia de atingirmos algum número mágico e depois declarar o fim da pandemia e voltar ao normal é mais coisa de Hollywood do que de história.

Nunca aconteceu assim. Pelo menos, não com um vírus respiratório endêmico. Como essas coisas se tornam endêmicas, afetando a todos nós, cabe a nós determinar quando queremos voltar ao normal. Reduzir isso a um número não é possível.

PD Concordo com David. Acrescento apenas que, se usássemos algumas dessas métricas propostas na pergunta, a pandemia teria "acabado" várias vezes nos últimos dois anos.

Os senhores dizem que no século passado o fim de pandemias respiratórias nunca foi claro. Mas, dado o fato de que tudo é novo na Covid, é razoável comparar a situação atual com o que aconteceu no passado distante?

DR Em suas linhas gerais, a atual pandemia não é radicalmente diferente das pandemias anteriores de gripe. A Covid-19 é muito menos mortal do que a gripe espanhola e mais mortal do que as pandemias de 1957, 1968 e 2009. Dito isso, a Covid-19 também é menos mortal para os jovens, enquanto as pandemias de gripe são sempre particularmente mortais entre os novos.

A grande diferença histórica é que desta vez, com a Covid, pensamos que poderíamos fazer o vírus desaparecer ou ficar sob nosso controle. Como uma onda após outra onda e uma variante após outra variante deixaram claro, não podemos eliminar esse vírus respiratório.

Isso não significa que não devemos fazer nada. Mas muitos governos pandêmicos se comportaram como se pudessem eliminar o vírus por meio de bloqueios, fechamento de escolas, fechamento de fronteiras, trabalho em casa etc. Era totalmente previsível que o Sars-CoV-2 se tornaria outro de nossos patógenos sazonais endêmicos. Historicamente é isso que acontece após pandemias como essa.

Então é preciso parar com a ideia de que, se fizermos tudo certo, o coronavírus desaparecerá?

PD Sim, precisamos parar com a ideia de erradicar o vírus. Isso não aconteceu em epidemias anteriores de vírus respiratórios como influenza e coronavírus, e vimos que não acontecerá para o Covid-19.

Essas declarações não acabam servindo de munição para os negacionistas e contribuindo para que as pessoas baixem ainda mais a guarda em relação às medidas preventivas?

PD Eu quero comentar o que você chama de "munição para os negacionistas". Eu acho que o jornalismo precisa se afastar dessa noção de que o mundo é tão simples quanto a verdade versus desinformação e negação. Tem muito mais cinza. Há nuances. Existem coisas como opiniões minoritárias bem informadas.

No artigo, os senhores também questionam a disponibilidade de dados nesta pandemia como algo negativo. O que querem dizer exatamente com isso?

DR Durante a Covid, o principal argumento tem sido que ter mais dados é sempre melhor. Mas isso é realmente verdadeiro? Dados sobre internações e mortes por Covid são obviamente importantes para gerenciar a crise sanitária. Mas outros dados, como os casos diários exibidos nos painéis da Covid-19, podem criar mais problemas do que resolvê-los.

Por que, por exemplo, contamos e relatamos infecções assintomáticas da mesma forma que as gravemente hospitalizadas? Essas coisas são realmente iguais? Um caso de Covid em um lar de idosos é comparável a um caso de Covid em uma escola primária? A falha em distinguir esses pontos nos dados piorou a pandemia, aumentando o pânico público e promovendo ilusões de controle.

Os senhores realmente consideram razoável sugerir que a melhor maneira de lidar com isso seria eliminar a informação? Isso não daria mais espaço às notícias falsas?

DR Certamente não pediríamos a eliminação de informações. Não é que os dados sejam totalmente irrelevantes para tomar decisões sobre a pandemia, mas sim que eles, por si só, não podem nos dizer quando a pandemia acabou.

Os dados visualizados em painéis tornaram-se semelhantes ao Oráculo de Delfos [local de profecias na Grécia antiga], como se o "fim" simplesmente se anunciasse para nós quando a curva de infecção descesse e permanecesse baixa. Dado que a história deixa muito claro que a curva nunca permanecerá baixa, achamos importante chamar a atenção para essa adoração sem precedentes aos dados.

No Brasil, cerca de 600 pessoas ainda morrem todos os dias por conta do coronavírus. Mais de 650 mil já morreram. Como voltar a uma vida normal com esses números?

DR Um dos pontos-chaves que destacamos no artigo é que as pandemias nunca terminam da mesma maneira e ao mesmo tempo em todos os lugares. Como a pandemia terminará no Brasil dependerá de como a sociedade brasileira continuará respondendo ao vírus nos próximos meses e anos.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Atuou como empresário no setor de transporte urbano

OTÁVIO VIEIRA DA CUNHA FILHO (1940-2022)

Priscila Camazano

SÃO PAULO Por mais de 40 anos, Otávio Vieira da Cunha Filho atuou como empresário no setor de transporte urbano de passageiros. Esteve à frente de empresas de ônibus, da liderança do sindicato e foi presidente-executivo da NTU (Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos).

Nascido em Matias Barbosa (MG), passou parte da infância em Teresópolis (RJ), até se mudar para Belo Horizonte. Nessa época, seu pai, que era caminhoneiro, comprou uma empresa de ônibus na cidade mineira de João Monlevade.

Já na adolescência, Otávio começou a se interessar pelo trabalho do pai e pelo setor de transporte urbano.

Ele estudou e se formou em administração e contabilidade, no Rio de Janeiro. Na cidade, trabalhou em uma empresa têxtil até resolver voltar para Minas Gerais para atuar na empresa da família.

Na companhia, passou por todas as áreas: foi motorista, cobrador, mecânico, até assumir a presidência, quando o pai resolveu se aposentar.

Casou-se com Jurema, na capital mineira, e teve três filhos, Marcelo, Roberto e Paula.

Nessa época, Otávio vivia entre as cidades mineiras de João Monlevade e Belo Horizonte. Até que, em 1984, teve a oportunidade de comprar uma empresa de transporte em São Luís, no Maranhão — a Empresa de Transporte Roma.

A família então se mudou para a cidade maranhense e lá moraram durante 24 anos. Além de tocar a empresa, Otávio foi presidente do Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros de São Luís, função que ele já havia exercido em Belo Horizonte.

Ainda morando em São Luís, em 1987, ele assumiu a função de presidente-executivo da NTU, em Brasília, e passou alguns anos na ponte aérea entre as duas cidades.

Em 2008, porém, resolveu vender a Empresa de Transporte Roma e se mudou de vez para Brasília, onde passou o resto da vida.

"A vida toda ele esteve nesse ramo de transporte. Ele entendia muito, se especializou nessa área", resume Paula da Cunha, filha de Otávio.

Fora da vida profissional, ele gostava de pescar e de futebol. Era torcedor do Flamengo e do Atlético Mineiro. "Desde pequeno o meu pai gostou de futebol", lembra a filha.

Em 17 de fevereiro, Otávio morreu, aos 81 anos, por complicações da Covid. Ele deixou a esposa, Jurema, os três filhos e cinco netos.

Movimento de pessoas com e sem de máscaras na praça Sete, no centro de Belo Horizonte Bruno Soba / Thenews2 / Agência O Globo

SP deve acabar com o uso obrigatório de máscaras dia 9

Medida também valerá para parques e áreas externas de bares e restaurantes

Carlos Petrocilo

SÃO PAULO O governador João Doria (PSDB) se prepara para comunicar o fim da obrigatoriedade do uso de máscara em ambientes abertos em todo o estado de São Paulo a partir da quarta-feira (9).

Doria deverá tirar a máscara, literalmente, durante entrevista coletiva, no jardim do Palácio dos Bandeirantes, na capital paulista, para anunciar a flexibilização.

Na terça-feira (8), o governador, secretários estaduais e o Comitê Científico da Covid-19 terão uma reunião com a expectativa para fechar todo o trâmite da liberação.

A princípio, a máscara só poderá ser tirada em via urbana e ambientes a céu aberto —como área externa de bares e restaurantes, além de parques e praças, por exemplo. Alguns impasses, como a liberação do acessório em áreas livres de escolas, estações de metrô e terminais rodoviários, onde há aglomerações de pessoas, ainda serão discutidos de forma mais abrangente na reunião de terça.

Antes de a decisão ser anunciada, o comitê científico também monitora se haverá curvas que indicam queda ou crescimento de infecção pelo coronavírus após o Carnaval.

A flexibilização em São Paulo poderá ocorrer após quedas nas médias móveis de óbitos, desde o final de fevereiro, além do alto índice de população imunizada. Este último fator deverá ser explorado por Doria, que é pré-candidato do PSDB para as eleições à Presidência da República, com o principal patrocinador para o fim da obrigatoriedade das máscaras.

Dados do governo de São Paulo, atualizados às 13h desta sexta, indicavam que 88,5% de toda a população, incluindo crianças acima de cinco anos, alcançaram o esquema vacinal completo.

"Ao mesmo tempo, em paralelo [à imunização contra Covid-19], houve uma queda progressiva de internações nos últimos 30 dias. Temos hoje uma queda de 62% de internações nas enfermarias e 52% em UTI, mostrando que vacinar foi a melhor escolha e é baseado nisso que o comitê científico para essas medidas de retomadas", disse o secretário de Saúde, Jean Gorinchteyn, na quinta-feira (3).

Doria também optou pela flexibilização como tem ocorrido em outros estados como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. No Distrito Federal, ela deixará de ser exigida em locais abertos a partir de segunda (7).

Belo Horizonte deixa de exigir a proteção em espaços abertos

Isac Godinho

CONSELHEIRO LAFAIETE (MG) A população de Belo Horizonte não está mais obrigada a utilizar máscaras cobrindo nariz e boca em ambientes ao ar livre na cidade. A medida foi anunciada na tarde da última quinta (3) pelo prefeito Alexandre Kalil (PSD) e oficializada por meio de um decreto publicado no Diário Oficial do Município nesta sexta (4).

A medida foi orientada por uma nota técnica do Comitê de Enfrentamento à Covid-19 da capital mineira. Segundo o médico infectologista Unaí Tupinambás, membro do grupo, a orientação foi baseada nos dados epidemiológicos atuais da cidade.

"Os conhecimentos adquiridos nesses dois anos dão conta de que a transmissão da Covid em ambientes externos, e aí eu falo de ruas, praças e avenidas, ela é muito pouco eficiente. A transmissão ocorre mais em ambientes fechados e mal ventilados", afirmou.

Além disso, a orientação do comitê e o decreto também citam a redução da taxa média de transmissão por infectado na cidade e a baixa ocupação de leitos de UTI e enfermaria para o tratamento de pessoas com Covid.

Outro fator que contribuiu para a decisão foi a alta taxa de vacinação. Segundo a prefeitura, 8[illegible]% da população está completamente imunizada.

Nas feiras de rua, como a popular feira Hippie, realizada na avenida Afonso Pena, o uso de máscaras continuará sendo exigido. Também fica obrigatório o uso de máscara em eventos, festas e partidas de futebol profissional, exceto em momentos de alimentação e hidratação.

A prefeitura afirmou que regras específicas e atualizações podem ser publicadas em portarias nos próximos dias.

De acordo com Unaí Tupinambás, mesmo que estes ambientes sejam abertos, como há grande proximidade de pessoas cantando e gritando, o uso de máscara nessas situações é importante. O médico também recomenda a continuidade do uso de máscara em pátios de escolas ou em momentos de aglomeração, mesmo que nas ruas.

Segundo ele, não há uma expectativa de novo aumento de casos devido às festas realizadas durante o Carnaval.

"Belo Horizonte e o Brasil inteiro estão com uma redução rápida de casos. O que pode acontecer é dar uma freada nessa redução, cair de forma mais lenta por conta do Carnaval. Muito disso por conta da ampla vacinação e da disseminação ampla da Covid, da variante ômicron, nos meses de janeiro e fevereiro", afirma.

Coronavírus invade pênis e testículos de macacos, diz pesquisa

Roni Caryn Rabin

THE NEW YORK TIMES O coronavírus pode infectar o tecido do trato genital masculino, segundo mostrou uma nova pesquisa sobre macacos rhesus. A descoberta sugere que sintomas como disfunção erétil relatados por alguns pacientes com Covid-19 podem ser causados diretamente pelo vírus, não pela inflamação ou a febre que geralmente acompanham a doença.

A pesquisa demonstrou que o coronavírus infectou a próstata, o pênis, os testículos e os vasos sanguíneos circundantes em três macacos rhesus. Eles foram examinados com varreduras de corpo inteiro especialmente projetadas para detectar locais de infecção.

"O sinal que se destacou para nós foi a disseminação completa pelo trato genital masculino", disse Thomas Hope, principal autor do artigo e professor de biologia celular e do desenvolvimento na Escola de Medicina Feinberg da Universidade Northwestern em Chicago. "Não tínhamos ideia de que o encontraríamos lá."

Quando sua equipe analisou inicialmente uma imagem digitalizada do primeiro animal, uma das cientistas perguntou: "De que sexo era o animal mesmo?", disse Hope.

"Eu disse: 'Acho que é fêmea'. E ela disse: 'Acho que não é fêmea'. Desci até a parte inferior da imagem, que estava quase cortada, e os testículos estavam bem iluminados. O sinal no pênis estava fora do radar", disse Hope.

O artigo se baseou em descobertas em apenas três macacos, mas as conclusões foram consistentes, disse Hope. O estudo ainda não foi revisado por pares para publicação em uma revista e foi publicado na segunda-feira (28) no site bioRxiv.

O trabalho foi realizado no Centro Nacional de Pesquisa de Primatas Tulane, na Louisiana. Os pesquisadores não sabem se os macacos apresentavam sintomas correspondentes à infecção viral do trato genital masculino, como baixos níveis de testosterona, baixa contagem de espermatozoides, dor ou disfunção sexual, disse Hope.

Cerca de 10% a 20% dos homens infectados com o coronavírus apresentam sintomas ligados à disfunção do trato genital, relataram estudos.

Homens infectados com o vírus são três a seis vezes mais propensos do que outros a desenvolver disfunção erétil, que se acredita ser um indicador de longa duração da Covid-19.

Os pacientes também relataram sintomas como dor testicular, contagem reduzida de esperma e redução da qualidade do esperma, diminuição da fertilidade e hipogonadismo, uma condição na qual os testículos produzem quantidades insuficientes de testosterona, levando a baixo desejo sexual, disfunção sexual e redução da fertilidade.

Outros vírus são conhecidos por afetar a fertilidade, observou Hope. "A caxumba é mais famosa historicamente, por causar esterilidade", disse. Embora uma pequena fração dos homens sofra tais complicações após a infecção por coronavírus, milhões podem sofrer problemas de saúde sexual e reprodutiva após a pandemia, simplesmente porque o vírus infectou tantas pessoas em todo o mundo, alertou Hope.

Ele pediu aos homens que se vacinem e procurem uma avaliação médica se estiverem preocupados com sua saúde sexual ou reprodutiva.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

esporte

ESPORTE AO VIVO
16h Corinthians x RB Bragantino — Brasileiro feminino, BAND
18h São Paulo x Corinthians — Paulista, HBO MAX, ESTÁDIO TNT SPORTS
17h Real Madrid x Real Sociedad — Espanhol, ESPN

Corinthians busca 1º sucesso com estrangeiro desde 1930

Português Vítor Pereira estreia em clássico e tenta feito que só italiano conseguiu

Marcos Guedes

SÃO PAULO "Para já, ganhar títulos", disse Vítor Pereira, 53, citando seu primeiro objetivo ao ser apresentado como técnico do Corinthians. "Eu gosto de ganhar com qualidade de jogo, mas ganhar é fundamental. Em um clube desta dimensão, com uma torcida enorme, é importante lutar e competir por títulos. Eu posso prometer muito trabalho em busca dos títulos."

A palavra "títulos", como se vê, foi bastante repetida pelo português. Não tem sido fácil, porém, para treinadores estrangeiros alcançá-los no clube do Parque São Jorge. Na função de comandante solo, apenas um não brasileiro levantou troféu pelo time alvinegro, o italiano Virgílio Montarini, nas edições de 1929 e 1930 do Campeonato Paulista.

Faz tempo.

Antes, ainda na época em que eram os capitães das equipes que faziam o papel de treinadores, o Corinthians se sagrou campeão com Casemiro González nessa função. Foi com o zagueiro espanhol como o responsável pelas escalações que a formação do Bom Retiro, perto da região central de São Paulo, levou suas primeiras taças no futebol, nos estaduais de 1914 e 1916.

Após a mudança para o Parque São Jorge, na zona leste, e o sucesso de Montarini, o time ainda conquistou um título com um estrangeiro no banco. Era o português Antônio Pereira, um dos cinco operários fundadores do clube em 1910, mas ele dividia a função com o ex-jogador Neco (Manuel Nunes), grande ídolo alvinegro, que era quem efetivamente dava as cartas.

"Embora Antônio Pereira conste como técnico [...], não há dúvida de que, pelo menos no campo, Neco, que parara de jogar, dava orientação ao time sentado no banco. A foto de Manuel Nunes, de terno, confraternizando com os jogadores no 1º gol de Teleco que em 1937 deu o título de campeão ao Corinthians, vale mais que qualquer dado estatístico", diz o cronista Lourenço Diaféria, no livro "Coração Corinthiano" (1992).

Depois disso, nenhum estrangeiro foi campeão pelo Corinthians. Tentaram o argentino Joseph Tiger (1944), o português Joreca (1948 e 1949), o argentino Jim López (1960), o paraguaio Fleitas Solich (1961 e 1961), os argentinos Filpo Núñez (1966 e 1976) e Armando Renganeschi (1978), o uruguaio Dario Pereyra (2001) e o argentino Daniel Passarella (2005).

Antes, foram capitães-jogadores o italiano Rafael Perrone (1910 e 1911) e o português Casemiro do Amaral (1912). Já na era do profissionalismo, a equipe foi dirigida pelo uruguaio Pedro Mazzulo (1933 e 1934).

Com Casemiro González (1912 a 1914 e 1916 a 1917), Virgílio Montarini (1929 a 1931), Antônio Pereira (1937) e, agora, Vítor Pereira, o Corinthians soma oficialmente 15 treinadores estrangeiros. Mas só o italiano Montarini pode dizer que foi campeão pelo clube na função de técnico como o conhecemos hoje.

Ele estreou em amistoso contra o inglês Chelsea, em junho de 1929, um empate por 4 a 4 no Parque Antarctica. Assumiu um time que era campeão paulista de 1928 e o conduziu ao tricampeonato, vencendo em 1929 e 1930. Além disso, participou de outros dois momentos emblemáticos.

Montarini era o treinador alvinegro na vitória por 3 a 1 sobre o Barracas, da Argentina, em amistoso no Parque São Jorge. No dia seguinte, o cronista esportivo Tomás Mazzoni, de A Gazeta, elogiou "a fibra de mosqueteiro" dos jogadores. E o mosqueteiro se tornou um símbolo do clube.

Depois, em 1930, a Apea (Associação Paulista de Esportes Atléticos) promoveu uma espécie de tira-teima entre o campeão paulista e o carioca. O Corinthians venceu o Vasco por 4 a 2 no primeiro jogo, no Parque São Jorge. Em São Januário, perdia por dois gols, mas buscou a virada por 3 a 2 e ganhou o apelido cantado em seu hino, "o campeão dos campeões".

Agora, chegou a vez de um português buscar a glória em preto e branco. Seu primeiro passo nessa tentativa se dará neste sábado (5), às 18h, no Morumbi, em duelo do Campeonato Paulista com o São Paulo.

O técnico português Vítor Pereira, de preto, instrui jogadores em treino do Corinthians Rodrigo Coca/Ag. Corinthians

Sob alta tensão, Paralimpíadas de Inverno convivem com guerra

SÃO PAULO Há exatamente um mês, os Jogos Olímpicos de Inverno tiveram sua cerimônia de abertura realizada em um clima de tensão política, com movimentos simbólicos de líderes internacionais. Nesta sexta-feira (4), em um ambiente que já vai bem além da tensão e do simbolismo, foram abertos oficialmente os Jogos Paralímpicos de Inverno.

Enquanto a chama era acesa no estádio Ninho de Pássaro, em Pequim, na China, a Ucrânia continuava a ser bombardeada pela Rússia. Se havia no início de fevereiro o temor de que o estresse na relação entre atores da geopolítica pudesse atingir maiores níveis, agora há a inapelável realidade de uma guerra em andamento.

No mês passado, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, esteve na abertura e formalizou com o presidente chinês, Xi Jinping, uma aliança contra políticas ocidentais. Desta vez, enquanto conduz seu país em meio a uma invasão iniciada em 24 de fevereiro, o líder russo não viajou a Pequim. Também não estiveram no estádio seus compatriotas atletas.

Os russos foram vetados das competições, assim como os esportistas da Belarus, aliada da Rússia. O CPI (Comitê Paralímpico Internacional) chegou a anunciar a permissão a esses competidores, apontando que a proibição só seria possível após uma assembleia geral. Porém, pressionada, a entidade teve de recuar.

Competidores e comitês nacionais de vários países criticaram bastante a decisão original. Assim, o presidente do CPI, o brasileiro Andrew Parsons, vetou russos e belarussos "para preservar a integridade dos Jogos e a segurança de todos os participantes". "Garantir a segurança dos atletas é de suma importância para nós", justificou o comitê.

Na solenidade desta sexta, a delegação ucraniana foi uma das mais aplaudidas. Alguns atletas ergueram o punho como um sinal de resistência à guerra com a Rússia.

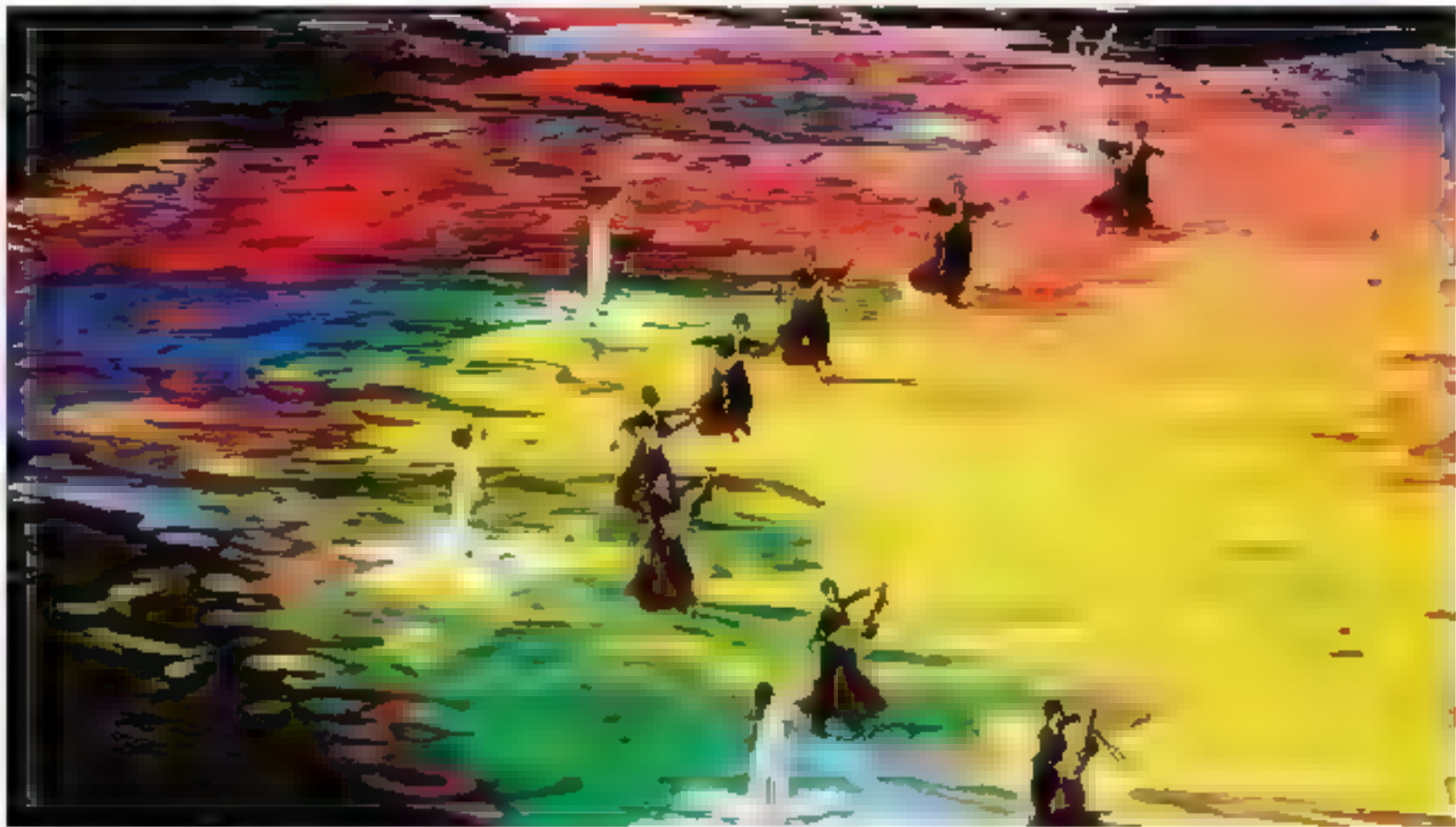
No discurso que inaugurou os Jogos, Parsons, que havia aplaudido de pé a entrada dos atletas ucranianos no estádio, clamou pela paz.

"Nesta noite, quero começar com uma mensagem de paz. Como líder de uma organização que tem a inclusão em seu cerne, na qual a diversidade é celebrada e as diferenças, abraçadas, estou horrorizado com o que está acontecendo no mundo neste momento. O século 21 é tempo de diálogo e diplomacia, não de guerra e ódio", disse o brasileiro.

"Um oponente não precisa ser um inimigo. O movimento paralímpico convoca as autoridades mundiais a se juntarem, como os atletas fazem, para promover a paz, o entendimento e a inclusão", continuou Parsons, que encerrou a fala com um "muito obrigado" seguido por um grito de "Paz!".

Os porta-bandeiras do Brasil foram Aline Rocha e Cristian Ribera, ambos do esqui cross-country. Também fazem parte da delegação verde-amarela Guilherme Cruz Rocha, Robelson Moreira Lula e Wesley dos Santos, outros que praticam o esqui cross-country, e André Barbieri, que estará na disputa do snowboard.

É o maior grupo levado pelo país a uma edição das Paralimpíadas de Inverno. Os brasileiros estrearam na edição de 2014, em Sochi, na Rússia, com dois participantes. Em 2018, em Pyeongchang, na Coreia do Sul, foram três. O número foi dobrado em Pequim, onde se busca o primeiro pódio.

"É uma honra imensa representar o meu país nos Jogos e ainda por cima ser porta-bandeira", afirmou Aline Rocha. O sentimento é compartilhado por Cristian Ribera, que, depois de experimentar o orgulho de carregar o símbolo de seu país, agora busca se orgulhar também de seu desempenho. "Sei quanto treinei, quanto trabalhei. Sonho alto." MG

Dançarinos em número durante a cerimônia de abertura das Paralimpíadas de Inverno em Pequim Wang Zhao/AFP

É certo punir atletas russos

Guerra de Putin prejudica uma geração de atletas, e o esporte não pode se omitir

Marina Izidro

Jornalista e vive em Londres. Cobriu seis Olimpíadas, Copa e Champions. Mestre e professora de jornalismo esportivo na St Mary's University College

Imagine um dos eventos esportivos de maior prestígio do mundo em risco por falta de atletas. Quase aconteceu nos Jogos Paralímpicos de Pequim. Foram tantas delegações ameaçando boicote caso russos e belarussos competissem que o presidente do Comitê Paralímpico Internacional, o brasileiro Andrew Parsons, decidiu excluir atletas dos dois países horas antes da cerimônia de abertura.

Nesta semana, a Fifa fez o mesmo. Havia permitido que russos disputassem as Eliminatórias para a Copa do Mundo do Qatar de forma neutra, sem usar o nome do país, mas houve tanta pressão de federações que a entidade suspendeu a Rússia de competições internacionais, o que deixa o país fora do Mundial. Os casos continuam nos tribunais.

Nos últimos dias, praticamente todos os esportes puniram atletas russos de alguma forma. Alguns permitiram que participem como neutros, sem bandeira ou hino, o que acaba sendo uma punição mais simbólica. É o caso do tênis (e haja coragem para expulsar o novo número um do mundo, Daniil Medvedev). Outros, como Fifa e Uefa no futebol, e o vôlei, optaram pela exclusão. Organizações e federações também retiraram suas competições de território russo, como o GP de Sochi de Fórmula 1. É o certo. Não há alternativa.

Atletas da Ucrânia já morreram em combate, e a seleção de futebol do país pediu o adiamento da partida das Eliminatórias contra a Escócia por causa da guerra. Não parece certo deixar a Rússia competir enquanto ucranianos não conseguem treinar, estão fugindo, perdendo a vida.

Muitos atletas russos, de fato, não têm culpa, são vítimas do sistema e da guerra de Putin. Os que têm coragem de se manifestar, caso do tenista Andrey Rublev, que escreveu "sem guerra, por favor" na lente da câmera no ATP de Dubai, precisam ser aplaudidos. Mas então é correto penalizá-los por algo sobre o qual não têm controle? Que diferença isso faz na guerra? Sim, a punição importa.

Importa porque regimes autoritários usam o esporte como ferramenta de poder para melhorar a própria imagem. Importa porque dar a um país o privilégio de sediar eventos internacionais gera dinheiro e prestígio. Importa porque falar sobre o assunto fora da esfera política permite que pessoas vejam que há algo errado e façam questionamentos. Importa para que atletas — muitos deles brasileiros — que atuam na Ucrânia não se sintam sozinhos e esquecidos. E porque não é justo criticar esportistas quando não se posicionam e, se eles decidem se unir por uma causa, reclamar que não vai adiantar nada.

Entendo quem considera hipocrisia punir russos e não "tal país responsável por tal conflito, ou aquele outro que desrespeita direitos humanos". Mas talvez isso mostre que o debate deve continuar. Posicionar-se contra a Rússia não significa ignorar outras injustiças. Se elas não podem mais ser corrigidas, o que dá para ser feito daqui para a frente? A Rússia deve ser punida indefinidamente? Com certeza, não. Então, até quando? Como dá para incluirmos o esporte como parte da mudança que queremos no mundo mas, ao mesmo tempo, não sermos ingênuos?

Fato é que a guerra acabou de vez com o mito de que esporte e política não se misturam, discurso às vezes usado por conveniência quando países e organizações esportivas preferem não agir. Um posicionamento firme pode influenciar decisões de dirigentes poderosos. Atletas e opinião pública têm mais poder do que às vezes imaginam.

É LOGO ALI | Luiza Pastor
folha.com/elogoali

Escolha seu caminho para o ponto mais alto da capital paulista

Se alguém quiser testar seus limites na cidade de São Paulo antes de se arriscar numa aventura rural, o Parque Estadual do Jaraguá é uma ótima pedida. Localizado a 23 km da Praça da Sé, centro da capital paulista, no bairro de Vila Chica Luiza, a poucos metros de uma aldeia indígena guarani, é servido por várias linhas de ônibus e a entrada é gratuita. E melhor: oferece uma infraestrutura de serviços bem razoável para o visitante, de bebedouros a banheiros, passando por barraquinhas de açaí, sorvete e água de coco na base do pico do Jaraguá, de 1.135 metros de altitude. Seja o leitor um canário de apartamento ou trilheiro raiz, um estímulo e tanto, vai.

O nome Jaraguá vem do tupi e significa "Senhor dos vales". E é todo o vale ao redor que se vê lá do alto, aos pés de duas antenas, compartilhadas pelas TVs Globo, Bandeirantes e Cultura. Dá até para subir ao pé das antenas, instaladas exatamente no pico, ponto oficialmente mais alto da cidade de São Paulo, mas sempre é bom avisar que a escadaria tem 242 degraus de concreto, sem sombra. No verão, um sol de rachar. No inverno, um vento de respeito. Vai encarar? Vale a tentativa.

O mais charmoso do parque são suas trilhas, com diferentes graus de dificuldade. Com 491,98 hectares de área de preservação ambiental, é considerado desde 1994 Patrimônio da Humanidade pela Unesco por abrigar uma das últimas áreas de mata atlântica na região metropolitana. É frequente cruzar com quatis que passeiam tranquilamente pelos caminhos, alheios aos passantes e até posando para fotos, disputando os flashes com macacos-prego e tucanos. Mas, atenção: nada de alimentar os animais. E, por favor, segurem as crianças e adultos desavisados: tentar "fazer um carinho" num animal selvagem pode acabar no pronto-socorro.

Voltemos às trilhas.

A mais concorrida, a Trilha do Pai Zé, é também classificada como a mais difícil. Com 3.600 metros de terreno irregular e íngreme, bem escorregadio depois de dias chuvosos, recebeu 500.030 visitantes em 2019, última estatística disponível antes do fim do mundo, digo, da pandemia do novo coronavírus, que fechou o parque ao público meses a fio. Apesar de exigir bastante das pernas e, em alguns casos, das mãos como apoio extra para evitar tombos (um bastão de caminhada é uma excelente ajuda em alguns trechos), é um caminho que segue praticamente todo à sombra da floresta densa e fresca. Para quem perder o fôlego, pedras não faltam pelo caminho para fazer uma pausa. Ah, e é de bom tom dar bom dia e boa tarde aos que cruzam nosso caminho. Mesmo que às vezes a falta de ar faça o cumprimento soar mais como um resmungo. Todos entendem, ligue não.

Mais facinhas são a Trilha do Silêncio, com pouco menos de 2 km e de pouca inclinação, e a Trilha da Bica, classificada como de dificuldade moderada, e que leva, como o nome indica, a uma bica de água fresquinha. Para quem vai de bicicleta, carro, ou não quer saber de sufoco, a Estrada Turística do Jaraguá oferece cerca de 4,6 km de asfalto até a base do pico. Ou seja: tem opção de passeio para todo perfil de visitante.

"Nosso principal diferencial é a oportunidade de contato direto com a flora e fauna, o PE Jaraguá é um importante espaço para contemplação da natureza e uma excelente área para caminhada, prática de ciclismo e corrida", diz Gustavo Lopes do Espírito Santo, gestor da unidade. Por nada, não, mas ele tem toda a razão. Quem vamos?

Parque Estadual do Jaraguá
Horário de funcionamento das 7h às 17h, de terça a domingo
Ingressos entrada gratuita
Endereço Rua Antônio Cardoso Nogueira, 539, Vila Chica Luiza, São Paulo

BABEL PAULISTANA
Flavia Mantovani
folha.com/babelpaulistana

Festival imigrante terá shows de ritmos caribenhos, dança africana e música árabe em SP

Começa neste fim de semana em São Paulo um evento que promete colocar o público para dançar ao som de ritmos de várias partes do mundo.

O Festival Músico Cidadão terá shows de grupos da Guiné Conacri, de países caribenhos e do Oriente Médio, além de oficinas de dança africana e música árabe.

A primeira apresentação será neste sábado (5), às 20h, no Centro Cultural da Penha, com o grupo Limanya, que traz no repertório antigos provérbios africanos, cantos, danças e ritmos da cultura tradicional sussu —etnia da Guiné Conacri.

O espetáculo tem direção artística da bailarina, percussionista, coreógrafa e cantora Mariama Câmara, e no palco também se apresentarão a dançarina Bolory Camara e três percussionistas.

No domingo (6), será a vez do Tríptico Caribe, dedicado a ritmos como cumbia colombiana, salsa venezuelana, salsa porto-riquenha e son cubano. Liderado pelo colombiano Aleksey Benavides, tem também músicos da Venezuela e do Peru.

O show de encerramento do festival será no dia 26 de março, no Centro Cultural da Juventude, com a banda Nikkal. Conduzida pela síria Rajana Olba, a apresentação terá instrumentos tradicionais árabes, como alaúde, derbake, flauta árabe e kanun, além de canto e dança.

O mestre de cerimônias é o idealizador do projeto Músico Cidadão, o músico e pesquisador Leo Bianchini (da banda 5 a Seco).

Entre os shows, haverá conversas com os artistas sobre suas práticas musicais, sua cultura nativa e os instrumentos usados nos espetáculos.

Assim como os espetáculos, as oficinas serão gratuitas. No dia 12, às 15h, a síria Rajana Olba dará um workshop sobre ritmos árabes e o alaúde (instrumento de corda típico do Oriente Médio) no Centro Cultural da Juventude. Nos dias 13 e 20 de março, às 14h, Mariama Camara ensinará dança africana no Centro Cultural da Penha.

É obrigatório o uso de máscara e a apresentação do comprovante de vacinação, com ao menos duas doses.

VOLUNTÁRIOS CIVIS PREPARAM COQUETÉIS MOLOTOV EM LVIV, NA UCRÂNIA, PARA RESISTIR AO AVANÇO RUSSO
Ofensiva russa ganha terreno com conquista da planta nuclear de Zaporíjia, a maior da Europa; ONU sinaliza que mais de 1 milhão de pessoas se deslocaram para fora da Ucrânia em apenas nove dias de conflito e países vizinhos anunciaram programas para receber os refugiados *Daniel Leal/AFP*

COZINHA BRUTA | Marcos Nogueira
folha.com/cozinhabruta

A maionese desandou

"Licorice Pizza", de Paul Thomas Anderson, é uma delícia. Podem ficar tranquilos, eu não vou escrever a décima-sétima resenha do filme para este jornal. Quero apenas falar do lugar mental para onde ele me transportou: o mundo em que eu cresci, nos anos 1970 e 80, bem longe da Califórnia.

Eram tempos de ótima música, fliperama e o medo permanente de que tudo fosse pro beleléu numa Terceira Guerra Mundial com armas nucleares.

No filme, a realidade brutal daqueles anos às vezes se intromete nos desencontros do casal protagonista —um menino de 15 anos todo cheio de si e uma jovem de 25 anos terrivelmente insegura.

Um dos panos de fundo do enredo é a crise do petróleo de 1973. Com a gasolina em falta, Los Angeles virou uma enorme fila de carros parados nos postos de combustível.

Com quase 50 anos de distância, parece uma cena moderna de caos. Mas foi algo que se repetiu algumas vezes, era quase corriqueiro.

Eu sei o que é ficar três horas no banco traseiro do Opala branco do meu pai, à espera de uma quantidade racionada de gasolina. E o petróleo não era a única coisa em escassez.

Pelos mais variados motivos —quebra de safra, pressão dos produtores, demanda anormal— sempre tinha alguma coisa em falta. Faltava carne, faltava cerveja, se periga se faltava até palito de fósforo para acender a churrasqueira.

Com a inflação maluca, as pessoas compravam comida para todo o mês assim que recebiam o salário. Enganchavam dois ou três carrinhos no supermercado. Lembro que minha mãe pegava uma peça inteira de contrafilé e passava a tarde de sábado fatiando bifes para congelar.

Éramos acostumados a termos como "Guerra Fria" e "cortina de ferro", tínhamos pesadelos com o embate final entre os Estados Unidos e a União Soviética, a ameaça nuclear pairava feito assombração sobre nós.

O medo da catástrofe atômica se tornou pânico em 1986, com o acidente da usina de Tchernóbil, na Ucrânia soviética. O vazamento de material nuclear matou 31 pessoas e empesteou a comida num raio de muitas centenas de quilômetros.

Um tempo depois, curiosamente, começou a aparecer nos supermercados daqui um leite em pó diferente, vindo da Holanda ou da Irlanda. Era produto rejeitado pelos países europeus porque tinha níveis de radiação muito acima dos aceitáveis. Milk-shake atômico desovado nos trópicos.

Na virada do milênio, parecíamos ter superado a história suja que nos levara até ali. Acabou guerra fria, a internet operando milagres, até a economia do Brasil entrou nos eixos.

Então a nau emborcou lindamente outra vez. A maionese desandou. Fome, inflação, fascismo e peste já se instalaram no sofá. Agora é o fantasma da guerra total que toca a campainha.

Sugiro que, além de "Licorice Pizza", você veja "O Dia Seguinte" —filme de 1983 que simulava os efeitos de um ataque nuclear no interior dos EUA. Só não se esqueça de rebobinar o VHS antes de devolver na videolocadora.

ACERVO FOLHA

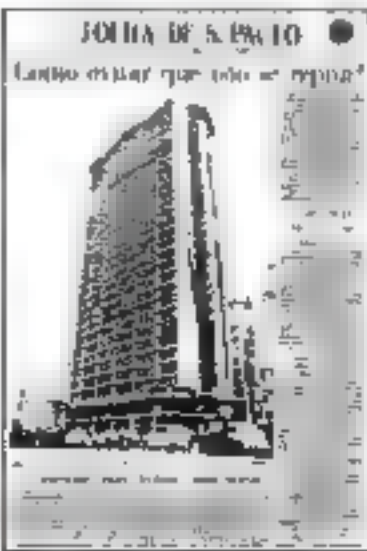
Há 50 anos 5.mar.1972

Especialistas defendem fiscalização severa para tentar evitar incêndios

Para evitar tragédias como a do incêndio do Edifício Andraus (na qual 16 pessoas morreram no dia 24 de fevereiro, em São Paulo), quase todos os especialistas ouvidos pela **Folha** consideram que é fundamental uma fiscalização severa para que medidas de prevenção e combate ao fogo sejam aplicadas e obedecidas.

O Código de Obras Municipais, apontado como obsoleto, tímido e falho, no entanto, contém várias exigências que, se respeitadas, reduziriam sensivelmente as possibilidades de incêndio.

Sob o impacto da tragédia, o Código de Obras está sendo reformulado para reforçar as medidas de segurança.

FOLHA DE S.PAULO

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Rumo à Sibéria

Ícones da cultura russa, como Dostoiévski, viram párias após a invasão da Ucrânia e geram alerta sobre 'macarthismo cultural'

'Rot Front', cartaz de Viktor Deni de 1932 Bowdoin College Museum of Art, Brunswick, Maine/Google Arts and Culture/Reprodução

Danilo Thomaz

RIO DE JANEIRO A Rússia parece ter se tornado um verdadeiro pária da indústria cultural depois que o seu presidente Vladimir Putin atacou a Ucrânia e deu início à mais grave crise militar na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

A Universidade de Milão cancelou um curso gratuito sobre o escritor Fiódor Dostoiévski em protesto à invasão da Ucrânia pela Rússia. A pressão nas redes sociais fez a universidade mudar de ideia, mas a caixa de Pandora já havia sido aberta.

Em questão de dias, outros casos começaram a se suceder. Cannes cancelou a presença de delegações russas no seu festival. Enquanto isso, um teatro de Gênova, na Itália, desmarcou um festival de música e literatura russa dedicado ao autor de "Crime e Castigo". O motivo, segundo reportou a agência de notícias Ansa, é o fato de que o consulado russo na cidade patrocina o evento.

O maestro russo Valeri Gerguiev foi demitido da Filarmônica de Munique. Isso porque, segundo o prefeito da cidade alemã, instado a se manifestar sobre a invasão, o regente preferiu ficar em silêncio. Já a soprano russa Anna Netrebko, que manifestou apoio à reeleição de Putin, foi vetada do Carnegie Hall, em Nova York.

O expurgo se estende para o território russo. Disney, Sony e Warner, três dos maiores estúdios de Hollywood, afirmaram que não exibirão seus lançamentos no país. Entre eles, estão o novo "Batman", com Robert Pattinson, "Morbius", com Jared Leto, e "Red: Crescer É uma Fera", da Pixar.

A Netflix interrompeu produções originais russas e a compra de filmes e séries do país, segundo a revista Variety. E o Spotify disse que fechou seu escritório por lá indefinidamente em resposta ao que chamou de "ataque sem motivo à Ucrânia" por Putin.

Num artigo na Bloomberg, o economista Tyler Cowen chamou a onda de cancelamentos de um "novo macarthismo", em referência ao período da história americana em que uma série de artistas, intelectuais e políticos foram perseguidos e censurados por causa de uma suposta ligação com o comunismo.

Em países como a Polônia, que pertenceram ao mesmo lado da Cortina de Ferro que a Rússia soviética, foram banidos nas sociedades harmônicas compositores como Tchaikóvski, autor do balé "A Bela Adormecida", e Chostakóvitch, da ópera "Lady Macbeth do Distrito de Mtsensk", que décadas atrás irritou Stálin.

Continua na pág. C2

> **"Escritores como Dostoiévski, Tolstói, Tchékhov e tantos outros, antes de tudo, foram exímios artistas e grandes intérpretes da alma humana**
>
> **Cide Piquet**
> editor da 34, que publica traduções da literatura russa

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

PIOR SEM ELE

O crescimento de Jair Bolsonaro (PL) nas pesquisas eleitorais vem sendo discretamente comemorado no PT. Além de previsível, ele torna cada vez mais difícil a viabilização de um candidato da terceira via —todos os outros competidores estão estacionados, e bem atrás do presidente nas pesquisas.

SINAIS Os primeiros sinais de que Bolsonaro reagiria nas sondagens eleitorais começaram a aparecer no começo de janeiro —quando a percepção das pessoas sobre os rumos da economia passou a melhorar.

SINAIS 2 Em novembro de 2021, apenas 22% dos que responderam à pesquisa do Instituto Ipespe, financiada pela XP Investimentos, concordava com a afirmação de que a economia brasileira estava no "caminho certo". Foi o pior índice registrado na sequência de sondagens feita pelo instituto. Outros 69% diziam que ela estava no "caminho errado".

SINAIS 3 Depois disso, os índices começaram a melhorar lentamente. Até que, no fim de fevereiro, chegaram a 27% os que consideram que a economia está o "caminho certo". E os que têm percepção negativa caíram para 63% —uma diferença de seis pontos em relação ao pior momento de Bolsonaro.

SINAIS 4 O presidente passou então a reagir nas pesquisas, ainda que de forma tímida, passando de 24% para 26% no Ipespe.

NA MESMA Já Sergio Moro (Podemos) não saiu do lugar, mantendo os 8% da preferência do eleitorado, e em empate com Ciro Gomes (PDT), que oscilou de 8% para 7% nos primeiros meses do ano.

SALTO... Mesmo entendendo que uma disputa com Bolsonaro pode ser mais fácil de enfrentar do que uma terceira via no segundo turno das eleições, a ordem no PT é evitar o "salto alto".

...BAIXO O presidente, embora rejeitado por ampla parcela do eleitorado, tem eleitorado fiel —e o poder de, no cargo, tomar dezenas de medidas que podem reverter a antipatia de uma parte da população.

FORA, GERALDO E setores do PT seguem torcendo o nariz para a possibilidade de Geraldo Alckmin ser confirmado candidato a vice na chapa de Lula.

FORA 2 Na sexta (4), os ex-presidentes do PT Rui Falcão e José Genoino convidaram a militância "contrária à indicação de um vice golpista e neoliberal" para um debate. O resultado será divulgado no YouTube.

TEMPO CERTO "As candidaturas do PT são sempre decididas no encontro nacional do partido. E ele ainda não ocorreu. Estamos ainda, portanto, no momento de debate", afirma o deputado federal Rui Falcão.

MEGAFONE O Festival 3i de jornalismo, que ocorre no dia 22, sediará o lançamento da Tornavoz, associação que se propõe a garantir a defesa jurídica em casos de ameaças à liberdade de expressão. A advogada Taís Gasparian e o jornalista Juca Kfouri, colunista da Folha, participarão do evento.

NO PALCO

Fotos Everton Amaro/Sesi/Divulgação

A atriz Virginia Cavendish 1 se reuniu no camarim com o elenco da peça "Terremotos", na sessão de pré-estreia na quinta-feira (3) no Teatro Sesi, em São Paulo. A atriz Paloma Bernardi 2 também estava presente. O diretor do espetáculo, Marco Antônio Pâmio 3, passou pelos bastidores.

SUSTENTÁVEL "A Espera de Liz", com Zé Carlos Machado, é o primeiro filme brasileiro a compensar todas as emissões de carbono de sua produção.

GASTO Segundo o ator e diretor Bruno Torres, a iniciativa teve um custo de R$ 12 mil —o que não representou nem 1% do orçamento do longa, que foi de R$ 1,65 milhão.

VERDE Os 124 dias de produção da obra corresponderam à geração de 16,9 toneladas de gases poluentes. Eles foram compensados por meio do plantio de 130 árvores em áreas de preservação permanente e mapeadas via satélite.

LUPA As pesquisas no Brasil sobre como auxiliar a Ucrânia na guerra contra a Rússia dispararam na internet. Segundo o Google Trends, a frase "como ajudar a Ucrânia" e a versão da pergunta "como ajudar" mais pesquisada pelos brasileiros nos últimos sete dias.

NICHO A população do Paraná foi a que mais buscou pela frase. É lá onde fica a maior comunidade ucraniana no país.

INTERNACIONAL Após 15 anos na Globo, a atriz Suzana Pires decidiu não renovar com a emissora. Ela diz que quer se dedicar à carreira internacional e que vai filmar uma produção americana. Detalhes do projeto não foram revelados. Ela também vai lançar o livro "Dona de Si" (DVS) na próxima semana.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

Rumo à Sibéria

Continuação da pág. C1

Sergey Belyavsky, nascido em Moscou, vive na cidade de Kansas City, nos Estados Unidos, onde trabalha e estuda como pianista. Depois de ter a carreira abalada pela pandemia, que restringiu as apresentações ao público e as viagens, agora vê as restrições voltarem, mas só para os russos.

"Se você é russo, você não pode ir para lugar nenhum nos Estados Unidos e na Europa", ele afirma a este repórter.

Opositor de Putin e da invasão da Ucrânia, Belyavsky tem sofrido as consequências das sanções culturais ao seu país de origem. Dias atrás, ao se inscrever para uma competição internacional de pianistas na Irlanda, recebeu como retorno da organização um agradecimento pelo contato dizendo que não iriam "incluir competidores da Rússia na edição de 2022". "O que eu tenho com isso?", ele questiona, durante a entrevista.

O músico afirma que tem se manifestado e não se importaria mesmo em gravar um vídeo se posicionando contra a guerra, mas afirma que todo esforço é inútil, porque as pessoas acreditam que, sendo você um russo, então seria favorável à guerra. "As pessoas estão protestando, indo para a cadeia por isso. Os líderes da oposição estão na cadeia ou presos por isso", diz.

A Rússia foi excluída também da próxima Copa do Mundo, que vai acontecer no Qatar, e de eventos esportivos como as Paraolimpíadas de Inverno. Com os boicotes, vários jogadores estão deixando a Rússia e voltando aos seus países, trocando de time. A estatal russa Gazprom patrocinava a Uefa, a liga dos campeões da Europa, além de várias equipes pelo mundo —agora, muitos desses contratos foram rompidos.

Os russos já haviam sido tirados de competições, acusados de doping. Na ocasião, Vladimir Putin acabou apelando para o discurso patriótico.

"O que a gente está vendo agora acaba fortalecendo esse discurso do Putin de que sempre foi um boicote político. E, no aspecto cultural, isso se torna um fator de legitimação ainda maior", afirma o cientista político Boris Perius Zabolotsky, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especialista nas relações entre a Rússia e a Otan.

Mesmo tendo um contingente populacional de descendentes de imigrantes russos relativamente pequeno —1,8 milhão de pessoas, segundo o Registro Nacional Migratório— o Brasil conta com uma forte presença da cultura russa.

Na literatura, desde o início da década de 2000, o país vem convivendo com uma série de traduções do idioma original, lançadas por editoras como a extinta Cosac Naify, a Companhia das Letras e a 34.

"Obviamente, o imperialismo de Putin e a invasão militar de uma nação soberana como a Ucrânia são atrozes. Mas toda condenação em bloco de um povo ou de uma nação por causa das atitudes de seus governantes é injusta", afirma Cide Piquet, editor da 34. "Quer entender melhor a história e a cultura russas? Saia do Facebook, do Twitter, procure uma boa livraria e leia seus grandes autores, como Dostoiévski, Tolstói, Tchékhov e tantos outros, que, antes de tudo, foram eximios artistas e grandes intérpretes da alma humana."

A editora —que tem o maior catálogo de autores russos no Brasil, incluindo "Lady Macbeth no Distrito de Mtzensk", de Nikolai Leskov, que inspirou ópera que irritou Stalin— ainda não sabe dizer se o atual momento geopolítico impactou as vendas. A casa não deve mexer no calendário de lançamentos por causa da guerra, mas tem planejada a publicação de um romance do escritor Vladimir Sorókin, que participou da edição da Flip de 2014 e é crítico contumaz do atual presidente russo.

"É uma distopia na qual a autocracia dos tempos de Ivan, o Terrível, fortemente nacionalista, fanática, xenófoba, racista e corrupta, foi reinstaurada. Acompanha um dia na vida de um 'oprichnik', membro da polícia secreta do czar que comete as maiores atrocidades em nome do Estado", afirma Piquet, sobre a trama.

O autor de "Como Ler os Russos", publicado pela editora Todavia, Irineu Franco Perpetuo, espera que essa onda de censura à cultura daquele país não chegue ao Brasil, embora, em São Paulo, uma mostra de cinema russo tenha sido adiada por causa do conflito.

"Acharia triste que se abrisse mão desse imaginário, dessa cultura riquíssima. É até um mistério bonito [a presença da cultura russa no Brasil]. Tem muito pouco russo no Brasil. Não sei se isso vai transbordar, mas espero que não. Estou dando um curso sobre Tolstói, um dos maiores pacifistas da história. Espero que as pessoas não achem que tenham que cancelar o Tolstói agora." Mas ele lamenta que, já que resolveram cancelar Dostoiévski, isso é possível.

O autor de "Crime e Castigo" e "Os Irmãos Karamázov", para quem não sabe, só escapou da pena de morte por conspirar contra o czar Nicolau 1º porque o monarca preferiu mandar o seu desafeto para a Sibéria, onde o escritor prestou quatro anos de trabalhos forçados.

Cancelar os russos por causa de Putin é uma forma de barbárie também

Boicotar Dostoiévski e outros artistas da Rússia remete ao ostracismo que autoritários aplicam às vozes plurais

ANÁLISE

João Pereira Coutinho
Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

Guerra na Ucrânia e eu sem acesso ao Russia Today. O canal de TV foi suspenso na União Europeia, juntamente com a agência noticiosa Sputnik, privando assim qualquer pessoa de assistir à propaganda do Kremlin. Que ganha a Europa com isso?

Não sei. Mas sei o que perde —a possibilidade de acompanhar a narrativa russa para melhor a perceber e combater. Anos atrás, o pai de um amigo polonês, ferozmente anticomunista, dizia que aprendera a língua de Tolstói ainda criança. Quando perguntei por que, a resposta foi exemplar —devemos conhecer a língua dos nossos inimigos.

Mas será que os russos são nossos inimigos? Ou o inimigo é Vladimir Putin e sua quadrilha, que espera submeter a Ucrânia à pata imperial moscovita, na boa tradição czarista e soviética (e, já agora, polonesa também)?

Não tenho dúvidas. A russofobia que corre por aí é também uma expressão de barbárie. Na Itália, leio que Dostoiévski tem sido "cancelado" por universidades e teatros. Na Inglaterra, há companhias de balado russas que foram "desconvidadas" de atuar.

Na Alemanha, o maestro Valeri Gergiev foi afastado da Filarmônica de Munique por não se distanciar publicamente de Putin —não procedeu a uma "autocrítica", para evocar esse conceito sinistro da União Soviética.

E assim sucessivamente, até chegarmos a atletas impedidos de competir ou escritores boicotados em feiras ou festivais. Será que Dostoiévski não tinha razão quando afirmava que a beleza salvará o mundo?

Entendo que Putin, o seu regime e os seus oligarcas sejam direta e severamente sancionados. E confesso hesitação perante aqueles que defendem boicotes a organizações culturais ou esportivas russas que são um mero prolongamento da autocracia de Putin, conferindo ao seu regime um verniz de normalidade. Hesito, sem subscrever.

Mas "cancelar" Dostoiévski? A proposta é de uma ignorância atroz. Se existe autor que deve ser lido, e bem lido, na tragédia corrente, esse autor é Dostoiévski. Nenhum outro escritor do século 19 expressou tão bem a tensão permanente entre a opção ocidental e a rendição ao nativismo e à religiosidade ortodoxa.

Essa tensão ressurge com Putin e suas patrulhas ideológicas, só que resolvida agora da forma mais brutal —pela denúncia do Ocidente e pela defesa messiânica da Grande Rússia, o que implica a absorção da Ucrânia.

Mas os "cancelamentos" não são apenas ignorantes; são uma cópia infeliz dos ostracismos que regimes autoritários aplicam a vozes dissonantes.

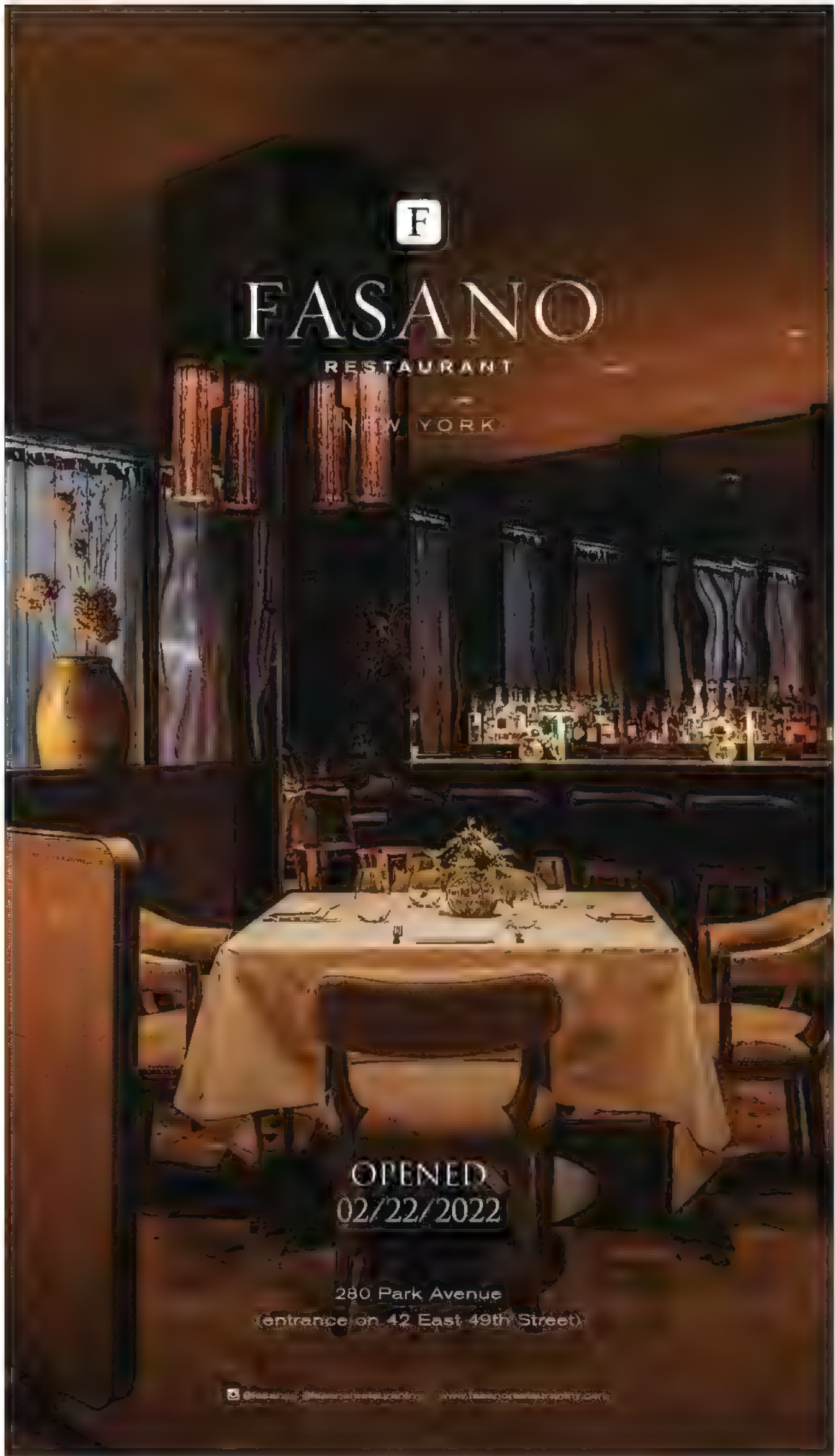
Há cem anos, Lênin fez questão de encher dois navios com a nata da intelligentsia russa, condenando mais de 150 intelectuais a exílio perpétuo. Mikhail Bulgakov foi um deles.

A partir de 1933, Hitler repetiu o gesto, perseguindo e expulsando da nova Alemanha os autores modernistas que tinham feito a grandeza artística da República de Weimar.

A punição coletiva sobre todos aqueles que possuem um passaporte da Federação Russa, ou até que simpatizam com as ideias de Vladimir Putin, é uma negação essencial da liberdade e do pluralismo que definem as democracias do Ocidente, onde o indivíduo é mais importante do que qualquer identidade tribal.

Se a esperança última das democracias ocidentais é que os russos se rebelem contra o seu tirano, como obter esse milagre pelo estigma lançado sobre um povo inteiro?

Como lembrava Ben Judah no Daily Telegraph, a retórica da Guerra Fria contra "os russos", assim designados indistintamente, atrapalhou mais do que ajudou.

O caminho deve ser outro —encorajar a deserção, proteger os dissidentes, permitir que os russos comuns viajem para o Ocidente e tomem contato com sociedades mais livres. Haverá forma mais eficaz de implodir o castelo de mentiras e abusos que Putin ergueu impunemente?

'Emily em Paris' é uma caricatura mal ajambrada da indústria da alta moda

Cores, brilhos e salto alto são proibidos para quem não é Anna Wintour ou celebridade de fofoca

OPINIÃO

Pedro Diniz

Parte importante do sabor de "Emily em Paris" está em rir de situações e personagens que transitam pela indústria francesa do luxo. Mas a má notícia para os fãs da série é que aquilo tudo não passa de uma caricatura, não raras vezes mal ajambrada, do que de fato acontece nos bastidores.

O guarda-roupa cheio de grifes e bolsas exuberantes da protagonista não passa de uma ilusão. Mesmo trabalhando em uma agência de relações públicas e marketing digital para grifes fictícias, Emily enfrentaria o rígido código de vestimenta, informal e não escrito, que mata os desejos mais ardentes das aspirantes a "insider" fashionista.

Cores, brilhos e, principalmente, saltos altos, são proibidos —se você não é Anna Wintour, a editora da Vogue que inspirou o "O Diabo Veste Prada" ou uma celebridade contratada para abastecer os sites de entretenimento. Você não é a notícia, logo, não queira desviar o olhar dos outros.

No caso dos sapatos, ou a pessoa quebraria o salto no primeiro pisão de um segurança, como o que este repórter levou de um dos guardas de Rihanna no desfile da Dior, ou ganharia calos por semanas. Não é possível sair admirando a cidade em posts fofos, como Emily faz; é preciso correr. Você sempre estará atrasado.

Todos os desfiles de Paris são organizados em pontos distintos da cidade. Os atrasos recorrentes, alguns de até uma hora, não têm a ver com desorganização dos camarins, mas à fila quilométrica de carros luxuosos que carregam convidados e supereditores.

O metrô muitas vezes é a opção menos arriscada para quem não está ali para causar ou manter status. Não haveria um look dela que resistisse às oito viagens diárias, sem contar baldeações nos túneis que cheiram a velho mundo, de um dia normal na temporada.

Mesmo que um de seus motes seja tratar de poder e privilégios, a moda por dentro não é tão chique assim.

Sabe aquelas garotas montadíssimas com a etiqueta reluzente? A roupa não é delas, mas foi conquistada por algumas horas um ou dois dias antes do flash, nos chamados "fittings". As marcas separam araras com o que está na loja para usar aqueles corpos como cabides luxuosos em troca de um passe para selfie glamoroso. A escolha muitas vezes nem passa pelo elo mais fraco da roda, que é o estilista.

A personalidade controladora do costureiro Pierre Cadault é uma fantasia que não encontra eco nos dias de hoje. Prada com o nome de Pierre Cardin emoldurado pela persona de Karl Lagerfeld, desde o leque até os óculos escuros, ele teria as crises existenciais engolidas pelo sistema.

Escolhas sobre a condução dos negócios fora do escopo do ateliê e da passarela são feitas pelos executivos dos grupos controladores e, depois, pelos responsáveis regionais das marcas. Cada país tem autonomia para defender pontos de vista e, também, os seus garotos-propaganda.

Algumas marcas têm diretrizes mais rígidas, outras mais relaxadas, mas tanto poder de escolha sobre posts em redes sociais nunca estariam nas mãos de Cadault, muito menos de uma recém-chegada como Emily ou da chefe dela, outra caricatura de esperteza, arrogância e fogosidade à margem da órbita fashion.

Sexo, a bem da verdade, é item fora de moda por aqui. É curioso como a publicidade, e a própria passarela, venda um ideal libertário e looks cheios de pele exposta quando quem trabalha para criar a imagem não pareça se ver nela.

O nível de profissionalização desse mercado bilionário atingiu um grau tão elevado e o tempo para fazer as coisas acontecerem é tão curto que não parecem plausíveis os flertes constantes de Emily.

Quanto ao assédio, mesmo maquiado de elogios maliciosos direcionados à garota, esse parece vivo em meio às fofocas, embora mais policiado desde a onda do MeToo. Convites para passeios em barcos ou conversas longe do entourage ainda acontecem na surdina.

Nem tudo, porém, é desconectado da realidade. Se o invólucro fantasioso é a maior crítica ao roteiro e também um dos chamarizes de audiência, ele é fiel ao propósito de ilustrar o pendor de se deixar seduzir pela beleza e pela busca de uma vida mais despreocupada, menos oprimida pelo cotidiano burocrático.

Ao mesmo tempo em que ri da moda, a série lança mão dos estereótipos criados pela cultura pop para desenhar uma outra dimensão da realidade, bem menos opressora que a baseada em fatos.

A atriz Lily Collins em cena da segunda temporada da série 'Emily em Paris', da Netflix Divulgação

Isabel Marant acena à Ucrânia, já Chloé leva a Amazônia a Paris

PARIS Deve ser complicado para um estilista criar uma coleção que tenta sepultar a tristeza da pandemia e ver que toda a euforia foi por água abaixo com a guerra na Ucrânia. Isabel Marant, a mãe do estilo cool parisiense, se viu numa sinuca de bico.

Seu desfile na Semana de Moda de Paris, na quinta-feira, pretendia ser uma festa que tomaria a noite num "after party". Importou de Nova York a banda Blonde Redhead e abriu espaço para celebridades ostentarem os ombros poderosos de sua última coleção. Entre elas, estavam as atrizes brasileiras Isis Valverde e Giovanna Lancellotti.

Mas o sentimento de ver o glamour festeiro cruzar o prédio na praça Colette era de que as ideias não se encaixavam nem com o clima de dúvidas sobre o futuro nem com o próprio humor da estilista.

Ela apareceu no final da apresentação trajada com um tricô tão folgadão quanto as peças que exibiu, todo bordado com a bandeira azul e amarela da Ucrânia. Na superfície, soou como protesto, mas, se lido mais a fundo, pode ser lido como desculpas.

É que Marant é uma das estilistas mais atentas ao desejo das pessoas na nova moda de luxo. A designer manteve sua função de oráculo das ruas, mas cancelou a celebração para convocar seus clientes a ajudar os ucranianos.

O show pensou o que o futuro poderia ser se o noticiário não tivesse surpreendido. Calças cargo, combinações de casacos pesados com peças levinhas e várias propostas casuais em jeans borrados levaram à passarela o "relax" arquitetado para o dia e a noite.

Havia poucas incursões em brilho. Remetiam, porém, ao estilo urbano sem muitas intervenções plásticas, na contramão do que os estilistas parisienses gostam de fazer.

Vestidos do tipo camisola se misturavam às propostas mais ousadas, como nos minivestidos com flores roxas miúdas, bem ao estilo funkeira carioca que ela adora homenagear. A micropeça era arrematada com botas de cano alto acima do joelho forradas de um glitter carnavalesco.

Já o viés esportivo que implementou em sua estética notívaga estava lá, em tops, bolsos e detalhes utilitários.

Embora haja um inegável acerto em costurar roupas reais, Marant logo deve ajustar a bússola caso o futuro breve não esteja tão dado a festas.

Em paralelo, é raro ver no mundo da moda de luxo um nome com origem que soe familiar ao sul do Equador. A estilista uruguaia Gabriela Hearst quebrou essa lógica ao assumir, um ano atrás, o comando criativo da grife Chloé, também destaque na quinta.

Não à toa, seu nome atraiu o grupo Richemont, dono da marca e também de Cartier e Montblanc. Além de uma bem-sucedida carreira com sua etiqueta homônima, ela representa uma nova geração de designers comprometidos com a crise climática e com soluções factíveis. Hearst é rigorosa e só topou o novo trabalho com a condição de usar materiais reciclados, fechar parcerias com comunidades de artesãos et cetera.

Modelos apresentam peças da coleção outono-inverno de 2022 e 2023 das grifes Isabel Marant, à esq., e da Chloé durante a Semana de Moda de Paris Stephane de Sakutin e Julien de Rosa/AFP

Na passarela montada em uma caixa de vidro no parque André Citroën, tecidos costurados em parceria com mulheres indígenas da Amazônia brasileira dividiram a atenção com tricôs suntuosos e casacos de cashmere reciclado.

O couro finíssimo vem de fazendas certificadas e explorado à exaustão porque, comparado ao "couro ecológico", essa matéria-prima animal dura mais e agride menos o ambiente. As pinturas manuais revelam na parte da frente paisagens arrasadas pelo homem, enquanto que nas costas reluzem cores da natureza viva.

É como se a estilista avisasse sobre o futuro sombrio que aguarda o mundo sem os cuidados que ela tenta oferecer.

Mas os paradigmas da Chloé estão intactos. A ideia de criar uma moda clássica permanece incrustada na alfaiataria bem cortada, com longos casacos de couro cortados nas bases em ondas, e na combinação de tons terrosos e branco da grife para a elite europeia.

Fazem sentido os detalhes quase monásticos dos looks, alguns construídos com sobreposições de aventais transformados em segunda pele —afinal, a marca é uma das mais caras do mercado de luxo. É como diz aquele ditado —apesar de haver um mundo melhor e, neste caso, mais justo com o planeta, ele continua sendo caríssimo. **PD**

Atuação da TV Globo no caso Melhem é alvo de investigação

Emissora pode ter de responder na esfera trabalhista se caso for comprovado

Gustavo Fioratti

SÃO PAULO As denúncias de assédio sexual contra o humorista Marcius Melhem podem trazer consequências judiciais para a TV Globo, empresa onde ele trabalhou por 17 anos e da qual foi afastado em agosto de 2020.

A emissora está sendo investigada na esfera trabalhista depois de virem à tona relatos de funcionárias da empresa, com queixas a respeito do comportamento de Melhem e da forma como a Globo, supostamente, geriu a crise.

O canal informou que não comentará o caso, em respeito ao sigilo judicial. Já a defesa de Melhem, que nega as acusações de crimes sexuais, afirmou que não teve acesso integral ao inquérito que corre na esfera trabalhista.

Os depoimentos são de atrizes de programas como o "Tá no Ar" e o "Zorra Total" e trazem relatos que Melhem contesta e que nega ter praticado.

Treze artistas, entre atrizes e roteiristas do núcleo de comédia da Globo, participaram da denúncia coletiva que deu origem à investigação no Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro.

Das 13 depoentes, oito também são autoras de acusações contra Melhem hoje analisadas na esfera criminal, pelo Ministério Público do Rio de Janeiro e pela Delegacia de Atendimento à Mulher, que fica no centro da capital fluminense. A identidade delas é mantida em sigilo.

Ambos os inquéritos também correm sob segredo de Justiça. Os primeiros depoimentos foram dados, ainda em 2020, à promotora Gabriela Manssur, coordenadora da Ouvidoria Nacional do Ministério Público de São Paulo e criadora do Instituto Justiça de Saias, de apoio a mulheres, e depois remetidos ao Rio.

Procurada, a advogada Mayra Cotta disse que não comentará o caso em respeito ao segredo de Justiça, mas confirmou que representa 13 mulheres nos inquéritos. Há, entre elas, atrizes e roteiristas.

Logo após o primeiro caso vir à tona, em relato feito pela atriz Dani Calabresa no início de janeiro de 2020 e de ter sido encaminhado ao Departamento de Desenvolvimento e Acompanhamento Artístico da Globo, o DAA, houve o afastamento de Melhem. Há, porém, uma lacuna entre essa primeira tentativa formal de relatar o suposto assédio à emissora e uma segunda, feita por um grupo de mulheres e reportada no dia 23 ao setor de compliance da emissora.

Entre uma data e outra, a Globo teria, supostamente, minimizado a relevância das queixas, segundo afirma reportagem da revista Piauí.

Foi em agosto de 2020, seis meses depois, que a Globo divulgou nota pública afirmando que, "em comum acordo" havia encerrado "parceria de 17 anos de sucessos" com Melhem. A nota prossegue dizendo que o artista havia dado "importante contribuição para a renovação do humor nas diversas plataformas da empresa" e que "estava de licença desde março para acompanhar o tratamento de sua filha no exterior", mas não citava nenhuma das denúncias já feitas à emissora.

A promotora Gabriela Manssur diz que não pode falar sobre o caso de Melhem e que não tem acesso aos inquéritos por causa do segredo de Justiça, mas afirmou à reportagem o que, "de uma forma geral" denúncias como as que surgiram contra o humorista podem render. "Em tese, podemos ter já imputação dos crimes de importunação sexual, estupro, assédio sexual no trabalho", ela afirma.

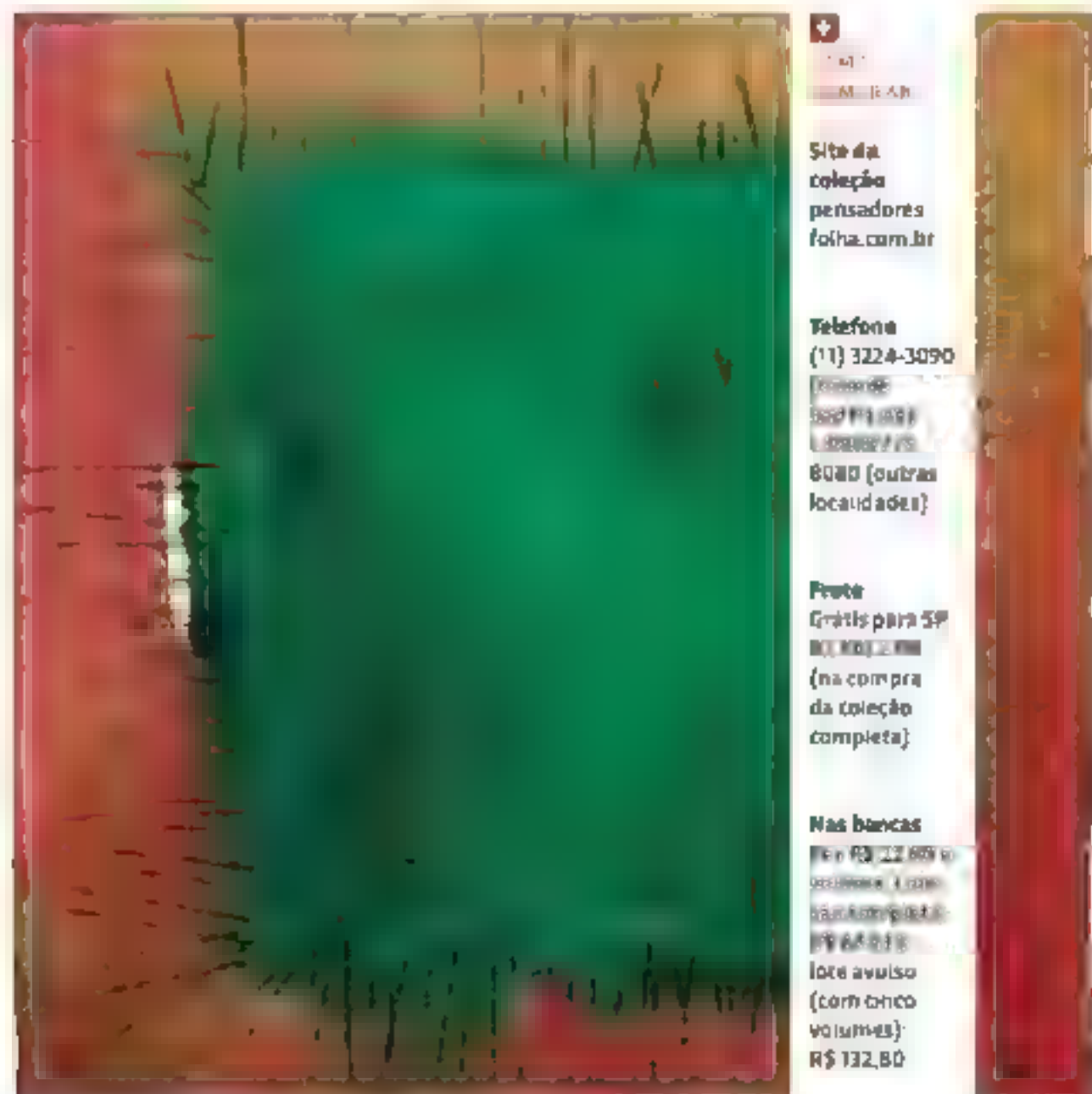
"Há várias situações que devem ser analisadas pelo promotor de acordo com as provas produzidas e de acordo com o conhecimento dele."

Sobre a forma como pessoas jurídicas atuam em casos como esse, ela diz entender que "todas as empresas que não colaboram ou que se omitem em uma situação trabalhista podem ser responsabilizadas, não criminalmente, mas civilmente e do ponto de vista do direito do trabalho".

A promotora diz ainda que as empresas devem manter "responsabilidade social" sobre o papel da mulher. "Seja uma televisão ou uma empresa de cosmético, quando há uma violência contra a mulher, ela tem a obrigação e a responsabilidade de combater [o ato ou o crime] e acolher essas vítimas, tomando as providências cabíveis", diz.

Procurada, a Globo informa, por meio de sua assessoria de imprensa, que não comenta questões relacionadas ao setor de compliance, em razão do compromisso de sigilo previsto em seu código de ética.

A defesa de Melhem disse que não teve acesso integral à investigação no Ministério Público do Trabalho. "Pelas poucas informações disponíveis é possível afirmar que não existem novas acusações de assédio sexual além daquelas que já estão sendo devidamente esclarecidas", afirma.

"Embora os relatos possam dizer respeito a Melhem", prossegue a nota, "nem como testemunha ele foi chamado a depor". O texto afirma ainda que Melhem trabalhou com centenas de pessoas nos seus 17 anos de empresa e que dezenas já se dispuseram a depor para "restabelecer a verdade". "Melhem aguarda ansiosamente a chance de mostrar publicamente as provas já produzidas perante a Justiça.

Aquarela de Chris Eich que ilustra o volume Reprodução

Site da coleção
pensadores folha.com.br

Telefone
(11) 3224-3090
... 8080 (outras localidades)

Frete
Grátis para SP ... (na compra da coleção completa)

Nas bancas
... lote avulso (com cinco volumes): R$ 132,80

Coleção Folha publica libelo de La Boétie contrário à tirania escrito aos 18 anos

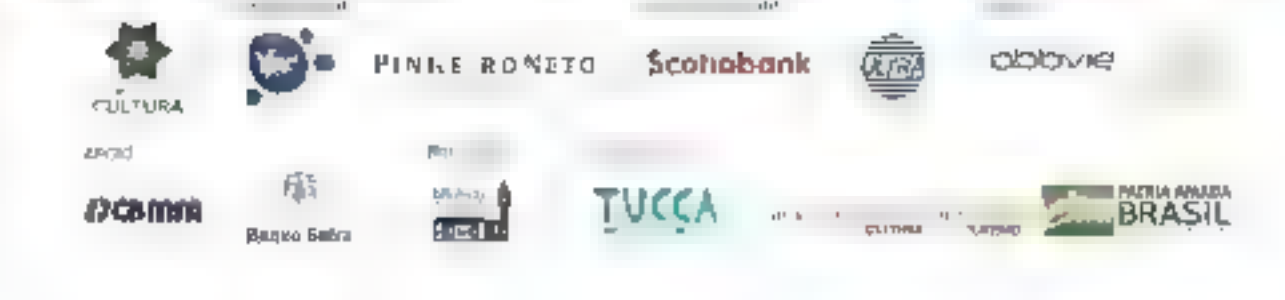
Irineu Franco Perpetuo

SÃO PAULO A Coleção Folha Os Pensadores traz um libelo contra a tirania, o "Discurso sobre a Servidão Voluntária", escrito aos 18 anos pelo francês Étienne de La Boétie —que viveu de 1530 a 1563— e traduzido por Evelyn Tesche.

Na introdução, Paul Bonnefon, célebre editor francês na virada do século 19 para o 20, diz que "em sua breve existência de 32 anos, embora La Boétie tenha tido tempo de compor vários opúsculos, muito distintos em estilo e tom, não pôde publicar nenhum".

Bonnefon afirma que Montaigne, herdeiro dos escritos do amigo, publicava versos de La Boétie, mas não julgou adequado divulgar o "Discurso sobre a Servidão Voluntária" nem as "Mémoires de nos Troubles sur l'Édit de Janvier 1562", cuja forma julgava ser "demasiado delicada e graciosa para ser abandonada ao grosseiro e pesado ar de uma estação tão insalubre". A força do livro fez que ele fosse publicado à revelia de Montaigne, em 1576.

"Por ora gostaria apenas de compreender como é possível que tantos homens, tantos burgos, tantas cidades, tantas nações tolerem, por vezes, um tirano sozinho, cujo único poder é aquele que lhe conferem; que não lhes faria mal algum se não preferissem sofrer a contradizê-lo", escreve La Boétie.

"Coisa espantosa", continua, "mas tão comum que cumpre mais lamentar que abismar-se ao ver centenas de milhões de homens servindo miseravelmente com o pescoço sob jugo, obrigados não por uma força maior, mas simplesmente (ao que parece) encantados e seduzidos pelo nome de um homem só, cujo poder não precisam temer, pois é um só, e cujas qualidades não podem amar, pois é desumano e selvagem para com eles".

Cena da peça 'Terremotos', adaptação da obra do britânico Mike Bartlett com direção de Marco Antônio Pâmio, em cartaz no teatro Sesi, em São Paulo Everton Amaro/Fiesp

Peça 'Terremotos' joga luz sobre o caos climático

Obra de Mike Bartlett sobre questão ambiental chega ao Brasil, com Virgínia Cavendish e Paloma Bernardi no elenco

Marina Lourenço

SÃO PAULO "Terremotos" é o tipo de peça em que o espectador é quem realmente decide quais ações dos personagens merecem sua atenção. Num único palco, vários planos narram diferentes acontecimentos de uma mesma história, atravessada pelo exagero cênico das obras do dramaturgo britânico Mike Bartlett.

Três irmãs e um pai centralizam quatro narrativas que se entrelaçam. Além dos quatro atores que dão vida a esses personagens, outros 28 compõem o espetáculo, que estreia agora, no teatro Sesi São Paulo, sob a direção de Marco Antônio Pâmio.

Imersa em discussões sobre as mudanças climáticas e conflitos políticos, econômicos e sociais, a peça é uma história de ficção que se desenvolve a partir de uma grande descoberta científica, dos anos 1960, quando um cientista constata graves consequências do excesso de voos de aviões, que agrava o aquecimento global.

Suas pesquisas apontavam que, se nada mudasse em relação à emissão de gases do transporte, logo haveria uma destruição praticamente completa da Terra. Mas o estudo ficou guardado a sete chaves depois de ele ser subornado.

É só décadas depois, com três filhas já adultas, que ele vê tudo, novamente, vir à tona, mas não de um jeito sutil ou restrito ao contexto acadêmico. Dessa vez, os fatos aparecem aos poucos, naturalmente, num perigoso terremoto que se aproxima.

Enquanto Maya, papel de Paloma Bernardi, se sente apavorada com as previsões sobre o fenômeno e vive uma crise por sua gravidez, suas irmãs experimentam outras sensações. Sara, interpretada por Virgínia Cavendish, é ministra do Meio Ambiente de um governo que ignora o terremoto, e Yasmin, vivida por Bruna Guerin, é uma universitária que está preocupada demais com sua juventude para temer um destino fatal.

"Terremotos" também explora o abandono paterno, que atinge as protagonistas.

Segundo Cavendish, o que une as irmãs é o vácuo familiar deixado pelo cientista que virou as costas para o planeta.

"Existe uma mistura de temáticas com uma linguagem dramatúrgica muito ágil e dinâmica, rápida", diz Pâmio, o diretor, que conheceu a peça justamente quando Bartlett a estreou, em 2010, em Londres.

"Fiquei tão apaixonado pelo texto que comprei os direitos [do espetáculo] antes de voltar ao Brasil", conta o diretor.

Da mesma forma que em "Love, Love, Love" e "Contrações" —ambas do dramaturgo britânico—, "Terremotos" tem um ritmo frenético, cortes abruptos e idas e vindas.

Quatro cubos metálicos vazados acompanham as coreografias do espetáculo. E, embora não seja um musical, tem uma trilha sonora pop que faz os 30 atores dançarem juntos em mais de um momento.

Terremotos
Teatro Sesi - av. Paulista, 1.313, São Paulo. Qui. a sex. e sáb., às 20h. Dom., às 19h. Até 12/6. Grátis. Dir.: Marco Antônio Pâmio. Com: Bruna Guerin, Paloma Bernardi e Virgínia Cavendish

Novo hit de Naiara Azevedo foge de machismo

Dueto gravado com a Marília Mendonça antes da trágica morte da sertaneja estreia com aposta em letra sobre traição

ANÁLISE

Pedro Martins

Naiara Azevedo construiu uma carreira calcada em polêmicas. Muito antes de ter entrado no Big Brother Brasil, a cantora acumulava acusações de machismo.

Não que criasse polêmicas só para chamar atenção. Ela não precisava disso. O clipe de "50 Reais", seu primeiro hit, foi um dos cem vídeos mais vistos do mundo no YouTube em 2016.

O sucesso não a blindou de ter seu trabalho escrutinado. Enquanto muitos cantavam "50 Reais" a plenos pulmões, houve quem visse machismo na letra, que Naiara diz ter escrito após ter sido traída por um namorado. Ao cantar que não sabia se dava na cara de um ou de outro, Naiara chamava de prostituta a "dama" que satisfazia o ex e ainda dava a ele os tais dos R$ 50 para que pagasse pelo sexo.

Ao lançar "Boqueira", foi acusada de machismo outra vez ao cantar que seu desejo era que o ex "pegue uma boqueira e que a rapariga não seja enfermeira". A composição irritou até o Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba.

"Não se pode admitir que, sob o manto da liberdade de expressão, ofendam uma coletividade de mulheres enfermeiras, reforçando uma cultura machista e misógina", dizia nota de repúdio.

Ela mudou a letra. A rapariga deixou de ser "enfermeira" para virar "barraqueira".

Rapariga, aliás, é termo recorrente para Naiara. A palavra que, no português de Portugal, diz respeito a uma jovem qualquer, mas no Brasil é um sinônimo pejorativo de prostituta, dava título a outro de seus sucessos lançado na mesma época, "Rapariga Digital".

"Essas periguetes de internet/ rapariga digital/ nunca vão superar uma mulher real", Naiara cantava, acrescentando que, se o namorado a quisesse trair, que traísse com "uma mais bonita do que eu" e não com uma dessas "que todo mundo mordeu".

São músicas que vinham acompanhadas de entrevistas em que Naiara recusava o rótulo de feminista. Ao jornal carioca Extra, por exemplo, ela disse que "o homem é a cabeça", que seu marido era "o chefe da casa" e, portanto, ela tinha de respeitar. Disse ainda ela que nunca decidia onde o casal ia, que "ele é quem resolve tudo" e que tudo isso "era bíblico".

Entre quem não percebia o machismo que atravessava suas letras e quem percebia mas não se importava, houve muita "passação de pano".

Quando Naiara se encontrou com Jair Bolsonaro, as críticas foram mais fortes. Sua foto com Mario Frias, secretário da Cultura, era compartilhada à exaustão nas redes sociais no início deste ano como um dos motivos para a eliminar do BBB. Apoiar Bolsonaro, afinal, o público do reality normalmente não perdoa.

Mas isso tudo Naiara parece querer manter no passado. Depois de ser cancelada no BBB por, entre outras atitudes, dizer que Lino da Quebrada não tinha entrado na casa "como mulher ou como trans, mas como gente", Naiara parece querer se redimir do passado machista.

Prova disso é o dueto que ela acaba de lançar com Marília Mendonça, gravado antes do acidente aéreo que matou a cantora e que chegou às plataformas de streaming após sua equipe ter resolvido uma briga com a família de Marília.

Em "50%", Naiara canta que "um mal amado quando vê uma cerca pula", mas não chama de rapariga a "dama" que satisfaz seu ex. Agora, canta que, se olhou para alguém na rua, se outra mão o deixou toda nua, "50% a culpa é minha/ 50% a culpa é sua".

José Simão
A coluna não é publicada hoje, excepcionalmente

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Animação que venceu o prêmio César já chegou ao streaming

Viagem ao Topo da Terra
Netflix, 12 anos
Os prêmios César, o Oscar francês, foram entregues no último dia 25. O vencedor da categoria de longa-metragem em animação foi este título dirigido por Patrick Imbert, baseado no mangá de Baku Yumemakura e Jirô Taniguchi. O estilo visual remete às histórias em quadrinhos belgas e francesas. E a trama fala da obsessão de um jornalista fotográfico por saber o que aconteceu com George Mallory, que tentou escalar o monte Everest em 1924.

The Boys Presents: Diabolical
Amazon Prime Video, 16 anos
Série em animação derivada de "The Boys", um dos maiores sucessos da plataforma. Cada um dos oito episódios tem um estilo visual próprio.

Sex Clinic – Entre e Fique à Vontade
TLC, 20h15, 14 anos
Este novo reality acompanha a rotina de uma clínica britânica de saúde sexual. Todo sábado, serão exibidos três episódios em sequência.

Aves de Rapina: Arlequina e sua Emancipação Fantabulosa
Telecine Premium, 22h, 16 anos
Margot Robbie repete a colorida vilã de "Esquadrão Suicida" e agora tem Ewan McGregor como companheiro.

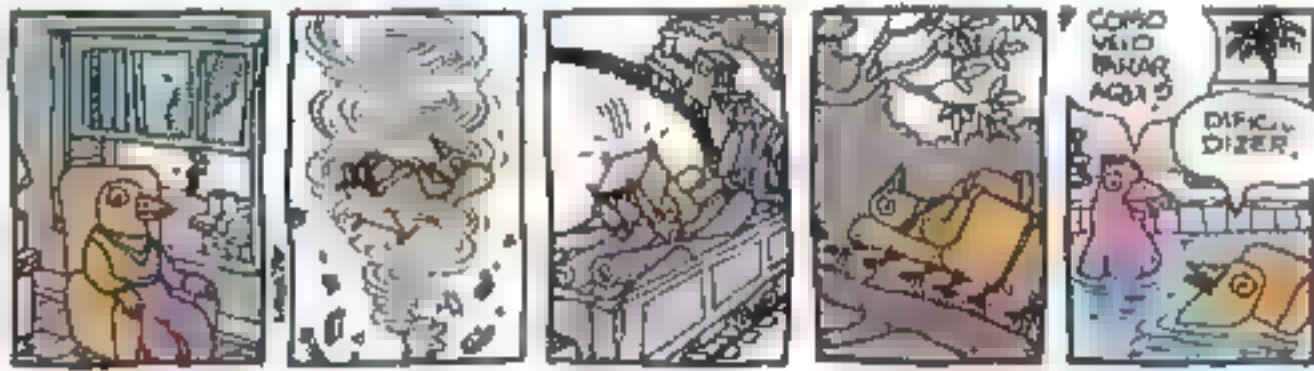
A Assistente
HBO, 22h10, 12 anos
Julia Garner, das séries "Ozark" e "Inventando Anna", faz a assistente-júnior de um poderoso executivo, que ela tenta denunciar por assédio sexual contra outra mulher.

O Mistério do Samba
Curta!, 23h25, livre
O documentário de Lula Buarque de Hollanda e Carolina Jabor conta histórias da velha guarda da Portela. Com Marisa Monte, Paulinho da Viola e Zeca Pagodinho.

Pitbulls e Condenados
Animal Planet, 23h50, e Discovery+, 10 anos
O reality show documental que mostra como é a vida de ex-presidiários cuidando de cães da raça pitbull ganha mais uma safra de episódios.

Hebe – A Estrela do Brasil
Globo, 0h40, 14 anos
Andréa Beltrão encarna a apresentadora Hebe Camargo neste filme dirigido por Maurício Farias.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

AINDA HOJE ESTAREMOS EM UMA FESTA NO REINO DOS CÉUS

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

MÉDIO

	7					5	2	
	5			3		4		
9		4		7		8		
	4				3	1		
			1	5	7			
		1	6				3	
		7		1		2		6
		3		2			4	
	6	5					1	

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadriculado maior, que possui 81 espaços em nove grades, com no ve lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grade.

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Ministrar medicamento 2. Relativo à influenza ou a qualquer resfriado / O nome da letra que é símbolo químico do vanádio 3. (Fr.) Vinho de cor entre o tinto e o branco / (das Onze) Um sucesso de Adoniran Barbosa 4. 12 meses / O instrumento de Chopin e Duke Ellington 5. O que transforma pardo em parrudo / Petisco típico das feiras livres 6. (Elet.) Diz-se de dispositivo que transforma a corrente contínua em alternada 7. Inflexão da voz / Extraterrestre 8. Acusar veladamente 9. Uma máquina usada em certas colheitas 10. Na forma da bola de rugbi / Igual ou semelhante (à mesma forma ou figura) 11. Puro e simples / Aparelho que detecta o número que faz a chamada telefônica 12. Béla Lugosi (1882-1956), ator romeno, eterno "Drácula" / Revidar à provocação 13. Lugar de onde se extrai argila

VERTICAIS
1. O significado do A do INCRA / Pacote promocional de produtos 2. Que se pode articular (som) 3. O oposto de rugoso / Soprar (uma das intempéries) 4. Árvore de flores amarelas, brancas ou roxas / Filósofa 5. Chico Anysio, humorista / Facção política / Érbio, elemento químico 6. Que soa muito alto ou com muita força / Um local de trabalho para o chapeiro e para o garçom 7. Um animal como Jerry, dos desenhos animados / Plantas cujas folhas podem produzir ardor irritante 8. Diz-se de doença contraída em relação sexual / A cor azul 9. Sinal que abaixa a nota musical em meio tom / Fazer soar (o apito)

HORIZONTAIS: 1. Aplicar. 2. Gripal, Vê. 3. Rosé, Trem. 4. Ano, Piano. 5. Ru, Pastel. 6. Inversor. 7. Acento, ET. 8. Insinuar. 9. Ceifador. 10. Ovado, Tal. 11. Mero, Bina. 12. BL, Reagir. 13. Barral. VERTICAIS: 1. Agrária, Combo. 2. Pronunciável. 3. Liso, Ventar. 4. Ipê, Pensadora. 5. CA, Part. do, Er. 6. Altíssono, Bar. 7. Rato, Urtiga. 8. Venérea, Anil. 9. Bemol, Trilar.

Bruna Barros

A pátria dos sem pátria

A emergência nacional ucraniana pôs em segundo plano a cultura do narcisismo

Mario Sergio Conti

Jornalista, é autor de 'Notícias do Planalto'

A invasão da Ucrânia pôs em primeiro plano a ideia de nação. Os horrores da guerra, com seu cortejo de milhares de mortos e expulsos de casa, mostram que a identidade nacional é mais marcante que as imagens moldadas por classe, gênero, raça, religião e sexualidades.

Não que essas últimas sejam desimportantes. A exploração, o machismo, a intolerância religiosa e o racismo permeiam as nações e definem a vida contemporânea.

O racismo mostrou sua cara na guerra, com negros e indianos sendo postos no fim da fila dos que tentam fugir da Ucrânia. Nações europeias que ontem mesmo fechavam suas fronteiras a refugiados africanos e árabes, hoje abrem suas portas aos que perderam a paz e a pátria — são mais de 1 milhão de ucranianos em debandada, mas brancos e europeus.

Polônia e Hungria, governados por déspotas à Bolsonaro, bajulavam Putin, seu herói na repressão a gays, lésbicas e ao casamento de homossexuais. A família é sagrada, oravam em uníssono. Na hora que os tanques rolaram sobre a Ucrânia, mudaram de lado.

Não é só hipocrisia. É realpolitik, alinhamento com nações poderosas, que podem lhes franquear acesso a mercados, ao mundo material das necessidades.

Acharam mais proveitoso, então, se colocarem a reboque da União Europeia e dos Estados Unidos. Reconheceram assim que os interesses econômicos comandam a vida das nações, têm primazia em face de outras questões.

Embora muito diferentes, o Brasil e a Ucrânia têm semelhanças na economia. São países pobres, subalternos e de industrialização precária. Contudo, são potências no agronegócio e na mineração. "Celeiro da Europa" há séculos, a Ucrânia é grande produtora de grãos, frutas e fertilizantes.

Ela tem enormes reservas de lítio, crucial na renovação energética ora em curso no planeta. E tem expertise na informática; o país é um paraíso de criptomoedas, presta serviços informáticos a empresas europeias e americanas. Não foi apenas a ideologia da restauração czarista, pois, que pôs Putin em pé de guerra, mas a ânsia de obter a riqueza ucraniana.

A riqueza das nações é desigual. As fortes buscam subjugar as fracas. Literalmente, é o imperialismo velho de guerra. O imperialismo não vive sem militarismo, sem que o recurso às armas marque presença — seja na ameaça permanente, estocada em paióis e quartéis; ou, como agora, nos bombardeios russos.

A nação não é uma entidade fixa. Existem diferenças categóricas entre seu povo e seu Estado. Na Rússia, há tensão entre as duas instâncias. O apoio popular à invasão é nulo. Ao contrário, milhares de russos saíram a campo para protestar contra ela, mesmo sabendo que seriam presos.

O que Putin expressa não é a vontade do povo. É a do Estado, que em qualquer nação é um aparato da classe dominante. Ao que parece — porque a censura é férrea —, o Kremlin é ocupado por uma camarilha que lembra a brasileira: oligarcas, nababos, larápios, maníacos, generais.

Já na Ucrânia o povo se identifica com o Estado, personificado no presidente Zelenski. A situação é outra num bolsão russófono no leste da nação. Mas, durante séculos, até Putin invadi-lo em 2014, o povo de diferentes idiomas e origens ali convivia em paz.

Uma nação não é um amontoado de indivíduos. Tem uma dinâmica própria que é imediatamente reconhecida, malgrado as diferenças regionais. Todavia, a ideologia do individualismo antipopular vem se espalhando pelo Ocidente nas últimas décadas.

Uma boa introdução a essa ideologia, na ótica francesa e cultural, está em "O Eu Soberano – Ensaio sobre as Derivas Identitárias" (Zahar, 300 págs.), da psicanalista Elisabeth Roudinesco. Ela vai aos anos 1970, à "cultura do narcisismo", de Christopher Lasch, para investigar o caldeirão onde agora fervem gêneros, raças, costumes e religiões.

Ateia, racionalista e republicana, Roudinesco crê em valores universais, na unidade dos seres humanos, ainda que eles sejam diversos e não ajam como espécie. Nesse sentido, ela cita um trecho de Montesquieu que vale transcrever na íntegra. Nele, o filósofo iluminista fala de nações e indivíduos.

"Se eu soubesse de alguma coisa útil à minha nação que fosse danosa a outra, não a proporia a meu príncipe, porque sou homem antes de ser francês. Se soubesse de algo que fosse útil à minha família e não o fosse à minha pátria, tentaria esquecê-lo. Se soubesse de alguma coisa que fosse útil à minha pátria e prejudicial à Europa, ou prejudicial ao gênero humano, eu a veria como um crime."

DOM. Luiz Felipe Pondé TER. João Pereira Coutinho QUA. Marcelo Coelho QUI. Fernanda Torres, Drauzio Varella SEX. Djamila Ribeiro SÁB. Mario Sergio Conti

Projeção na mostra 'Portinari para Todos', que pretende rever o legado do artista brasileiro no MIS Experience, em São Paulo

Portinari e Van Gogh guiam novas exposições

Mostras imersivas dispensam telas verdadeiras e abusam da tecnologia para que o público se sinta dentro das obras

Carolina Moraes

SÃO PAULO A caricata série "Emily em Paris" explorou uma febre internacional, a das exposições imersivas.

Longe das obras clássicas do Louvre e do Museu d'Orsay, a patricinha americana vive parte de seu drama amoroso numa mostra de Vincent van Gogh que transforma suas pinceladas enérgicas em projeções animadas gigantes.

O formato —que vende a proposta de "estar dentro da obra"— já chegou ao Brasil em exposições como uma de Leonardo Da Vinci e agora ganha um reforço com duas aberturas em São Paulo em março.

A primeira delas é "Portinari para Todos", no MIS Experience —e o espaço dedicado especificamente a esse gênero de atração mostra que o negócio veio para ficar.

Como é praxe nesse tipo de exibição, há uma sala com projeções imersivas, mas não só.

Também fazem parte do percurso a montagem de um ateliê com reproduções de pinturas e alguns objetos do artista, além de maquetes de espaços que abrigam suas obras —algo que seu filho e diretor do Projeto Portinari, João Candido Portinari, chama de apresentação da herança ética e humanista do pai.

"Nenhum artista brasileiro pintou 5.000 obras e retratou a diversidade do Brasil como Portinari", afirma o organizador da mostra, Marcello Dantas.

Segundo o organizador, esse formato revela dados de pinturas e murais que não podem ser vistos nos formatos tradicionais. É o caso do destaque em projeções de moringas, baús e cordas, elementos que aparecem com frequência no trabalho de Portinari —mas num tamanho diminuto.

"Portinari para Todos" é anunciada como "a mais completa mostra já realizada sobre o artista", com 150 obras do pintor. Mas nenhum desses trabalhos está, de fato, pendurado nas paredes do local.

"A gente tinha acesso a obras originais, mas não é uma mostra sobre isso. A preocupação aqui é como a gente vai falar de Portinari daqui a mil anos", defende o organizador. "É importante ser popular e acessível."

Dantas afirma que a atração não foi pensada para ser instagramável. Ainda assim, há frases de Portinari estampadas na parede —e que o organizador diz que mostram que o pintor daria um ótimo tuiteiro— e painéis que permitem ao público se ver como se estivesse em uma de suas obras.

O nível espetaculoso das experiências imersivas norteia ainda mais a "Beyond Van Gogh", a mesma que Emily visitou em Paris e que chega ao MorumbiShopping no dia 17.

Isso porque a ideia de experiência também guia uma programação com aulas de ioga, café temático e um pacote romântico com drinque, almofada e chocolates para casais.

Van Gogh, aliás, tem inspirado uma série de mostras desse tipo, como as "Immersive Van Gogh" e "Van Gogh: The Immersive Experience". E os números impressionam.

10 milhões de pessoas visitaram "Beyond Van Gogh", enquanto no Brasil 20 mil garantiram ingressos antecipados, segundo a organização.

Rafael Reisman, CEO da Blast Entertainment, que organiza a atração, afirma que a montagem tecnológica pode despertar interesse pela arte nos que não têm costume de ir ao museu e estão o tempo todo com a cara no celular.

Mas mostras imersivas não são uma exclusividade do século 21. Uma reportagem do New York Times lembra que instalações com vários projetores já ocorriam nos anos 1960. O que mudou mesmo são os celulares, que agora não saem da mão do espectador.

É mais difícil imaginar, no entanto, uma conexão íntima com os artistas no suor de uma aula de ioga ou na repetição de um formato de projeções. Mas, quem sabe, esses traços e gestos agigantados capturem o público também para outros universos.

Portinari para Todos
MIS Experience - R. Vladimir Herzog, 75, Água Branca, região oeste. De 5/3 a 10/7. R$ 30 a R$ 45 em portinariparatodos.com.br

Beyond Van Gogh
MorumbiShopping - av. Roque Petroni Jr., 1.089, Brooklin, região sul. De 17/3 a 3/7. R$ 70 a R$ 180 em livepass.com.br

Mostra 'Beyond Van Gogh', que propõe experiência imersiva com obra do holandês

folhinha

Saiba por que Rússia e Ucrânia vivem uma guerra

Conflitos humanos são todos uma versão aumentada da disputa dos meninos da rua Paulo, do livro escrito por Ferenc Molnár

TODO MUNDO LÊ JUNTO

Igor Gielow

MOSCOU Desde a quinta-feira da semana passada, dia 24 de fevereiro, o mundo todo só fala de uma coisa: a guerra na Ucrânia.

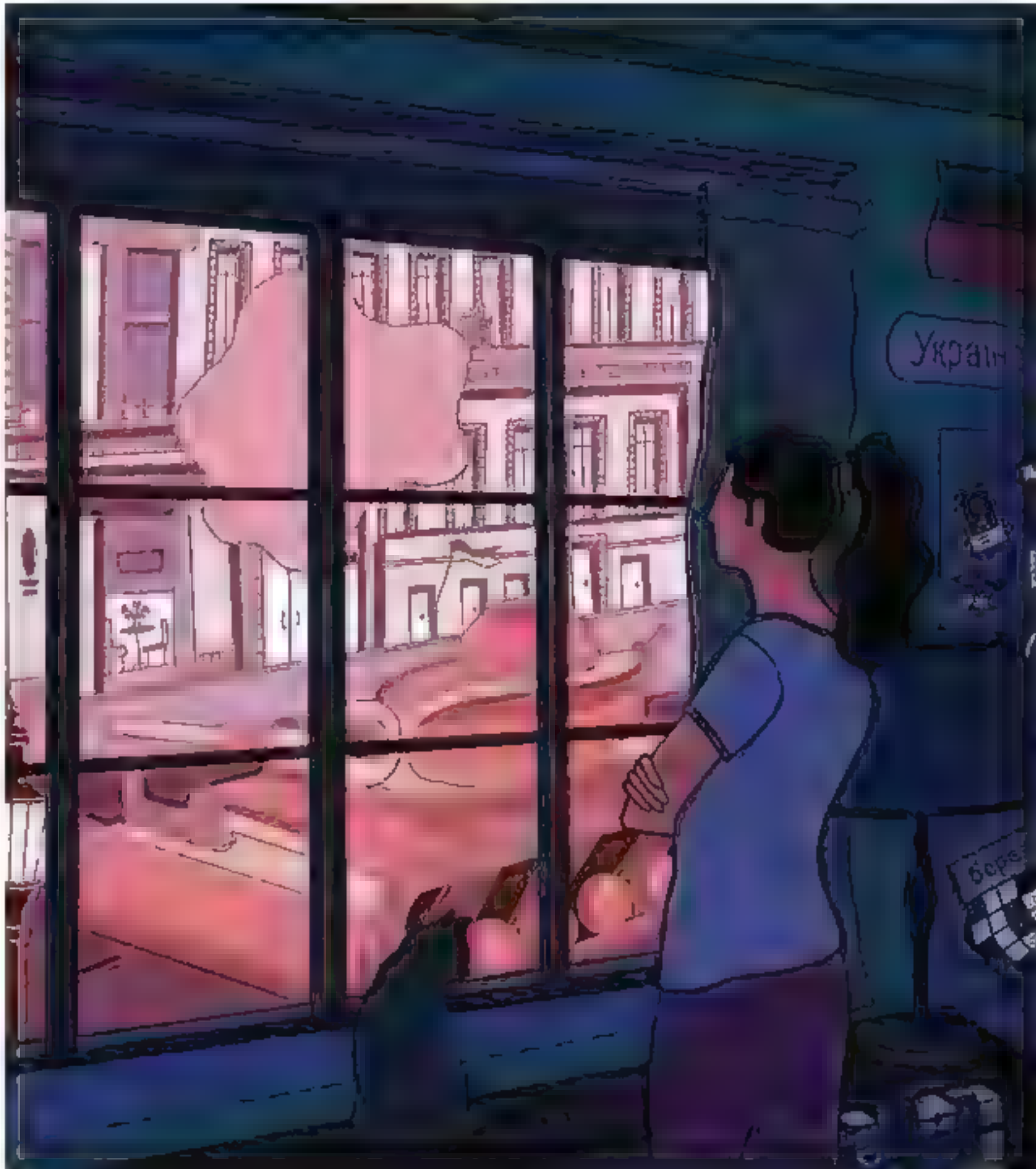
Mas por que a Rússia, um país tão rico de história, começou uma invasão contra o seu vizinho, com quem divide inclusive uma origem comum, religião e até a língua? Como brasileiros e argentinos, contudo, eles muitas vezes não entendem o que o outro fala, e isso é ainda mais verdade na política.

Tudo começa num passado não muito distante. Até 1991 existia um país chamado União Soviética, que tinha 15 repúblicas. A principal era a Rússia, e a segunda mais importante, a Ucrânia. Uma série de fatores levou o regime que unia todos, o comunismo, a acabar. E, com ele, acabou o país.

Cada um foi para um lado. Mas os russos sempre buscavam manter amizade e influência sobre os ucranianos, porque o país separa o seu Exército das forças dos países liderados pelos Estados Unidos na Europa, uma aliança chamada Otan.

Em 2014, depois de muito vaivém, um governo na Ucrânia ganhou o poder e prometeu fazer o país entrar no clube dos americanos. A Rússia não gostou, e o presidente Vladimir Putin pegou de volta para ele uma península na qual moravam pessoas que falam russo, e onde ele tem uma importante base de navios, a Crimeia.

Depois, outros falantes de russo, esses no leste da Ucrânia, começaram uma guerra para se separar. Foi um conflito horrível, onde morreram muitas pessoas, mais de 14 mil até hoje. Com esses problemas, a Ucrânia ficou fora do time dos americanos.

Nos últimos meses, o presidente Putin passou a pressionar os Estados Unidos e a Europa. Juntou um monte de soldados, quase 200 mil dos 900 mil que comanda, em torno do vizinho. E exigiu que a Ucrânia nunca entre no clube militar inimigo ou na associação de países chamada União Europeia.

Ninguém topou, e aí rolou um impasse. Os americanos e europeus falaram que Putin queria atacar, mas ninguém acreditava numa guerra assim, até porque o presidente sempre falou que os povos russo e ucraniano eram irmãos. Mas, infelizmente, aconteceu.

Os russos dizem que é preciso acabar com a ameaça dos inimigos no país vizinho, e dizem defender aquele pessoal que mora no leste do país. Já Estados Unidos e Europa dizem que Putin está cometendo uma agressão absurda, e resolveram dificultar ao máximo a vida da Rússia, impedindo o país de fazer um monte de negócios mundo afora.

Agora, a Ucrânia está tentando se defender, mas pede mais ajuda da Otan. O problema é que americanos e europeus não vão mandar soldados ou tanques ou aviões para lá, porque isso seria declarar guerra à Rússia. E tanto Putin quanto o presidente americano Joe Biden são donos de 90% das bombas atômicas do mundo. Ninguém pode pensar nessa gente brigando pelo bem de todo mundo, já que essas armas podem levar ao fim do mundo de tão poderosas que são.

No meio de tudo, está o povo ucraniano, que nada tinha a ver com isso. São eles que sofrem mais com as bombas e os mísseis que estão caindo. Milhares tiveram de sair de suas casas para encontrar refúgio em países vizinhos, como a Polônia e a Hungria.

Foi na Hungria, aliás, que Pedro Bandeira encontrou sua sugestão para quem quer entender o tamanho do absurdo que toda guerra traz. Ele é um dos maiores escritores brasileiros, há mais de 40 anos publicando clássicos infantojuvenis como "A Turma dos Karas" e "A Droga da Obediência".

A Folhinha perguntou ao Pedro qual livro explicaria a guerra para os jovens. Ele sugeriu "Os Meninos da Rua Paulo", talvez a mais famosa obra já feita naquele país europeu, escrita em 1906 por Ferenc Molnár. Nela, os garotos da tal rua dominam um terreno baldio no qual brincam e jogam futebol na capital húngara, Budapeste. Eles acabam desafiados por uma turma rival de meninos, que querem tomar conta do lugar.

Como na guerra, a coisa não acaba bem e, ainda pior, no fim todo mundo sai perdendo. Um dos personagens da "Turma dos Karas", Chumbinho, é inspirado em Nemeschek, um dos garotos. Para o Pedro, todo professor do fundamental 2 devia indicar esse livro agora. A história é triste, mas toda guerra é.

Catarina Pignato

TODO MUNDO LÊ JUNTO
Texto com este selo é indicado para ser lido por responsáveis e educadores com a criança

Conheça 15 fatos supercuriosos sobre o herói Homem-Aranha

Sandro Macedo

SÃO PAULO "Homem-Aranha: Sem Volta para Casa" ainda enche salas de cinema no Brasil e no mundo. O filme continua de onde parou a história anterior ("Longe de Casa", de 2019), quando o jornalista J. Jonah Jameson revela para o mundo a identidade do herói aracnídeo. E, com todo mundo sabendo que ele é Peter Parker, ele não tem mais sossego, nem em casa, nem na escola, nem com a namorada, Mary Jane, ou apenas MJ.

Assim, Parker vai pedir ajuda para o Doutor Estranho, aquele herói que lutou ao lado dele contra Thanos no último filme dos Vingadores, lembra? Ele quer que o amigo faça um feitiço e apague da memória de todo mundo (com algumas exceções) que Peter é o Homem-Aranha.

No entanto, algo dá errado, abrindo a porta para vários universos paralelos e trazendo vilões — e outros Homem-Aranha.

E, assim como nos quadrinhos, cada Homem-Aranha tem suas diferenças. Você sabe, por exemplo, quantos quilos o herói consegue levantar? Ou qual o grupo de heróis que ele já quis entrar nos quadrinhos (e não eram os Vingadores)? Confira abaixo essas e outras curiosidades.

*

Cena de 'Homem-Aranha: De Volta ao Lar' (2017), quando, após ajudar os Vingadores, o herói volta à sua rotina Divulgação

1
É capaz do seu avô já ter lido um gibi do Homem-Aranha muito antes de ele surgir na sua frente nas telas do cinema. A primeira aparição do herói foi em "Amazing Fantasy" #15 ("Fantasia Incrível"), em 1962.

2
Você tem ideia de quantos quilos o Homem-Aranha consegue levantar? Segundo os quadrinhos, o herói aracnídeo aguenta até 10 toneladas, ou 10 mil quilos.

3
Para se preparar melhor para encarnar o adolescente nerd Peter Parker, o ator Tom Holland passou alguns dias frequentando as aulas do ensino médio de uma escola de Nova York. Como ele ainda não era tããooo famoso, ninguém percebeu — ele usou um nome falso também.

4
Na animação "Homem-Aranha no Aranhaverso", que vai ter uma continuação neste ano, o herói ganha a pele do adolescente Miles Morales. Ao contrário de Peter Parker, sempre criado pelos tios, Morales mora com o pai, um policial, e com a mãe.

5
Em "De Volta ao Lar" (2017), o Homem-Aranha, que é um adolescente, não dá nenhum soco. Usa apenas suas teias para atacar ou se defender dos vilões.

6
Tom Holland, o atual Peter Parker, é inglês e sempre foi muito fã da HQ do Homem-Aranha. Mas o que muita gente não sabe é que ele morre de medo de aranhas.

7
Ned, o amigo do Peter Parker nos novos filmes, é interpretado por Jacob Batalon. O ator, que nasceu no Havaí, perdeu incríveis 46 kg para o papel.

8
J. Jonah Jameson (o ator J.K. Simmons) é um jornalista sensacionalista que sempre perseguiu o Homem-Aranha. No primeiro filme, de 2002, ele era dono do jornal impresso Clarim Diário; nos últimos longas, o Clarim virou um site de notícias para ficar mais moderninho.

9
MJ é o grande amor de Peter Parker. E não é que na vida real o ator Tom Holland começou a namorar a MJ? Quer dizer, a atriz Zendaya? O romance foi confirmado durante a pandemia.

10
Tom Holland adora fazer piada com os amigos. Durante as gravações de "Sem Volta para Casa", que foram feitas durante a pandemia, o ator trocava a embalagem do álcool em gel para as mãos por um lubrificante, para enganar os colegas da equipe.

11
Quando Peter e MJ estão conversando no telhado da escola, é possível ver o nome "Ditko" em um grafite. É uma homenagem a Steve Ditko, cocriador do herói ao lado de Stan Lee.

12
Tobey Maguire foi o primeiro Homem-Aranha de carne e osso no cinema. Mas ele tem uma característica única se comparado aos outros dois que vieram depois: solta uma teia orgânica que sai do seu pulso. Os outros Aranha produzem a teia em laboratório.

13
A edição número 583 de "O Espetacular Homem-Aranha" foi durante algum tempo a mais vendida do século 21. Ela trazia o encontro entre o herói e o ex-presidente dos EUA Barack Obama.

14
Bem no início dos quadrinhos, lá nos anos 1960, o Homem-Aranha queria entrar para um grupo de heróis em vez de lutar sozinho contra o crime, e tentou se unir ao Quarteto Fantástico. Não deu certo, mas ele ficou amigo do Tocha Humana.

15
Todos sabem que Peter Parker foi criado pelo tio Ben e a tia May, pois seus pais morreram quando ele era pequeno. Mas uma antiga HQ revelou que seus pais eram agentes da S.H.I.E.L.D. e morreram em ação.

EstúdioFOLHA: APRESENTA

Fotos Kemy Andrade/Estúdio Folha

Sesc Pompéia

Shopping West Plaza

VARIEDADE DE SERVIÇOS

Comércio e serviços de qualidade, alta gastronomia, cultura e lazer fazem de Perdizes uma das melhores regiões para morar em São Paulo

Não é à toa que Perdizes é considerado um dos melhores bairros de São Paulo. A região possui o terceiro melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade, uma ótima estrutura de lojas, ampla variedade de serviços instalados em ruas arborizadas, lazer e alta gastronomia, além de uma oferta cultural vibrante.

Não é necessário sair da região nem cumprir longos deslocamentos para usufruir do que a cidade tem de melhor. Além de um vibrante e variado comércio de rua, com destaque para Afonso Bovero, Cardoso de Almeida e Turiassú, Perdizes também abriga ótimos shoppings.

Um deles é o Bourbon Shopping, referência de boas compras, com 105 lojas. O local abriga, ainda, uma praça de alimentação com 1.200 lugares e restaurantes como Almanara, Outback e America. Também oferece 10 salas de cinema e um teatro com 1.500 lugares.

O hipermercado da rede Zaffari localizado no primeiro andar é uma excelente opção para compras com segurança e praticidade.

Os shoppings West Plaza e Pátio Higienópolis são outras opções próximas e agregam dezenas de serviços e outras salas de cinema.

Em Perdizes não faltam opções de bons supermercados. O bairro abriga unidades das redes Pão de Açúcar, Carrefour, Dia e St Marche, entre outros. Hortifrútis, empórios, padarias, casas de carnes e feiras livres completam o cenário.

A educação é outro ponto de destaque da região, que abriga o campus principal da PUC-SP, a Faculdade Santa Marcelina, o Centro Universitário São Camilo, a Uninove e a Faculdade Armando Alvares Penteado (Faap). Há também uma concentração de colégios que se destacam pela qualidade para os ensinos infantil, fundamental e médio, entre eles Pueri Domus, São Domingos, Santa Marcelina, Batista Brasileiro, Global e Notredame.

GASTRONOMIA E LAZER

Perdizes conta com vasta opção gastronômica, que vai de restaurantes do "Guia Michelin" a pizzarias e lanchonetes descontraídas. O Ecully, por exemplo, é frequentador da lista "Bib Gourmand" do guia.

Os pratos são servidos em um elegante jardim. No cardápio estão o risoto de cogumelo com manteiga trufada e castanha de caju e o arroz nero na brasa com lula e polvo confitado.

Também citado no "Guia Michelin", o Peti Gastronomia trabalha com cardápio sazonal criado pelo chef Victor Dimitrow.

Quem busca algo mais descontraído encontra ótimas opções pelo bairro, como as pizzarias 1900 e Braz, as famosas empanadas San Telmo e o hambúrguer do Zé do Hamburguer, entre outros.

Perdizes também é sinônimo de cultura. O Tuca, teatro da PUC-SP, recebe alguns dos mais badalados e importantes espetáculos teatrais do país.

O Sesc Pompeia, com exposições, shows musicais e peças de teatro, é uma referência na cidade. Projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi, seus edifícios são um símbolo arquitetônico de São Paulo.

A poucos metros do Sesc, o Allianz Parque já se consolidou como um dos principais palcos do país para receber grandes turnês musicais nacionais e internacionais.

Vizinho do bairro, o Memorial da América Latina é outro marco arquitetônico e destino de atrações culturais à disposição dos moradores de Perdizes.

Rua Turiassú

BREVE LANÇAMENTO

Estúdio**FOLHA** APRESENTA

Fotos Keiny Andrade/Estúdio Folha

CONTATO COM A NATUREZA

Parque

Parques da Água Branca e da Sabesp são redutos de áreas verdes e lazer no coração da cidade

As opções de parques e áreas verdes do bairro de Perdizes proporcionam ao morador a experiência de contato direto com a natureza e da prática de exercícios ao ar livre.

O parque da Água Branca, uma das principais áreas verdes da cidade, está localizado no bairro. O simpático espaço tem jeito de fazenda, com galinhas e pintinhos soltos em suas ruelas, fontes de água potável e um agradável espaço de leitura.

Nas manhãs de terça, sábado e domingo, das 7h ao meio-dia, uma feira de produtos orgânicos é montada dentro do parque. Nos mesmos dias, a feira oferece café da manhã com produtos livres de agrotóxicos.

O parque da Água Branca é um dos mais tradicionais e charmosos da região, com árvores centenárias, lagos e casarões que transportam o clima de fazenda para a cidade. É o ambiente ideal para caminhadas em meio ao verde e para práticas como yoga, lian gong, tai chi chuan e meditação, entre outras atividades.

Parque da Água Branca

Branca, o parque Sabesp atrai moradores em busca de tranquilidade para uma caminhada sob as árvores — o local também tem equipamentos de ginástica.

O espaço para pequenos é o mais disputado, mas também tem pista de corrida, playground com escorregador e trepa-trepa, e outro espaço com balanças e gangorras.

Quem prefere esportes radicais pode frequentar o parque Zilda Natel, que oferece pistas de skate e patins com obstáculos de diversos níveis, quadra de basquete e academia ao ar livre. Os ciclistas podem aproveitar a ciclovia da Avenida Sumaré para se exercitar.

Nas proximidades da avenida Sumaré, em frente à praça Irmãos Karmann, um escadão de 153 degraus é procurado por moradores em busca da boa forma. O local se tornou um

guerra na ucrânia

EUA temem que Putin amplie ataques diante da escalada rápida das sanções

Conselheiros de Biden avaliam que russo, encurralado, pode até usar hackers contra os americanos

MUNDO

WASHINGTON | THE NEW YORK TIMES Na Casa Branca, os membros da equipe sênior responsável pela estratégia do governo americano para confrontar a Rússia discutem uma nova preocupação: a avalanche de sanções dirigidas a Moscou, que se acelerou mais rápido do que imaginavam, pode estar encurralando o presidente russo, Vladimir Putin.

Em troca, o russo pode atacar de forma mais agressiva e até mesmo expandir o conflito para além do país vizinho.

Nas reuniões da Sala de Crise da Casa Branca, a questão surgiu repetidamente nos últimos dias, segundo três funcionários. A tendência de Putin, avaliam as autoridades de inteligência dos EUA, é dobrar a aposta quando se sentir prejudicado por seus próprios excessos.

Assim, eles descreveram uma série de reações possíveis, que vão de bombardeios indiscriminados a cidades ucranianas, para compensar os primeiros erros cometidos por sua força invasora, a ciberataques ao sistema financeiro dos Estados Unidos, mais ameaças nucleares e talvez ações para levar a guerra além das fronteiras da Ucrânia.

A discussão sobre os próximos movimentos de Putin está ligada a uma revisão urgente das agências de inteligência a respeito do estado mental do líder russo e se suas ambições e seu apetite por risco foram alterados pelos dois anos de isolamento da Covid-19.

Essas preocupações se intensificaram após a ordem de Putin no domingo passado (27) para colocar as armas nucleares estratégicas do país em alerta, "prontas para combate", em reação a "comentários agressivos" do Ocidente.

Nos dias que se seguiram, entretanto, as autoridades de segurança dos EUA dizem ter visto poucas evidências de que as forças nucleares da Rússia realmente assumiram um estado de prontidão diferente.

Um sinal da profunda preocupação dos EUA ficou evidente quando o secretário de Defesa, Lloyd Austin, anunciou na última quarta-feira (2) que estava cancelando um teste previamente agendado do míssil nuclear Minuteman, a fim de evitar uma escalada na tensão ou dar a Putin uma desculpa para invocar o poder do seu arsenal nuclear.

Funcionário do Museu Grevin, em Paris, embala estátua de Vladimir Putin Julien de Rosa/AFP

Não foi fácil para Putin, e agora ele não tem escolha a não ser dobrar a aposta. É isso o que os autocratas fazem. Você não pode abandonar tudo, ou vai parecer fraco

Beth Sanner
ex-funcionária graduada da inteligência dos EUA

"Não tomamos esta decisão levianamente, mas sim para demonstrar que somos uma potência nuclear responsável", disse o secretário de imprensa do Pentágono, John Kirby, na quarta (2). "Reconhecemos neste momento de tensão como é crítico que os EUA e a Rússia levem em conta o risco de erro de cálculo e adotem medidas para reduzir esses riscos."

No entanto, a reação de Putin à onda inicial de sanções provocou uma série de preocupações que uma autoridade americana chamou de "problema de Putin encurralado".

Essas preocupações se concentram numa série de anúncios recentes: a retirada de empresas petrolíferas, como Exxon e Shell, do desenvolvimento dos campos de petróleo da Rússia; as medidas contra o Banco Central da Rússia, que levaram o rublo a despencar; e o anúncio de surpresa da Alemanha de que abandonaria a proibição de enviar armas letais às forças ucranianas e de aumentar seus gastos militares.

Além de cancelar o teste do míssil, porém, não há evidências de que os EUA estejam considerando medidas para reduzir as tensões, e uma autoridade do país disse que não existe interesse em recuar nas sanções.

"Muito pelo contrário", disse a pessoa, que, como outras autoridades americanas entrevistadas para esta reportagem, pediu anonimato para comentar as discussões entre assessores do governo.

De fato, o presidente americano, Joe Biden, anunciou sanções ampliadas nesta quinta (3) visando a classe dos oligarcas russos. Muitos dos citados —incluindo Dmitri Peskov, porta-voz de Putin e um de seus conselheiros próximos— estão entre seus defensores mais influentes e beneficiários do sistema que criou.

Poucas horas depois de sua fala, o índice S&P baixou a classificação de crédito da Rússia para CCC, anunciou a agência em comunicado. É apenas dois degraus acima de um aviso de que o país está entrando em moratória.

Isso sugeriu que o esforço de Putin para colocar sua economia "à prova de sanções" fracassou em grande parte. E, pelo menos por enquanto, não há saída visível para o líder russo, a não ser declarar um cessar-fogo e retirar suas forças —medidas que ele até agora não demonstrou interesse em tomar.

No entanto, um alto funcionário do Departamento de Estado disse que há nuances na abordagem do governo americano que apontam possíveis saídas para o líder russo. A política de Biden, disse o funcionário, não é buscar uma mudança de regime na Rússia. A ideia, segundo ele, é influenciar as ações de Putin, não seu controle do poder.

E as sanções, observou o funcionário, foram projetadas não como punição, mas como alavanca para acabar com a guerra. Elas vão escalar se Putin escalar, disse a autoridade. Mas o governo calibrará suas sanções e talvez as reduza, se Putin começar a abrandar a ofensiva.

A estratégia de Putin nas próximas semanas, alertaram outras autoridades dos EUA, poderá ser redirecionar o conflito a Washington, na esperança de distrair os ataques a civis na Ucrânia e despertar uma reação nacionalista às ações de um antigo rival.

Se Putin quiser atacar o sistema financeiro dos EUA, como Biden atacou o dele, terá apenas um caminho significativo: seu exército bem treinado de hackers.

"Se a situação se agravar ainda mais, acho que veremos ataques cibernéticos russos contra nossa infraestrutura crítica", disse o deputado republicano Mike Gallagher, membro da Comissão de Inteligência da Câmara e copresidente de uma influente comissão do ciberespaço.

Mas o próximo passo de Putin provavelmente será intensificar suas operações na Ucrânia, o que quase certamente resultaria em mais vítimas civis e destruição. "Não foi fácil para Putin, e agora ele não tem escolha a não ser dobrar a aposta", disse Beth Sanner, ex-funcionária graduada da inteligência. "É isso o que os autocratas fazem. Você não pode abandonar tudo ou vai parecer fraco."

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Ucrânia está vencendo a guerra de informação contra a Rússia

OPINIÃO

John Thornhill
É editor de inovação do Financial Times e autor de coluna semanal no jornal sobre o impacto da tecnologia

FINANCIAL TIMES O mundo recebeu um alerta precoce e tenebroso das intenções violentas do presidente Vladimir Putin em relação à Ucrânia. Sete anos atrás, o líder oposicionista russo Boris Nemtsov lançou um chamado por grandes protestos contra as intervenções de Putin na Crimeia e na região do Donbass.

"O motivo principal da crise é que Putin lançou uma política de guerra insana, agressiva e mortífera para nosso país", disse Nemtsov à estação de rádio Ekho Moskvi em fevereiro de 2015.

Três horas e meia mais tarde ele foi morto a tiros perto do Kremlin. Desde então o regime de Putin vem sufocando sistematicamente a maioria dos indícios de dissensão —monopolizando o conteúdo divulgado pelos canais de TV controlados pelo estado, fechando organizações independentes da sociedade civil, como o Memorial, e encarcerando seus adversários que erguem a voz, mais notadamente Alexei Navalni.

Nesta semana a Eco de Moscou, um dos derradeiros veículos de mídia a difundir posições alternativas, recebeu ordens de encerrar atividades, e o mesmo se deu com o serviço de notícias online Dozhd.

Dizem com frequência que a verdade é a primeira baixa das guerras. Mas na Rússia a verdade foi hospitalizada muito tempo atrás.

O único público com o qual Putin se importa realmente é o público russo. E a determinação do mundo externo de isolar a Rússia só lhe facilita persuadir os russos a ignorar opiniões estrangeiras hostis. Existem, porém, três grandes obstáculos para a campanha de informação russa.

Para começar, não é fácil sustentar mentiras. A realidade tem o hábito desagradável de intervir. A narrativa doméstica russa de que a invasão da Ucrânia seria rápida e sem derramamento de sangue é demonstrativamente falsa.

Graças à onipresente câmera digital, ao poder amplificador das redes sociais e à atenção de uma comunidade global mantida por inúmeras fontes, é impossível ocultar a realidade do campo de batalha urbano. A Rússia já reconheceu ter sofrido quase 500 baixas na ofensiva.

Em segundo lugar, está claro que a Ucrânia está vencendo sua própria guerra de informação em casa e no exterior. Um dos aspectos mais marcantes do conflito é que ele opõe dois sistemas de informação muito diferentes. A Ucrânia mobilizou a sociedade civil, e há colaboração entre o estado e a população.

Já no caso da Rússia, o estado domina quase toda a comunicação. "É uma disputa entre uma rede horizontal e uma estrutura vertical, entre um coral e um megafone. A resiliência das redes é muito mais forte", diz Gregori Asmolov, especialista em internet no King's College London. "Os sistemas de informação verticais são extremamente frágeis."

Em terceiro lugar, a Ucrânia agora está levando a guerra digital diretamente para a Rússia. Depois de passar oito anos sendo vítimas dos ciberataques russos, os hackers ucranianos agora estão respondendo na mesma moeda.

A Hacken, firma de cibersegurança antes sediada em Kiev, lançou um programa de caça a bugs pedindo a hackers globais para identificarem vulnerabilidades nos sistemas da Ucrânia e expor vulnerabilidades nos sistemas russos. A empresa afirma que já recrutou um grupo de 1e mil hackers de 150 países.

Alguns desses "hacktivistas" pretendem perturbar sites de mídia russos e promover visões alternativas ucranianas nas redes sociais.

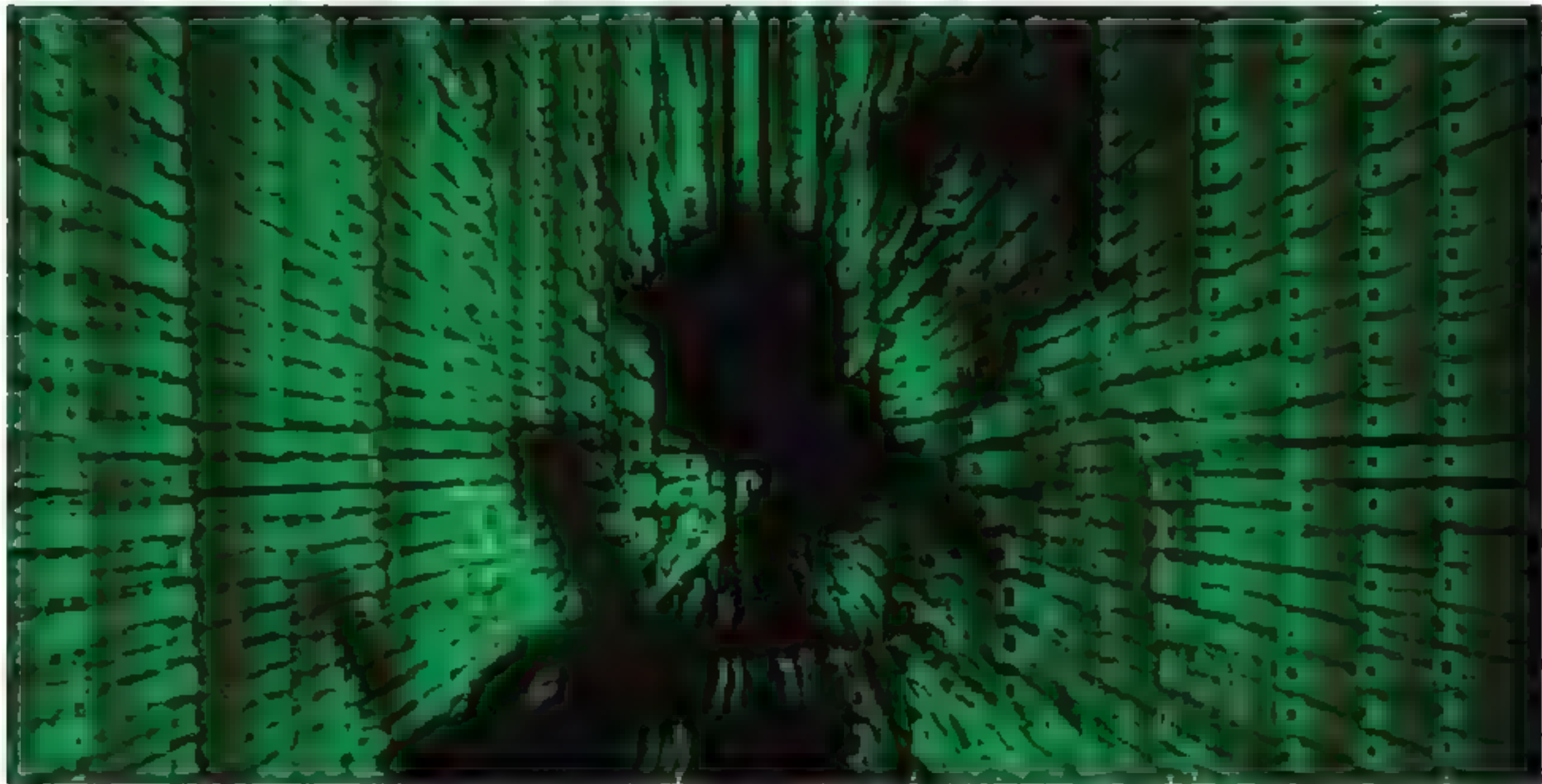
A população russa pode, por enquanto, estar em sua maioria acovardada e dando apoio à narrativa do Kremlin, mas isso torna ainda mais notáveis os protestos esporádicos contra a guerra.

O pesadelo de Putin seria que cada vez mais russos passassem a não acreditar em sua narrativa, algo que poderia assinalar o fim de seu regime. Isso ainda parece improvável, por enquanto.

Mas a resistência ucraniana já demonstrou sua habilidade e coragem em resistir apesar de estar em desvantagem tão grande. É possível que ela ainda acabe virando o pior inimigo de Putin porque conhece melhor o povo dele.

Tradução Clara Allain

[...]

Não é fácil sustentar mentiras. A realidade tem o hábito desagradável de intervir. A narrativa doméstica russa de que a invasão da Ucrânia seria rápida e sem derramamento de sangue é demonstrativamente falsa

Projeção de código binário em um homem segurando um laptop, em um escritório em Varsóvia, na Polônia Kacper Pempel - 24.jan.17/Reuters

Veja como ataques de ransomware podem atingir as empresas

Crime se tornou mais comum durante a pandemia e tem como alvo empresas de todos os portes e setores

TEC

Gustavo Soares

OURO FINO A pandemia impulsionou uma ofensiva de ataques hackers a empresas, entre os quais se destaca o ransomware (software de sequestro), método que já gera prejuízos bilionários.

Com a digitalização promovida pelo trabalho remoto, funcionários ficaram mais suscetíveis a golpes e aumentaram as chances de cibercriminosos acessarem sistemas internos e prejudicarem o funcionamento das empresas.

No último ano, grandes empresas, entre elas Renner, JBS e Fleury, e instituições públicas como o Ministério da Saúde, o Tesouro Nacional e o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) foram alvos.

Esse tipo de ciberataque acontece quando criminosos usam um programa para invadir sistemas, bloquear bancos de dados, backups ou credenciais e passam a exigir um resgate em troca da liberação do acesso. No caso de empresas, isso pode significar a interrupção do funcionamento por dias.

"[A pandemia] fez com que os departamentos de TI fossem frequentemente forçados a priorizar a entrega de funcionalidades em vez de segurança e gerenciamento de dados", avalia Gustavo Leite, country manager da Veritas no Brasil.

"Isso introduziu um efeito de trovão e relâmpago, onde primeiro vimos o relâmpago da inovação e depois tivemos que esperar o trovão da proteção seguir. O período intermediário continua sendo a maior janela de oportunidade para falhas, durante o qual as organizações estão se expondo a ransomware e outros riscos relacionados a dados", disse.

A invasão pode ocorrer de diversas formas, mas a mais comum tem como alvo os elos mais fracos da cibersegurança: as pessoas. Como muitos funcionários usam as mesmas senhas para acessar sites comuns e sistemas corporativos, se ocorre um vazamento de dados, ou se o usuário for vítima de um phishing, a rede da empresa pode ficar imediatamente comprometida.

Uma vez que esse software malicioso reside no dispositivo de um funcionário ou é injetado diretamente na rede interna de uma empresa, ele começa a se espalhar silenciosamente, o que pode levar de horas a meses.

Depois deste período, o ransomware, movido por inteligência artificial e algoritmos sofisticados, encontra os servidores, os bancos de dados e os backups e efetua o sequestro das informações.

"O efeito inicial é a incapacidade de conduzir os negócios como de costume porque os invasores criptografaram dados críticos. Dependendo do tamanho da empresa, ela pode perder milhões de dólares em receitas enquanto não consegue realizar negócios", explica Gustavo Leite.

A extorsão funciona de forma dupla, porque além do resgate inicial, exigido para reestabelecer as operações e devolver os acessos, os criminosos também podem demandar um pagamento para não vazar os dados, o que pode ser prejudicial para a reputação das empresas.

O ransomware se baseia em características como lucro anual, número de funcionários e receita para determinar quanto a empresa terá que desembolsar para receber a chave que irá descriptografar o sistema sequestrado.

Enquanto algumas empresas pagam de US$ 10 milhões (R$ 50,6 milhões) a US$ 20 milhões (R$ 101,2 milhões), a maior parte paga quantias mais modestas, em torno de US$ 100 mil (R$ 506 mil).

A média do preço do resgate pago em 2021 foi US$ 327 mil (R$ 1,6 milhão), segundo Marco DeMello, CEO da empresa de cibersegurança PSafe.

Ele avalia que em termos de perda de produtividade, impacto para os clientes e bloqueio das operações, em muitos casos é mais vantajoso para grandes empresas pagar o resgate do que não pagar e depender de backups, que podem estar desatualizados.

Como na maior parte dos casos o pagamento é exigido em criptomoedas, o rastreio se torna quase impossível. De acordo com DeMello, a quantia paga é recuperada em menos de 1% dos casos.

Para ele, durante a pandemia, houve em apenas seis meses um crescimento da sofisticação e do volume dos ataques virtuais equivalente a dez anos. Isso acendeu o alerta não só entre grandes empresas como também entre pequenas e médias.

"Hoje não existe mais essa distinção entre empresa grande, média ou pequena, todas são alvo", avalia DeMello.

"Nos EUA, a maioria das empresas de médio e pequeno porte que foram sequestradas em 2020 faliram em 2021 porque o impacto do ransomware é muito difícil de ser absorvido", disse o especialista.

Assim, defende ele, a prevenção ao ransomware é uma questão de sobrevivência.

Um relatório produzido pela Veritas estima que, em média, as organizações precisam gastar R$ 12,7 milhões e contratar 27 funcionários de TI em tempo integral para preencher as brechas de vulnerabilidade criadas pela transformação digital ocorrida nos últimos dois anos.

"É sempre importante estar preparado para lidar com as consequências de um ataque bem-sucedido com recursos de backup e recuperação testados e comprovados para que se possa retornar aos negócios sem tempo de inatividade significativo e sem pagar o resgate", disse o representante da empresa no Brasil.

A mesma pesquisa aponta que, entre 2020 e 2021, as empresas sofreram em média 2,57 ataques de ransomware que levaram a um tempo de inatividade.

"O impacto na economia é devastador. O ransomware gerou mais de US$ 25 bilhões [R$ 126 bilhões] de prejuízo só em 2021, e a previsão é que aumente pelo menos em 50% em 2022. São empresas que passam por situações delicadas, que podem chegar à falência. A única solução é a prevenção", avalia DeMello, da PSafe.

+ Como se proteger

Para empresas
- Mantenha backups operantes
- Invista em soluções de cibersegurança baseadas em inteligência artificial
- Estruture plano de respostas a incidentes e de continuidade de negócios
- Forneça orientação de segurança digital a funcionários
- Adote um sistema DLP ("data loss prevention", prevenção da perda de dados)
- Mantenha redes e sistemas operacionais atualizados

Para pessoas físicas
- Tenha uma solução de segurança instalada em seu dispositivo
- Altere senhas pessoais com frequência, de preferência por outras mais fortes, com caracteres especiais
- Evite clicar em links de fontes desconhecidas
- Use a autenticação de dois fatores
- Crie o hábito de duvidar das informações compartilhadas na internet e nunca informe dados sensíveis em links de procedência duvidosa
- Use cartões de crédito virtuais a cada nova compra na internet
- Mantenha os sistemas operacionais dos dispositivos atualizados
- Procure confirmar a veracidade das informações em sites oficiais

Amazon decide fechar livrarias, quiosques e outras operações físicas

Jeffrey Dastin

PALO ALTO | REUTERS A Amazon.com disse na última quarta-feira (2) que planeja fechar todas as 68 livrarias físicas, quiosques e lojas de brinquedos e artigos domésticos nos Estados Unidos e no Reino Unido, encerrando alguns de seus mais longos experimentos no varejo.

A notícia, divulgada inicialmente pela agência de notícias Reuters, marca um ponto de virada para a empresa que começou como uma livraria online e ajudou a levar concorrentes há décadas estabelecidos, entre eles a americana Borders, à falência.

A Amazon disse que se concentrará mais em suas mercearias e em um conceito de loja de departamentos daqui para frente.

Depois de abrir sua primeira livraria em 2015, a Amazon testou uma série de ideias no varejo, lojas de conveniência sem caixas, supermercados e um formato chamado "4 estrelas", no qual vende brinquedos, utensílios domésticos e outros bens com avaliações altas de clientes.

A Amazon tinha como objetivo alcançar compradores em mais lugares e trazer seu toque online para o mundo real. As livrarias da empresa extraíam dados de seu vasto acervo e mostravam o que as pessoas estavam lendo, até mesmo as resenhas que deixavam no site da Amazon.

Mas as inovações não foram suficientes para conter a marcha rumo às compras online que a própria Amazon havia desencadeado. A receita de "lojas físicas" da companhia —apenas 3% dos US$ 137 bilhões (R$ 693 bilhões) em vendas da Amazon no último trimestre, em grande parte reflexo dos gastos do consumidor em sua subsidiária Whole Foods— muitas vezes não conseguiu acompanhar o crescimento dos outros negócios da gigante varejista.

A Amazon fechará suas operações 4 estrelas, quiosques e livrarias em diferentes datas e notificará os clientes. Os trabalhadores receberão indenização ou ajuda para se realocarem em outras lojas da empresa nas proximidades, como a mercearia Amazon Fresh, disse a companhia.

A Amazon não especificou quantas vagas serão cortadas.

Livraria da Amazon no Time Warner Center, em Nova York, nos EUA Timothy A. Clary - 23.mai.2017/AFP

Stellantis estuda produzir carro híbrido a etanol no Brasil

Montadora planeja ainda lançar uma nova marca do grupo no país neste ano

Funcionário em linha de montagem de motores elétricos na fábrica da Stellantis em Tremery, na França Eric Piermont - 27.jan.22/AFP

MERCADO

Alberto Alerigi Jr.

SÃO PAULO | REUTERS A Stellantis está estudando eventual produção e venda no Brasil de um veículo híbrido, movido a eletricidade e etanol, até 2025 e planeja o lançamento para este ano de uma nova marca do grupo no país, afirmou o presidente da companhia para América do Sul, Antonio Filosa, na sexta-feira (4).

O executivo afirmou que a empresa pretende lançar 16 novos modelos de veículos e mais sete elétricos e híbridos na região até 2025, para impulsionar as marcas francesas Peugeot e Citroen sem perder de vista a liderança de mercado obtida com Fiat e Jeep.

"Estamos trabalhando para isso... Ainda não temos um cronograma definido para chegada ao mercado (do modelo híbrido a etanol no Brasil), mas poderia não ser tão longe assim. Lá para 2025, se tudo der certo, a gente poderia começar a propor esse tipo de tecnologia", disse Filosa ao ser questionado sobre eventual lançamento em 2026.

"O etanol é muito relevante no Brasil e menos em outros países da América Latina, mas começa a ganhar relevância em outros países, como a Índia", disse o executivo, frisando que o desenvolvimento do híbrido a etanol se daria primeiro focando o mercado brasileiro.

Filosa afirmou que a Stellantis prepara o lançamento de uma nova marca para a região —atualmente o grupo trabalha com sete marcas de veículos na América do Sul— mas ele não confirmou se seria a Alfa Romeo, de modelos de luxo.

"Vocês vão saber este ano ainda. Começa com "A", mas não é Alfa Romeo", brincou o executivo. No portfólio de marcas da Stellantis, a outra marca que tem a letra "A" como inicial é a italiana Abarth, de preparação de veículos para alto desempenho.

Segundo ele, em 2021, a Stellantis teve um lucro operacional (Ebitda) ajustado de 882 milhões de euros (R$ 4,9 bilhões) na América do Sul, após break even (ponto de equilíbrio) em 2020. A receita na região somou 10,7 bilhões de euros (R$ 59,3 bilhões), de um total faturado no mundo de 152 bilhões (R$ 842 bilhões).

O grupo encerrou fevereiro com uma participação de mercado no Brasil de 39,9%, equivalente a uma venda de 80.675 veículos e a um ganho de 5,4 pontos percentuais sobre 2021. O país não é o maior mercado para a Stellantis, mas é o local onde a empresa tem a maior fatia de mercado no mundo.

Filosa afirmou que se mantém "otimista" sobre o mercado brasileiro, esperando crescimento para 2022, mas preferiu não cravar um número, diante das incertezas envolvendo a crise de oferta de componentes para produção de veículos, eventuais novas ondas de Covid-19 e, mais recentemente, a guerra na Ucrânia.

Em dezembro, o executivo estimou que as vendas de veículos leves no país deveriam subir 10% este ano. A associação de montadoras, Anfavea, estimou em janeiro alta de cerca de 8%.

Por conta da guerra, que segundo Filosa tende a inflacionar os já elevados preços de commodities, e das incertezas sobre a cadeia de suprimentos, a redução de 25% no IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) anunciada pelo governo federal na semana passada deve servir mais para segurar a alta dos preços dos veículos este ano.

Em janeiro, por exemplo, contratos de fornecimento de aço para o setor automotivo tiveram seus preços reajustados em 60% pelas siderúrgicas locais.

"A redução [do IPI] chegou num momento muito bom", disse ele. "Vai ajudar a recuperar volumes de vendas nos médio a longo prazos... Mas no curto prazo, é mais provável que isso ajude a compensar o que seria um aumento maior dos preços (dos veículos)", disse o executivo.

Questionado sobre se a redução do IPI poderia impulsionar as vendas, ele afirmou que atualmente "as vendas dependem da produção e a produção depende das cadeias de valor (de autopeças) que ainda não estão regulares", disse Filosa. "Neste momento, não está faltando cliente."

No primeiro bimestre, as vendas de veículos novos no Brasil despencaram 24,4% ante mesmo período de 2021, pressionadas por um tombo de 22,7% em fevereiro, segundo dados de associação de concessionários, Fenabrave.

Sobre o comportamento das vendas em outros mercados da América do Sul em 2022, Filosa afirmou que espera que a Argentina fique "mais ou menos estável" e que Chile e demais países deverão "crescer um pouco mais" que o Brasil.

Sony e Honda se unem para montar veículos elétricos

Satoshi Sugiyama

TÓQUIO | REUTERS Sony e Honda disseram na sexta (4) que vão se unir para desenvolver e vender veículos elétricos movidos a bateria, e disseram estar abertas para outras parcerias.

As empresas disseram em comunicado que formarão uma joint venture este ano e pretendem começar a vender o primeiro modelo em 2025. A Honda será responsável pela fabricação do primeiro modelo, enquanto a Sony desenvolverá a plataforma de serviços de mobilidade, disseram.

"Na joint venture, gostaríamos de liderar a evolução da mobilidade combinando nossa tecnologia e experiência com a longa experiência da Honda em tecnologias de desenvolvimento de mobilidade e fabricação de carrocerias", disse o presidente-executivo da Sony, Kenichiro Yoshida.

As empresas não revelaram detalhes financeiros da parceria. Durante uma entrevista coletiva em Tóquio na sexta, o presidente-executivo da Honda, Toshihiro Mibe, disse que, embora não esteja pensando em abrir o capital da joint venture imediatamente, ele não descartaria isso como uma das opções para expandir a empresa.

Mibe disse que está aberto a trazer outras empresas, mas quer se concentrar no desenvolvimento do modelo de veículo elétrico.

O anúncio ocorre no momento em que a fabricante de eletrônicos busca promover ambições de se tornar uma peça-chave na próxima geração de automóveis, enquanto montadoras como a Honda estão sob pressão para fabricar carros sem emissão de carbono, bem como veículos com recursos além dos meios de transporte tradicionais.

A concorrência no mercado de veículos elétricos também está se intensificando. Questionado sobre como a joint venture enfrentaria os desafios dos concorrentes, Mibe disse que quer "criar uma reação química" que exceda as expectativas dos clientes.

Empresas brasileiras pagam dividendo recorde em 2021 e Vale é destaque

André Romani

SÃO PAULO | REUTERS Empresas brasileiras distribuíram dividendos em valor recorde em 2021, puxadas pela Vale, oitava maior pagadora do mundo, após surfar na disparada dos preços do minério de ferro, segundo relatório da gestora Janus Henderson Investors.

Empresas do país distribuíram um total de US$ 25,4 bilhões em dividendos em 2021, ante US$ 9,4 bilhões no ano anterior. O valor foi o terceiro maior entre os emergentes, atrás de China e Rússia.

O Brasil representou mais da metade do crescimento nos mercados em desenvolvimento, que somaram US$ 164,4 bilhões em 2021, também um número recorde.

Do total distribuído no Brasil, quase metade, ou US$ 12,4 bilhões, vieram da Vale. O número foi o segundo maior valor pago por uma empresa de mineração a nível mundial, tendo sido batida apenas pela BHP, destaca o relatório.

O levantamento é realizado em bases trimestrais e anuais e rastreia os dividendos das 1.200 maiores empresas em termos de valor de mercado no mundo.

Os dividendos são registrados em dólares, o que também embute um efeito cambial, e são incluídos com base na data de pagamento.

A presença da Vale no "top 10" de maiores pagadoras segue tendência vista em todo o mundo, já que as mineradoras, junto com os bancos, foram os maiores impulsionadores do crescimento no valor recorde de dividendos globais distribuídos em 2021.

A Vale anunciou a retomada de sua política de dividendos em julho de 2020, após interrupção por cerca de um ano e meio, na sequência do rompimento da barragem da mineradora em Brumadinho (MG), em 2019, que matou mais de 250 pessoas.

Mas o cenário para 2022 no setor é incerto.

"Os preços do minério de ferro são um fator importante e, apesar de terem se recuperado de uma desvalorização, estão num ponto mais baixo do que estiveram durante a maior parte de 2021", diz o relatório.

O levantamento também destaca a Petrobras como grande impulsionadora do crescimento dos dividendos no país em 2021, com US$ 7,7 bilhões distribuídos.

Entre os bancos, o Banco do Brasil, com US$ 1,19 bilhão distribuídos, e o Bradesco, com US$ 1,15 bilhão, puxaram a fila.

O único setor do país a reportar dividendos mais baixos foi o de bebidas, dado o corte feito pela Ambev, de US$ 1,2 bilhão em 2020 para US$ 213 milhões em 2021.

Sobre os potenciais impactos da guerra na Ucrânia nos dividendos, Ignacio de la Maza, que comanda a área de América Latina na Janus Henderson, disse que isso vai "variar de acordo com o setor e a empresa, sendo alguns mais impactados do que outros por sanções e aumento dos preços dos insumos".

Os dividendos globais tiveram valor recorde de US$ 1,47 trilhão em 2021, alta nominal de 16,8% ante 2020.

Quando ajustados de dividendos extraordinários, variação cambial, efeitos temporais e alterações de índices, a alta foi de 14,7%.

Mais de um quarto do aumento atual veio das empresas de mineração, por causa da forte subida dos preços das commodities.

A BHP se tornou a empresa com dividendos mais elevados no mundo, com Rio Tinto na terceira colocação e Fortescue, na 10ª.

A retomada da distribuição de benefícios por empresas que tinham interrompido suas políticas em 2020 devido à pandemia ajudou a impulsionar os números, como no caso de bancos.

A Janus Henderson ainda tem estimativa de US$ 1,52 trilhão em dividendos globais em 2022, o que seria um novo recorde, ajudada por expectativa de crescimento nos números das petrolíferas.

Homem para perto de quadro eletrônico da B3, em São Paulo Amanda Perobelli - 28.out.21/Reuters

Marília Mendonça (esq.) e Naiara Azevedo na gravação de '50%' Divulgação

Naiara lança música e supera a briga com irmão de Marília

Cantora diz estar bem resolvida sobre parceria e sua passagem pelo BBB 22

FS
Vitor Moreno

SÃO PAULO Naiara Azevedo, 32, ou Nanacita, como os fãs a apelidaram durante sua passagem pelo Big Brother Brasil 22 (Globo), está aos poucos retomando a rotina fora da "casa mais vigiada do país". A cantora, terceira eliminada da atual edição do reality show, lançou na última quinta (3) a música "50%", gravada em parceria com Marília Mendonça (1995-2021).

A faixa foi alvo de polêmica logo que Naiara foi anunciada no programa de TV. Isso porque João Gustavo, irmão de Marília, disse que ela usaria o BBB 22 para se promover usando o nome da cantora morta em um acidente aéreo no ano passado. Depois, ele admitiu que foi "duro com as palavras" e se desculpou publicamente (leia mais ao lado).

Na época, com Naiara já confinada, a equipe dela optou por anunciar que cancelaria o lançamento. Agora, com os ânimos mais calmos, a canção chega finalmente às plataformas de áudio. "Para mim, está tudo resolvido desde sempre", afirma a cantora em entrevista à Folha.

A música foi gravada em 2020, originalmente como parte do projeto "Juntas". Porém, Naiara conta que o lançamento acabou adiado porque ela queria um momento especial para isso.

"Essa é uma música que eu sempre quis trabalhar com muito carinho", diz. "Durante a pandemia, a gente acabou quase dois anos sem trabalhar. A gente acabou esperando o prazo da gravadora e também o momento que a gente entendesse que fosse bacana voltar aos palcos e trabalhar essa música."

"Sabe quando você tem uma roupa muito especial e fica guardando porque quer usar em um momento muito especial?", compara. "Esse momento muito especial seria a volta dos shows, então a gente estava esperando para lançar mais perto disso."

> **Sabe quando você tem uma roupa muito especial e fica guardando porque quer usar em um momento muito especial? Esse momento muito especial seria a volta dos shows, então a gente estava esperando para lançar mais perto disso**
>
> **Naiara Azevedo**
> cantora, sobre o lançamento da música gravada com Marília Mendonça

No meio do caminho, ocorreu o acidente aéreo que matou a colega. Marília morreu aos 26 anos, no dia 5 de novembro de 2021, após o avião em que ela estava cair em Piedade de Caratinga (MG). A artista tinha um show marcado para a data a cerca de dez quilômetros do local do acidente.

Naiara confessa que não eram amigas próximas. "O que eu tenho pela Marília é muito respeito, admiração profissional e também pela pessoa dela, porque até onde eu sei ela era uma pessoa maravilhosa, uma mulher muito humana, muito carinhosa com as pessoas que estavam ao redor dela", relata. "Admiro ela demais", resume. "O que eu sou da Marília é uma grande fã."

Tanto que ela relembra o encontro das duas para fazer a gravação de "50 Por Cento" como um dia especial. "Foi uma emoção muito grande porque era uma parceria que eu queria muito ter", conta. "Foi incrível, do momento em que ela pisou no estúdio, da primeira conversa, quando partiu o convite da minha parte, quando chamei ela no WhatsApp e a convidei. Foi um carinho gigante, uma atenção muito grande da parte dela."

"O dia da gravação foi incrível, teve uma energia que transcende. Quando ela abre a boca para cantar, a gente arrepia. Ela foi muito querida com toda a minha equipe, com toda a equipe de gravação. Foi maravilhoso, uma entrega perfeita do início ao fim."

Agora, a música ganhou um novo significado para a intérprete. "Remete a um sentimento saudosista, aquela coisa que você fala: 'No meu coração, não acredito ainda'. Acho que é assim para todos os que gostam do trabalho, das músicas, das composições da Marília... O meu sentimento é o sentimento de todos."

A composição brinca quem é culpado pelo fim de um relacionamento marcado por traições. "Quando existe dos dois lados, a gente racha a conta no meio", brinca Naiara. "50% da culpa é sua, 50% é minha. Não fiz nada sozinha (risos)."

A cantora diz que a música não chega a ser autobiográfica. "Não tem nenhuma música nesse trabalho que seja só minha, sempre componho com vários compositores, então tem um pouquinho do sentimento de todo mundo ali, sabe?", diz ela, cujo projeto atual é intitulado "Baseado em Fatos Reais".

"Não tem só a ver comigo, tem a ver com o sentimento de todos os compositores. Mas é óbvio que tem sentimento meu ali também. Mas [na hora de interpretar] a gente coloca tudo, entrega tudo (risos)."

Naiara diz que está feliz com a repercussão de sua passagem pelo BBB 22. "Eu encontrei muito mais do que eu imaginava: o carinho das pessoas, um público que não era o meu e agora acabou se tornando", celebra. "É uma dedicação das pessoas comigo pela qual eu não esperava."

Ela conta que não sabia o que encontraria quando saísse da casa. "A gente não sabe como as pessoas interpretam a forma como a gente fala, tem centenas de pessoas que pensam diferente e têm as suas militâncias, então eu não sabia", comenta. "Eu achava que não tinha feito nem falado nada de mais, [mas] como a gente está lidando com o ser humano, a gente pode esperar de tudo."

> **Não agredi ninguém, não xinguei ninguém, não briguei com ninguém, então está tudo certo. O resto a gente reverte, pede desculpas, analisa a situação**
>
> **Idem**
> sobre sua passagem pelo BBB 22

A agora ex-BBB confessa, no entanto, que não chegou a imaginar que estava cancelada. "Não agredi ninguém, não xinguei ninguém, não briguei com ninguém, então está tudo certo", avalia. "O resto a gente reverte, pede desculpas, analisa a situação."

Ela diz que amou ("pode escrever aí 'AMOU', tudo com letras maiúsculas") os memes que pipocaram na internet nos dias que ela passou no reality show. Desde ela socando um queijo cenográfico até matando uma barata com o pé descalço, Nanacita fez a diversão de quem assistiu às primeiras semanas do programa.

Depois que saiu do reality, ela também pôde ter uma noção mais clara de alguns dos colegas —e não gostou de tudo o que viu. "Eu sentia uma determinada energia que não era bacana", conta. "Eu percebia que algumas pessoas me ignoravam. A palavra é desconforto. Eu sentia um certo desconforto lá dentro das pessoas comigo."

"Mas, de fato, eu nunca ouvi ninguém me criticar diretamente, falaram tudo o que falaram pelas minhas costas", lamenta. "É óbvio que se eu tivesse visto e ouvido algumas falas eu teria tido posturas diferentes. 'Ah, aqui fora você está falando de tal jeito, por que não falou lá dentro?' Porque eu não sabia."

"Se tem uma coisa que eu não tenho é sangue de barata", comenta. "As pessoas têm de mim aquilo que elas cultivam. Na minha frente todo mundo me tratava bem, então óbvio que vou tratar bem também."

A cantora avalia que parte desse desconforto que alguns participantes sentiram com sua presença se deu a seu excesso de energia. "Eu sou uma pessoa muito enérgica, uma pessoa que fala muito, que gesticula muito", revela. "Mas eu acredito que eu não devo mudar o meu jeito para agradar ninguém."

Outro fator que pode ter contribuído para sua recepção morna dos colegas de confinamento, diz ela, foram as fake news que circulam na internet. "Foi muito positivo para mim a entrada na casa para as pessoas entenderem que eu não sou algumas inverdades que foram faladas sobre mim, sobre a minha personalidade, sobre quem eu sou", afirma.

A cantora também comentou a possibilidade de voltar ao programa por meio de uma repescagem, algo que é muito pedido pelos fãs a Boninho, diretor de núcleo responsável pelo programa na Globo.

"O povo quer meme, não querem ver eu jogar, querem memes", brinca. "A galera está precisando renovar as figurinhas do Whatsapp, aí estão sentindo necessidade de eu ir lá gerar mais conteúdo (risos)."

"Quem sabe, não descarto a possibilidade", diz, mais séria. "Mas não houve o convite. Não tivemos essa conversa. Ainda não passou de especulação."

Entenda a disputa em torno do lançamento da faixa '50%'

ILUSTRADA

RIBEIRÃO PRETO Cerca de dois meses depois de ter se envolvido numa briga com a família de Marília Mendonça que abalou sua imagem diante do público logo na primeira semana do "Big Brother Brasil", Naiara Azevedo lançou na noite da última quinta-feira "50%", música que gravou com Marília antes do acidente aéreo que matou a cantora em novembro do ano passado.

O conflito começou quando João Gustavo, irmão de Marília, foi até o Twitter para criticar Naiara depois de ela ter revelado em entrevista ao jornal Extra, antes de entrar no "BBB", que lançaria a faixa "50%".

"Todo mundo já sabia que você entraria no 'BBB' para se promover, e eu sei que você não vai tirar o nome da minha irmã da boca, então vou fazer de tudo para que você não fique dentro dessa casa", escreveu João Gustavo, que deve se lançar como cantor nos próximos meses. "Eu não vou aceitar, não, gente. Ninguém vai ganhar em cima dela dela, não."

Uma semana depois, no entanto, João Gustavo voltou atrás. Disse nas redes sociais que não era contrário à música, já que, se a irmã tinha feito a gravação em vida, era de sua vontade e, portanto, o lançamento deveria ser respeitado.

Ele explicou que o motivo de sua retaliação era que o vídeo que Naiara queria lançar era "totalmente diferente" do que a irmã tinha gravado antes de ser morta, "com um tom de tristeza e sofrimento" que ele e sua mãe, Ruth Moreira, consideravam "apelativo" e não aprovavam.

A briga se resolveu, no entanto, quando a equipe de Naiara, que ainda estava confinada no "BBB", procurou a mãe e o irmão de Marília e se comprometeu a não usar mais o vídeo que incomodava a família no lançamento de "50%".

João Gustavo, então, pediu desculpas à cantora. "Hoje, de cabeça fria, reconheço que fui duro nas palavras e, por não ter compromisso com o erro, peço desculpa a Naiara e toda sua equipe. É a última vez que falo sobre o assunto."

Este não é o primeiro lançamento póstumo da cantora. Em dezembro, Dulce Maria, ex-atriz de "Rebelde", uma novela mexicana que fez sucesso entre crianças e adolescentes nos anos 2000, lançou "Amigos con Derecho", única música em espanhol de Marília.

Agora, além de "50%", que faz parte do próximo disco de Naiara, "Baseado em Fatos Reais", há outras gravações póstumas de Marília que podem estar a caminho nas plataformas de streaming. Uma delas é com Zezé Di Camargo.

Logo após o acidente aéreo, em novembro, o sertanejo disse em entrevista ao "Mais Você" que entregaria à mãe de Marília uma participação que a cantora tinha feito na comemoração de 30 anos de sua dupla com Luciano.

"Choveu gente pedindo para lançar essa música correndo", disse Zezé. "Não usarei comercialmente. Vou dar essa filmagem de presente e que eles façam o que quiserem desse material. Já que ela não pôde ver isso concretizado, não me sinto no direito de lançar."

Pizza de frango com requeijão de corte e coentro (esq.); a sommelière Camila Ciganda; e o pastel de doce de leite e o Chocolatitos vegano Marcelo Katsuki/Folhapress

Osteria Mila é uma das boas novidades do verão paulistano

Restaurante oferece experiência gastronômica cativante, com cardápio de misturas inusitadas e sabores potentes

COMES E BEBES

Marcelo Katsuki

O Mila nasce como uma osteria, uma comedoria despojada, descontraída, mas nada despretensiosa.

Criado pelo restaurateur Tito Paolone, que trabalhou na implantação do Eataly SP, o mais novo restaurante do Itaim tem uma proposta provocadora e inusual mas muito afinada. Seja pelas receitas singulares criadas pelo chef Pedro Pineda (ex-Beverino) ou pelo serviço conduzido com maestria pela sommelière e chefe de salão Camila Ciganda (ex-Baru e Cora).

As receitas são bastante originais, alguns clássicos aparecem com toques autorais, e são apresentadas em versões para compartilhar, dos bocaditos às pizzas, servidas também no almoço.

Provando que a comida vegana pode ser muito saborosa, os vegetais verdes grelhados (R$ 34) servidos com molho de castanha de caju com missô e ketchup de beterraba picante dão um show. Melhor ainda na companhia de uma taça de Jerez, sugestão inesperada e certeira da Camila.

A seleção de vinhos contempla rótulos escolhidos a dedo pela sommelière, servidos em sua garrafa ou em taças de 187 ml ou 125 ml.

Um rosé como o espanhol Sonrojo, da vinícola La Calandria, pode custar R$ 152 ou ainda R$ 39/R$ 27 a taça. O que permite harmonizar cada prato com um vinho distinto indicado pelo serviço e desfrutar de um momento realmente especial. Vale a pena.

Dentre os bocaditos, o frango frito (R$ 35) com vinagre Chinkiang, gergelim e nirá faz sucesso. Os camarões grelhados (R$ 88) com manteiga e harissa também surpreendem pela riqueza de sabores. Outro destaque é o Ribeye tonnato (R$49), servido com molho à base de atum, anchovas, carne e alcaparras.

As pizzas têm massa de fermentação lenta e são assadas em forno a lenha. Podem ter base bianca, com creme, iogurte ou queijo fresco; verde, com molho à base de ervas e rossa, com molho de tomates.

A de batata com iogurte de ovelha e alecrim (R$ 54) é uma opção vegetariana que tem feito sucesso. Mas dividimos a de frango (R$ 58), que traz a carne desfiada em seu molho e coberta com requeijão de corte Atalaia e coentro. Uma versão do trivial "frango com catupiry" mas com uma nova e estimulante abordagem.

Dentre as massas, não deixe de provar o pappardelle com ragu branco de carne de porco e vaca (R$ 78), que vem com coalhada de ovelha e uma porção pequena de kimchi, para ser misturado à massa. Uma combinação inusitada e que potencializa o sabor do prato.

Para finalizar, provamos duas sobremesas: pastel recheado com doce de leite, marzipã de macadâmia e especiarias com calda de laranja-Bahia (R$ 36) e o Chocolatitos (R$ 32), opção vegana que traz ganache e fudge preparados com leite de amendoim e chocolate 70% cacau servidos com sorbet da Albero dei Gelati, flor de sal, nibs de cupuaçu e azeite.

Não dá para dizer que a osteria seja uma promessa: o Mila se tornou um hotspot logo após sua abertura, lotando suas mesas assim que a casa abre. Mas a espera vale a pena, ainda mais no gostoso espaço ao ar livre localizado no andar superior.

Mila
R. Bandeira Paulista, 1096, Itaim Bibi. Tel: (11) 2925-8442. Funcionamento: quarta a sexta, das 12:00 às 15:00 e das 19:00 às 23:00; Sábados e domingos, das 12:00 às 16:00 e das 19:00 às 23:00

Salada de legumes grelhados traz sabor do Mediterrâneo

RECEITAS DO MARCÃO

Marcos Nogueira

Quando alguém abre um restaurante "mediterrâneo" no Brasil, você já sabe o que vai encontrar: culinária italiana, com alguma influência espanhola, pitadas de sal da França e um ou outro tempero do Oriente Médio.

Eles se esquecem que o Mediterrâneo também vai do Marrocos ao Egito, de Israel à Turquia e à Grécia. São muitas cozinhas aparentadas, mas com personalidade própria. Em comum, o uso do azeite de oliva, das ervas e dos vegetais frescos.

A receita de hoje vem da Tunísia. Chama-se mechouia. É uma salada de vegetais grelhados, com muito azeite e suco de limão-siciliano —outro ingrediente muito típico da região.

A base da mechouia são tomates, pimentões e cebolas. Como se trata de uma preparação muito simples, o ingrediente fica em destaque absoluto. Por isso, aconselho escolher legumes bem maduros e, de preferência, orgânicos. Vale o gasto extra.

O jeito óbvio de grelhar os legumes é na churrasqueira. Dá aquele gostinho de fumaça que você não vai conseguir de outro jeito.

Mas dá para se obter bons resultados na chapa ou na frigideira. Legumes assados no forno —ou na air fryer— também ficam muito bons. Eu assei os pimentões na air fryer e grelhei tomates e cebolas na chapa.

Atenção ao tempo de preparo de cada vegetal. O tomate fica pronto muito rápido e pode virar purê. O tempo certo é quando percebe que a pele começou a se soltar.

Depois vem o pimentão, que está nos trinques quando toda a pele se estufa.

Já a cebola precisa ser toda queimada por fora, se feita na churrasqueira, para que as camadas internas estejam cozidas. Você arranca as partes carbonizadas e manda bala. Ou pode cortá-la em pedaços para fazer na chapa, agilizando o processo.

Mechouia

Rendimento: 2 porções
Dificuldade: Fácil

INGREDIENTES
- 4 tomates maduros
- 1 pimentão vermelho ou amarelo
- 1 pimentão verde
- 2 cebolas pequenas (ou 1 grande)
- 100 ml de azeite extravirgem
- 1 dente de alho triturado
- 1 colher (café) de cominho
- Pimenta-caiena a gosto (opcional)
- Suco de ½ limão siciliano
- 6 azeitonas verdes, descaroçadas
- Coentro a gosto
- Sal a gosto

MODO DE PREPARO
- Grelhe ou asse tomates, pimentões e cebolas. À medida que forem ficando prontos, guarde-os num pote com tampa, para amolecerem no próprio vapor
- Quando os legumes estiverem frios, remova as cascas e as partes queimadas. Tire também as semente e os talos dos pimentões. Pique grosseiramente
- Prepare um molho com o azeite, o alho, o cominho, a pimenta, o suco de limão e um pouco de sal. Regue a salada com esse molho e misture
- Acrescente as azeitonas e o coentro. Ajuste o sal, se preciso. Sirva em temperatura ambiente

Salada de legumes grelhados Marcos Nogueira/Folhapress

TERRA VEGANA | Luisa Mafei
folha.com/terra-vegana

Bolo de cenoura vegano leva um mix de três farinhas e calda de chocolate Luisa Mafei/Folhapress

Bolinhos de cenoura veganos ganham calda de chocolate

Um bolinho assim, tão gostoso e inclusivo, merece um lugar especial em nossa cozinha. Quando optamos por receitas veganas, incluímos automaticamente na roda de quem saboreia não apenas as pessoas que são veganas, mas também aquelas que têm intolerância à lactose, já que todos os ingredientes de origem animal —inclusive os leites, queijos e iogurtes derivados da vaca— ficam de fora e cedem espaço para os substitutos vegetais.

Ao excluir também os ingredientes que contenham glúten, como o trigo e o centeio, damos chance aos celíacos e intolerantes ao glúten de provar a receita.

Nesses bolinhos —ou cupcakes— a farinha de trigo é substituída por uma mistura de farinha de arroz, farinha de grão de bico e polvilho doce.

A farinha de arroz fornece estrutura ao bolo e é uma farinha muito mais acessível do que outras que poderiam desempenhar essa função, como a farinha de amaranto, de quinoa ou de coco. Ainda na linha acessível, temos a opção da farinha de milho —para essa receita, no entanto, a de arroz é mais interessante, pela neutralidade do sabor.

Menos conhecida e mais cara —um quilo custa em torno de R$14 nos supermercados, mas pode ser comprada por R$ 9 na Zona Cerealista— a farinha de grão de bico também fornece estrutura, além de atuar como um agente de "liga" que reúne os demais ingredientes do bolo.

Essa função de ligar moléculas é fundamental para o sucesso de um bom bolo, e, por mais que ela seja creditada aos ovos, é amplamente desempenhada pelo glúten, que se "estica" à medida em que é umedecido —e amassado, no caso dos pães— criando teias elásticas que tudo interligam.

A farinha de grão de bico traz ainda proteína à receita, e pode ser utilizada para o preparo de outros pratos, como a omelete vegana. A farinha de polvilho, por sua vez, adiciona ao bolo a dose de "fofura" necessária —é um agente de leveza, essencial para que o bolinho não vire uma sola.

Aliás, a dica é resistir à tentação de fazer um bolo grande, porque o tamanho altera a textura, e as forminhas menores permitem um bolo macio, úmido e firme.

Você pode dobrar a receita e congelar alguns. No dia anterior ao consumo, basta transferir para a geladeira.

Bolinho de cenoura com calda de chocolate

INGREDIENTES
- 1 xícara de farinha de arroz
- ½ xícara de farinha de grão de bico
- ½ xícara de polvilho doce
- 3 xícaras de cenoura picada
- ½ xícara de óleo de coco
- ½ xícara de leite vegetal
- ½ xícara de açúcar demerara
- 2 colheres de sopa de melado (ou mais ¼ de xícara de açúcar)
- 1 colher de sopa de fermento
- 1 colher de chá de bicarbonato de sódio
- ½ colher de sopa de vinagre de maçã
- Noz moscada a gosto

PREPARO
- Pré-aqueça o forno a 200 graus
- Coloque no liquidificador a cenoura, o leite vegetal, o óleo de coco, o açúcar demerara e o melado
- Peneire em uma tigela as farinhas e o polvilho
- Transfira o conteúdo do liquidificador para o bowl das farinhas. Envolva
- Rale a noz moscada a gosto e envolva novamente. Adicione o fermento, o vinagre de maçã e o bicarbonato de sódio e envolva na massa, com delicadeza
- Transfira a massa do bolo para as forminhas e leve para assar por 35 a 40 min. Faça o teste do palito para se certificar de que o bolo está assado
- Desenforme frio

CALDA DE CHOCOLATE

INGREDIENTES
- 100 g de chocolate preto vegano
- 80 ml de leite de amêndoa, ou outro leite vegetal
- 1 colher de chá de óleo de coco

PREPARO
- Derreta o chocolate em banho maria
- Acrescente o leite vegetal e misture bem, até formar uma calda homogênea
- Por fim, acrescente o óleo de coco e desligue o fogo
- Espere a calda esfriar e espalhe por cima do bolo

Civis fazem treinamento para jogar coquetel molotov cocktails e defender cidade, em Zhytomyr, na Ucrânia Viacheslav Ratynskyi/Reuters

Impacto da guerra na Ucrânia é debatido no Café da Manhã

Programa falou com especialistas sobre a tática russa e o cenário geopolítico

PODCASTS

SÃO PAULO A guerra na Ucrânia recebeu grande destaque e foi o único tópico abordado ao longo da semana no podcast Café da Manhã. O programa de áudio falou sobre a possibilidade de uma guerra cibernética, os impactos econômicos, a tática russa e o cenário geopolítico europeu.

*

Segunda-feira (28)

A ofensiva da Rússia contra a Ucrânia se acirrou. O presidente Vladimir Putin deslocou armamentos mais pesados para o país vizinho e as tropas russas invadiram Kharkiv, segunda maior cidade ucraniana.

Um outro ataque, mais silencioso, também preocupa especialistas: a guerra cibernética. Sites do governo da Ucrânia saíram do ar.

No último dia 26, partes ao sul e ao leste do país ficaram sem sinal de internet. A Rússia também foi alvo de ataques, reivindicados pelo grupo hacker Anonymous, que tiraram do ar dez sites ligados ao governo, incluindo o do Kremlin.

O Café da Manhã de segunda conversou com Luca Belli, professor da FGV Direito e coordenador do Centro de Tecnologia e Sociedade da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Ele explicou que armas compõem uma guerra cibernética e quais ataques têm sido usados no conflito entre Rússia e Ucrânia.

Terça-feira (1º)

O programa não publicou episódio novo em função do feriado de Carnaval.

Quarta-feira (2)

As sanções econômicas foram a maneira que o Ocidente escolheu para tentar fazer a Rússia mudar de ideia sobre a guerra.

O anúncio de diversas medidas como a exclusão de bancos russos do sistema de transferências financeiras internacionais Swift e o congelamento de parte das reservas russas mantidas no exterior está sendo chamado de guerra econômica.

Milhões de russos estão sentindo o efeito das sanções. Por causa do impacto delas no rublo, o Banco Central mais que dobrou sua taxa de juros, para 20%.

A Bolsa de Valores de Moscou ficou fechada em meio a temores de uma venda em massa de ações.

A guerra econômica pressiona o preço de commodities, como petróleo, gás natural, trigo e milho, e a inflação dos alimentos deve voltar a acelerar —inclusive no Brasil.

No episódio de quarta, o programa ouviu o colunista da **Folha** Vinicius Torres Freire sobre a ofensiva financeira em curso.

Ele falou ainda sobre o impacto das sanções na economia russa e de como essa crise pode afetar outros países, como o Brasil.

Quinta-feira (3)

Depois de uma invasão à Ucrânia que partiu de várias frentes, na semana passada, muitos analistas esperavam uma vitória rápida da Rússia no conflito —afinal, a guerra seria um embate entre um Exército relativamente pequeno e uma das maiores potências militares do mundo.

Apesar de os russos terem avançado e conquistado pedaços do território ucraniano —como Kherson, ao sul do país—, o conflito tem se estendido em áreas estratégicas, como a capital, Kiev.

Ao mesmo tempo, a Ucrânia recebe ajuda de potências ocidentais e convoca civis para atuar na resistência aos invasores russos.

Analistas militares tentam ler os movimentos russos e explicar por que um país militarmente superior não conseguiu a vitória rápida que esperava contra os ucranianos. Alguns deles preveem ataques mais brutais daqui em diante.

No episódio, o repórter Igor Gielow falou sobre a tática militar de Putin ao invadir a Ucrânia, as dificuldades que os russos enfrentam e quais devem ser os próximos passos da Rússia no confronto.

Sexta-feira (4)

Em resposta à invasão ordenada pelo presidente russo Vladimir Putin, a União Europeia rapidamente se posicionou a favor da Ucrânia, anunciando sanções contra a economia russa e o alto escalão do governo, e também prometendo armas e equipamento militar para as forças armadas ucranianas.

Se antes da crise a União Europeia era repleta de disputas internas, com o Reino Unido deixando o bloco e discussão sobre a permanência de países autoritários como Polônia e Hungria, os países europeus agora apresentam uma frente unida contra a Rússia —e se preparam para receber refugiados ucranianos.

O Café da Manhã entrevistou o pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e colunista da **Folha** Mathias Alencastro sobre os movimentos coordenados da União Europeia e o impacto da guerra na Ucrânia no continente.

+ Saiba como ouvir os podcasts da Folha

O programa de áudio é publicado no Spotify, serviço de streaming parceiro da **Folha**. Os episódios entram no ar de segunda a sexta-feira, sempre no começo do dia. São apresentados pelos jornalistas Maurício Meireles e Magê Flores, com produção de Daniel Castro, Jéssica Maes e Victor Lacombe. A edição de som é de Natália Silva

Podcast fala de retomada da sonoridade emo e pop punk no cenário musical

SÃO PAULO Quem assistiu à MTV nos anos 2000 provavelmente viu clipes de músicas como "I Write Sins Not Tragedies", do Panic! At The Disco. Esse e outros hits são símbolos do emo e do pop punk que dominaram a indústria musical nos anos 2000 com uma estética melancólica e juvenil.

Quinze anos depois do auge desse movimento com vocais gritados, letras bem sentimentais e guitarras e baterias em destaque, a cena mainstream americana resgatou essa sonoridade.

Um dos maiores exemplos é Olivia Rodrigo, uma das cantoras mais ouvidas de 2021 no Brasil e no mundo.

O maior sucesso da artista é a canção "Good 4 U", que já foi muito comparada com a música "Misery Business", lançada em 2007 pela banda Paramore, um dos principais nomes do emo e do pop punk dos anos 2000.

Willow, filha do Will Smith, é outra jovem da geração Z que já fez dois discos do gênero, e Anitta também se juntou a esse rol com "Boys Don't Cry".

Mas os jovens dessa geração não são os únicos a reviverem esse fenômeno. Avril Lavigne, que ficou conhecida nos anos 2000 como uma embaixadora desse movimento, voltou a surfar no revival da onda que ela mesma ajudou a criar.

A atriz e cantora americana Olivia Rodrigo Divulgação

O Expresso Ilustrada dessa semana debateu o que motivou e como tem sido o retorno do emo e do pop punk nas paradas musicais. Para isso, o episódio conversou com o músico e produtor Lucas Silveira, vocalista da Fresno, e Leandro Carbonato, empresário na produtora Powerline Music, que produz bandas e traz shows internacionais de pop punk ao Brasil.

Com novos episódios todas as quintas, às 16h, o Expresso Ilustrada discute música, cinema, literatura, moda, teatro, artes plásticas e televisão.

A edição de som desta semana é de Natália Silva e o roteiro é de Marina Lourenço, que apresenta o episódio com Carolina Moraes.